



*Ele não vai vencer
se estiver fazendo...*

A Jogada ERRADA

KANDI STEINER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A *Jogada* ERRADA

KANDI STEINER

Tradução: Ana Carolina Consolini

1ª EDIÇÃO – 2024
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK
EDITORA

© 2024 AllBook Editoria.
Todos os direitos reservados

Direção Editorial: **Beatriz Soares**

Tradução: **Ana Carolina Consolini**

Preparação e Revisão: **Clara Taveira, Raphael Pellegrini e Allbook Editora**

ISBN do impresso: **978-65-85953-14-6**

Adaptação de Capa, Diagramação e Produção Digital: **Saavedra Edições**

Capa Original: **Kandi Steiner**

Foto de Capa: **Perrywinkle Photography**

Ilustração Interna: **Adobe Stock**

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S838j

Steiner, Kandi

A jogada errada [recurso eletrônico] / Kandi Steiner ; tradução Ana Carolina Consolini. – 1. ed. –
Rio de Janeiro: Allbook, 2024.

Recurso digital

Tradução de: The wrong game

Modo de acesso: word wide web

ISBN 978-65-85953-16-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Consolini, Ana Carolina. II. Título.

24-92759

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária CRB-7/6643



1ª edição – 2024

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA

allbookeditora.com | contato@allbookeditora.com

*“Antes que você possa ganhar, precisa acreditar que
é digno.”*

— MIKE DITKA, TREINADOR DO CHICAGO BEARS (1982-92)



SUMÁRIO

[CAPA](#)

[FOLHA DE ROSTO](#)

[CRÉDITOS](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[LEIA TAMBÉM](#)

[ALLBOOK EDITORA](#)



PRÓLOGO

Gemma

ESTA NÃO É A CONVERSA QUE DEVERÍAMOS TER.

No caminho para casa, vi cada palavra se formando. Eu vi como elas nasceriam, primeiro na minha mente e depois na minha boca, cada uma de pé, forte e corajosa, quando escorregaria dos meus lábios e pousaria em suas orelhas.

Eu sabia o que iria dizer. Eu sabia o que ele diria. Eu tinha um plano.

Meu tipo particular de ansiedade estava tendo uma quantidade ímpia de estresse por causa daquilo que eu não podia controlar. Era assim desde que eu era uma garotinha, e só piorou com a idade. Fazia listas, planos e prazos. Dei a mim mesma metas e, quando as alcancei, comemorei apenas o suficiente para decidir o que faria a seguir na lista.

Era tudo sobre estar no controle.

Assim, ao contrário de uma mulher normal que descobre a infidelidade do marido, não chorei, nem gritei, nem joguei objetos pela sala quando soube da verdade. Não, em vez disso, quando encontrei o primeiro sinal das suas indiscrições, fiz uma lista. E eu marquei itens dessa lista com uma mistura de medo e satisfação.

Perfume que não era meu na camisa dele? Confere.

Mensagens de texto de um número desconhecido, passando pelas rachaduras dos dedos ignorantes quanto ao uso de tecnologia do meu

marido em nosso computador compartilhado, mas que não estavam no telefone dele? Confere.

Quartos de hotel reservados em um cartão que eu não deveria saber que existe, um que só descobri ao receber a fatura em nossa caixa de correio azul-petróleo? Confere.

A propósito, pintamos aquela caixa de correio juntos. Foi uma das primeiras coisas da lista quando compramos nossa casa. Nós dois estávamos cobertos de tinta azul-petróleo – a cor que eu tanto amei na loja, mas, na verdade, odiei quando a usamos em nossa caixa de correio.

Mas não importava o dia em que pintamos aquela caixa de correio.

Naquele dia, meu marido beijou meus lábios manchados de tinta e me disse que eu era a única mulher que ele amaria.

E eu acreditei nele.

Meu marido era o tipo de homem que me olhava com adoração e me dizia as palavras mais doces do mundo, de modo que eu tinha certeza de que poderia jogá-lo em um poço cheio de lindas supermodelos, e ele nem olharia para elas, muito menos as tocaria. Na verdade, ele estaria buscando por mim, chamando meu nome, me procurando.

Durante todo o meu relacionamento com ele, eu acreditei em cada palavra que ele disse — talvez cegamente, ao que parece. Acreditei quando ele chorou no dia em que me pediu em casamento e quando me disse no café da manhã que ninguém neste mundo o fez mais feliz do que eu. Nunca houve qualquer razão para suspeitar dele. Nunca houve qualquer razão para não me sentir segura.

Mas tem mais...

O último item da lista que fiz quando suspeitei que meu marido estava me traindo era uma prova visual. Eu tinha as pistas, os e-mails, as mensagens de texto e as noites sem álibi. Mas não foi suficiente, até que eu o segui, até que vi com meus próprios olhos que suas mãos poderiam segurar outra mulher do jeito que ele me segurava, que sua boca poderia beijar a dela, que seu sorriso poderia irradiar para alguém além de mim.

E quando esse item foi marcado, ainda assim não chorei. Ou gritei. Ou joguei qualquer coisa na parede, embora eu tenha pensado em afundar o pé no acelerador do carro enquanto eu dirigia até o local em que eles estavam se beijando e rindo ao tirar a bagagem do carro do meu marido.

Não, em vez de deixar a emoção me dominar, fiz o que faço de melhor. Assim como com o resto da minha vida, eu fiz um plano.

Eu me concentrei no que podia controlar.

Poderia me segurar, controlar o que eu diria, controlar o que eu faria. Eu poderia controlar para quem contaria, como nossas famílias iriam descobrir, como faríamos o divórcio. Poderia controlar quem ficaria com o quê. Como os bens seriam divididos. Onde cada um de nós ficaria enquanto as assinaturas eram feitas em pedaços de papel frios e sem vida que acabariam com nosso breve casamento.

Eu poderia controlar como eu diria a ele que eu sabia, e poderia moderar minhas emoções quando dissesse a ele.

Talvez fosse por isso que, sentada em frente à mesa do meu marido, meu coração estava batendo rápido, alto e estrondoso em meus ouvidos, ameaçando se chocar direto nas minhas costelas. Pode ter sido por isso que minha respiração estava entrecortada, meus olhos secos por não piscar, minha boca fechada sem uma única palavra para dizer, embora eu tivesse tantas planejadas na minha cabeça.

Eu tinha um plano. Eu sabia como seria essa conversa. Eu tinha tudo sob controle.

Eu sei sobre ela. Eu sei o que você fez. Vou embora. Acabou.

Mas meu estranho senso de controle e minha capacidade de fazer listas de verificação não importaram assim que eu realmente me sentei à mesa da cozinha em frente ao homem que mentiu para mim por anos.

Porque ele falou primeiro.

E tudo mudou.

— Gem — ele murmurou, sua voz quebrada sob o peso de suas palavras.
— Gemma, você me ouviu?

— Eu ouvi você — eu consegui dizer.

Minha própria voz espelhava a dele, quebrada e rouca, misturada com pavor. Claro, ele assumiu que era devido ao golpe que ele desferiu. Meu marido, exausto e de olhos tristes, pensou que tinha partido meu coração com a notícia. Mas a verdade é que meu pavor nasceu de uma fonte diferente. Era simplesmente eu lamentando a absoluta convicção com que acreditara no meu plano e no seu sucesso certo.

Agora eu não tinha nenhum plano.

Agora, meu marido traidor e sua amante secreta não eram o centro dessa conversa.

Agora, meu marido traidor estava com câncer.

Do tipo que não podia ser combatido.

Do tipo que acabaria com sua vida.

Em breve.

Está tudo bem, eu tentei me assegurar, pressionando a mão no meu peito para que eu pudesse sentir quão rápido meu coração estava batendo sob minhas costelas. Basta fazer um novo plano.

Mas, como acontecia com meu tipo especial de ansiedade, meus planos não funcionaram do jeito que eu imaginava, me deixando sem saber o que fazer frente à situação. De repente, tudo o que eu achava que tinha estabilizado estava correndo solto, e não importa o quanto eu tentasse me acalmar, não conseguia. Toda vez que isso acontecia — toda vez que meu plano dava errado —, minhas emoções venciam, toda a lógica desaparecia, todo o sentido do que deveria ser feito se perdia como um sussurro na brisa.

— Por favor — ele sussurrou, agarrando as pernas da minha cadeira e me puxando para si. A madeira fez um barulho terrível ao ranger no chão da nossa cozinha, provocando uma onda de calafrios dos meus tornozelos até o topo da minha espinha. — Não chore, minha doce joia. Tudo vai dar certo. Nós vamos ficar bem.

Ele passou o braço em volta de mim, uma mão embalando minha cabeça contra o seu peito enquanto a outra acariciava minhas costas. Aquelas mãos haviam tocado outra mulher, e agora estavam me tocando, e eu queria me afastar tanto quanto queria ficar ali para sempre.

Ele ia me deixar. Ele ia deixar este mundo.

Minhas lágrimas pareciam pertencer a outra pessoa enquanto encharcavam seu suéter, e eu tentei decifrar de onde elas vieram. Não demorou muito para eu perceber que elas não nasceram de uma fonte única, mas sim de todas elas — como uma cachoeira feita de geleiras derretendo de uma só vez na primeira onda de calor da primavera.

Meu marido estava me traindo.

Ele amava outra mulher — uma que não era eu e que não tinha meu nome.

Eu ficaria sozinha, porque eu o perderia.

Só que agora, não seria por causa de sua infidelidade. A escolha de ficar sozinha não seria feita por mim de pé, exigindo mais, não aceitando seu caso.

Em vez disso, ele desapareceria da Terra, e eu permaneceria, lamentando sua perda com sua amante.

Talvez eu tenha chorado porque, embora tivesse um plano, rezava secretamente para que ele o frustrasse. Talvez eu tenha meio que me imaginado deixando-o, queixo erguido enquanto me afastava, e meio que o imaginava me implorando para ficar, prometendo desistir do seu caso de amor, pois nosso casamento significava mais para ele do que ela jamais poderia significar.

Mas nada disso importava agora.

Agora, eu tinha um marido traidor que nunca saberia sobre meu conhecimento da sua infidelidade.

Porque agora nunca diria a ele que eu sabia.

Qual seria o objetivo de contar? Com um golpe tão forte quanto um câncer terminal, havia realmente algum motivo para deixá-lo agora, para deixá-lo lutar as últimas semanas de vida sozinho? Havia algum motivo para dizer a ele que eu sabia sobre a outra mulher que ele tocou, além de satisfazer minha necessidade de me sentir no controle, de enfiar minhas provas na cara dele e dizer “Rá! Eu sei o que você fez!”?

A morte tem uma maneira engraçada de colocar a vida em uma perspectiva diferente para nós. E o que uma vez foi tão importante para mim — aquela necessidade de vingança em que eu me segurei com tanta força no caminho para casa — não parecia importar agora. Houve realmente apenas uma coisa que importava.

Eu o amava.

Essa emoção era fácil de definir.

E era a única coisa que eu realmente conseguia me agarrar, eu segurei com força, os dedos brancos e doloridos. Carlo Mancini era meu marido, e eu, sua esposa. Ele era meu tudo — e isso ainda era verdade, independentemente com quem mais ele dividiu a cama.

Então, eu me afastei de seu abraço, e beijei seus lábios — lábios que eu sempre pensei que apenas me beijariam —, e disse a ele que o amava. Eu

disse a ele que estava com ele. Segurei sua mão e lhe disse que, aconteça o que acontecer, ele me teria ao seu lado.

E ao seu lado eu fiquei, até o dia em que ele morreu.

Em algum momento nesse período distorcido e rodopiante, acho que uma parte de mim também morreu.

Eu vi o câncer murchar meu marido forte e autoritário até virar nada além de pele e ossos. Eu vi seus olhos ficarem vazios, seus lábios pálidos, suas mãos enfraquecerem quando eu as segurava. Todos os dias que eu olhava no espelho, eu via meus próprios olhos mudarem, uma dureza se instalando. Eu assistia uma garota de 29 anos se tornar uma mulher velha em apenas algumas semanas — semanas que pareciam anos, mas voavam como dias.

E no dia do seu funeral, vi uma garota mais jovem e mais bonita do que eu chorar por ele na última fileira da nossa igreja.

Ela chorou as mesmas lágrimas que eu, embora eu jurasse que seu coração estava mais dolorido do que o meu. Porque ela tinha a satisfação de ser a outra mulher, de ser aquela sem a qual ele não poderia viver — tanto que ele estava disposto a arriscar o casamento, sua reputação, a vida que ele construiu. Essa mulher sabia, sem dúvida, que ela tinha sido seu mundo, que ela tinha sido o último rosto em sua mente antes que a luz se extinguisse e ele desaparecesse no nada.

Eu não tinha esse mesmo conforto.

Eu tinha caçarolas de vizinhos e apólices de seguro de vida de advogados e uma casa cheia de coisas que cheiravam a ele. Eu tinha um apartamento em um condomínio no centro da cidade que eu tinha garantido, pensando que iria me afastar dele, me afastar de sua infidelidade. Eu tinha um buraco vazio no peito onde batia um coração jovem, onde o amor crescia como flores, agora transformadas em ervas daninhas.

Eu tinha um segredo para guardar, um que me comeria viva a cada segundo que morasse nas profundezas escuras e silenciosas da minha mente.

E eu tinha um plano.

Para preservar o controle sobre o meu futuro, sobre meu coração, minha alma, meu bem-estar, sobre a vida que levaria depois do meu marido, tive de eliminar os fatores que eram incontrolláveis. Era bem simples.

E, bem ali, naquele banco da primeira fila, com a mão da mãe do meu marido morto e traidor na minha, fiz um plano simples, com uma regra simples.

Nunca mais se apaixone.

Era mais do que apenas um plano, mais do que apenas um objetivo. Era uma promessa.

E foi uma que jurei manter.



CAPÍTULO 1

Gemma

OITO MESES DEPOIS

— NÃO.

Eu só tinha uma palavra para minha melhor amiga-barra-chefe enquanto fluíamos com a multidão saindo do Soldier Field, o ar quente do início de setembro batendo contra o nosso corpo. Apesar de Belle e eu termos suado durante a maior parte do jogo de pré-temporada dos Chicago Bears até o sol finalmente se pôr, eu ainda sorria, me divertindo com as últimas semanas do verão.

Em breve, o calor diminuiria, e o inverno de Illinois chegaria com toda a sutileza de um caminhão Mack.

Eu não estava com pressa para ser recebida com o tipo de frio que machuca o rosto. Ainda assim, embora eu sentisse falta do verão, era o outono a minha estação favorita. Sempre teve um lugar especial no meu coração por muitas razões – meu aniversário, Halloween, tudo com tempero de abóbora e, acima de tudo, futebol americano.

— Cale-se. Você não pode dizer não para mim — Belle retrucou. Ela tirou seu longo cabelo loiro-avermelhado do ombro antes de enlaçar o braço no meu. — Na nossa amizade, estou sempre certa. E confie em mim quando digo que estou certa sobre isso.

— Eu não estou pronta para namorar, Belle. Deixa pra lá.

— Eu não disse que você tinha que namorar — afirmou ela, com naturalidade, enquanto levantava uma unha pintada de preto. — Eu disse que você precisa transar. E isso, minha amiga, é literalmente a fantasia de todo homem. — Ela gesticulou para o estádio do qual tínhamos acabado de sair. — Ingressos grátis para um jogo de futebol e uma gostosa para transar no final da noite, e sem compromissos? — Ela balançou a cabeça. — Honestamente, eu gostaria de ter pensado nisso primeiro. É genial.

— Eu não pensei em nada — eu a lembrei. — Comprei ingressos de temporada para dar ao meu marido em seu trigésimo quinto aniversário.

— Seu marido traidor — ela me lembrou, nos levando à esquerda, em direção à rua repleta de bares esportivos. E embora meu rosto não mostrasse um único sinal de fraqueza com essas palavras, meu estômago se apertou em um nó.

Belle era literalmente a única pessoa que sabia que Carlo era infiel, além da mulher com quem ele me traiu — nem mesmo ela sabia que eu sabia. Eu só contei a Belle depois que Carlo faleceu, principalmente porque eu sabia que ela aceleraria o processo de sua morte antes que o bom Deus pudesse levá-lo se descobrisse tudo.

Belle era o tipo de melhor amiga que amava ferozmente. Ela sempre foi sincera comigo — sem rodeios — e nunca me deixou ficar muito confortável em minha pequena terra de controle. Justamente quando ela me via escorregando em qualquer tipo de complacência, me desafiava.

Eu a odiava tanto quanto a amava por isso.

Ainda assim, embora eu soubesse que precisaria de alguém para conversar sobre a infidelidade de Carlo, alguém que conhecesse toda a história, às vezes eu me arrependia de ter contado a ela. Eu me baseava em suprimir, afastar emoções difíceis e focar em tarefas que poderia completar; Belle era uma pessoa que as processava.

Ela não era o tipo de garota que deixava algo passar.

Especialmente esse tipo de coisa.

— E digo isso com o maior respeito por você, por ele e por todas as criaturas de Deus — continuou ela, desenhando uma cruz sobre os ombros com a mão livre. — Mas ele não está mais aqui, Gemma. Que ele descanse em paz. — Ela fez uma pausa. — E seja castrado em nome de Jesus, amém.

— Belle.

— Eu estou brincando. — Ela fez uma pausa novamente. — Mais ou menos.

Eu estava com vergonha do pequeno sorriso nascendo em meus lábios naquele momento. Se ele ainda estivesse aqui, se meu plano original tivesse realmente se concretizado, esse tipo de piada seria bom de ser feito. Afinal, que mulher não apoiaria sua melhor amiga depois que ela foi traída? Comentários de castração e ofensas eram bem-vindos e certamente esperados.

Mas quando ele não estava mais respirando, quando o câncer tirou sua vida antes que eu pudesse descolar a minha vida da dele, não era a mesma coisa. Era cruel e sem coração, e produzia um tipo de culpa que ficava pesada e inquieta no estômago.

Isso era um resumo do modo como eu vivia, ao que parecia, nos últimos meses.

— Embora eu aprecie a tentativa de me fazer rir, não estou pronta para fazer piadas sobre Carlo desse jeito — eu disse suavemente. — Provavelmente nunca estarei.

— Sinto muito — Belle disse com um suspiro, apertando meu braço enquanto seguíamos com a multidão. — Realmente sinto. Peguei pesado. Você me conhece, não posso deixar de fazer piadas, mesmo quando é totalmente inapropriado. Lembra quando meu primo fez um funeral para o gato?

— E você fez um bolo com glacê rosa-choque que parecia uma caixa de areia com pedrinhas de cocô e escreveu “*Desculpe, seu gato caiu no ‘cagador’, pelo menos você não precisa trocar mais areia?*”

Belle apontou para mim.

— Exatamente. Eu sou horrível com a morte, me dá coceira, e então recorro ao humor. Aparentemente, humor inapropriado. Mas... — Ela continuou usando o dedo que antes apontava para o meu rosto, agora o direcionando para minhas partes femininas. — Vamos trazer isso de volta ao assunto real em questão, que é o fato dessa região estar tão seca quanto o deserto do Saara.

Revirei os olhos, puxando meu braço de onde estava enrolado no dela para pegar a minha bolsa. Procurei meu batom enquanto caminhávamos em

direção aos bares South Loop.

Jogue a carta do humor, Gemma. Você é boa nisso. Está tudo bem.

— Esta região está ótima, obrigada — eu disse a ela, gesticulando para minha pélvis quando finalmente encontrei meu batom. Destampeí o tubo, apontando-o diretamente para minha melhor amiga. — Tem bastante ação.

Belle zombou.

— Oh, certo. Perdoe-me por pensar que uma mulher de 29 anos pode querer algo além do que um vibrador com três velocidades.

— Quatro — eu corriji, passando o batom bordô sobre meu lábio superior e secando-o com o de baixo. — E essa mulher de 29 anos está perfeitamente satisfeita.

Belle bufou e, pelo resto da nossa caminhada até a faixa de bares que frequentávamos depois dos jogos, continuou falando sem parar sobre a importância da minha libido não ficar estagnada e minha vagina entrar em ação.

Isso era parte do que me enfurecia em Belle, e parte do que eu amava — ela poderia convencer um peixe a comprar um tanque de oxigênio. Na cabeça de Belle, ela sempre sabia o que era certo e o que era errado, e tinha todas as palavras certas para te convencer disso também.

Era uma das coisas que a tornou uma empreendedora de sucesso.

Belle começou sua empresa de design de interiores assim que se formou na faculdade. Na verdade, ela já tinha uma fila de clientes, tudo porque ofuscava todos os funcionários em tempo integral enquanto cumpria seus estágios. E, felizmente para mim, ela precisava de uma assistente — também conhecida como alguém para administrar sua vida. Ela era ótima com as pessoas, com o design, eu era ótima com os números e com a organização. Juntas? Éramos a melhor equipe de Chicago.

Ela nunca cruzou as linhas da nossa amizade — ela pendurou seu chapéu de chefe no escritório e usou seu chapéu de melhor amiga, em vez disso. Mas, independentemente de estarmos trabalhando juntas ou não, Belle era uma chefe tranquila.

Mas estava inflexível sobre este trabalho em particular.

Quando finalmente chegamos à faixa de bares que estávamos buscando, eu estava desesperadamente precisando de uma bebida e que minha melhor amiga deixasse o assunto de lado.

Mas ela ainda não tinha terminado.

— Ugh, você não disse nada em dez minutos — disse ela, me puxando para uma parada do lado de fora de um bar lotado de moradores de Chicago comemorando a vitória dos Bears. Era o último jogo da pré-temporada, e toda a cidade estava agitada com a esperança de uma temporada promissora — especialmente na zona sul do estádio. Enquanto a maioria dos torcedores do Bears voltava para seus lugares de acesso ou fazia o trajeto de volta ao centro da cidade após os jogos, eu estava começando a preferir a agitação dos bares esportivos no South Loop.

Honestamente, eu preferia quase qualquer coisa a voltar para o meu apartamento vazio.

Quando Carlo estava vivo, geralmente assistíamos aos jogos em casa com um grupo de vizinhos. Eu cozinhava, ele os entretinha, e era tudo o que eu sempre sonhei em ter quando era jovem.

Quando comprei para ele os ingressos para a temporada, tinha planos para nós — ir lá, fazer amizades, começar uma tradição...

Belle suspirou, e eu pisquei para afastar a memória de Carlo.

— Olha, eu sei que brinco muito — Belle disse, segurando meus ombros com as duas mãos. Ela baixou o olhar para o meu, garantindo que eu estava ouvindo antes de continuar. — Mas estou falando sério quando digo que te amo e sei que você passou por muita coisa nos últimos oito meses.

Seus olhos suavizaram, e eu me forcei a engolir a bola alojada na minha garganta, afastando qualquer emoção que pudesse tentar se infiltrar quando ela me olhava daquele jeito.

— Eu não estou dizendo que você precisa namorar. Droga, se tem alguém que é contra relacionamentos tanto quanto você, esse alguém sou eu. Olha... — ela disse, passando as costas de sua mão sobre seu corpo magro. — Solteira para sempre e amando, ok? Mas só porque eu não namoro, isso não significa que eu não saio, me divirto, conheço pessoas. — Ela me olhou. — E pego algumas.

Eu apenas a encarei, ainda não convencida.

— Você comprou ingressos, certo? — Ela continuou. — E você ama o Bears.

— *Os Bears.*

— Eu não vou falar desse jeito.

— Fale ou eu não vou ouvir o resto disso.

Belle revirou os olhos.

— *Os Bears*.

Eu sorri.

— Melhorou.

— Te odeio. — Ela reajustou seu aperto em meus ombros. — De qualquer forma, você é como um enigma para os caras. Uma garota que realmente gosta de futebol americano? É ouro, Gemma. Então, em vez de forçar sua melhor amiga divertida que absolutamente detesta esportes de todos os tipos a sofrer em todos os jogos daqui com você, arrisque-se e conheça algumas pessoas novas. Divirta-se com alguns caras que têm o mesmo interesse que você, e quem sabe...? — disse ela, sorrindo. — Talvez uma ótima bunda para te animar no final de cada jogo. Agora, essa é uma ideia em que todo mundo sai ganhando.

Eu não pude deixar de sorrir.

— Eu acho que você é a mulher com mais tesão que já existiu.

— Culpada. Agora — ela disse, estendendo a mão. — Me passa seu telefone, me deixa baixar um aplicativo e apenas... confie em mim. De uma vez. Isso não vai contra nenhum dos seus planos, ok? Não há namoro, rosas e chocolate, atualizações de status de relacionamento oficial do Facebook, amor, casamento ou bebês. Nada disso.

Mordendo o interior da minha bochecha, eu fiquei pensando no que ela havia dito. De certa forma, Belle tinha razão — talvez eu precisasse de um pouco de carinho. Eu estava decidida a nunca mais confiar em ninguém, nunca me apaixonar por aqueles olhos estúpidos de cachorrinho pidão que olhavam para os meus e me diziam que me amavam e só a mim. Eu estava farta disso.

Mas futebol, cerveja e um pouco de diversão na cama?

Eu não ia *negar* nessa...

E se eu pudesse ser como alguém, seria Belle. Aos trinta anos, ela estava feliz e solteira, bem-sucedida em sua carreira e viajando como se esse fosse seu único trabalho. Ela nunca precisou de um homem, nunca deu a um cara mais de uma semana para tentar prendê-la. Ela era minha inspiração, minha esperança de que houvesse uma vida depois de Carlo.

Meu coração afundou quando pensei nele novamente, porque houve um tempo em que tudo que eu queria era tudo o que Belle acabou de listar. As mesmas coisas que agora me faziam querer ficar em posição fetal e me esconder ou começar a chutar o primeiro homem que se aproximasse de mim costumavam ser as únicas coisas que eu desejava. Eu queria um marido, uma família e uma vida suburbana. Eu queria um parceiro na vida para envelhecer comigo, rir, me dar apoio quando a vida ficasse difícil.

Agora, eu só queria me abraçar, porque era a única em quem podia contar que não me deixaria afundar.

Então, em vez de deixar minhas emoções assumirem o controle, voltei à regra número um do meu plano — aquela que bolei para sobreviver depois que ele faleceu.

Não lamente a perda do homem que você achava que conhecia. Lembre-se do homem que ele realmente era.

— Tudo bem — eu concordei, tirando Carlo dos meus pensamentos.

Belle deu um pulinho de alegria, mas eu levantei um dedo para impedir sua comemoração.

— Mas tem que ser de uma maneira que eu possa controlar. Se eu quiser parar, se eu nunca mais quiser ver o cara ou me sentir esquisita em algum momento, eu posso não me meter mais nessa. Combinado?

— Combinado — ela concordou, ainda segurando meu telefone. — E certifique-se de que ele se meta bastante também. OOOU!

Revirei os olhos.

Belle ainda estava sorrindo com seu brilho costumeiro, os dedos se movendo e esperando meu telefone reagir.

— Perfeito. Só converse com eles pelo aplicativo, dessa forma, se você os odiar depois do encontro, er, depois do jogo — ela corrigiu. — Você pode simplesmente excluí-los. Então, eles não podem mais falar com você. E, honestamente, acho que você deveria pegar um cara novo de cada vez.

Peguei meu celular enquanto entrávamos no bar, Belle me seguia logo atrás, ainda pulando como uma garotinha que acabou de ganhar vinte dólares para enlouquecer na loja de brinquedos.

— Ah, um cara novo a cada jogo — eu repeti. — Ok, agora acho que posso concordar com isso. Então é mais como um... ponto de encontro. Um jogo com um amigo.

— Um amigo que pode, potencialmente, te macetar até o próximo ano.

As sobranceiras do barman se ergueram com o comentário de Belle enquanto nos sentávamos em dois banquinhos vazios no canto do bar. Eu ri, balançando a cabeça para sinalizar que ele nem deveria perguntar.

— Vodka e água com limão — eu disse a ele. — Duas, por favor. — Então, me virei para a minha melhor amiga, que estava novamente com meu telefone e teclava furiosamente. — Estou falando sério, Belle. Se em algum momento eu decidir que odiei isso, posso puxar o plugue da tomada — eu disse, apontando para ela. — Se isso acontecer, então você será forçada a ir a todos os jogos restantes comigo. E você não pode reclamar. Mesmo que esteja menos cinquenta graus lá fora.

— Sim, tudo bem, tanto faz — disse ela, acenando para mim rapidamente antes de clicar mais no meu telefone.

O barman colocou nossas bebidas na nossa frente, e eu sorri para ele e entreguei meu cartão. Quando ele sorriu de volta, eu vacilei, os olhos se demorando nele um pouco mais do que deveriam. Ele se virou tão rápido, que eu não tive tempo de olhar do jeito que eu queria, mas aquele breve sorriso por si só me fez apertar minhas coxas sob o bar.

Belle pegou sua bebida e imediatamente começou a beber do canudo, os dedos ainda voando sobre meu telefone, mas eu apenas encarei o homem com meu cartão na mão enquanto ele cruzava até o outro lado do bar para ajudar a próxima pessoa. Seus ombros eram largos e arredondados, sua cintura estreita, camiseta no cóis de sua calça jeans de uma forma que tornou minha próxima deglutição mais difícil de realizar. E quando meus olhos foram para sua bunda perfeitamente arredondada em um jeans escuro que caía muito bem na altura de seus quadris, bem...

Digamos apenas que eu queria uma visão melhor da frente. E de lado. E de todos os ângulos.

Talvez eu estivesse pronta para transar.

— Pronto! — Belle exclamou orgulhosamente, segurando meu telefone alguns centímetros à frente, como se estivesse estudando sua obra-prima. — Sua biografia está pronta. Eu escolhi as melhores fotos, embora precisemos de algumas atualizadas em que você esteja realmente sorrindo — ela disse incisivamente, seus olhos piscando para os meus antes de pousar no telefone novamente. — Quer ouvir o que eu coloquei?

— Eu tenho escolha?

Belle me ignorou.

— Garotinha italiana gostosa que adora cumprir listas de tarefas quase tanto quanto assistir futebol americano. Vai, *Bears*!

Eu ri.

— Oh, meu Deus, Belle.

Mais uma vez, ela me ignorou.

— AMB titular do ingresso da temporada procurando por um cara legal para usar meu outro ingresso em um jogo em casa — continuou ela. — Se você gosta de futebol, cerveja e boa conversa, eu sou sua garota. Mande uma mensagem e, talvez, se você tiver sorte, esteja sentado ao meu lado no pontapé inicial.

— Na verdade, isso é apenas cinquenta por cento brega e horrível — eu disse, sabendo que havia pouco sentido em discutir quaisquer edições naquele texto. Olhei para as fotos que ela escolheu, mirando meu telefone por cima do ombro. A foto do perfil era uma selfie que tirei há apenas duas semanas no primeiro jogo de pré-temporada em casa. Eu estava com minha camisa laranja dos *Bears*, meu longo cabelo castanho escuro puxado sobre um ombro e um sorriso de lado. Meus olhos pareciam ainda mais intensamente verdes do que o normal com a iluminação que peguei no meu apartamento naquela tarde, a luz do sol entrando pelas janelas panorâmicas.

Lendo a biografia que ela escreveu para mim novamente, eu fiz uma careta.

— O que significa AMB?

Belle deu um grande gole pelo canudo.

— Oh, isso significa... Tipo atenciosa, morena e bonita. Todas as crianças estão dizendo isso, mais ou menos como usávamos idade/sexo/cidade como i/s/c nos bons e velhos tempos dos chats da AOL.

— Oh... — Eu pensei sobre suas palavras, me perguntando quando eu tinha perdido essa pequena mudança na linguagem. Eu estava chegando aos trinta, mas não era como se eu fosse velha. Eu ainda me mantinha atualizada com as redes sociais.

— Tenho que fazer xixi! — Belle disse rapidamente, pulando da sua banqueta. Ela colocou meu telefone na minha mão. — Toma, comece a

deslizar. Para a direita significa que você acha que eles são gostosos, esquerda significa que eles não têm chance alguma.

Eu ri.

— Isso é um absurdo.

Ela apenas deu de ombros.

— Bem-vinda ao namoro no século XXI. Volto logo.

Uma vez que Belle se foi, eu franzi a testa para o meu telefone, colocando-o no bar com o aplicativo ainda na tela. Em vez disso, voltei minha atenção para a televisão atrás do bar, o jogo tinha acabado de começar na Califórnia. O *San Francisco 49ers* estava vencendo o *Denver Broncos* por três, e eu assisti a próxima descida, jogando minhas mãos para cima com um gemido dramático quando impedimentos foram marcados no ataque de Denver.

— Ah, fala sério, juiz. — Suspirei, bebendo minha vodca. — Idiotas.

— Eles estão falando merda durante todo o trimestre — um cara mais velho bufou para mim do bar. — Você também é fã dos *Broncos*?

— Sou a garota dos *Bears* — eu respondi, os olhos ainda na tela. — Mas essa foi uma decisão terrível, não importa para qual time você torça.

— Vamos torcer para que nossos árbitros deixem os meninos jogarem este ano — disse o amigo do homem, e notei que ele estava vestindo uma camisa do *Bears*.

— Estou mais preocupada com a nossa linha ofensiva. Se não pudermos manter o quarterback seguro, não importará o que os árbitros vão marcar.

Ambos murmuraram e levantaram suas cervejas para mim, e eu retribuí o gesto, tomando outro gole antes que meus olhos se voltassem para o meu telefone.

Eu suspirei, finalmente o pegando.

Por um minuto inteiro, eu apenas encarei o primeiro rosto na minha tela. Era um cara loiro de óculos, rosto um pouco redondo, olhos suaves. A foto que ele escolheu para o perfil era dele sentado em uma cadeira de jardim no que parecia ser um churrasco, um cachorro no colo, cerveja na mão. Ele parecia divertido, como um amigo com quem eu pudesse assistir futebol.

Mas eu não queria fazer sexo com ele.

Eu deslizei para a esquerda.

Uma vez que a primeira decisão foi tomada, eu filtrei as próximas um pouco mais rápido. Com toda a honestidade, parecia um jogo — era como algum tipo de site pornô soft-core que ninguém precisava saber que eu gostava de navegar. Quanto mais eu clicava, mais eu sorria.

Advogado gostoso com um gato? Desliza para a direita.

Capitão de barco com um bando de garotas em cada foto? Não, obrigado. Deslize para a esquerda.

Autoproclamado “garanhão rico” com uma foto dele segurando uma pilha de dinheiro? Esquerda sem dúvida.

Escritor freelancer fofo com um amor por todas as coisas de Chicago, incluindo os *Bears*? Sim, por favor.

Isso é divertido, pensei.

Até que a primeira mensagem apareceu.

Olá, Gema. Que tal os Bears?

Olhei para a mensagem, os polegares pairando sobre o teclado do meu telefone.

O que eu respondo? Espero para responder? E se ele achar que sou estúpida? E se ele me vir pessoalmente e inventar alguma desculpa esfarrapada para sair, e então eu ficar sentada no jogo sozinha?

Na verdade, isso pode não ser tão ruim.

— Amo boquetes?

Eu hesitei, os olhos ainda na mensagem não respondida no meu telefone antes de olhar para o homem a quem a voz pertencia.

O barman.

— Desculpe? — eu perguntei, certa de que não o ouvi direito. Mas ele não fez nenhum movimento para se corrigir. Em vez disso, ele apenas ficou lá, olhando para mim, um pequeno sorriso em seus lábios carnudos enquanto olhava para o meu telefone e de volta para mim.

— Amo boquetes — ele repetiu. — É o que AMB significa.

Minha boca se abriu, os olhos se voltando para onde Belle tinha desaparecido rumo ao banheiro.

— Não... ela não faria isso.

O barman riu, pegando uma cerveja do freezer atrás dele e deslizando-a para um grupo de caras à minha esquerda.

— Olha, considerando as primeiras palavras que a ouvi dizer quando vocês duas entraram aqui? — Ele sorriu novamente. — Eu acho que ela faria.

Minhas bochechas coraram, dedos voando sobre meu telefone enquanto eu rapidamente saía da mensagem e tentava encontrar meu perfil.

— Oh, meu Deus. Como faço para editar essa coisa? Como faço para excluir isso? Ah! — Joguei meu telefone no bar quando outra mensagem chegou. — Jesus Cristo.

O barman riu, pegando meu telefone de onde eu o joguei como uma bomba prestes a explodir. Ele passou por algumas telas, digitou algo e me devolveu.

— Pronto. Eu editei. — Ele se inclinou sobre o bar. — Mas, pelo que parece, você deveria ter deixado. Quer dizer, você está procurando por alguém que está a fim de trepar, certo?

Fechei o aplicativo, enfiando meu telefone dentro da bolsa, o calor ainda rastejando sobre meu pescoço.

— Intrometido, não é?

— Difícil não ouvir duas mulheres lindas falando sobre serem macetadas até o ano que vem.

Eu ri disso, tomando um gole da vodca quando meus olhos encontraram os dele. Eu finalmente tive meu desejo concedido, uma chance de olhar para ele um pouco mais, e, cara, ele era um prazer de olhar.

Sua mandíbula quadrada tinha uma leve sombra de barba por fazer, seus olhos escuros transmitiam uma mistura de luxúria e diversão. Como seu cabelo preto estava em uma onda estilizada, me lembrou o de um modelo da Calvin Klein, e eu sabia sem pensar duas vezes que não me importaria de ver sua pele bronzeada ostentando nada além de uma cueca branca em um outdoor gigante... especialmente depois daquele breve vislumbre que tive da sua bunda.

Ah! Tome isso, Belle. Minha libido está longe de estar arruinada.

Ele era a definição do que Belle tinha dito que AMB significava: alto, moreno e bonito.

— Então, qual você vai levar primeiro? — perguntou, endireitando a postura. Ele acenou para uma mulher na extremidade oposta para a deixar ciente de que viu seu pedido de mais uma dose. E enquanto ele fazia a margarita, eu peguei o celular de novo, suspirando.

— Sinceramente? Eu não faço ideia. Já recebi duas mensagens, mas não tenho ideia do que responder.

— Talvez você devesse começar com *oi*.

— Você sabe o que quero dizer — eu devolvi, revirando os olhos. Abri o aplicativo, olhando para a primeira mensagem não respondida novamente. — Eu não falo com outro homem assim desde... — Minha voz sumiu, meu coração se esgueirou em meu estômago com uma mistura de culpa e perda. — Bem, há muito tempo.

— Você está nervosa — ele declarou claramente, levando a nova bebida até a mulher no final do bar antes de voltar para mim. — Por que você não vai com calma, não pratica um pouco antes de ir para o lance de verdade?

Eu levantei uma sobrancelha.

— E como eu faria isso?

Ele deu de ombros, aqueles lábios perversos se curvando em um sorriso mais uma vez.

— Me leva.

— Você. — Eu pirei.

Ele assentiu.

— Sim. Me leva para o primeiro jogo. Quer dizer, olha — ele gesticulou entre nós. — Obviamente temos química. Nós poderíamos nos divertir. Eu compro a pizza e a cerveja.

— Parece que você está apenas tentando arranjar um ingresso grátis para o primeiro jogo em casa — eu disse, me inclinando sobre o bar.

Seus olhos brilharam para o meu decote, que eu não tão sutilmente empurrei com aquele movimento, e quando seu olhar se voltou para o meu, ele estava aquecido — mais escuro, polvilhado com uma promessa cheia de luxúria que de alguma forma eu sabia que esse homem poderia cumprir.

— Pode ser. — Ele deu de ombros novamente. — Ou talvez eu queira ser o primeiro a ter o privilégio de cumprir a promessa da sua amiga.

— Promessa? — eu perguntei, assim que Belle deslizou no banco do bar ao meu lado.

— O que eu perdi?

O barman desviou o olhar do meu, sorrindo para Belle em vez disso. E foi então que percebi qual tinha sido a promessa dela.

O lance de macetar até o ano que vem.

Engoli em seco.

— Sua amiga aqui está nervosa falando com caras que ela não conhece no aplicativo — disse o barman para Belle, enquanto eu lutava contra outro rubor. — Então, ela decidiu que vai me levar para o primeiro jogo, como uma espécie de treino.

— Oh! — Os olhos de Belle se iluminaram quando ela me avaliou primeiro, e então arrastou os olhos sobre o barman. Um toque de possessividade tocou meu peito quando ela claramente gostou do que viu. Ela mordeu a unha do polegar, assentindo. — Oh, sim. Gostei dessa ideia.

— Eu ainda não concordei — eu o lembrei.

— Ok — ele desafiou. — Então vá em frente e responda ao... — Ele olhou para a tela do meu celular. — Brad, aí.

Ele e Belle me observaram, Belle lutando contra um sorriso, quando uma sobranceira se ergueu em seu rosto perfeitamente simétrico. O barman me observou com um sorriso satisfeito quando meus dedos não se moveram para as teclas, e meu queixo caiu, uma risada escapando.

— Uau. Vocês dois acabaram de se conhecer e já estão se unindo contra mim.

— Eu gostei dele — Belle disse facilmente. — E eu gosto desse plano.

— Você nem o conhece. Na verdade — eu disse. — Eu nem sei o nome dele ainda.

— Zach Bowen — ele disse, estendendo a mão para mim. — Prazer em conhecê-la.

Deixei que ele apertasse a minha mão, tentando ignorar a energia quente e vibrante que surgiu quando minha pele encostou na sua.

— Ela se chama Gemma — Belle respondeu por mim, já que aparentemente minha língua pegajosa estava colada no céu da boca. — Gemma Mancini.

— Então, Gemma Mancini — ele disse, sua mão ainda em volta da minha, olhos semicerrados e seguros. — O que você me diz? Me deixe ser a sua rodada de treino.

— Diga sim, boba — Belle sussurrou.

Eu a cutuquei com o cotovelo.

Zach segurou meu olhar com confiança, seus olhos escuros me observando como se eu realmente não tivesse outra escolha. E, naquele momento, não consegui pensar em uma razão para negar. Ele parecia divertido. Ele era gostoso.

E isso me salvaria desse aplicativo estúpido por pelo menos mais uma semana.

— Tudo bem — eu aceitei, e o sorriso de Zach se transformou em um sorriso completo, com uma pequena covinha aparecendo sob aquela barba deliciosa.

Ele pegou meu telefone, a tela ainda na mensagem não respondida de Brad. Ele fechou o aplicativo, digitando seu número de telefone em uma nova mensagem de texto e enviando um emoji para si.

— Pronto. Meu número. E eu tenho o seu. Vejo você no jogo do próximo fim de semana?

— Parece que sim.

Seus olhos vagaram sobre mim mais uma vez, o canto de sua boca puxando um pouco para cima.

— Mal posso esperar.

Belle me cutucou por baixo do bar com o joelho, os olhos arregalados de uma maneira que diziam *oh, meu Deus*.

— Por enquanto, eu devo voltar ao trabalho. Eu venho ver vocês, senhoras, daqui a pouco.

— Obrigada, Zach — Belle disse, acenando com os dedos delicadamente enquanto ele caminhava para o outro lado do bar.

Ela não parou de olhar para Zach se afastando.

— Droga — ela respirou, descansando o queixo na mesma mão que havia acabado de usar para acenar para ele. — Agora eu realmente espero que você seja macetada até o ano que vem.

Eu ri, tentando não entrar em pânico com o pensamento de outro homem me tocando.

Um homem que não era Carlo.

Balançando a cabeça, eu abri o aplicativo novamente, mostrando a Belle as mensagens que chegaram e deixando-a deslizar pelas fotos dos caras por um tempo. Enquanto conversávamos, lembrei da única coisa que sempre precisava ouvir.

Eu estou no controle.

É apenas um jogo de futebol. É apenas uma noite de esportes, cerveja e cachorro-quente. Se eu quiser fazer sexo com ele, eu posso. Se eu não quiser, eu posso ir para casa sozinha. Nenhum dano, nada. Estes são meus ingressos, e este é o meu plano, mesmo que tenha sido ideia de Belle.

São oito jogos nesta temporada. São oito caras diferentes, oito novos amigos para fazer e — só se eu quiser — oito orgasmos em potencial que não virão do meu fiel vibrador.

Eu estou no controle.

Talvez isso seja realmente divertido, pensei, rindo enquanto Belle dava um golpe forte à esquerda em um cara que afirmava em sua biografia que era uma *máquina de sexo*. Ela parecia estar se divertindo mais do que eu no aplicativo, então eu a deixei deslizar à vontade, contente em apenas beber minha vodca e ouvir seus comentários.

De vez em quando, eu sentia Zach me observando de onde quer que estivesse trabalhando. E quando nossos olhos se encontravam, meu peito apertava, com minhas coxas. Havia algo em seus olhos, no tipo de calor que me invadia com aquele olhar. A maneira como ele olhava para mim era como se já me tivesse em sua cama, entre seus lençóis, uma mão no meu quadril e a outra levantando minha perna enquanto se acomodava entre as minhas coxas.

Ele tinha acabado de saber meu nome, mas o jeito que ele olhava para mim? Era como se ele soubesse de tudo — talvez até mais do que eu mesma sabia.

Uma rodada de treino...

Sim. Isso pode ser divertido.



CAPÍTULO 2

Zach

— ENTÃO — DISSE DOC, OLHOS TRAVESSOS ENQUANTO passava para minha mãe o purê de batatas. — Zach tem um encontro amanhã.

Eu meio que ri, meio gemi quando a mesa inteira explodiu com o anúncio de Doc.

— O quê? Um encontro? Com quem? — Minha mãe disse animadamente, seus olhos se iluminaram como as lâmpadas gigantes que enfeitam nossa árvore de Natal a cada ano.

Isso veio ao mesmo tempo que meu irmão disse:

— Sim, tá. Até parece que Zach consegue alguém para sair.

E meu pai simplesmente sorriu, o mesmo sorriso que o meu, e me cutucou.

— Aí, garoto.

Peguei um pãozinho quente debaixo do guardanapo de pano que cobria a cesta, passando-o para Doc com um olhar penetrante.

— Obrigado, doutor.

— Ei, só estou começando uma conversa amigável de jantar.

— Estou vendo.

Eu fingi estar aborrecido, mas a verdade é que eu nunca ficaria — não com Doc. Ele fazia parte da minha família tanto quanto os parentes de sangue sentados à mesma mesa, e todos os sábados à noite, sem falta, todos nós sentávamos juntos e provocávamos uns aos outros.

Era apenas a minha vez de ser o primeiro.

— Ela é uma menina legal? Qual é o nome dela? — mamãe perguntou.

— Ela é gostosa? — Micah entrou na conversa, balançando as sobrancelhas.

Mamãe bateu nele com o guardanapo ainda enrolado.

— Não é um encontro — eu disse, ganhando um olhar um tanto triste de mamãe. Então, eu sorri para meu irmão mais novo, me inclinando sobre a mesa para sussurrar, embora eu soubesse que todos os outros seriam capazes de ouvir também. — E ela é gostosa.

Micah me deu um *high-five* enquanto mamãe revirava os olhos, abrindo o guardanapo no colo.

— Pareceu um encontro quando você me contou — Doc argumentou, enchendo seu garfo com uma pilha de feijão-verde. — E você não pedia uma noite de folga em... bem, nunca pediu.

— Você acha que toda interação que eu tenho com uma garota no bar é um encontro — eu respondi. — Incluindo as conversas com a velha Sra. Rudder, quando ela me pede um refil de seu merlot só para poder me ver abaixar para pegar a garrafa na prateleira de baixo.

— Aquela velha casaria com você em um piscar de olhos.

— Ela faria o mesmo com você, se você realmente fizesse mais do que só resmungar com ela.

Doc resmungou ao ouvir isso, da mesma forma que resmungava para praticamente qualquer coisa que alguém dissesse no bar. Ele era o proprietário — desde a inauguração, em 1976 —, e embora adorasse a nova clientela que minhas ideias trouxeram ao longo dos anos, ainda não sabia como lidar com um bar que estava realmente cheio e não apenas com alguns frequentadores usuais.

Há quase doze anos eu trabalhava no bar dele — tudo porque ele se arriscou com um garoto que precisava dele.

— Você sabe que meu coração está tomado — disse ele.

— Certo. Pela pequena doçura em St. Croix, certo? — Eu balancei a cabeça. — Ainda não estou convencido de que ela é uma pessoa real e não fruto da sua imaginação.

— Você não precisa se convencer de nada. Eu sei a verdade. E isso é tudo o que importa.

O sorriso de Doc foi mais genuíno quando ele deu sua próxima garfada, os olhos perdidos em admiração enquanto pensava na mulher de quem ele era amigo há quase dez anos. Eu nunca entendi isso — essencialmente namorar com tanta distância entre eles. Eles só se viram algumas vezes, sempre que Doc me deixava forçá-lo a tirar umas férias para ir até lá.

Ele nunca me mostrou uma foto dela, no entanto.

— Além disso — eu disse, abordando seu comentário sobre eu ser um viciado em trabalho. — Eu tiro dias de folga, todos os sábados, assim como você.

— Só porque eu obrigo — disse Doc. — Eu juro que você dormiria naquele bar se eu colocasse uma cama nos fundos.

Eu sorri.

— Um sofá serviria.

— Você tem uma foto dela? — Micah perguntou, puxando o assunto de volta para o meu não encontro.

— Ah — Doc entrou na conversa. Suas sobrancelhas subiram até a linha do cabelo. — Eu nem pensei em perguntar sobre isso.

— Não, seu pervertido, eu não tenho uma foto. — Eu joguei um pãozinho em Micah. — E mesmo se eu tivesse, não mostraria a você. Todos nós sabemos que seu HD de pornô está bem cheio.

— Eu não preciso ouvir sobre o HD de pornô do meu filho de dezesseis anos — disse mamãe, erguendo as mãos com uma cara de nojo. — Novo tópico. Agora.

Micah e eu rimos.

Minha mãe e Micah eram exatamente iguais, exceto pelo cabelo da minha mãe ser mais comprido. Micah tinha as mesmas feições suaves que ela, enquanto as minhas eram mais sombrias, mais ousadas — mais próximas à forte estrutura óssea do meu pai. Ainda assim, apenas um olhar para nós quatro juntos e qualquer um poderia ver que éramos uma família.

— Desculpa, mãe. Eu juro, eu ainda sou seu bebezinho. Zach não sabe do que está falando. Eu sou um anjo.

Micah gesticulou para mostrar a auréola sobre a sua cabeça, em seguida apertando ambas as mãos na frente de si em uma oração simulada.

Mamãe revirou os olhos.

— Claro.

Papai assumiu a conversa, nos contando sobre sua viagem de pesca com Rod, seu melhor amigo da faculdade, naquela manhã. Mamãe brincou com ele sobre mentir a respeito do tamanho do peixe que ele pegou, que de alguma forma *escapou* do anzol antes que alguém pudesse tirar uma foto, e eu apenas sorri, observando o amor genuíno nos olhos dos dois enquanto eles se encaravam.

Meus pais eram a definição de uma história de amor totalmente norte-americana.

Eles se conheceram quando estavam no ensino fundamental, mas meu pai demorou até o primeiro ano do ensino médio para ter coragem de convidar minha mãe para sair. Quando ele finalmente o fez, a levou para o baile de boas-vindas, e o resto é história. Eles foram o primeiro tudo um do outro — e eu sabia, sem dúvida, que eles seriam os últimos um do outro também.

Crescer em uma casa cheia de amor me ensinou algumas coisas: como tratar uma mulher, como se desculpar como um homem e como se comunicar quando as coisas ficam difíceis. Meus pais nunca me deixaram esconder minhas emoções quando elas surgiam. Se foi um dia ruim para mim no campo de futebol ou apenas uma simples briga com uma namorada do ensino médio, eles me forçavam a falar sobre isso. E através disso, aprendi a reconhecer meus sentimentos, a dissecá-los e a seguir em frente.

Meus amigos na faculdade sempre me sacaneavam, dizendo que eu era uma garota, mas eu não via nada de errado em saber como eu me sentia e falar sobre isso. Sou humano e aprendi com um dos homens mais fortes que conheço — meu pai — que chorar, se machucar ou se sentir de coração partido não faz você ser menos homem. Aprendi com minha mãe que chorar não é algo feminino, é humano, e que mesmo se fosse feminino, isso não significava que seria algo menor do que qualquer coisa masculina.

Isso mesmo, eu nasci e cresci feminista e tenho orgulho disso.

Aprendi muito com meus pais, e uma das coisas mais fortes que aprendi foi que eu queria o que meus pais tinham: uma parceria para toda a vida – mais do que tudo.

Claro, a questão de namorar para mim tinha, em algum momento, mudado mais para o reino de encontros de uma noite e as ocasionais aventuras de dois a três meses. Talvez fosse porque eu trabalhava muito, ou porque eu ainda não tinha encontrado uma mulher para acender o mesmo fogo em mim que minha mãe acendeu com meu pai.

Ou talvez fosse porque eu me perdi quando desisti do meu sonho e ainda estava tentando me encontrar antes de encontrá-la.

Independentemente disso, todos os sábados à noite eu me lembrava do que o futuro poderia reservar se eu encontrasse a garota certa para compartilhar minha vida. E pelo modo como fui criado, eu era um pouco mole – um romântico, se você preferir.

Micah adorava me provocar por causa disso.

— Então, você vai levar flores para essa garota e levá-la para dançar sob as estrelas neste primeiro encontro, Romeo? — ele disse depois que mamãe tirou a mesa e trouxe a sobremesa.

— Não provoque seu irmão — mamãe o silenciou, mas ela sorriu na minha direção. — E se você fizesse essas coisas, aposto que ela acharia fofo.

— Totalmente — concordou Micah, servindo um pedaço de torta para si. — Ou ela te empurraria direto para o lugarzinho reservado para os amigos onde você geralmente vai parar.

Papai riu, e mamãe bateu em Micah novamente.

— Não, não, está tudo bem. Brinque o quanto quiser, irmãozinho. Eu amo quando você mostra quão amargo você é só porque eu tenho uma garota para sair amanhã e você ficará no seu quarto jogando videogame com uma mão na cueca.

— Mais ação do que você terá, eu aposto.

Eu ri.

— Essa garota... parece que é ela quem está dando as cartas, pelo que ele me disse — falou Doc. — Na verdade, não é ela quem vai te levar ao jogo de futebol?

— É, de fato.

— Espera! Jogo de futebol?! — perguntou Micah.

— Sim. Ela tem ingressos de temporada para os Bears. Vamos ao jogo de amanhã juntos.

Ele fez beicinho, deixando cair o garfo no prato.

— Isso nem é justo. Diga a ela que se ela realmente quiser se divertir, deveria me levar.

— Eu posso prometer a você, irmãozinho: eu absolutamente nunca vou fazer isso.

— Ah, isso mesmo! — ele gritou. — Você estará muito ocupado olhando nos olhos dela e dizendo o quanto ela é bonita. — Ele juntou as mãos em um suspiro, batendo os cílios para mim.

Enrolei meu guardanapo e o joguei sobre a mesa para ele.

— E o que exatamente você faria se estivesse levando uma garota para um primeiro encontro, senhor? — papai perguntou a Micah, apontando o garfo. — Porque eu sei que criamos você para tratar uma garota com respeito.

— Ah, eu a respeitaria, muito mesmo. — Micah balançou as sobancelhas. — Eu a respeitaria a noite toda.

Mamãe puxou o prato da frente dele, enquanto o restante de nós ria.

— É isso, sem sobremesa para você.

Micah se desculpou por uma risada, usando seus clássicos olhos de cachorrinho. Isso lhe rendeu um revirar de olhos e um beijo na testa da mamãe antes que ela lhe devolvesse a torta. E, felizmente, a conversa mudou de mim permanentemente quando Micah começou a falar sobre suas primeiras semanas como calouro.

Eu não perdi o olhar no rosto do meu pai enquanto ele ouvia seu filho mais novo falar sobre a aula de arte e a linda garota que fica olhando para ele no refeitório.

Porque papai nunca pensou que Micah chegaria aos dezesseis anos.

Nenhum de nós imaginou isso.

Meu irmão foi diagnosticado com leucemia mielomonocítica juvenil quando tinha apenas quatro anos.

Eu tinha dezoito anos na época, no meu primeiro semestre da faculdade, e futebol era a minha vida. Eu tinha uma bolsa de estudos, e mesmo que eu

fosse jovem e estivesse começando minha carreira universitária, meu treinador disse que via um caminho promissor para me tornar profissional. Mas quando Micah ficou doente, tudo na minha vida mudou.

Em primeiro lugar, minhas prioridades.

No início, a expectativa de sobrevivência era desanimadora. Mesmo com o tratamento, nos disseram que teríamos sorte de ter ainda mais três anos com ele. Jogar futebol e ir para a faculdade não pareciam coisas tão importantes com números como esses me encarando.

Claro, eu sabia que poderia falar com o treinador, talvez dar uma pausa no meu primeiro ano e voltar. Eu sabia que, com minhas habilidades e reputação, poderia voltar quando quisesse. Mas, naquele momento, aos dezoito anos, com meu irmãozinho entrando e saindo do hospital como se fosse um playground, nada disso importava. Meus pais estavam fazendo tudo o que podiam para que alguém ficasse em casa com ele, ou que sempre tivesse alguém disponível para levá-lo para o hospital, ou para sentar ao lado dele nas noites em que ele não conseguia dormir quando tinha de pernoitar naquele lugar.

Eu não podia fazer muito, mas poderia ajudar com isso.

O mais importante era estar ao lado de Micah, com Micah, e apoiar meus pais. Eu sabia que poderia ter passado os quatro anos na faculdade, talvez me tornado profissional, dado à minha família o dinheiro que eles realmente precisavam e a meu irmão a chance de lutar que ele merecia.

Mas o problema era que Micah não tinha uma previsão de quatro anos.

Ele nem sequer tinha um prognóstico de um.

Mas agora, doze anos depois, Micah estava curado do câncer e saudável. Ele ainda fazia visitas frequentes ao médico e check-ups, e mamãe se preocupava sempre que ele pegava um resfriado, mas sua qualidade de vida era melhor do que jamais poderíamos esperar.

O fato de ele estar vivendo era melhor do que esperávamos.

Eu poderia ter voltado para a faculdade. Eu poderia ter tentado uma vaga para uma equipe profissional. Mas, como muitas vezes acontece, o tempo não parava de passar, e todos os anos em que comemorávamos o aniversário de Micah, tudo o que eu conseguia pensar era que ele estava vivo, minha família estava saudável, eu ganhava dinheiro suficiente para ajudá-los e para me sustentar, e estávamos todos felizes. Isso era o que importava.

A vida era boa.

E eu voltaria no tempo e desistiria do futebol várias vezes para poder ter o mesmo resultado.

— Sabe, eu realmente gostaria que você cuidasse mais da sua boca — mamãe disse a Micah. — Eu sei que você tem dezesseis anos agora, mas você ainda é meu bebê. E não quero ouvir nenhuma dessas coisas sobre as quais você falou esta noite.

— Vamos lá, você me conhece, mãe — disse ele, esfregando as costas dela. — É só papinho de videogame.

— Papinho de videogame?

Ele encolheu os ombros.

— Sim. Você fala umas besteiras para parecer bem malvado. Eu ainda sou seu doce menino. Juro.

Ele sorriu para ela, e ela revirou os olhos, mas parecia contente no momento. Eu sabia que na sua cabeça bastava um piscar de olhos para viajar para a época em que seu menino doce tinha mais tubos entrando e saindo dele do que a traseira de um computador dos anos 90.

Todos nós poderíamos.

E é por isso que eu faria as mesmas escolhas do passado sempre.

Depois do jantar, Micah ajudou mamãe a limpar a cozinha enquanto papai pediu para mim e para Doc para nos juntarmos a ele para um charuto na varanda dos fundos. Era a tradição de sábado à noite, e esta noite Doc forneceu os charutos – três Robustos escuros com um toque de bourbon e um sabor quente de baunilha.

Doc começou a contar uma história daquela semana no bar, uma que eu já tinha ouvido, mas era nova para papai. E enquanto a fumaça dançava com o vento quente de setembro na varanda, finalmente me permiti pensar na mulher sobre quem todos me perguntaram a noite toda.

Gemma Mancini.

Porra, ela veio do nada e me pegou de surpresa.

Se eu já não tivesse dado uma segunda olhada em sua longa, escura e grossa cabeleira caindo sobre seus ombros quando ela entrou no bar, se seus olhos quase verde neon não fossem o suficiente para me fazer querer saber o nome dela, se a maneira como a camisa do Chicago Bears que ela usava

não se estendesse por suas curvas como um sonho, eu ainda gostaria de saber mais depois das palavras que a amiga disse.

— *Um amigo que poderia, potencialmente, te macetar até o próximo ano com seu pau-macetador.*

Hum, eu me voluntario como tributo.

Ela simplesmente riu de mim quando percebeu que eu tinha ouvido, fazendo seu pedido para mim como se eu não fosse nada especial. E eu acho que, para ela, eu provavelmente não era. Afinal, eu era apenas o barman. Eu era apenas um cara anotando o pedido enquanto ela ouvia a amiga falar sem parar sobre sua necessidade de transar.

Novamente, se ela está procurando um voluntário...

Mas eu dei espaço a ela, atendi o pedido sem muito mais do que um sorriso e um aceno de cabeça enquanto a amiga a colocava em um aplicativo de namoro. Observei suas feições morenas e exóticas à distância, imaginando se ela se deitava todos os dias no sol para obter aquele bronzeado ou se era apenas seu tom natural. Eu me perguntei quem, se é que alguém, beijou aqueles lábios carnudos e cor de vinho. E mais do que tudo, eu me perguntava o que diabos eu poderia dizer a ela para fazê-la me ver – realmente me ver – antes que saísse daquele bar.

Não consegui até que sua amiga se afastou, até que vi Gemma sentada ali sozinha, olhando para o telefone como se fosse explodir no próximo segundo, e foi aí que eu soube que tinha que falar com ela.

Ela estava falando de futebol com os outros caras no bar, e me chame de clichê, mas qualquer garota que ama um esporte o suficiente para falar do jeito que ela falava é excitante. E ainda mais o esporte que amei por toda a minha vida, aquele em que cresci, aquele que me deixou com o coração mais partido do que qualquer mulher já conseguiu. Bem, eu amava aquilo.

Porém, era mais do que apenas uma conversa sobre esporte.

Havia algo em seus olhos, a vulnerabilidade por trás deles, a mistura de excitação e medo absoluto quando ela saiu da sua zona de conforto. Eu não conhecia a história dela, mas era fácil ver que não tinha feito isso antes – a coisa toda do aplicativo de encontros. E como eu odiava demais essa coisa, queria salvá-la da infelicidade.

Então, eu disse a ela para sair comigo, em vez disso.

Sorri quando uma nova nuvem de fumaça escapou dos meus lábios, percorrendo nossa conversa divertida. Eu sempre fui rápido quando se tratava de pegar uma garota, mas a maioria das garotas não revidava. A maioria das garotas não me pegava no blefe.

Gemma Mancini não teve nenhum problema em fazer exatamente isso.

Eu tive de tentar por ela, e eu não tinha dúvidas de que se eu quisesse mais do que um encontro com ela, deveria me esforçar ainda mais na noite seguinte.

Pelo que percebi, ela estava determinada a levar um cara novo para cada jogo em casa nesta temporada. O motivo eu não tinha ideia. Talvez ela não quisesse sair. Talvez, como sua amiga insinuou, ela realmente só quisesse transar e não tivesse interesse em transar com o mesmo cara duas vezes.

Mas eu vi o que a amiga dela não viu.

Gemma não queria que um cara aleatório a tocasse.

Ela queria que *o cara* a tocasse – o cara que a deixasse excitada, o cara que a fizesse se sentir segura e confortável.

Sua amiga ruiva pode ser do tipo que transa sem compromisso, que se contenta perfeitamente em ter um cara dentro dela uma noite e nunca mais falar com ele.

Mas Gemma não é essa garota.

E eu pretendia provar isso.

Parecia loucura, eu pensei, mas já sentia como se a conhecesse. Na verdade, se eu dissesse isso em voz alta para alguém, eu tinha certeza de que ouviria o quão arrogante eu estava sendo.

Mas eu nunca tive problemas em ser arrogante.

Especialmente quando eu sabia que estava certo.

— Ei, acha que você poderia passar um pouco mais cedo na quinta-feira?
— Doc me perguntou quando nossos charutos haviam acabado, me puxando para o lado depois que papai voltou para casa. — Eu sei que você trabalha no turno da tarde pelo jogo, mas eu queria falar com você sobre uma coisa.

Eu sorri, mas algo nos olhos de Doc fez meu estômago afundar. Ele estava me observando como se o que ele quisesse dizer não fosse uma boa notícia, e de repente senti meu coração batendo na garganta.

Deus, por favor, não diga que você precisa me demitir.

O bar estava mais movimentado do que nunca, mas eu sabia que a nossa localização no South Loop estava crescendo em popularidade. Talvez o aluguel estivesse subindo. Talvez Doc não pudesse mais me pagar.

Por outro lado, ele também não podia me pagar quando me contratou.

Mas fez isso de qualquer maneira.

— Claro, Doc — eu disse depois de um momento, engolindo em seco. — Vou chegar cedo. Tudo certo?

— Está tudo bem — disse ele rapidamente, forçando um sorriso cansado. Ele me deu um tapinha nas costas. — Vamos conversar mais na quinta. Por enquanto, você apenas se concentre naquela sua garota.

— Ela não é minha garota. Nós acabamos de nos conhecer. Conversamos por uns dez minutos.

— Mm-hmm — disse Doc, arqueando uma sobrancelha enquanto abria a porta de correr de vidro. — Uma garota que ama futebol quase tanto quanto você. Tente não entrar nas calças dela antes de chegar aos assentos, ok?

Uma risada saiu de mim, e Doc desapareceu lá dentro, nós dois sabendo que eu não faria uma promessa que não tinha certeza se poderia cumprir.



CAPÍTULO 3

Gemma

É APENAS UMA RODADA DE TREINO.

Toquei esse pensamento repetidamente como uma música da Britney Spears de 1999 enquanto me preparava para o jogo de domingo à tarde.

Sempre que minha ansiedade aumentava, sempre que meus nervos estavam abalados, tudo o que eu tinha que fazer para me acalmar era suprimir esses pensamentos e me concentrar em fazer alguma coisa.

Então, fiz as unhas, meu cabelo e minha maquiagem. Raspei minhas pernas e minhas axilas e, só por precaução, minhas partes de menina. Apliquei loção e borrifei meu melhor perfume. E quando passei pela porta e entrei em um táxi, eu era a versão mais cheirosa, suave e calma de mim que eu poderia gerenciar.

— Indo para o jogo, eu presumo? — o taxista me perguntou, seus olhos gentis oferecendo um sorriso no espelho retrovisor.

— Você entendeu.

— Deve ser um bom. Você vai sozinha?

— Vou encontrar um... — Fiz uma pausa — amigo lá.

— Amigo sortudo.

Eu sorri para ele, e ele sorriu de volta, aumentando o volume do programa pré-jogo enquanto seguíamos para o estádio. Taxistas em qualquer outra cidade teriam me perguntado que música eu queria ouvir,

mas em dia de jogo na cidade dos ventos? Não havia outra opção – era dia de jogo, e isso era tudo o que importava.

A excitação flutuou por mim enquanto cruzávamos a cidade em direção ao estádio, o tráfego ficando mais denso à medida que nos aproximávamos

Foi um longo ano.

Eu não gostava de refletir muito sobre o passado. Meu avô me ensinou quando eu era mais jovem que não fazia sentido focar no passado porque você não poderia mudá-lo, não importa o quanto pensasse sobre isso. Tudo o que se pode fazer é se perguntar do que se arrependia, o que amou e o que aprendeu. Assim, se avança

Foi por causa do meu avô que adotei a mentalidade, *faça um plano, mantenha-o em movimento*. Meus pais viajavam muito quando eu era mais jovem, por causa do trabalho como palestrantes motivacionais, então eu passava mais tempo com meu avô do que com qualquer um deles. Engraçado, embora fossem eles quem motivassem as pessoas em todo o país, eu era mais motivada pelo meu avô. Ele era um veterano, um simples homem do campo, e não aceitava merda nenhuma de ninguém.

Ele tentou me ensinar a fazer o mesmo.

Ainda assim, embora eu soubesse que ele teria odiado, não pude deixar de pensar nele enquanto o táxi me carregava pela cidade. Ele era um grande fã do *Bears*, e eu nem teria um encontro esta noite se ele estivesse vivo. Ele estaria lá na arquibancada ao meu lado, e ele teria me ajudado a superar Carlo e seguir em frente com a minha vida. Ele sempre sabia as coisas certas a dizer.

Mas ele não estava mais aqui. Assim como Carlo também não estava.

Parecia que todos que eu amava estavam destinados a partir de alguma forma.

Sim, foi um longo ano. Um ano triste. E quanto mais nos aproximávamos do estádio, mais eu percebia o quão pronta estava para o futebol, para o primeiro jogo em casa da temporada regular com uma multidão cantando *Bear Down* juntos.

Quando chegamos ao *Soldier Field*, parecia que eu estava voltando para casa.

— Aqui está bom, eu vou caminhando. — Entreguei uma nota de vinte ao motorista, abrindo a porta e sorrindo ao som da multidão entrando. —

Fique com o troco.

— Divirta-se. Vai, *Bears*!

— Vai, *Bears*!

Uma vez que a porta foi fechada e meus Keds azul-marinho tocaram o concreto em frente ao estádio, meu estômago deu um nó.

Estou prestes a ter um encontro.

Minhas palmas faiscaram de calor, o coração acelerando ao perceber o que viria a seguir. Não posso ir a um encontro. Eu não saía desde Carlo, e mesmo assim, nos conhecemos tão jovens, que encontros não eram realmente encontros. Nós nos conhecemos no meu primeiro ano de faculdade, quando ele trabalhava como monitor da pós-graduação. Nossa versão de encontro era ele andando comigo pelo campus até a aula ou estudando juntos na biblioteca.

Mas antes que o nervosismo tomasse conta, fechei os olhos e me lembrei.

Não é um encontro. É um jogo de futebol.

Eu estou no controle.

Peguei meu telefone para enviar uma mensagem para Zach, mas antes que meus dedos pudessem tocar as teclas, o rosto de Belle iluminou minha tela. Deslizei o botão na parte inferior para atender sua chamada, sorrindo.

— Como está sua boceta?

— Oh, meu Deus, Belle.

— Ainda vazia? A que horas o jogo termina?

— Ainda nem começou. Acabei de chegar.

— Ah, como ele está? O que ele está vestindo? Oh, meu Deus, você está pirando?

Eu soltei um suspiro.

— Eu não estava, até que você ligou.

— Ele está com você?

— Estou tentando encontrá-lo agora. O que significa que eu tenho que ir.

— Manda uma mensagem para ele agora.

— Adeus, Belle.

Desliguei antes que ela pudesse protestar, sorrindo e balançando a cabeça. Então, mandei uma mensagem para Zach me encontrar na frente do

totem do Grande Castor na entrada norte.

Enquanto eu caminhava pelas barracas nos fundos, senti aquela empolgação ganhar vida novamente. Eu tinha ido a muitos jogos do *Bears*, não poderia contar todos eles, mas este era o meu primeiro ano com ingressos para a temporada. Meu avô tinha ingressos para a temporada quando era mais jovem, e ele me trazia de vez em quando, me deixando ficar com ele e seus companheiros de guerra antes do jogo. Eu também queria entrar pelo portão dos fundos. Eu queria começar uma tradição, construir memórias ligadas à temporada de futebol.

Eu deveria fazer isso com Carlo.

Comprei os ingressos antes de saber do caso dele, antes de saber da doença dele. Na minha cabeça, nos imaginei comprando uma barraca e cadeiras, uma mesa comprida para jogar, uma churrasqueira portátil. Pensei em nossos amigos nos acompanhando, me imaginei cumprimentando os outros detentores de ingressos de temporada ao nosso redor toda vez que pontuávamos – exatamente como meu avô fazia.

Era para ser nosso: este dia, esses ingressos, essas memórias. Ele era tudo em que eu conseguia pensar quando imaginava a temporada do *Bears*, e achei que eu era tudo em que ele conseguia pensar também.

Agora, eu sabia que ele nem estava pensando em mim.

Ele estava muito ocupado pensando nela.

Quando cheguei ao totem, pensei brevemente em ir embora. Eu nem tinha entrado no estádio e já não conseguia parar de pensar em Carlo.

Eu não estava pronta para isso.

Mas não tive a chance de mudar de ideia.

— Uau.

Um assobio soou, e quando me virei, era Zach. Suas sobrancelhas estavam indo até a linha do cabelo enquanto ele olhava para o meu minúsculo short jeans rasgado e a regata do *Chicago Bears*. Senti seu olhar como se fosse um lançador de fogo, aquecendo minha pele dos tornozelos até as bochechas.

— Espero que nossos assentos não estejam muito próximos, porque não há como esses jogadores conseguirem se concentrar na bola se você estiver ao alcance da visão.

— Isso geralmente funciona para você, não é? — Eu fui me aproximando. A brisa trouxe seu perfume até mim, o aroma se misturando com o cheiro de grelhados, exalando um aroma inebriante.

Ele riu, as mãos deslizando nos bolsos de seu short. Seu cabelo escuro estava penteado com um pouco de gel, não tão rebelde quanto no bar. Eu não conseguia decidir de qual look gostava mais.

— Geralmente, sim. Como foi para você?

Dei de ombros.

— Acho que você pode fazer melhor. Aqui — eu disse, entregando-lhe o seu ingresso. — Podemos entrar? Não quero perder o pontapé inicial.

— Você é quem manda.

Seus olhos se voltaram para o meu peito novamente quando ele pegava o ingresso das minhas mãos, e eu ri, balançando a cabeça e indo na frente, passando pela multidão em direção à entrada. Eu estava agradecida pelo clima quente no primeiro jogo da temporada regular, especialmente porque eu sabia que estaria encasacada em breve.

Zach também não parecia se importar com a roupa.

Minhas mãos tremiam um pouco quando passamos pela segurança e verificamos nossos ingressos, e uma vez que estávamos fluindo com a multidão em direção aos nossos assentos, notei quão silenciosos estávamos durante toda a caminhada. Olhei para Zach, mas quando seus olhos encontraram os meus, eu afastei meu olhar, examinando as barracas de comida enquanto passávamos.

Eu não percebi que estava torcendo minhas mãos até que a palma de Zach as cobriu onde elas estavam enroladas na minha frente.

— Ei — ele disse, seus olhos encontrando os meus. — É apenas um jogo. Lembra?

Engoli em seco.

— Você ama futebol. Eu também. Vamos beber algumas cervejas e nos divertir, sim?

Com isso, uma respiração lenta e longa escapou dos meus lábios, e eu sorri.

— Sim.

Ele sorriu de volta para mim.

— Legal. Vou pegar duas cervejas então. Você está com fome?

— Ainda não.

— Ok. Vá se sentar, assista ao show do pré-jogo. Eu te encontro nos nossos lugares.

— Não, não — eu disse, forçando uma respiração mais constante. — Eu vou esperar.

Sua mão roçou as minhas costas, aquele mesmo sorriso quando ele se virou para uma das arquibancadas.

— Está bem, então. Espere aqui. Eu volto já.

Eu o observei ir, o peito ainda um pouco apertado, os olhos fixos na forma como os músculos das suas costas flexionavam sob a camiseta do *Bears*.

Relaxe, Gemma. Isto vai ser divertido.

Repeti esse mantra enquanto ele pedia nossas cervejas, e ficou cada vez mais alto na minha cabeça enquanto caminhávamos para os assentos. Não pude deixar de lançar olhares para o rosto de Zach enquanto descíamos cada vez mais, o campo a apenas sete fileiras curtas de distância da nossa fileira.

— Gemma, esses assentos são incríveis — disse ele quando passávamos pelos outros em nossa fileira. Ele colocou sua cerveja no suporte, os olhos examinando o campo. — Eu nunca sentei tão perto antes.

— Eu queria ficar na *end zone* — eu disse, acenando para onde nossos caras estavam se aquecendo. — Sei que não estamos perto o suficiente para isso, mas sempre adorei quando os caras marcam e ficam tão empolgados que pulam na multidão.

— Bem, como eu disse, se eles virem você? — Zach balançou a cabeça. — Eles podem quebrar recordes com quão alto vão saltar.

Corei, reprimindo um sorriso.

— Então, posso perguntar... por que você comprou dois ingressos? Quero dizer, pelo que sua amiga estava dizendo no bar, ela não é uma grande fã de esportes. E eu conheço seu novo plano, mas... não era o original, certo?

Minha garganta se contraiu e peguei minha cerveja para engolir a bola de algodão alojada no meu esôfago antes que ela pudesse crescer.

— Eu os comprei para outra pessoa... originalmente — expliquei. — Mas eu realmente não quero falar sobre isso. Se estiver tudo bem.

Zach me observou, seus olhos tão intensos, que tive que desviar os meus. Em vez disso, observei o campo, torcendo para que ele não forçasse essa conversa.

— Tudo bem — disse ele depois de um momento. — Ei, olhe para mim. Eu não olhei.

— Gemma — disse ele com uma risada. — Eu não vou ver todos os seus segredos se você olhar para mim por um segundo.

Sorri um pouco, mas quando meus olhos encontraram os dele novamente, eu não tinha tanta certeza.

— Estou aqui por um bom momento juntos, assim como você. Ok? Você segura as rédeas. O que você quiser falar, nós falamos. O que você não quiser? — Ele encolheu os ombros. — Bem, então não temos que falar. Você está no controle aqui.

Um suspiro pesado e aliviado deixou meu peito. Ele não tinha ideia do que aquelas palavras significavam para mim, como elas me tocavam de todas as maneiras certas.

E ainda, de alguma forma, talvez ele soubesse.

Estou no controle, repeti, e então sorri.

Porque com essas palavras todos os nervos se acalmavam.

E o jogo estava apenas começando.



— VOCÊ ESTÁ BRINCANDO?! ABRA A PORRA DOS OLHOS, JUÍZ!

As sobrancelhas de Zach se ergueram com a minha explosão, e eu peguei minha cerveja de onde estava descansando no porta-copos, tomando um grande gole e batendo novamente.

— Ridículo, esse cara é cego. — Eu me virei para Zach para confirmar minha avaliação obviamente correta, e ele apenas riu, jogando um milho de pipoca na boca.

— Isso é incrível de assistir — disse ele.

— O jogo?

— Você. Assistindo ao jogo.

Eu corei, lutando contra um sorriso enquanto desviava minha atenção para o campo e a próxima jogada. Estávamos perdendo por três pontos a menos de dois minutos do intervalo.

E, ainda assim, mesmo com nosso time perdendo e os árbitros cegos, eu estava me divertindo.

Talvez fosse a cerveja ajudando meus nervos ou talvez fosse Zach. A partir do momento em que nos sentamos, conversamos, rimos, aplaudimos e — quando a ocasião era certa — váiamos juntos em solidariedade. Estávamos cumprimentando todos os torcedores ao nosso redor quando conseguíamos um touchdown, cantando a letra de *Bear Down* a plenos pulmões e falando mal do outro time para quem não vestisse a camisa do *Bears*.

Zach Bowen era o companheiro de futebol perfeito.

Mas, por mais confortável que ele tenha me deixado, ainda não conseguia fazer nosso time vencer. Eles tinham de fazer isso por conta própria. Faltando menos de dois minutos para o intervalo, precisávamos marcar, e o árbitro nos segurando não estava ajudando.

Colocando meus dedos juntos sobre os lábios, me concentrei na jogada, o coração trovejando.

— Esta parte sempre me deixa tão nervosa — disse a mulher ao meu lado, espelhando minha postura. Ela era pelo menos vinte anos mais velha que eu, a julgar pelo toque de cinza em seu cabelo e as rugas em seu rosto. Compartilhamos alguns *high-fives* ao longo do jogo e agora estávamos compartilhando nossos pequenos ataques cardíacos.

— Eu também. Acho que é ainda pior estar aqui no jogo do que no meu sofá ou em um bar.

Ela riu disso.

— Roy e eu temos ingressos para a temporada há vinte e dois anos, e vou lhe dizer uma coisa: a empolgação nunca desaparece, mas a ansiedade também não.

Zach se inclinou sobre mim então, sorrindo para a mulher.

— Vinte e dois anos? Isso é incrível.

— O que posso dizer? Somos fãs obstinados.

— Mesmo em 2016 — seu marido entrou na conversa, assim que a bola foi lançada. Ele era um pouco mais baixo que ela, e um pouco mais rechonchudo também. Ainda assim, eles compartilhavam um sorriso secreto, um que dizia mais do que as palavras poderiam dizer. Era um sorriso que apenas anos de amor poderiam gerar.

Zach e eu rimos um pouco da piada do marido dela, mas todos os olhos estavam no campo. Corremos a bola, rompendo a linha defensiva dos Bills o suficiente para seguir avançando.

Primeira descida.

Nossa seção aplaudiu quando os caras se alinharam para outra jogada, mas antes que a bola pudesse ser lançada novamente, os Bills pediram tempo.

— A propósito, me chamo Janet — disse a mulher enquanto as telas grandes se enchiam de atualizações sobre os outros jogos que aconteciam em todo o país.

Apertei sua mão antes que ela estendesse a mão para Zach, e Roy acenou para nós de seu assento, ainda franzindo a testa enquanto observava a tela. Isso me lembrou um pouco de como meu avô costumava assistir futebol quando eu era mais jovem — com uma carranca permanente.

— Prazer em conhecê-los — eu disse.

— Este é o seu primeiro ano como titular de ingressos?

Eu balancei a cabeça.

— É de fato. Eu já vim a muitos jogos antes, só nunca tive ingressos para a temporada.

— Bem, seja bem-vinda. E você escolheu uma ótima seção. Não mudamos de assento desde 2002, depois que atualizamos para estes. Na verdade, temos dois assentos extras — continuou ela, apontando para trás de nós, cerca de dez filas para cima e para a direita. — Aqueles ali. Nós os vendemos para este jogo, mas às vezes convidamos amigos.

— Estamos tentando conseguir seus lugares há anos — acrescentou Roy, ainda carrancudo, embora não para nós.

— Roy!

Ele encolheu os ombros.

— O quê? É verdade. Gostaria de ter conseguido o antes de você, mas, ei, eu aceito o que vier. — Ele olhou para nós. — Eles foram comprados por pessoas horríveis nos últimos anos. Pelo menos não são elas sentadas ao nosso lado nesta temporada.

Janet riu disso, sobrancelhas levantadas como se o marido tivesse razão.

— Ele não está errado. Dois caras que se pintavam a cada jogo. O que sempre se sentava ao meu lado cheirava a carne velha esquecida na geladeira por meses.

— Bem, eu prometo, nós não vamos feder. Bem, pelo menos eu não — disse Zach. Então, ele se inclinou, cheirando meu pescoço. — Talvez tenha que tomar cuidado com ela.

Eu bati no braço dele.

— Vocês dois são adoráveis. Recém-casados? — Janet perguntou, procurando anéis em nossas mãos.

— Oh, não — respondi rapidamente, balançando a cabeça. — Nós somos apenas amigos.

Janet me olhou com curiosidade, e quando ela olhou para Zach, deu uma risada. Quando me virei para ele, ele estava apenas levantando as mãos inocentemente.

— Ah, bem, estamos ansiosos para compartilhar a temporada com você — disse ela, piscando para Zach antes de todos voltarmos ao campo para a próxima jogada.

Olhei para aquele barman muito bonito para o seu próprio bem ao meu lado, a suspeita se aproximando.

— O que você disse pelas minhas costas?

— Nada — disse ele, levantando as mãos novamente. — Juro.

— Uh-hum.

Zach apenas sorriu, e eu sorri de volta. Por um segundo, que pareceu mais longo do que o normal, seus olhos se prenderam aos meus, e o calor subiu pelo meu pescoço pela maneira como ele olhava para mim. Era como se aqueles olhos me conhecessem, como se estivéssemos jogando um jogo e ele estivesse três lances à frente.

Eu queria saber mais sobre ele.

Eu queria saber tudo.

Mas a bola foi lançada, e nós dois voltamos nossa atenção para o campo.

— Vamos, vamos — eu sussurrei, observando o relógio enquanto nosso quarterback procurava uma abertura. Mas ele não conseguiu encontrar ninguém, e todos nós assistimos com um estremecimento quando ele foi jogado ao chão.

— Merda — Zach murmurou.

Não havia tempo nem timeouts adicionais, tudo o que nossos caras podiam fazer era voltar à linha. Desta vez, nosso zagueiro passou para nosso *running back* mais ágil, e ele encontrou uma brecha na linha.

— Sim! — Ergui as mãos, observando suas pernas rápidas trabalharem no campo. — Vai Vai Vai Vai!

Ele fez todo o caminho até nossa linha de trinta jardas, garantindo a primeira descida, e todo o estádio explodiu em aplausos.

Zach bateu na minha bunda em comemoração, e minha boca se abriu. Ele ainda estava comemorando enquanto eu olhava boquiaberta para ele, a mão esfregando o local que ele havia esbofeteado. Quando ele olhou para mim novamente, sorriu e deu de ombros.

— O quê? — perguntou. — É assim que comemoramos no futebol.

— Ah, é assim agora?

Ele assentiu.

— É, sim. Mas, ei, sou a favor da justiça. — Ele se virou, oferecendo sua bunda para mim. — Sua vez.

Eu ri, cruzando os braços e balançando a cabeça.

— Quero dizer, não sei se classificaria isso como justo. Só se for para você.

— Não aja como se você não quisesse pegar a minha bunda — ele disse por cima do ombro. — Eu vi você olhando para ela na noite em que nos conhecemos.

Minha boca se abriu mais.

— Eu definitivamente não olhei para sua bunda.

— Claro — disse ele, assentindo. — E eu definitivamente não olhei para o seu decote.

Eu bati na bunda dele, e ele jogou ergueu as mãos, vitorioso.

— Viu? Não se sente melhor?

Revirei os olhos.

— Me sinto violada. Uma mulher não pode ir a um bar e não ter seus peitos cobiçados?

— Uma garota peituda como você? — perguntou, olhos piscando para o meu peito antes de encontrarem os meus novamente. — Provavelmente não.

Eu apenas ri, voltando para o campo para a próxima jogada. Ainda assim, eu não conseguia parar de sorrir — não com Zach ao meu lado. Ele tinha sido desse jeito durante todo o jogo — fazendo piadas, rindo, torcendo. De certa forma, eu estava meio triste por terse oferecido para ser uma rodada de treino, porque eu sabia que depois desta noite, eu nunca mais falaria com ele.

Poderíamos ter sido grandes amigos.

Nossos caras não avançaram nas três jogadas seguintes, então, com apenas alguns segundos para o fim, mandamos três pontos e, com isso, o jogo estava empatado.

Intervalo.

— Adoro jogos assim! — Janet gritou quando a multidão se levantou, todos se aglomerando nas barracas de comida e nos banheiros. — Parece que nossos meninos apareceram prontos para jogar este ano.

— Cacete, e como! — gritei, um sorriso dividindo meu rosto.

Quando Janet e Roy foram para o banheiro, ficamos apenas Zach e eu; nos sentamos em nossos assentos pela primeira vez durante todo o jogo.

— Você quer uma linguiça ou algo assim? Eu posso comprar — ele ofereceu, mas eu balancei a cabeça.

— Não, eu estou bem com cerveja por enquanto. Eu almocei bem. Além disso, se eu conseguisse comer alguma coisa, seria um cachorro-quente, não uma linguiça. — Eu fiz uma careta. — Que nojo.

— Tá brincando, né? — Zach pressionou a mão no peito. — Eu acho... quero dizer, estou pessoalmente ofendido agora.

— Você e todos os outros habitantes de Chicago. Eu sempre fui uma garota que come cachorro-quente. — Dei de ombros. — Me processa.

— Eu poderia.

Sorriso.

— Mas você pode ir buscar comida, se quiser. Posso esperar aqui sozinha. Eu sou adulta, sabe?

— Oh, eu não duvido que você possa se controlar. Mas estou bem por enquanto. — Ele ainda estava me observando com curiosidade. — Espera, não disse no seu perfil que você é italiana?

— Eu sou, na verdade.

— Mas você não gosta de linguças.

— Nós não vamos entrar no assunto comer carne na rua, não é?

— Não até você me dizer o que você tem contra a linguça italiana.

Eu suspirei, virando no meu lugar para encará-lo.

— Ok, para encurtar a história, meu pai é alemão, minha mãe é italiana. Eles ficando juntos foi contra todas as probabilidades de que nossas famílias se odiariam. Foi tão ruim, na verdade, que eu nunca conheci o lado da minha mãe da família. E, honestamente, minha mãe e meu pai viajaram tanto quando eu era criança, que nunca tive a herança italiana que você poderia imaginar. Além do meu amor por vinho tinto e massas. Porque, dã.

Zach sorriu.

— Passei a maior parte do meu tempo com meu avô paterno, e ele era um cara que amava cachorro-quente. Ele tentou me fazer experimentar linguça alemã também — eu disse, torcendo o nariz. — Mas eu também não era fã delas.

Zach assentiu, a boca baixando como se estivesse digerindo o que eu tinha acabado de dizer a ele.

— Tudo bem, então. Garota de cachorro-quente. Nota mental feita. — Ele sorriu. — Você está se divertindo?

— Estou — eu disse, botando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Obrigada por vir aqui comigo. Acho que essa rodada de treino era exatamente o que eu precisava.

O canto da boca de Zach se ergueu em um sorriso, revelando aquela covinha em sua bochecha.

— Ei, sou eu quem está honrado aqui.

— Embora eu me sinta um pouco enganada neste negócio.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Como assim?

— Bem, nós realmente não praticamos muito, se você entende o que quero dizer. Tipo... estávamos apenas assistindo ao jogo.

— Não foi isso que você me convidou para fazer aqui?

— Não. Quero dizer, tecnicamente sim, mas você disse que era uma rodada de treino para tudo isso... — Acenei com a mão. — Essa coisa toda que Belle planejou. E, se formos honestos, você olhou mais para mim do que para o campo.

— Você pode me culpar?

Eu corei, balançando a cabeça e sorrindo.

— Você vai me ajudar ou eu desperdicei meu primeiro ingresso aqui?

Ele riu então, apoiando os braços nas costas das cadeiras. Um deles ficou muito próximo, e meu pulso acelerou com seu bíceps tão perto.

— Quais são suas preocupações?

— Eu não sei — confessei, olhando para minhas mãos no meu colo. — Quero dizer, eu nem sei o que se faz em um encontro agora. Tipo, damos as mãos? Isso parece estranho para um jogo de futebol.

— Se parece estranho, não faça.

— Nós nos beijamos?

— Se você quiser.

Os olhos de Zach brilharam com isso, e minhas bochechas tingiram mais.

— Eu só... eu não sei. Preciso ter um plano, mas não sei nem por onde começar. Tipo, eu faço uma lista de coisas que ele deve fazer ou dizer, e se ele atender às qualificações, então eu o beijo depois do jogo e o convido para minha casa? — Meu cérebro parecia gostar disso, porque eu já estava concordando antes mesmo de Zach responder. — Oh, sim. Acho que deveria haver uma lista. Tipo, deve beber cerveja e saber a letra de *Bear Down*. Ah, e deve gostar de cachorro-quente.

Eu pisquei para ele, e Zach riu.

— Por que você tem que ter uma lista e um plano? — perguntou, tomando um gole de sua cerveja. Ele ergueu a mão para um dos caras que passavam vendendo bebidas e tirou vinte dólares para nos pegar mais duas antes de se virar para mim. — Quero dizer, por que não apenas aproveitar o jogo juntos, se divertir e ver como você está se sentindo? Ir com o fluxo. Entende?

— Ir com o fluxo — eu brinquei. — Deus, se você me conhecesse, você perceberia quão ridícula é essa proposta.

— Bem, eu não te conheço. Ainda não. E nem esses outros caras. E essa não é a parte divertida? — Zach deu de ombros, me entregando uma cerveja gelada. — Você pode ser quem quiser, especialmente se for apenas uma noite. Apenas divirta-se com isso.

— Você está sugerindo que eu minta?

— Não — ele respondeu rapidamente, levando a garrafa aos lábios. Então deu de ombros. — Mas não estou dizendo que você não pode mentir. Se for divertido. Se for o que você quiser fazer.

Os olhos de Carlo brilharam em minha mente como um acidente de carro, aqueles olhos azuis que eu pensei que nunca poderiam olhar nos meus enquanto seus lábios me diziam outra coisa além da verdade.

Mas ele mentiu para mim com tanta facilidade, por tanto tempo, sem que eu tivesse uma única pista...

Eu me perguntei se ele fez isso só porque queria.

Só porque era divertido.

— Eu não quero mentir — eu disse um pouco mais dura do que pretendia. — Mentirosos estão no topo de duas das minhas listas. — Eu levantei um dedo. — Coisas que eu nunca quero ser — eu disse, então levantei o segundo dedo. — E pessoas que eu nunca quero na minha vida.

— Ok — ele disse, me observando com curiosidade, as mãos para cima em sinal de rendição. — Sem mentiras. Entendi. Mas, ainda assim, acho que você deveria apenas relaxar e tentar se divertir. Sem listas. Sem planos. Apenas viva.

Eu pisquei para ele.

— Você está olhando para mim como se eu tivesse falado em mandarim.

— Você poderia muito bem ter feito isso.

— Você realmente faz essas listas? Quero dizer, isso é realmente um lance seu?

Peguei meu telefone, abrindo o aplicativo de notas e mostrando a ele. Nota após nota, linha após linha, havia listas. As que eu vi ou editei mais recentemente foram filtradas no topo. E havia listas para tudo, desde o que eu precisava comprar no supermercado amanhã até o que eu precisava fazer

antes de completar trinta anos. A mais recente era tudo o que eu precisava fazer antes de sair para o jogo de hoje.

Ele clicou nesta, abrindo-a antes que eu pudesse detê-lo.

— Raspe as coisas — ele leu, e uma sobrancelha subiu enquanto sorria para mim. — Ok, talvez eu possa curtir suas listas.

Fechei o aplicativo rapidamente, enfiado meu telefone na minha bolsa enquanto ele ria.

— Isso pode ser engraçado para você — eu disse, sorrindo, apesar do pequeno tom de mágoa que eu sentia por dentro. Ele não foi o primeiro a tirar sarro de mim pela forma como lidava com meus sentimentos e ansiedades, e ele não seria o último. — Mas funciona para mim, ok?

A expressão de Zach suavizou, e ele se inclinou para frente, um cotovelo no joelho enquanto sua outra mão agarrou a minha.

— Eu sinto muito. Eu não estou rindo de você.

— Você está rindo comigo? — eu zombei.

— Não. Só estou rindo porque estou me divertindo e porque você é a mulher mais interessante, única e adorável que já conheci.

Meu coração parou com essas palavras, voltando à vida alguns momentos depois, quando Janet e Roy se sentaram ao nosso lado. Zach apenas sorriu, seus olhos ainda nos meus enquanto Janet falava sobre como as filas estavam grandes, e como era coisa de principiante se levantar durante o intervalo.

Mal registrei uma palavra.

Tudo o que eu podia fazer era olhar para o homem que ainda estava com a mão no meu joelho, imaginando de onde ele vinha e o que ele via que eu não via.

Então, comecei mentalmente uma nova lista.

Coisas que eu gosto em Zach Bowen.



CAPÍTULO 4

Zach

MEU PAI UMA VEZ ME DISSE QUE SOUBE DESDE A PRIMEIRA vez que viu minha mãe que um dia se casaria com ela.

Ele disse que eles estavam na sexta série, andando em fila indiana em direções opostas — ela estava voltando para a aula, a turma dele estava indo para a sala de música. Do outro lado do corredor, minha mãe sorriu para ele.

E ali mesmo ele soube.

Eu sempre pensei que era uma loucura. Mesmo o romântico em mim achou isso um pouco exagerado. Quando eu estava na sexta série, a única coisa que conseguia prender minha atenção por mais de dez segundos era o game Crash Bandicoot no meu PlayStation.

Mas aqui estava eu, menos de três horas depois da minha primeira noite com Gemma Mancini, quando, de repente, entendi.

Não que eu quisesse me casar com a garota — eu não era tão louco. Pelo menos, não reconhecidamente assim. Mas havia... algo sobre ela. Eu não conseguia tirar os olhos dela, do jeito que ela ria antes de tomar um longo gole de cerveja, ou do jeito que seu narizinho se mexia quando ela discordava de uma decisão do árbitro. Eu ri de suas piadas estúpidas e suas regras estúpidas e listas para a vida. Eu sorri pela maneira respeitosa como

ela falou com o casal mais velho sentado do lado dela, e pela forma como seus olhos se arregalaram, as bochechas corando, toda vez que eu a tocava.

O cabelo dela.

A mão dela.

A perna dela.

Não, eu não queria sair comprando um anel, mas uma coisa era certa.

Eu queria mais.

No meio do quarto tempo, o *Bears* estava perdendo por sete pontos, e Gemma não estava feliz com isso. Ela estava com as mãos entrelaçadas sobre a cabeça, os olhos no campo, como se pudesse de alguma forma controlar a bola com o olhar. Eu apenas a observei, tentando me concentrar em quão divertida ela era, em vez de quão divertido o futebol costumava ser. Era fácil pensar nela, mas me permitir lembrar do futebol, cair naquele buraco profundo de memórias... iria doer.

Ainda assim, não pude escapar da verdade – não quando estava tão perto do esporte que costumava ser tudo na minha vida.

Eu sentia falta.

Entrando no estádio, fiquei impressionado com a rapidez com que tudo voltou para mim – o cheiro do gramado, o som deles batendo uns contra os outros no campo, o rugido da multidão. A última vez que estive tão perto de um campo de futebol foi há quase doze anos.

Eu não tinha tocado em uma bola de futebol desde então.

De repente, meus dedos coçaram para sentir o couro novamente, para traçar aquela costura branca antes de enfiar a bola debaixo do braço e correr pelo campo para um touchdown. Mas eu não poderia fazer isso comigo mesmo, não quando eu sabia qual seria o resultado. Não importava quão honrosas fossem minhas intenções quando desisti do meu sonho, ou como valia a pena todos os dias que meu irmão acordasse e pudesse viver mais vinte e quatro horas.

Ainda era uma ferida.

Um corte aberto, pegajoso e sensível.

E eu sabia, sem dúvida, que se eu abrisse aquele corte, mesmo que um centímetro, ele nunca mais cicatrizaria.

Mal estava sendo contido pelo que pareciam ser chicletes e cliques de papel.

Um bufo alto e exagerado de algumas fileiras atrás de nós me trouxe de volta ao momento, ao jogo atual, e eu sacudi minhas memórias, me concentrando na próxima jogada.

— Ei! — Uma voz rouca gritou atrás de nós.

Olhei para Gemma, que ainda estava olhando para o campo. Nossos caras estavam na outra *end zone*, o quarterback procurando por um receptor aberto.

— Ei! — a voz disse novamente, e desta vez eu me virei, encontrando um fã do *Bears* com o rosto vermelho olhando para mim de três fileiras acima.

Eu arqueei uma sobrancelha, e ele apontou para Gemma com um dedo atarracado.

— Vocês dois estão gostando do jogo?

Gemma se virou então, confusão escrita em seu rosto. Nenhum de nós sabia como responder. Era uma pergunta bastante simples, mas do jeito que o homem fez, senti como se estivéssemos entrando em uma armadilha.

— Espero que vocês estejam, porque o resto de nós não consegue daqui!
— Ele apontou para nossos assentos, suor escorrendo de seu esfregão preto encaracolado até o pedaço de cabelo no peito saindo de sua camisa do *Bears*. — Sente-se, não há nada acontecendo.

A multidão ao nosso redor de repente ficou mais interessada em nossa interação do que na jogada que acontecia do outro lado do campo, e eu apertei meu maxilar com força, adrenalina subindo em minhas veias. Eu já tive meu quinhão de brigas de bar e conhecia todos os sinais de um idiota bêbado e raivoso.

Mas antes que eu pudesse dizer uma palavra, Gemma se virou e botou as duas mãos nos quadris.

— Desculpe?

Sua pequena boca estava aberta, aquele lábio inferior carnudo e rosa quase fazendo beicinho enquanto olhava para o homem e deixava seu peso mudar para um lado.

— Você está brincando comigo, certo? — disse, incrédula. — Estamos em um jogo de futebol americano.

— Sim, mas você não tem que ficar de pé o tempo todo.

Mais uma vez, abri minha boca, mas Gemma levantou um dedo e apontou diretamente para o homem de rosto vermelho.

— Eu vou fazer o que diabos eu quiser. Eu sou titular de ingressos para a temporada, amigo, e se você quer ficar sentado vendo o jogo, você deveria ir a um bar ou ficar em casa no seu sofá.

A multidão ao nosso redor explodiu em uma mistura de risos e oooohs.

— Você é literalmente a única que está de pé agora — ele apontou.

Gemma olhou ao redor, vendo a verdade em sua declaração, e embora suas bochechas estivessem um pouco coradas, ela endireitou a postura. De queixo erguido, cruzou os braços.

— E você é o único que reclama disso.

Nosso oponente estufou o peito, os olhos pousando com força em mim.

— Controle sua mulher, babaca. Deveria tê-la deixado em casa.

Desta vez, eu apertei minha mandíbula com tanta força, que doeu.

Minhas mãos estavam se fechando em punhos por vontade própria, os músculos se esticando pela vibe de luta ou fuga. E comigo? Sempre foi luta.

Mas eu estava no jogo com Gemma, e a última coisa que eu queria era nos expulsar. Então, eu segurei uma respiração, estalando meu pescoço para aliviar um pouco a tensão.

— Estamos aqui para assistir ao jogo — eu disse a ele, o mais calmamente que pude com a raiva rugindo através de mim. — E torcemos pelo mesmo time. Vamos apenas diminuir um pouco o tom.

— Não posso torcer por nenhum time, idiota, porque não posso ver. — Ele gesticulou com a mão gordinha em direção ao campo.

— Como essa coisinha está bloqueando sua visão? — perguntei, apontando para Gemma. — A menina deve vestir 38, no máximo, e tem pelo menos uns vinte centímetros a menos que você. E você está três fileiras acima!

— Diga a sua piranha para se sentar! — ele grunhiu, uma veia saltando em seu pescoço quando a última palavra saiu.

Cabeças se viraram em sua direção, alguns outros caras gritando que seu comentário tinha ido longe demais enquanto as mulheres ofegavam em choque.

Os punhos de Gemma se fecharam, e ela se lançou para frente, as mãos pegando as costas de sua cadeira como se ela estivesse pronta para subir.

Eu quase ri — não pelo fato de eu estar prestes a brigar por essa garota ser engraçada, mas porque ela era de alguma forma ainda mais adorável quando estava chateada.

Antes que ela pudesse colocar um pé em seu assento para subir, eu a peguei pela cintura, envolvendo ambos os braços ao redor de sua estrutura instável.

— Eu só vou te pedir isso uma vez — eu disse com os dentes cerrados, ainda segurando uma Gemma ofegante enquanto ela olhava para o homem. — Peça desculpas.

— Foda-se — ele cuspiu.

Jogando Gemma atrás de mim, subi no meu assento, evitando uma família de torcedores do Bills até estar na cara do cara. Ele se preparou, pronto para me bater primeiro, e eu lambi meus lábios com um sorriso malicioso.

Oh, por favor, me bata, filho da puta.

Mas antes que ele pudesse, o segurança rompeu a comoção, pressionando uma mão com força no meu peito para me empurrar para trás.

— Tudo bem, pessoal, chega. Vocês dois se acalmem ou eu vou jogar ambos lá fora.

O segurança era menor do que eu, e o idiota ainda me encarava, por um segundo, debati o risco versus a recompensa. O segurança provavelmente seria incapaz de nos separar muito rapidamente – não sem apoio. E embora ser expulso do jogo fosse uma droga, eu teria pelo menos alguns chutes desbloqueados. E quebrar alguns dentes desse homem... valeria a pena?

Hmmm...

— Zach — Gemma disse, puxando meu braço. Seus olhos esmeralda se misturaram com o gramado verde atrás dela, e assim que olhei para aquele campo, nosso zagueiro deu um passe incompleto.

Merda.

Gemma me convidou para assistir ao jogo, não para que eu fizesse com que fosse expulsa.

Dei um passo para trás, as mãos no ar enquanto o segurança arqueava uma sobrancelha para mim antes de se virar para o homem acima de mim.

— Qual é o problema aqui?

— Esses dois babacas não sentam para podermos ver o jogo.

Isso rendeu uma risada altiva de um dos adolescentes que tive de desviar quando subi no meu assento. Ele estava vestindo uma camisa do Bills, e percebi que estava gravando tudo em seu telefone.

— Do que diabos você está rindo? — o homem disse ao garoto.

— Eu acho hilário que você esteja de calcinha apertada, quando sou eu quem está sentado bem atrás dela, e eu posso ver muito bem.

A multidão riu disso, e algumas pessoas fizeram comentários inteligentes sobre como era embaraçoso para esse cara ter um fã do Bills o botando em seu lugar. Até o segurança teve de lutar contra um sorriso, mas ele se transformou em uma careta quando me encarou novamente.

— Infelizmente, a regra é que a maioria vença. Se a maioria dos fãs ao seu redor estão sentados, você deveria sentar também.

— O quê?! — Gemma gritou, jogando a mão na direção do guarda. — Estamos em um jogo de futebol, pelo amor de Deus!

Novamente, adorável.

O cara que causou o drama se regozijou, cruzando os braços grossos sobre o peito com um sorriso satisfeito. Eu queria arrancar aquele sorriso com meu punho, mas de repente, Janet e Roy se levantaram em um movimento unificado.

Janet olhou para o homem, colocando um braço ao redor de Gemma e segurando seus ombros erguidos.

— É o último tempo do jogo e precisamos nos reunir e vencer essa coisa. — Ela olhou para a multidão ao nosso redor. — O que vocês acham de torcermos para esses meninos até o fim? — E então, ela olhou incisivamente para o homem novamente. — Em pé.

As sobrancelhas do guarda dispararam em seu couro cabeludo ao ver a coragem de Janet, e como uma onda lenta e disforme, todos na fileira daquele homem raivoso e rechonchudo começaram a se levantar.

E depois a fileira com a família torcedora do Bills.

E então nossa fileira. Até que toda a seção que tinha ouvido a discussão estava de pé.

— Bem — disse o garoto do Bills, ainda segurando o celular para gravar. — Parece que a maioria faz as regras.

Todos aplaudiram e comemoraram, e embora eu não achasse que fosse possível, o rosto do homem ficou ainda mais vermelho. Ele pegou sua cerveja do suporte, passou pelo segurança e subiu as escadas, esquivando-se de pipoca e guardanapos sendo jogados nele enquanto subia.

O garoto do Bills me deu um *high-five*, guardando seu telefone enquanto eu subia de volta no meu assento. Um tempo foi pedido no campo quando Gemma olhou para mim, seus lábios puxados para um lado enquanto seus olhos brilhavam sob as luzes do estádio.

— O quê? — eu perguntei, pegando minha cerveja.

— Você ia brigar com aquele cara por mim.

— Você acha? — Eu tomei um gole. — Talvez eu fosse apenas sentar e assistir você vencer sua própria batalha.

Ela balançou a cabeça, o narizinho franzido novamente.

— Você ia derrubá-lo e ser expulso do jogo de abertura em casa apenas para defender minha honra.

— Você está chateada com isso?

Gemma fez uma pausa, os olhos saltando entre os meus, como se ela estivesse tentando encontrar respostas para alguma pergunta que ainda nem tinha feito.

— Não — ela finalmente disse. — Estou um pouco surpresa com isso, no entanto.

— O que, eu não pareço do tipo que vai defender sua garota?

Ela mordeu o lábio, os dentes rolando sobre a pele manchada de rosa enquanto lutava contra um sorriso.

— Acho que o cavalheirismo não está completamente morto.

— Não esta noite, princesa.

Do jeito que Gemma estava olhando para mim, eu queria que ela fizesse isso a noite toda. Eu queria aqueles olhos em mim quando soasse o apito final, quando a porta da casa dela se fechasse atrás de nós, quando aquela

regata laranja apertada estivesse no chão e aquelas pernas longas e bronzeadas estivessem enganchadas sobre os meus ombros.

Mas aquelas poças de esmeralda sumiram ao som da bola sendo arremessada, e como se nada tivesse acontecido, todos os olhos estavam de volta ao campo.



O jogo terminou menos de vinte minutos depois, com o *Bears* fazendo um touchdown e selando sua primeira vitória na temporada regular com uma conversão de dois pontos.

Gemma pulou em meus braços enquanto o estádio inteiro enlouquecia, e um rugido muito profundo e, para ser honesto, um pouco aterrorizante rasgou da garganta daquela mocinha como se ela fosse um zagueiro do time, e não uma fã de um metro e meio na seção 124. Mas eu não conseguia fazer nada além de rir.

Pelo menos, até nós dois percebermos que ela estava em meus braços.

Uma de suas mãos enganchou em volta do meu pescoço enquanto o outro punho bombeava no ar e cumprimentava todos os fãs ao seu redor. Suas pernas me agarraram quando pulou em mim como uma *banshee*, e quando finalmente se virou para mim, peito arfando e sorriso dividindo seu rosto, nós dois paramos.

O tempo se transformou, a multidão rugindo em torno da gente passou a algo mais como um sussurro distante. O locutor continuou, a comemoração continuou, mas naquele momento, tudo o que podíamos fazer era ficar parados.

E eu senti isso de novo.

Eu não sabia o que era, como chamar, como nomear, classificar e arquivar.

Eu só sabia que era alguma coisa. Algo diferente. Algo mais.

Gemma passou a mão livre pelos cabelos, o sorriso caindo quando seus olhos pousaram em meus lábios, nós dois respirando.

Nós dois olhando.

Sua mão pressionou o meu peito, e ela soltou seus tornozelos de trás de mim, deslizando pela minha frente até que seus dedos tocassem o chão

novamente.

— Desculpa — ela murmurou, puxando o cabelo sobre um ombro enquanto olhava para mim com as bochechas rosadas. — Eu só... fiquei empolgada quando vencemos.

— Ei, está tudo bem — eu disse, tocando seu nariz. — Rodada de teste, lembra?

Ela riu nervosamente, os olhos contornando seus Keds antes de subirem lentamente para encontrar os meus. E quando o fizeram, toda aquela ousadia, aquela confiança, aquela diversão? Tudo se foi.

Seus olhos estavam arregalados, assustados, os dedos girando em seu cabelo enquanto ela mordia o lábio inferior. Eu a observei engolir em seco, o movimento esticando seu pescoço delicado, e então ela disse algo.

— O que foi? — perguntei, me inclinando. A multidão ainda estava barulhenta, um refrão desafinado da música *Bear Down* soando.

Gemma falou novamente, mas eu ainda não conseguia ouvi-la.

— O que foi? — perguntei novamente, colocando minha orelha bem em seus lábios.

E, claro, assim que houve uma pausa no barulho, ela gritou:

— Você quer voltar para a minha casa?!

Algumas pessoas viraram a cabeça em nossa direção, sorrisos e risos nos cumprimentando de todos os lados enquanto Gemma corava em um vermelho profundo e se dobrava sobre si mesma. Eu ri, balançando a cabeça enquanto a observava recuar.

— Realmente deveria ser ilegal uma mulher ser tão bonitinha.

Seus ombros caíram, um sorriso irrompeu quando ela balançou a cabeça, envergonhada.

— Eu concordo — Janet disse atrás dela, apertando o ombro de Gemma.

— Ok, vocês dois. Divirtam-se esta noite. Os mais velhos vão lutar contra essa multidão e voltar para casa.

— Foi muito bom conhecer você — Gemma disse, envolvendo Janet em um abraço. — Mal posso esperar para torcer pelos nossos meninos durante toda a temporada com você.

— Só não comece a aparecer com pintura corporal — Roy resmungou.

Todos nós rimos disso.



CAPÍTULO 5

Zach

MINHA MENTE ESTAVA CAMBALEANDO ENQUANTO atravessávamos a multidão, as mãos de Gemma enfiadas nos bolsos traseiros de seu short. Eu ainda podia sentir a adrenalina do jogo correndo por mim, e agora aquele sangue estava bombeando direto para outra região, em antecipação do que estava prestes a acontecer.

Fazia um tempo desde a última vez em que eu levei uma garota para casa, ou fui para a casa dela. Por volta dos vinte e oito, eu me cansei dos encontros de uma noite. Não que eu não tivesse nenhum desde então, só que aconteciam em menor quantidade e mais espaçados entre si.

E o pensamento de quebrar aquele período de seca com Gemma foi mais do que suficiente para me deixar duro antes mesmo de sairmos do campo.

Eu me ajeitei no short, andando atrás de Gemma até a fila do táxi, mas quando entramos em um para ir para a casa dela, Gemma ficou completamente em silêncio, seus olhos arregalados observando os carros passarem pela janela.

Eu a observei torcer as mãos no colo, ignorando cada mensagem que iluminava seu telefone. Não pude deixar de notar que a maioria delas eram de Belle.

E não pude deixar de notar que Gemma estava nervosa.

Ela não conseguia respirar tranquilamente, não conseguia falar, não conseguia me olhar.

Paramos em um dos prédios no centro da cidade menos de meia hora após deixar nossos assentos, mesmo com o trânsito, e Gemma não tinha falado uma única palavra comigo nesse tempo. O silêncio nos envolveu enquanto nós subíamos de elevador até o vigésimo segundo andar.

Com meu instinto, tudo que eu queria fazer era entrar na cabeça dela. Eu queria perguntar o que ela estava pensando, o que estava sentindo, o que estava fazendo suas palmas suarem agora. Ela mencionou que fazia um tempo que não ficava com ninguém — mas eu não sabia por quê.

Ainda assim, não a pressionei. Pelo que ela me disse no início da noite, era uma mulher que gostava de controle. Então, eu a deixei pensar, deixei fazer suas listas e seus planos.

Ela não precisava saber que tudo isso sumiria do planejamento quando estivesse nua.

— Aqui é o meu — ela disse finalmente, sua voz um pouco rouca quando destrancou a porta 2206. Ela entrou, segurando a porta aberta para mim, e assim que entrei atrás dela, soltei um longo assobio.

— Uau — eu disse, examinando o espaço. As luzes do centro de Chicago enchiam o apartamento, mesmo enquanto Gemma andava ligando lâmpada após lâmpada. Esse brilho suave só parecia destacar mais o apelo moderno do espaço.

Segui adiante sobre o piso de madeira, passando por sua sala de estar até que eu estava de pé em uma das janelas do chão ao teto com vista para o horizonte. O rio também estava à vista, a água refletindo as luzes da cidade, pequenos barcos ainda navegando sob as pontes.

— Droga, garota — eu disse, examinando a vista. — Isto sim é um apartamento.

Ela deu de ombros, ainda de pé ao lado da última lâmpada que acendeu ao lado de seu sofá. Suas chaves estavam agarradas em uma mão, a outra esfregando a parte traseira de seu pescoço.

— Obrigada. É, hm... — Ela apertou os lábios. — Continuo me acostumando.

— Não mora aqui há muito tempo?

Ela balançou a cabeça, os olhos caindo no chão.

— Eu morava no subúrbio... então é uma pequena mudança.

— No subúrbio, hein? Acho que aquele cara viu algo em você, então.

— Ugh, que cara merda.

— Era mesmo — eu concordei com uma risada, enfiando as mãos nos bolsos. Eu me encostei à janela, e, de repente, uma onda de energia aquecida caiu sobre nós como um cobertor.

Deixei meus olhos subirem pelas pernas de Gemma, perambulando pelo tecido apertado de sua regata antes de encontrar seu olhar. E assim que meus olhos se fixaram nos dela, ela deixou cair as chaves.

— Merda — ela sussurrou-gritou, curvando-se para recuperá-las rapidamente. Ela as deixou sobre a mesa, propositalmente desta vez, passando as mãos pelos cabelos com um sorriso envergonhado antes de enfiar as mãos nos bolsos traseiros. — Ahn, você quer algo para beber?

Eu não respondi, mas ela foi até a cozinha de qualquer maneira.

— Eu tenho... bem — disse ela, apoiando seu peso em um quadril enquanto examinava o conteúdo da geladeira. — Eu não tenho muito, honestamente.

A maneira como seu apartamento era organizado, a cozinha e a sala de estar abertas e conectadas, tornava mais fácil para mim observá-la do outro lado da sala. Eu podia ver o pânico se instalando em seu rosto enquanto ela examinava a geladeira.

— Eu, ahn, eu tomo shakes de proteína, água e suco de laranja. Eu tenho vinho, eu acho — ela disse, deixando a geladeira fechar enquanto rapidamente abria um armário. Havia uma garrafa de vinho tinto dentro, e ela soltou um suspiro aliviado. — Sim! Eu tenho vinho.

Ela puxou a garrafa para baixo, segurando-a para mim.

— Viu? Não é cerveja, mas, ei, é italiano. — Ela riu. Era uma risada nervosa e esvoaçante.

Eu apenas sorri mais largo.

Ela engoliu em seco, seus olhos passando dos meus para a barra do meu jeans antes de se virar para pegar o saca-rolha.

— Obrigada por vir — disse ela, alinhando o parafuso com a rolha. Então, ela se encolheu, virando-se para mim. — Isso foi estranho? Eu não deveria fazer isso?

— Foi estranho?

— Um pouco.

Eu levantei ambas as sobrancelhas em resposta.

— Bem, o que eu disse antes?

— Não deixe parecer estranho. — Ela suspirou, inclinando-se contra o armário. — E se parecer?

— Não vai — eu assegurei a ela, me afastando da janela. A pobre garota ia ter um ataque de pânico se eu não ajudasse a direcionar a energia aqui. — Este lugar é realmente impressionante, Gemma. O que fez você se mudar para cá?

Seus olhos se suavizaram com isso, o que era estranho, porque era quase como se ela tivesse colocado uma máscara naquele momento. Ela se virou para a garrafa novamente, enfiando mais o parafuso na rolha.

— Belle mora alguns andares acima. É bom conhecer gente nova. Além disso, ela é minha chefe e trabalhamos juntas. É conveniente.

— Sua chefe?

Ela assentiu.

— Ela é dona de uma empresa de design de interiores. E eu sou sua assistente. Embora, se você perguntar a ela, ela vá dizer que eu sou mais como uma parceira no negócio. — Gemma sorriu um pouco com isso. — Ela gosta de fazer o design, as coisas das pessoas, e eu cuido do resto. É bom; atende a todas as minhas necessidades de mania de organização.

Eu sorri, assentindo. Observando a limpeza de seu apartamento, tive certeza de que ela não estava brincando sobre o lance de mania de organização. E vendo como seu telefone estava literalmente cheio de listas, metas, planos e regras? Sim. Fazia sentido.

— E você acabou de se mudar? — perguntei depois de um momento, examinando seu sofá moderno, todo branco, e sua televisão elegante.

Os tons da casa eram sóbrios: muito prateado, cinza, branco, bege. Havia um tapete cinza felpudo sob a mesa elegante e geométrica na frente do sofá, e apenas uma grande tela pendurada na parede oposta à TV.

Parecia uma casa de revista, não uma em que ela morava.

— Comprei há cerca de oito meses.

— Isso explica a falta de fotografias ou qualquer outra indicação de que um ser humano vive aqui — provoqueei.

Gemma apenas continuou focada na garrafa.

— O que fez você querer sair dos subúrbios?

A rolha saiu da garrafa, e ela deixou cair o abridor com a rolha ainda presa no balcão.

— É uma longa história, e estou sóbria demais para contá-la. Podemos mudar de assunto?

— Podemos — eu disse facilmente enquanto ia até a cozinha. Apoiei meus cotovelos no balcão, observando-a servir duas taças cheias de vinho tinto. — Sobre o que você quer falar?

Ela me entregou minha taça, inclinando o dela com um sorriso antes de beber metade em um gole.

— Um brinde a você também. — Eu levantei minha taça com um sorriso, tomando um gole logo em seguida.

— Música! — ela disse em voz alta, estalando os dedos. Seu cabelo escuro balançava sobre seus ombros enquanto ela se aproximava de um grande alto-falante no canto da sala. — Preciso colocar música. O que você gosta de ouvir? Aqui, eu posso simplesmente colocar... isso.

Ela digitou algo em seu telefone, e uma batida lenta e sexy encheu a sala. Quando o primeiro verso começou, eu não pude deixar de rir.

Let's Get It On, de Marvin Gaye.

Seus olhos se arregalaram, e ela olhou para mim por cima de um ombro.

— Oh, Deus, isso é demais, não é? É muito clichê.

Ela clicou em seu telefone enquanto eu tomava outro gole do meu vinho, observando-a com um sorriso.

— Eu deveria ter feito uma playlist. Deus, por que não pensei em fazer uma playlist?

Ela ainda estava falando sozinha quando coloquei meu vinho no balcão, atravessando a sala até onde ela estava. Tracei as linhas de seu pescoço esbelto, suas costas, o cabelo que ela puxou sobre um ombro enquanto balançava a cabeça.

— Provavelmente porque eu não tenho ideia do que colocar em uma playlist para esse tipo de coisa — ela murmurou para si mesma, ainda

tocando em seu telefone.

— Que tipo de coisa? — sussurrei contra seu pescoço.

Ela pulou um pouco quando minhas mãos deslizaram ao redor de seus quadris, puxando-a contra mim. Cada músculo de seu corpo estava rígido, sua respiração presa.

— Uh... isso... hum... — Ela engoliu em seco, ainda segurando seu telefone, ainda rígida como uma tábua em meus braços. — Oh, Deus.

— Que mulher religiosa — eu provoquei.

— Oh, Deus.

Eu ri, girando-a em meus braços até que ela estava de frente para mim. Peguei o telefone de suas mãos, coloquei-o em cima do alto-falante e deslizei as mãos nos bolsos traseiros de seu short jeans. Então, eu estabeleci meu olhar sobre o dela.

— Ei — eu disse, procurando aqueles olhos verdes sem fim de Gemma.

Como a luz baixa das suas lâmpadas refletia em seu olhar, me permitia ver apenas um leve toque de azul girando ao redor das pupilas. Mas ela não conseguia sustentar meu olhar, olhando para o meu peito ou para o chão, em vez disso.

— Olhe para mim.

Ela balançou a cabeça.

— Gemma — eu soltei, rindo e inclinando seu queixo para cima com o dedo. — Olhe para mim.

Quando ela finalmente o fez, foi como uma garotinha olha para uma porta de armário que se abre sozinha no escuro. Era como se eu fosse cada monstro, cada medo enraizado que ela já conheceu na frente dela pela primeira vez.

— Respire fundo — eu disse e comecei com uma inspiração profunda, a dela espelhando a minha. — Agora solte.

Ela soltou um suspiro, e seus ombros murcharam junto, sua cabeça batendo no meu ombro. Ela soltou um gemido suave, balançando a cabeça antes de levantá-la para encontrar meu olhar novamente.

— Sinto muito — disse ela em um suspiro. — Eu só... eu nunca fiz isso antes. Em teoria, parece fácil, mas agora que estamos aqui...

— É assustador.

Ela sorriu.

— Tão, tão assustador.

— Se isso ajuda, eu também estou com um pouco de medo.

Seus olhos dobraram com isso.

— Você? — Ela riu. — Você não parece nem um pouco assustado.

— Estou — eu disse, e tirei uma mão do bolso dela e a ergui entre nós.

— Viu? Estou até tremendo um pouco.

Ela olhou para minha mão trêmula, então a afastou, empurrando meu peito.

— Você está fingindo.

Eu sorri.

— Ok, talvez eu não esteja tremendo — eu disse, envolvendo-a em meus braços e puxando-a contra mim novamente. Sua respiração ficou presa, os olhos passando rapidamente para os meus lábios. — Mas estou nervoso.

— Por quê?

Eu ri.

— Você já se olhou no espelho? — Seus olhos encontraram os meus então. — Você é linda, Gemma. Você pode estar nervosa porque já faz um tempo que não faz isso, mas mesmo que tivesse feito ontem, ainda sentiria o que está sentindo agora. E sabe de uma coisa? — Dei de ombros. — É meio que a melhor parte.

— Sentir que vou vomitar é a melhor parte desta noite? — Ela torceu o nariz. — Você não está me convencendo.

Eu lutei contra um sorriso, levantando seu queixo novamente, até que nossos lábios estavam a apenas alguns centímetros de distância.

— Não, a excitação. — Engoli em seco, procurando seus olhos antes que meu olhar pousasse naqueles lábios cheios dela, lábios esses que eu estava morrendo de vontade de provar. — Você está tremendo porque quer me tocar, porque quer que eu te toque. É aquela adrenalina de ter as mãos de alguém no seu corpo, alguém novo, alguém que faz seu coração disparar e sua respiração ficar ofegante.

Como se fosse uma deixa, ela soltou uma respiração suave e superficial.

— Eu não sei como fazer isso — ela confessou, a voz um pouco acima de um sussurro.

— Me deixa te mostrar.

Deslizei a mão sobre seu pescoço, os dedos subindo, até que seu cabelo estava preso em minhas mãos. Eu puxei — só um pouco, inclinando seus lábios em direção aos meus — e então, quando ela estava na ponta dos pés, seu hálito doce encontrando meus lábios, eu a beijei.

Seus lábios quentes tremeram sob a pressão dos meus, calafrios correndo por seus braços, mas ela suspirou, inclinando-se para mim enquanto seu corpo desabava no meu. Ela fechou as mãos em torno da minha camiseta, e eu apertei a pegada no seu cabelo. Quando ela abriu aquela boquinha dela e me deixou deslizar minha língua para dentro, nós dois gememos, e todo o sangue do meu corpo correu para onde eu mais sentia o impacto.

Com minhas mãos segurando-a firme, eu encaminhei Gemma até que ela batesse no braço do sofá. Assim que isso aconteceu, ela levantou as pernas, as passando ao meu redor e puxando meu pescoço para baixo, para que pudesse me beijar mais forte. Sua boca devorou a minha, e quando eu chupei aquele lábio inferior dela e soltei com um estalo, balancei a cabeça com um sorriso.

— Eu pensei que você disse que não sabia como fazer isso.

— Estou me lembrando.

As palavras foram mais como uma ofensa, e então suas mãos estavam no meu cabelo, me puxando de volta para beijá-la. Eu sorri, correndo minhas mãos por suas costas, para segurar sua bunda e rolá-la contra o meu pau duro. Nós dois gememos por isso, e por mais que eu quisesse me enterrar tão profundamente dentro dela que precisaria de um mapa para encontrar a saída, eu sabia que não podia.

Ainda não. Não essa noite.

Gemma estava nervosa. Ela estava experimentando esse lance de encontros pela primeira vez em quem sabe quanto tempo. Eu não sabia se ela estava envolvida no trabalho, se alguém havia partido seu coração, se ela estava em um relacionamento de longo prazo ou se nunca teve um namorado em sua vida.

Tudo o que eu sabia era que ela era uma das mulheres mais bonitas e únicas que já conheci na minha vida.

E eu queria dar prazer a ela.

Eu deveria tê-la levado para a cama. Eu deveria ter demorado, desacelerado, tirado cada peça de roupa dela com paciência e reverência. Mas depois de uma noite sentado ao lado dela com aquele short minúsculo, de ver seus seios perfeitos saltarem naquela regata toda vez que ela pulava, torcendo pelo time – eu não esperei mais.

— Incline-se para trás — eu exigi, apoiando um travesseiro no sofá.

Quando ela deslizou para trás, tentou se mover para fora do braço do sofá, eu apertei sua coxa.

— Não — eu disse, tomando sua boca enquanto a inclinava para trás. — Essa bunda perfeita fica aqui.

Eu me afastei com um sorriso malicioso, Gemma me observando com uma mistura de curiosidade, desejo e apreensão. Com a bunda ainda apoiada no braço do sofá, ela estava invertida agora, quadris mais altos do que onde sua cabeça descansava no travesseiro.

Tracei o arco das suas costas no meu caminho de volta, deslizando meus dedos na faixa de seu short e puxando seus quadris um pouco mais para cima. Ela era pequena, mas cada centímetro era flexível e curvilíneo – era um corpo diferente de qualquer outro que eu já tinha visto antes.

Curvando-me para beijar seu umbigo exposto, abri o botão em seu short, puxando o zíper e deslizando o jeans para baixo. Como suas coxas se encostavam por baixo da renda azul-marinho da calcinha, me fez rosnar de desejo, e eu levantei sua perna, enganchando-a sobre meu ombro para que pudesse beijar a parte interna da coxa.

Gemma se inclinou, observando-me beijá-la por baixo das pálpebras cerradas, seus lábios entreabertos. Eu tentei ir devagar, chupando e mordendo a pele macia entre suas pernas enquanto subia em direção à terra prometida. Mas quanto mais alto eu beijava, com mais dificuldade ela respirava, seu peito arfando e olhos arregalados enquanto me observava.

Fiz uma pausa, plantando um beijo leve como uma pluma sobre o tecido de renda, algo que a fez se contrair antes de deixar sua perna cair. Inclinei-me, curvando-me para encontrar seus lábios.

— Relaxe — eu sussurrei, beijando-a suavemente. — Vamos com calma, ok? Sem sexo esta noite.

— Eu consigo fazer isso — disse ela rapidamente.

— Ah, vai por mim, eu sei — eu rosnei, mordendo seu lábio inferior. — Mas esta noite, eu só quero que você relaxe. Quero que você se lembre de como é sentir prazer. — Então sorri. — Seja um pouco egoísta.

Ela soltou um suspiro que veio junto de uma risada.

— Não sei se consigo simplesmente relaxar.

— Feche os olhos — eu disse, ficando de pé novamente. Passei as mãos sobre as curvas ainda escondidas por sua regata, enganchando meus polegares nas alças finas de sua calcinha antes de puxá-la.

Gemma ergueu os lábios, me deixando descer as tiras, e quando ela estava totalmente exposta, eu engoli em seco ao ver sua boceta perfeita olhando para mim.

Ela ainda estava me observando, sua respiração encostando em seu peito.

— Feche os olhos — eu disse novamente, me curvando até que meu rosto estivesse entre suas pernas. Apoiei uma perna em cada um dos meus ombros, as mãos segurando seus quadris no lugar.

Ela engoliu em seco, ainda respirando com dificuldade quando finalmente fez o que eu pedi, inclinando a cabeça para trás contra o travesseiro, suas pernas tremendo sobre meus ombros. Lentamente, com minhas mãos massageando seus quadris, pressionei os lábios na pele macia logo acima de seu clitóris.

Ela estremeceu, soltando um longo suspiro, as mãos apertando o tecido do sofá. Eu sorri, lembrando como em sua lista estava fazer a depilação. Eu teria enterrado meu rosto entre suas pernas independentemente, mas passei a língua sobre sua pele recém-lisa com apreço.

— Oh... — ela gemeu, os quadris balançando. — Sim.

Pela maneira como estava inclinada sobre o sofá, seus quadris ainda apoiados no braço enquanto sua cabeça e ombros descansavam nas almofadas, eu tinha a visão perfeita de seu corpo arqueado. Mesmo sob a regata, via seus seios esticados contra o sutiã, arfando a cada respiração.

Rodando a língua sobre seu clitóris, deixei minhas mãos subirem pelos seus quadris por baixo da sua blusa. Tracei seu sutiã, deslizando meus dedos por baixo e roçando em cada mamilo duro. Ela arqueou e soltou um gemido, e eu peguei a deixa, chupando seu clitóris e apertando seus mamilos ao mesmo tempo.

Um grito agudo saiu de seus lábios, e ela sibilou, movendo os quadris e se contorcendo sob meu alcance.

Minha ereção implorava por alívio, mas contive a vontade de dizer foda-se e dar a Gemma uma rodada de treino real. Eu tomaria um banho frio mais tarde, ou cuidaria da situação quando estivesse sozinho na minha cama na manhã seguinte.

Esta noite era sobre ela.

Com uma mão ainda massageando seu seio, deslizei a outra mão sob minha boca, roçando sua entrada com apenas a ponta do meu dedo indicador antes de colocá-lo dentro.

— Oh, Deus — ela chorou, mãos voando para o meu cabelo. Ela remexeu os quadris, esfregando seu clitóris contra a minha língua, e eu a deixei assumir o controle, a deixei me usar do jeito que queria.

— Mais.

Eu concedi seu desejo, retirando meu dedo e deslizando-o de volta para dentro com mais um. Ela ofegou, arqueando o corpo, mãos em punhos no meu cabelo. Quanto mais eu movia os dedos, mais ela contorcia os quadris. Mexendo, mexendo — minha língua em seu clitóris, seus quadris no sofá, meus dedos dentro dela — uma sinfonia de movimentos até que seu corpo inteiro ficou tenso.

— Sim, sim, não para, oh... porra. — Ela ofegou a última palavra, sua boceta apertando em torno dos meus dedos enquanto eu tensionava minha língua e colocava o máximo de pressão que podia em seu clitóris sensível. Com isso, ela se apertou em meus dedos ainda mais antes que tudo se soltasse de uma vez.

Ela estremeceu, gritando, as mãos voando do meu cabelo para os dela enquanto gozava. Eu levantei seus quadris mais, enfiando meus dedos ainda mais fundo para fazê-lo durar o máximo possível, e quando ela estava exausta, quando suas pernas caíram em ambos os lados do meu rosto, eu me retirei. Lentamente, com cuidado, um dedo de cada vez enquanto eu beijava o interior de suas coxas e me erguia, ficando de pé.

Gemma ficou ali deitada, cabelo e mãos esparramados, pernas caídas sobre o braço.

Ela suspirou, os olhos se abrindo, e quando me viu de pé sobre ela com um sorriso satisfeito, riu.

— Uau.

— Como foi?

— Hum, incrível para caralho — disse ela, apoiando-se nos cotovelos. Ela apertou os joelhos, subitamente consciente de como tinha ficado toda aberta. — Você pode me ajudar a levantar?

Ela estendeu a mão, e eu a segurei, a puxando até que ela estivesse de pé. Suas pernas cederam, mas eu a agarrei, segurando-a contra meu peito enquanto nós dois ríamos.

— Estou um pouco fraca — disse ela. Então, sua mão roçou onde meu pau ainda estava lutando contra o short. — Oh — ela soltou, os olhos travando nos meus. — E você está um pouco duro.

— Só um pouco.

— Você quer...?

— Sim — eu disse rapidamente. — Deus, sim. Mas não esta noite. Esta noite foi sobre fazer você feliz, sobre seu retorno a essas coisas. — Eu bati em sua bunda ainda nua. — Como está se sentindo?

— Cansada — ela respondeu com um sorriso satisfeito. Seus olhos piscaram. — Eu me diverti muito esta noite, Zach. Eu não me divirto assim há... bem, eu nem me lembro.

— Eu também me diverti — eu disse a ela, devolvendo seu sorriso.

Convide Gemma para um encontro.

O pensamento me atingiu do nada, e assim que surgiu na minha mente, não consegui pensar em mais nada. Eu queria vê-la novamente. Eu queria mais do que apenas uma rodada de treino.

Eu não queria que ela levasse outro cara para o próximo jogo.

Eu queria que ela me levasse novamente.

Gemma me observou, como se estivesse tendo os mesmos pensamentos que eu. Ou talvez como se ela não pudesse acreditar que eu estava em sua sala de estar, que ela estava seminua em meus braços.

— Gemma... — eu comecei, mas quando ela bocejou, tudo que eu pude fazer foi rir. — Uau, cansada, hein?

— Você me esgotou.

— Você parece tão chateada com isso.

— Furiosa, sério.

Ela me deu um sorriso sonolento, dando um selinho em meus lábios antes de se inclinar para pegar sua calcinha e seu short. Ela vestiu os dois enquanto eu me recostava na parede e observava, tentando pensar no que dizer a seguir.

— Então — ela disse, colocando o cabelo atrás da orelha quando estava vestida novamente. Suas mãos deslizaram de volta para os bolsos traseiros, seus olhos procurando os meus. — Acho que este é o fim da rodada de treino, hein?

— Eu acho que sim.

Ela caminhou em direção à porta, e eu a segui – embora meus pés parecessem feitos de chumbo. Quando Gemma abriu a porta da frente e segurou-a aberta com o quadril, suas bochechas ainda coradas, a última coisa que eu queria fazer era ir embora.

— Obrigada — ela disse, me observando. — Isso foi divertido. Era... bem, era exatamente o que eu precisava.

— Ainda bem que pude ajudar.

Inclinei-me, pressionando os lábios nos dela e segurando esse beijo pelo tempo que ela me deixou. Eu não estava pronto para sair. Eu não estava pronto para deixá-la.

Eu sabia que ela tinha um plano. Eu sabia quando me ofereci. Mas agora que eu tinha passado uma noite com ela, agora que eu tinha provado, eu não podia simplesmente ir embora.

Eu não podia simplesmente deixar outro cara tocá-la no próximo jogo do jeito que eu a toquei esta noite.

Nosso beijo foi casual no início, mas quanto mais tempo eu segurava meus lábios nos dela, mais ela suavizava. Quando eu deslizei minha mão pelo cabelo dela, pegando em sua nuca, ela derreteu com o toque. Um suspiro suave deixou seus lábios quando me afastei do beijo, os olhos procurando os dela — e esse suspiro foi apenas o incentivo suficiente para me fazer abrir minha boca grande e estúpida.

— Me leva para o próximo jogo.

Gemma piscou, seu sorriso saciado escorregando.

— O quê?

— Não entre nesse aplicativo estúpido de novo — eu disse. — Me leva.

Ela engoliu em seco, os olhos dobrando de tamanho e desviando para o chão. Havia um toque de algo ali... algo que ela esteve escondendo a noite toda. Estava na curva de suas sobrancelhas, na queda de seus ombros, no movimento dos seus lábios.

Ela estava machucada.

Deus, como eu queria matar quem a tinha machucado.

Gemma se livrou disso — seja lá o que fosse — e quando olhou de volta para mim, foi com um sorriso aparentemente confiante.

— Ei, essa foi a rodada de treino, lembra?

— Besteira.

— Olha, você sabia como seria quando me convidou — ela apontou, ainda sorrindo. — Não vá mudar as regras agora.

— Você e suas regras.

— Eu vou prosseguir, ok? — ela disse, resolvida. — Tenho um plano e estou cumprindo. Além disso... — Sua voz sumiu, a mão brincando com o cabelo. — Eu não posso ir além do que uma noite agora. Com qualquer um.

— Por quê?

Gemma sorriu então, como se seja lá o que tivesse passado por ela tivesse desaparecido.

— Tantas perguntas de repente.

— Eu sei. Você deveria me levar para o próximo jogo para poder responder a todas elas.

Gemma riu, pressionando uma mão no meu peito, e eu deixei essa mão me levar para trás até que eu estava no corredor e ela estava parada na porta.

— Você está falando sério, não está? — perguntei. Eu não conseguia nem esconder meu desapontamento.

— Olha, pode não fazer sentido para você, mas eu não estou tentando namorar. Eu não estou tentando me apaixonar ou qualquer outra coisa. Estou apenas tentando assistir futebol.

— E transar.

Suas bochechas coraram.

— Sim.

— Bem, nós não chegamos lá esta noite — eu apontei. — Talvez você precise de outra rodada de treino. Só por via das dúvidas.

Ela me deu um olhar aguçado.

— O quê? — Eu ergui as mãos. — Estou cuidando de você. Você deveria estar me agradecendo.

Ela balançou a cabeça.

— Ok, dito isso, acho que é hora de ir.

— Gemma.

— Esta noite foi incrível — disse ela, me cortando. — Eu me diverti muito. Vá com cuidado para casa, ok?

E mesmo que meu ego estivesse machucado e espancado, eu não pude deixar de sorrir quando essa mulher linda me chutou para fora de seu apartamento menos de cinco minutos depois que eu a levei ao clímax com meu rosto entre as suas pernas.

Eu impedi que a porta fechasse completamente com uma mão, balançando a cabeça enquanto baixava meu olhar para ela.

— Você é absolutamente enlouquecedora, Gemma Mancini.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Você não está feliz que a rodada de treinos acabou, então? — Um sorriso lento se abriu em sua boca, e ela mordeu o lábio inferior como se soubesse que era a única coisa que me deixava absolutamente louco. — Boa noite, Zach.

Com isso, ela girou os dedos, e recuei o suficiente para deixá-la fechar a porta.

Bem, merda.

Por um momento, fiquei ali parado, olhando para os quatro números pretos que pendiam sob o olho mágico da porta. Eu me perguntei se ela ainda estava do outro lado, me observando, esperando o que eu faria a seguir.

Apenas no caso de Gemma estar lá, eu sorri.

Passando a mão pela cabeça, dei alguns passos para trás, apontando meu dedo para o olho mágico.

— Isso não acabou — eu disse, girando nos calcanhares em direção ao elevador. — Você e eu sabemos que não acabou.

Ouvi uma risadinha do outro lado da porta, mas ela não respondeu. Ela não precisava. Gemma pode ter pensado que nossa rodada de treinos tinha acabado, que esta noite era apenas um encontro para dar início à longa fila que ela teria durante toda a temporada.

Mas eu nunca conheci ninguém como ela, e me diverti mais nas poucas horas que passamos juntos do que nos últimos doze anos.

Se ela pensou que eu iria abrir mão daquilo tão fácil, ela estava muito enganada.

O elevador apitou, as portas se abriram, e quando entrei, reajusteí meu pau ainda duro. Eu ainda podia sentir o gosto de Gemma na minha língua, senti-la se contorcendo sob meu toque, e não havia maneira de depois desse primeiro gostinho eu simplesmente me afastar dela.

No próximo domingo haveria outro jogo em casa – faltava apenas uma semana – e eu estaria lá ao lado dela. De um jeito ou de outro, eu estaria lá.

Essa era uma promessa que eu poderia cumprir.



CAPÍTULO 6

Gemma

— ACHO QUE VOCÊ DEVERIA PROCURAR UM TERAPEUTA.

Belle estava falando sério, me julgando enquanto eu servia uma caneca de café para ela na segunda de manhã. Eu ri, balançando a cabeça e enchendo a minha caneca, antes de vasculhar a geladeira atrás de creme. Ela vinha aqui antes do trabalho todas as manhãs, mas dessa vez veio *mais* cedo – punição por eu ignorar todas as mensagens dela ontem à noite.

Ela queria os detalhes, e eu não escaparia até que os desse.

— Por que eu preciso de um terapeuta? — eu perguntei. — Por que eu segui o plano que *você* estabeleceu para mim?

— Não, porque você chutou um deus alto, sexy e cheio de tesão para fora do seu apartamento logo depois que ele te chupou como se não bebesse nada há semanas, e você fosse um picolé de frutas.

— É o que eu deveria fazer!

— Não — Belle disse, levantando um dedo manicurado em protesto. — O que você *deveria* fazer é se divertir, assistir futebol com um novo amigo e ter um orgasmo que não fosse operado por bateria. Onde nesse plano havia alguma letra miúda que dizia que você tinha que chutar o pobre rapaz antes que seus lábios estivessem secos de chupar você? Ou que você não tinha permissão para vê-lo novamente?

— Se eu o visse novamente, seria mais do que apenas um jogo com um amigo. Seria quase um *namoro*. O que, como discutimos, está fora de cogitação.

— Por que ser fodida mais de uma vez pelo mesmo cara é considerado namoro? — Belle argumentou. — Eu vejo isso mais como uma segurança. Quero dizer, você *sabe* que ele é divertido, você sabe que ele vai te defender se alguma merda acontecer no jogo, e você também sabe que ele vai te macetar até a cabeceira quebrar, se você der a ele a chance.

Eu ri.

— Deus, ele realmente faria isso.

— EU SEI. Então, deixe o cara fazer isso, pelo amor de Cristo.

— Eu não posso — eu disse, cruzando as mãos na caneca de café enquanto pegava a banqueta ao lado de Belle.

— Por que não? — Belle lamentou, balançando os pezinhos.

Eu ri.

— Porque não, ok? — Meu sorriso diminuiu, o coração apertando como se os fantasmas do meu passado tivessem acabado de apertá-lo. Tracei a alça da minha caneca com o dedo indicador, engolindo em seco. — Eu só não estou pronta para ir além dessa coisa de uma noite agora, ok? A noite passada foi divertida, mas também foi muito difícil para mim. — Olhei para minha melhor amiga, implorando por compreensão. — Talvez eu esteja sendo estúpida, ou louca, mas estou tentando. E agora, isso é o que eu tenho para dar. Nós concordamos: um cara diferente a cada jogo. *Esse é* o plano que tracei, foi com isso que concordei, e foi nisso que meu coração e minha cabeça foram capazes de se envolver. Não consigo ver além disso agora.

Belle me observou, os olhos suavizando sob as sobrancelhas unidas. Ela estendeu a mão e apertou meu joelho.

— Só para constar, eu *acho* que você é maluca por não vê-lo novamente — ela disse com um suspiro. — Mas também não tenho ideia de como é passar pelo que você tem passado. E mesmo que eu não entenda, eu te apoio. Sempre.

Eu cobri a mão dela e a apertei.

— Obrigada.

— Então, isso significa que é hora de escolher o próximo cara? — Belle saltou em sua cadeira, balançando as sobrancelhas.

— Eu vejo que você ainda está realmente com o coração partido pela minha decisão — eu zombei, deslizando meu telefone sobre o balcão em direção a ela. — Toma, por que você não escolhe o próximo? Talvez faça com que você se sinta melhor.

— Tipo terapia de compras? — Belle pressionou a mão no coração, fingindo estar tocada. — Minha favorita. Você me ama.

— Cala a boca e passa.

Ela se iluminou assim que a tela do meu telefone acendeu, abrindo o aplicativo de namoro enquanto eu revirava os olhos e tomava o primeiro gole do meu café. Enquanto o líquido quente se instalava, aquecendo meus ossos, Belle passou o dedo e comentou as mensagens que eu tinha recebido ao longo da semana.

Mas todos os meus pensamentos se voltaram para Zach.

A noite passada tinha sido tudo o que eu pensei que *não* seria. Foi divertida. Foi fácil. Foi confortável. Eu ri mais em uma noite do que em meses e tive o rosto de Zach enterrado entre minhas pernas até que alcancei o que tive quase certeza ter sido o melhor orgasmo da vida.

Literalmente, desde sempre.

Nós nos afastamos das coisas pesadas. Não precisei contar a ele sobre Carlo, e ele não perguntou. Ele não contou toda a história de sua vida, e eu não senti a necessidade de preencher o silêncio perguntando qualquer coisa.

Assistimos ao jogo. Bebemos algumas cervejas. Ele voltou para o meu apartamento. Rolou um amasso. Ele foi embora.

Perfeito.

Tomei um gole de café, assentindo quando Belle me perguntou sobre um cara que tinha mandado uma mensagem. Ela tomou as rédeas enquanto eu me permitia ser feliz por uma noite boa. Meus olhos se voltaram para o meu sofá, e eu sorri, o calor subindo pelo meu pescoço.

Eu ainda podia sentir suas mãos em meus quadris, meus seios, sua língua varrendo a parte interna das minhas coxas. Eu podia sentir seus dedos dentro de mim, enrolando, bombeando, sua boca me chupando forte em sincronia com sua mão.

Eu estava tão nervosa, e ele sabia exatamente o que precisava fazer para matar minha ansiedade.

Ele assumiu o controle.

Ele explodiu minha *mente*.

E então, me impediu quando tentei fazer a mesma coisa por ele.

Eu me senti um pouco mal por isso, por Zach sair antes de me deixar retribuir o favor que ele tão graciosamente me fez. Ele disse que queria que a noite passada fosse para mim, que eu deveria ser egoísta — e eu escutei.

Quando foi a última vez que alguém me disse que estava tudo bem?

Quando foi a última vez — ou, droga, a *primeira* vez — que eu pensei em mim? *Apenas em mim?*

Era como se, sem fazer uma única pergunta, sem ouvir uma única história sobre minha vida, Zach me entendesse. Tudo o que ele tinha de fazer era olhar para mim, e ele entendeu.

Eu nunca tinha experienciado esse nível de compreensão.

E *isso*, exatamente nesse lugar, era onde habitava o perigo em relação ao que eu estava fazendo.

Meu café ficou amargo quando me dei conta de quão perto estive de ir contra a regra número um que estabeleci depois que Carlo faleceu.

Zach me deu prazer. Ele me fez rir, me fez feliz — e eu queria mais. Eu queria vê-lo novamente, ir a um encontro de verdade, levá-lo ao próximo jogo, perguntar sobre seu passado e seu futuro e ver se poderíamos nos encaixar. Quando ele pediu para sair de novo na noite passada, eu quase disse sim — sem hesitar. Ele disse que queria me ver novamente e eu sabia, sem dúvida, que desejava a mesma coisa.

E, novamente, era por isso que eu precisava de regras.

Ele foi o primeiro cara que eu levei para um jogo, minha rodada de *treino*, e já me senti cedendo a esses sentimentos proibidos.

É fácil se apaixonar. É mais difícil sair de uma paixão.

E eu não queria ter de sair daquele buraco novamente.

Então, por mais que eu quisesse vê-lo novamente, eu disse não quando Zach pediu. Eu me agarrei a essa primeira regra com unhas e dentes.

Ontem à noite foi ótimo. Foi divertido, foi simples e livre de sentimentos.

Como eu disse antes: perfeito.

Ainda assim, houve uma vibração no meu peito quando esse último pensamento passou, quase como se meu coração estivesse rindo de mim. Porque mesmo que não tivéssemos falado sobre Carlo, Zach tinha

enxergado através da minha fachada. Ele sabia *sem* palavras que eu estava nervosa, e assumiu o controle. Ele me deu o que eu precisava.

Eu já tinha ido longe demais, depois de apenas uma noite.

Isso só reforça quão estúpido meu coração era.

— Tudo bem, eu acho que esse cara está dentro — disse Belle. Ela me entregou meu telefone, tocando na tela para me mostrar o perfil do cara novamente. — Ele está verificando a agenda agora para ver se vai ter trabalho voluntário, porque é claro que ele é perfeito e dedica o tempo livre para as crianças no Boys & Girls Club.

Eu ri quando Belle visivelmente amoleceu.

— Aposto que ele vai querer que você o chame de *daddy* quando estiver transando.

— Nojento — eu disse, meio rindo, meio estremecendo. — O que eu faço se ele realmente quiser isso?

Belle piscou.

— Você o chama de daddy. Obviamente.

— Eu absolutamente não vou fazer isso.

— Ei, você diz isso agora — disse ela, pegando seu café e tomando um pequeno gole com um sorriso. — Mas quando seus pulsos estão presos à cabeceira da cama e você tem grampos vibratórios em seus mamilos, você ficaria surpresa com as palavras que saem da sua boca.

— Acho que é *você* quem precisa de um terapeuta.

— Veja o que ele disse. — Belle me dispensou, apontando para a nova notificação que tinha acabado de chegar no aplicativo. Quando a abri, sorri.

— Ele está dentro.

— UHUL! — Belle me deu um *high-five*. — Parece que você tem sua primeira rodada de *verdade*. Espero que você tenha praticado o suficiente na noite passada.

Eu deslizei de volta para o perfil do cara, sorrindo enquanto lia sua biografia. Ele morava em Chicago há alguns anos, era contador de dia e autoproclamado cinéfilo à noite. Ele tinha cabelo louro-areia, olhos azuis e um queixo que deu a Clark Kent uma pontada de inveja.

Ele era gato.

Mas em algum lugar na boca do meu estômago, eu estava um pouco desapontada.

Porque ele não era Zach.

Como se eu tivesse invocado o objeto de minha afeição com meu estúpido e privado lapso mental, uma mensagem de texto de Zach apareceu por cima do aplicativo.

Eu deveria estar fazendo seu café da manhã agora.

Eu sorri, tocando na tela para abrir a mensagem em tela cheia. Belle franziu a testa, inclinando-se sobre meu ombro e se iluminando quando viu quem era.

— Oh, meu Deus! Ele já está mandando mensagens para você?! — Ela verificou a hora em seu telefone. — Não são nem sete da manhã ainda. Oh, *garota*, o que você *fez* com ele ontem à noite?

Eu ri, digitando de volta para ele.

— Eu não fiz nada. Além de dizer não. E todos nós sabemos que os caras odeiam isso.

— E amam, tudo ao mesmo tempo.

— Exatamente — eu disse enquanto respondia à mensagem. — Ele vai me esquecer assim que outra garota o rejeitar.

Eu não tomo café da manhã. E eu posso fazer meu café muito bem sozinha.

Pare de agir como se você não tivesse tido o melhor momento da sua vida ontem à noite e me leve ao jogo esta semana.

Eu me diverti. Mas a pré-temporada acabou, meu amigo. É hora da parada real agora.

Eu sorri, clicando de volta no aplicativo e tirando uma captura de tela do perfil do meu próximo encontro – Benjamin.

Então, enviei essa captura de tela para Zach.

Conheça Ben, o verdadeiro número um.

Os pequenos balões apareceram como se Zach estivesse digitando, mas depois desapareceram e nenhum texto apareceu.

— Você é implacável — Belle disse, balançando a cabeça com um pequeno sorriso enquanto tomava o último gole de seu café. — Ok. Preciso tomar banho antes do trabalho. Encontro você lá embaixo em meia hora?

— Vou querer café para viagem.

— Deus abençoe seu coração viciado em café.

Quando Belle se foi, eu arrumei meu cabelo e passei maquiagem, tudo isso enquanto olhava para o meu telefone. Quando voltou a zumbir, era Benjamin me dizendo que mal podia esperar pelo domingo. Ele terminou sua mensagem com um “*Tenha uma ótima semana, linda. Vejo você domingo*”.

Nada mais veio de Zach.

Eu deveria ter me sentido satisfeita com isso, com a última mensagem que mandei para ele. Eu deveria estar sorrindo enquanto Belle e eu caminhávamos os poucos quarteirões até o escritório, deveria ainda estar animada desde a noite anterior.

Mas, em vez disso, meu estômago estava pesado e apertado, quase como se estivesse sendo arrastado atrás de mim na calçada.

Eu tinha conseguido o que queria. Zach se foi, a rodada de treinos foi cumprida, e agora era hora do jogo. *Sério*.

Estando pronta ou não.

E eu *definitivamente* não estava.

Zach

— Oh, garoto.

Doc cruzou um braço sobre o peito, equilibrando o cotovelo do outro em cima enquanto esfregava a sombra de barba que aparecia em seu queixo. Seus olhos estavam fixos nos ingressos que eu segurava orgulhosamente na mão.

Ingressos para a temporada.

Para os jogos do *Chicago Bears*.

Nos assentos ao lado de Gemma.

— Eu sou brilhante ou eu sou brilhante pra caralho? — perguntei, batendo os ingressos na palma da minha mão antes de segurá-los novamente.

— Você é alguma coisa, com certeza.

Era uma tarde de quinta-feira, quatro dias completos desde que meus lábios encostaram nos de Gemma em seu apartamento. Doc tinha me pedido para chegar um pouco mais cedo do que o habitual, para deixar o bar pronto para o futebol de quinta à noite, mas antes que pudéssemos começar, eu tive de contar a ele meu plano mestre.

— Ela sabe? — Doc perguntou, deslizando para trás do balcão para começar a fazer os preparos para a noite.

Eu bufei, enfiando os ingressos no meu bolso.

— Claro que não. Isso é parte do que torna o plano tão genial. Só vou aparecer no domingo.

— Ela não te *deu* um segundo encontro, então você vai arrumar um mesmo assim.

— Precisamente.

Doc sorriu, misturando nosso suco agridoce.

— Você nasceu estúpido ou só ficou assim com o tempo?

— Parece loucura — eu admiti.

— Porque é.

— *Mas*. — Continuei com um sorriso. — Às vezes, a loucura é necessária: especialmente quando se trata de uma garota como Gemma. Ela não se impressiona com o fácil, com o normal. E embora ela não tenha me contado o que aconteceu em seu passado, sei que ela já se machucou antes. Quem a teve por último estragou tudo. — Eu estalei meu pescoço. — Não posso consertar isso, mas posso mostrar a ela que quero minha chance de provar que consigo ser mais do que ele.

Doc alinhou as batedeiras e os sucos, abrindo as torneiras das cervejas e de vinho em seguida. Havia um sorriso de lado em seu rosto quando ele balançou a cabeça.

— Bem, você é persistente. Admito.

— Obrigado.

— Mas essa garota não é uma cliente em potencial — disse ele. — Ela é uma mulher. E pelo que você me contou, é o tipo de mulher que faz listas e planos, e depois os cumpre. — Doc inclinou o quadril contra o bar, cruzando os braços. — Você pode pensar que vai cortejá-la com este movimento, mostrar que você a quer. Mas você está mexendo com o plano mestre dela — ele me lembrou. — O que pode apenas irritá-la.

Cocei a cabeça, deixando escapar um suspiro pesado. Eu sabia que Doc estava certo. Droga, eu sabia disso quando estava fazendo minha pesquisa, tentando rastrear aquele casal que se sentou ao nosso lado no jogo. Quando contei a eles o que estava tentando fazer, eles pareceram ansiosos para ajudar — bem, Janet estava, pelo menos. Roy parecia perturbado, mas também faria qualquer coisa para ver Janet feliz e sorridente.

Eu gostava disso.

E *ela* queria me ajudar — especialmente porque, como ela me lembrou, Roy e ela tinham um segundo par de ingressos para a temporada a apenas algumas fileiras dos que me venderam.

Janet disse que o que eu estava fazendo era romântico.

Roy disse que eu era um idiota.

Nenhum dos dois estava errado.

Eu sabia que era estúpido. Eu sabia que tinha potencial de tudo explodir na minha cara. Mas nada disso importava, porque a única coisa que eu sabia perfeitamente era que não estava pronto para deixar Gemma de lado.

— Você provavelmente está certo — eu concordei. Então sorri, abrindo uma caixa de Blue Moon com meu cortador. — Mas ela é extremamente adorável quando está com raiva, então talvez isso seja uma vitória para mim.

Doc riu.

Entramos na nossa rotina, estocando os refrigeradores, puxando os tapetes do bar, montando os velhos jogos, colocando as televisões nos canais certos. O tempo todo, Doc cantarolava com Bob Dylan, e eu pensei em Gemma.

Nunca uma mulher mexeu tanto comigo na primeira semana.

Ela me expulsou com um sorriso no rosto, depois de uma noite em que eu sabia que ela tinha se divertido tanto quanto eu. Ainda assim, eu meio que adorei.

Gemma era um desafio.

Ela tinha um plano, e me provou na manhã seguinte que estava falando sério sobre seguir com esse plano. Quando ela me enviou a captura de tela do cara que *já havia* escalado para o próximo jogo – menos de doze horas depois de eu ter saído da sua casa – precisei me esforçar para não esmagar meu telefone.

Eu não respondi, mas isso não significava que eu tinha desistido.

Agora *eu* também tinha um plano.

Não havia chance de eu deixar *Benjamin* pegar minha garota. Sim, eu só tive uma noite com ela, mas senti esse tipo de possessividade de qualquer maneira. Eu não acabei as coisas com Gemma. Eu estava longe disso.

E talvez ela não quisesse admitir isso, mas estava longe de terminar comigo também.

— Oh, ei, Doc — eu disse assim que as fatias de frutas cítricas foram cortadas. — Você não queria falar comigo sobre alguma coisa?

Ele enxugou a testa com um pano, o peito arfando um pouco por ter puxado todas as banquetas para baixo.

— O quê?

— No jantar — eu o lembrei. — Você disse que queria falar comigo sobre algo.

Doc piscou, passando o pano no rosto desta vez.

— Ah, não é nada que não possa esperar. Conversamos sobre isso na próxima semana.

— Tem certeza? — perguntei, observando-o. — Quero dizer, estou aqui agora. As portas só abrem daqui a meia hora.

— Tenho certeza. Eu tenho alguns papéis para lidar lá atrás. Você pode terminar aqui?

Ele não olhou para mim, e meu estômago caiu no chão com o que isso poderia significar. Doc era um homem honrado. Ele olhava para você nos olhos quando falava — sempre.

Eu tinha a sensação de que o que ele tinha para me dizer não era bom.

Eu tinha a sensação de que tinha algo a ver com o meu salário.

Se ele tivesse que me despedir, seria mais difícil para Doc do que para mim. Talvez ele não conseguisse fazer isso ainda.

— Tudo bem — eu concordei com um aceno de cabeça. — Sim, eu posso cuidar disso. Vá em frente.

Doc acenou com seu pano em agradecimento, jogando-o por cima do ombro antes de ir para o escritório nos fundos.

Eu queria saber o que ele tinha a dizer, mas não havia pressa com Doc. Ele era como meu pai nesse aspecto, e eu sabia que quando estivesse pronto, teria a conversa comigo – não importando quão difícil fosse.

Então, arqueei esses pensamentos, me concentrando em equilibrar o caixa na minha gaveta para a noite. E quando o show de pré-jogo começou para o jogo de quinta-feira à noite, *Kansas City Chiefs* contra *Cleveland Browns*, eu não pude deixar de sorrir pensando em um jogo diferente que aconteceria no domingo.

Ah, Gema.

Espero que esteja pronta para jogar.



CAPÍTULO 7

Gemma

— ACHO QUE VOU VOMITAR — EU DISSE A BELLE, pulando de um lado para o outro enquanto esperava no mesmo totem que encontrei Zach menos de uma semana antes. Meu novo encontro, Ben, chegaria a qualquer momento.

E meu corpo estava se rebelando.

— Eu amo como na semana passada você desligou na *minha* cara nesse mesmo cenário. Agora, você está interrompendo meu tempo de TV.

— Eu não acho que estou pronta para isso — eu disse, ignorando suas piadas. Eu não conseguia encontrar forças para brincar agora.

Belle suspirou.

— Ei, me conta. O que há de diferente? O que está sentindo de errado?

Engoli o nó pegajoso na minha garganta, os olhos saltando sobre a multidão enquanto examinava os rostos à procura de Ben. Eu queria dizer a Belle a razão de parecer diferente, de sentir que meu plano era impossível de ser cumprido. Mas a verdade era que eu realmente não me conhecia.

— Zach apenas... não parecia um encontro. Parecia que eu estava passando tempo com esse cara espertinho que conheci no bar.

— Você acha que é a coisa do namoro online que está te incomodando?

Eu pensei sobre isso, digerindo sua sugestão. Ben me mandou uma mensagem durante a semana, e até conversamos no telefone ontem à noite

por mais de uma hora. Ele parecia um cara legal. Ele era engraçado, doce, fácil de conversar.

— Não, eu não acho que seja.

— É porque você gosta de Zach e gostaria que fosse ele lá em vez disso?

— Não — eu respondi rapidamente, revirando os olhos. — Ele foi divertido e serviu ao propósito. Rodada de treino, lembra?

— Uh-huh — Belle disse, claramente não convencida.

Zach não tinha me mandado mensagem desde que eu lhe enviei a foto de Ben. E embora eu tivesse tido um sonho *muito* vívido com ele no meu sofá na outra noite, eu também não tinha mandado uma mensagem para ele. Não importava que eu quisesse. O que importava era que eu estava me mantendo fiel ao meu objetivo original quando concordei com tudo isso.

Cara novo a cada jogo. Faça alguns amigos, assista ao jogo, beba cervejas, dê uns amassos. Eu me diverti muito naquela noite com Zach. Eu *sabia* que poderia me divertir também com Ben esta noite.

Então por que eu estava pirando?

Eu bati meu dedo contra o lábio inferior, o estômago se revirando. Não fazia sentido. Fiz minha lista de verificação pré-jogo e marquei tudo. Eu estava seguindo o plano que tinha feito. Minha ansiedade devia estar sob controle.

— Gemma — Belle disse, sua voz mais suave. — Você acha... eu sei que eu estava brincando com você sobre conversar com alguém, um terapeuta ou algo nesse sentido, mas... você acha que talvez realmente precise?

— Por que eu precisaria?

Ela limpou a garganta.

— Só estou dizendo que o que aconteceu com Carlo... foi...

— Ok — eu terminei para ela, o estômago torcendo em um nó ainda mais apertado ao som desse nome. Seus olhos pipocaram em minha mente, brilhantes no início, como na noite em que nos conhecemos, e depois opacos e vazios, como na noite em que ele morreu. — Está tudo bem, ok? Pessoas morrem. Faz parte da vida.

— Sim, mas ele tinha trinta e cinco anos. Não é como se ele tivesse oitenta anos e isso fosse esperado. — Ela fez uma pausa. — E ele

machucou você, Gemma. Ele te traiu.

Minhas narinas se alargaram.

— Obrigada. Eu quase esqueci como tudo aconteceu, estou feliz que você tenha me lembrado.

— Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei, eu só... — Suspirei, beliscando a ponte do nariz. Foi o que aconteceu quando me senti fora de controle. Eu me inclinei para a raiva, para ser irracional, e disse e fiz coisas das quais me arrependeria. — Eu sinto muito. Eu não queria explodir.

Fiz uma pausa, respirando fundo.

— Eu vou ficar bem. Estou apenas nervosa, eu acho.

— Você sabe que eu iria com você — Belle sussurrou. — Se você mudar de ideia e quiser ir falar com alguém. É só me dizer.

— Obrigada — eu sussurrei de volta, e por um momento, considerei a ideia. Belle era a única que sabia da infidelidade de Carlo. Nem meus pais sabiam. Claro, eles não estariam no topo da minha lista de pessoas para contar. Mamãe provavelmente me culparia, e papai apenas tentaria usar uma citação de um de seus livros ou discursos para me motivar a seguir em frente com a minha vida. Ele tentaria me convencer de que a infidelidade era apenas um obstáculo na vida, um dos muitos que as pessoas enfrentavam, e era como você superava a adversidade que determinava a força de caráter de uma pessoa. Blá, blá, blá.

Eu tinha ouvido cada linha de *Ultrapassando desafios: Como nosso relacionamento sobreviveu a todas as adversidades* de uma forma ou de outra na minha vida.

Falar com eles parecia impossível. Conversar com meu avô também, já que ele se foi. Mas eu poderia conversar com *alguém* sobre isso? Com um estranho?

E de que adiantaria, afinal? Eu estava bem. Minha vida tinha prosseguido sem ele. Eu estava me destacando no trabalho. Tinha perdido peso e tonificado o corpo. Eu comecei a comer melhor. Estava dormindo bem.

Estou bem.

— Oh, merda — eu murmurei, vendo Ben no meio da multidão. Ele ainda estava procurando por mim. — Ele veio.

— Você pode ir embora se quiser — disse Belle. — Eu serei sua saída. Digamos que eu tenha uma diarreia explosiva e não consiga nem ir à loja comprar Gatorade para me hidratar. Diga que você é meu contato de emergência nesta situação.

Eu fiz uma pausa.

— Ok, primeiro, isso é nojento. — Eu ri imaginando a cena. — Mas obrigada. — Ben me viu e acenou para mim. — Além disso, ele já me viu.

— Você vai ficar bem?

Suspirei, forçando um sorriso e acenando de volta para Ben.

— Sim. Eu acho que sim.

— Vá se dar bem, Tigresa.

— Te odeio.

Belle apenas riu e encerrou a ligação, me deixando enfrentar meu primeiro encontro de verdade desde que eu tinha dezessete anos. E não importava que eu tivesse me convencido de que esse pequeno *plano* era “sem encontros sérios”. Sim, manter isso por uma noite significava que eu não estava me envolvendo em nenhum tipo de relacionamento. Mas, ainda assim, eu estava conhecendo um cara, em um evento, com a intenção de dormir com ele. Era um encontro.

E foi o primeiro *oficial* na minha vida adulta.

A menos que você conte Zach...

Eu balancei a cabeça, porque *não* — ele definitivamente não contava. Aquilo foi sair com um amigo. Foi assistir ao jogo.

Foi o melhor orgasmo da minha vida...

Minhas bochechas coraram, o calor ainda estava em meu pescoço quando Ben finalmente me alcançou, um sorriso largo em seu rosto perfeito de Ken.

— Olhe para você — disse ele, analisando minha roupa.

Estava um pouco mais frio esta noite do que na semana passada, então usei jeans em vez de short. Mas a calça era toda rasgada nas coxas, e eu estava com meias arrastão laranja por baixo, o tecido aparecendo através dos buracos. Combinando com minha camisa do Bears, amarrada com um nó na frente, eu tinha um visual fofo e casual.

— E... — Meu rosto caiu quando eu vi seu traje. — Olhe para *você*.

Ele estava vestindo uma camiseta do *Detroit Lions*.

Tipo, *não* uma camiseta do *Chicago Bears*.

— Ah, sim — disse Ben, esfregando a nuca com um encolher de ombros apologetico. — Esqueci de mencionar que não sou fã do *Bears*?

Eu pisquei.

— Por que você me mandaria uma mensagem para *ir* a um jogo do *Bears* se você não é fã?

— Você disse que precisava de alguém para sentar com você no próximo jogo em casa — ele apontou. — O que aconteceu de ser contra minha cidade natal. Eu te disse que me mudei de Detroit para cá há apenas alguns anos, certo?

Pisquei novamente.

— Você disse.

Ben arqueou uma sobrancelha, sorrindo como se não tivesse aparecido em um jogo do *Bears* usando o logotipo do time visitante. E eu apenas fiquei ali, olhando para ele, me perguntando se eu ainda poderia aceitar a oferta de Belle.

Calma, Gemma. Não é grande coisa. Ele ainda é o mesmo cara com quem você conversou.

Forcei uma respiração e um sorriso, passando meu braço pelo de Ben quando ele o ofereceu. Enquanto caminhávamos em direção ao estádio, lembrei-me por que estava fazendo isso em primeiro lugar.

Eu não queria me apaixonar. Eu não *precisava* de um homem para sobreviver. Mas, eu perdi essa conexão humana. Senti falta de flertar, conversar e ter alguém para assistir ao jogo, alguém que realmente se importasse com futebol. Senti falta da sensação das mãos de um homem no meu corpo, dos lábios na minha pele.

A memória da boca quente de Zach no meu centro brilhou em minha mente como luzes de Natal, e assim, em uma fração de segundo, ela se foi.

Mas meu rubor não.

— Ei, espero não ter chateado você com isso — disse Ben, uma vez que estávamos dentro dos portões e subindo em direção aos nossos assentos. Ele gesticulou para sua camisa. — Vou tirá-la, se você quiser. Droga, eu vou comprar uma camisa do *Bears* agora mesmo.

Eu sorri, apertando seus braços.

— Apesar de eu não me importar com você tirar isso — eu disse, puxando o tecido. — Está tudo bem. Pode ser divertido ter uma pequena competição amigável.

— Devemos apostar?

— Hmm... o que você apostaria?

Ele nos puxou para uma barraca de cerveja, pegando sua carteira.

— Bud Light está bem?

Eu balancei a cabeça, e ele pagou o vendedor, me entregando a lata de alumínio quando começamos a andar novamente.

— Que tal isso: se o Lions vencer, você me deve um strip-tease.

Eu ri, cuspiando um pouco da minha cerveja.

— Um strip-tease, hein? — perguntei, examinando-o. — Realmente original.

— Você está com medo de ter que pagar?

Eu estreitei meus olhos então.

— Meu *Bears* não vai perder para o *Lions*. Trato feito. E *quando* ganharmos, é *você* que vai me dever um striptease.

— Você mal pode esperar para tirar essa camisa de mim, não é?

Eu ri, indo na frente até os nossos lugares com o alívio tomando conta de mim. Ben era engraçado. Era encantador. E definitivamente não era ruim para os olhos.

Olhei para ele enquanto caminhávamos pela fileira até nossos assentos e sorri.

Viu? Tudo de acordo com o plano.

Mas quando me virei, meu coração pulou, e o universo riu na minha cara enquanto eu piscava, de novo, e de novo, para ter certeza de que o que eu estava vendo era real.

— Aí está você — disse Zach, um sorriso estúpido no rosto enquanto se levantava para deixar Ben e eu passarmos. Ele estava vestindo uma camisa branca dos Bears, as mangas apertadas nos bíceps salientes e bronzeados. Seu cabelo estava despenteado, a barba por fazer em seu queixo mais grossa do que da última vez que eu o vi.

Ele era todo sexo — o jeito que seu cabelo caía, a forma como ele sentava, o jeito com que seus olhos me olhavam sob as pálpebras encapuzadas, o

jeito como ele lambia o lábio inferior enquanto me observava. Meu estômago deu um pequeno pulo de alegria quando seus olhos desceram até minha cintura e subiram novamente, mas eu apaguei essa sensação.

Ele *não* deveria estar aqui.

— Está quase começando — Zach disse quando não respondi ao seu cumprimento.

Ben correu para trás de mim, porque eu tinha parado na frente do assento vazio ao lado do que Zach estava, na frente. Era o lugar onde Roy deveria estar. E o que Zach estava ocupando pertencia a Janet.

Ele sorriu ainda mais com a minha expressão estupefata.

— Ei, cara — Zach disse, estendendo a mão para onde Ben estava esperando. — Eu me chamo Zach.

— Ben — ele respondeu, confuso. Ele olhou para mim, mas eu não conseguia parar de disparar lasers através dos olhos para o homem que eu nunca deveria ver novamente.

Todos se levantaram para o hino nacional, me tirando do meu torpor, e eu passei por Zach enquanto ele continuava se vangloriando. Eu me sentei ao lado dele, deixando Ben ficar no mesmo lugar que Zach esteve no último jogo. Recitamos o hino — as palavras se misturavam em meus ouvidos, já que meu batimento cardíaco estava ocupando todo o espaço disponível —, e no final o estádio inteiro aplaudiu.

Eu não.

Eu cutuquei Zach com força nas costelas.

— Ai! — ele disse, esfregando o local onde eu o agredi. Mas então riu. — Por que fez isso?

— Não se faça de bobo. O que você está *fazendo* aqui? — sussurrei-gritei.

Ben estava focado no campo, e quando ele olhou para mim, eu sorri, me inclinando para ele.

— Você está pronto para seu *Lions* perder? — cantarolei.

Ele riu.

— Veremos.

Assim que sua atenção se voltou para o campo, olhei para Zach novamente, esperando por uma resposta.

— Estou fazendo a mesma coisa que você — disse ele casualmente. — Assistindo ao jogo.

— Por que você está assistindo ao jogo *aqui*?

Ele encolheu os ombros.

— Já disse, do mesmo jeito que você.

— Não, não é do mesmo jeito que eu — argumentei. — Tenho ingressos para a temporada.

Zach sorriu aberto o suficiente para mostrar sua covinha estúpida, levantando uma sobrancelha como se estivesse esperando que eu entendesse. Quando eu não disse nada, ele se inclinou, sua respiração quente no meu ouvido.

— Eu também.

— O quê?!

Tentei sussurrar de novo, mas aparentemente falhei. Ben lançou um olhar curioso para mim primeiro, antes de olhar para Zach. Ele colocou o braço em volta de mim possessivamente, me aconchegando ao seu lado.

— Tudo certo?

Seus olhos ainda estavam em Zach, que estava apenas sorrindo como um estúpido e presunçoso filho da puta.

— Está tudo bem — eu cortei, focando na próxima jogada para que Ben fizesse o mesmo. Nós assistimos juntos, eu torcendo e o provocando quando derrubamos o quarterback do *Lions*. Quando a jogada acabou, eu me inclinei para trás em direção a Zach.

— Como você pode ter ingressos para a temporada? — perguntei, gesticulando para seus assentos. — *Esses* ingressos de temporada.

— Comprei de alguns amigos — Zach respondeu facilmente.

Meu queixo caiu então, e eu me virei para encará-lo completamente.

— Você comprou os ingressos deles?! Zach! — Eu bati no braço dele. — Como você pôde fazer isso? Eles têm esses assentos há *dezesseis anos* e ingressos para a temporada há vinte e dois. Como você pôde tirar isso deles? Eles podem perder os *playoffs*, se conseguirmos. Tudo por sua causa!

Zach obviamente não se intimidou com minha indignação, apenas me observou como se eu fosse um cachorrinho adorável. E quando meu

discurso acabou, meu peito ainda arfando, ele bateu no meu nariz com o dedo indicador antes de apontar algumas fileiras atrás de nós.

Olhei para onde ele estava apontando, e lá estavam Janet e Roy olhando para nós dois, Janet acenando animadamente com um sorriso sábio, enquanto Roy bebia seu refrigerante de cara feia.

— Eles também têm aqueles assentos. Lembra? — Zach disse, e quando eu estava de frente para ele novamente, deu de ombros. — E eles queriam ajudar.

— Ajudar *no que* exatamente?

— Me ajudar a pegar a garota. Obviamente.

Revirei os olhos e soltei a bufada mais alta e irritada que consegui, cruzando os braços e me virando para o campo novamente. Ben me olhou, e eu estendi a mão para apertar a sua. Todo mundo estava começando a se sentar, agora que a energia do pontapé inicial havia diminuído, e nós seguimos o exemplo.

Durante três jogadas completas, não olhei para Zach. Fingi que não estava ali. Tentei fingir que ele nem existia. Mas tudo o que meu cérebro estúpido podia fazer era repetir suas palavras na minha cabeça como se fossem tênis molhados em uma secadora de roupas.

— Você está perdendo seu tempo — eu finalmente sussurrei para ele, pegando minha cerveja do suporte.

— Vamos ver — Zach disse e brindou com sua garrafa sem perguntar se podia, bebendo em seguida.

Antes que eu pudesse responder, nosso receptor partiu, e meus olhos se voltaram para o campo.

— Vai! — gritei. — Vai! Vai! Vai!

Todos em nossa seção estavam de pé, aplaudindo o receptor enquanto ele corria em direção à endzone em que nossos assentos estavam. Ele foi derrubado faltando vinte jardas, mas tinha feito uma corrida de trinta e duas jardas.

— Isso! — eu estava gritando, dando *high-fives* em todo mundo que vestia uma camisa do *Bears*.

Isso. Isso era o que eu adorava em estar no jogo, em vez de assistir de um bar ou do meu sofá. Todos aplaudiam juntos, e estávamos todos no mesmo clima.

— Isso aí! — gritei, batendo os punhos com um garoto atrás de mim. Quando me virei para Zach, dei um *high-five* nele antes de perceber que tinha feito isso, imediatamente puxando minha mão e olhando para ele.

— Agora entendo por que Janet e Roy disseram que esses eram os melhores lugares da casa.

Senti o calor me inundando, como se suas palavras fossem chuva e tivessem caído de uma nuvem acima da minha cabeça. Eu odiava o jeito como meu estômago se retorcia, o jeito como minha garganta apertava, tudo por causa da forma com que Zach olhava para mim.

A maneira como ele olhava para mim desde o dia em que nos conhecemos.

Eu não respondi, inclinando-me para Ben novamente, em vez disso.

— Espero que você esteja praticando seus passos de stripper — eu provoquei, mostrando minha língua para Ben.

Ele riu.

— Ei, não se adianta. O jogo está apenas começando.

Eu apertei seu braço, a emoção da jogada ainda correndo por mim enquanto eu pegava minha cerveja novamente. E quando tomei o próximo gole, meus olhos se voltaram para Zach, e não pude deixar de pensar em como Ben estava certo.

O jogo estava *de fato* apenas começando.

Mas eu já sabia como isso terminaria.



Zach pensou ser *muito* inteligente ao aparecer no jogo sem avisar, comprando os ingressos ao lado dos meus. E pensou que teria toda a minha atenção, mas foi aí que se enganou.

Dois poderiam jogar este jogo.

Além de me ajudar a focar no que eu podia controlar, meu avô também me ensinou o valor de ser paciente e competitiva. Eu sempre prosperei na competição – comigo mesma, com os outros. Então, adicione a tentativa de Zach de frustrar meu plano ao meu desejo inato de provar a ele – junto com todos os outros – que eu poderia fazer qualquer coisa que me desse na telha, e acho que dá para concluir que ele tinha absolutamente zero chance.

Eu segui com minha missão de fazê-lo se sentir o mais invisível possível, ignorando seus comentários sedutores e sarcásticos e focando apenas em Ben. Eu me inclinava para ele, tocava seu braço, ria das suas piadas – e sempre que ele saía para nos buscar cervejas, eu ia com ele, não dando a Zach a chance de ficar comigo sozinha.

A princípio, Zach pareceu encarar isso como um desafio. Ele fez alguns comentários espertinhos sobre o trabalho e os hobbies de Ben, enquanto dizia que deveria ser ilegal eu trazer um torcedor do *Lions* para um jogo do *Bears* com meus ingressos para a temporada.

Eu não discordei dele.

Mas no terceiro tempo, Zach ficou quieto, bebendo sua cerveja com uma cara feia permanente enquanto me observava com o canto do olho. Toda vez que Ben me tocava, sua mandíbula apertava, o punho segurando com mais força a garrafa.

Ah! Isso aí, espertinho.

Ainda assim, o *Bears* foi derrotado, e essa foi a parte do jogo que eu *não* estava gostando. Era o início da temporada, e eu sabia que tínhamos muitos jogos pela frente. Mas eu queria ganhar todos eles.

Eu queria *especialmente* ganhar este, já que tinha feito uma aposta em cima do resultado.

— Sabe? — Ben provocou depois que o *Lions* fez um *field goal*, aumentando sua vantagem de sete para dez. — Talvez devêssemos discutir os detalhes deste striptease que você vai fazer. Tipo, eu posso escolher a música?

Eu mostrei a língua para ele, ganhando uma risada profunda.

— Nós nunca decidimos exatamente o *quanto* isso era um striptease — eu apontei.

— Existe uma medida para um *strip*? Tipo, níveis ou algo assim?

— Claro — eu respondi facilmente, puxando meu tênis e apoiando-o no banco na nossa frente. — Quero dizer, talvez eu só vá tirar meus sapatos e meias.

— Sensual.

Puxei o cadarço do sapato, desamarrando o nó e tirando o calcanhar.

— Mmm... — eu disse, mordendo meu lábio quando me virei para ele.
— Só uma pequena provocação para você, garotão.

Ben riu, jogando a cabeça para trás antes de me olhar novamente com um olhar curioso.

— Você realmente é uma figura.

Sorri de volta, mas Zach batendo sua garrafa de cerveja vazia do outro lado chamou minha atenção. Ele se encostou em seu assento, os braços cruzados sobre o peito, os olhos no campo.

— Você está bem aí? — perguntei, e não consegui esconder meu sorriso satisfeito.

— Estou ótimo — ele cortou. Acenando com o queixo para Ben, que agora estava assistindo o *Bears* se preparar para a próxima jogada, Zach baixou a voz. — Você não pode realmente estar falando sério com esse cara.

— O quê? Ele é engraçado. E encantador.

— E tão interessante quanto uma erva-doce.

Eu lutei contra uma risada, porque por mais que eu odiasse admitir, Zach não estava errado. Ben era um doce, e ele era capaz de brincar comigo. Mas durante o intervalo, quando ele falou por vinte minutos sobre sua coleção de conchas de todos os lugares do mundo – completa e com fotos de cada uma –, eu tive de tentar ativamente não bocejar.

Ele era um pouco estranho, mas, ei, ele era gostoso. E era exatamente o que meu plano pedia.

— Parece que alguém está com um pouco de *ciúmes* — eu disse, drenando o resto da minha cerveja.

— Parece que *alguém* está tentando me deixar assim.

— Eu não estou fazendo nada — argumentei. — Além do mais, eu disse o que faria em todos os jogos em casa nesta temporada. Não é minha culpa que você tenha decidido comprar esses ingressos.

Zach sorriu, seus olhos ainda não encontrando os meus.

— Que seja. Tenho certeza de que você está realmente se divertindo *muito* com um torcedor do *Lions*, cuja a única brincadeira que ele consegue fazer com você é sobre esse striptease estúpido.

Eu disse com uma tossida:

— Ciúmes!

Zach olhou para mim então, inclinando-se até que sua boca estivesse a poucos centímetros da minha. Seus olhos foram para o meu lábio inferior, depois de volta para os meus olhos, e ele me deu um sorriso de lado.

— É difícil ter ciúmes de um cara que está apenas tentando conseguir algo que eu já tive.

Aquele mesmo hálito quente que eu senti entre as minhas coxas roçou meus lábios, e eu o inalei, os olhos vibrando em uma série de piscadas. Olhei para seus lábios, mas desviei logo em seguida.

Zach sentou-se novamente, ainda sorrindo.

— O que você está pensando, Gemma?

Eu corei, pegando minha cerveja para tomar um gole antes de me lembrar que estava vazia. Zach riu, e eu olhei para ele, batendo minha garrafa vazia do jeito que ele tinha feito antes de me inclinar de volta para Ben.

Eu deslizei meu braço por baixo do dele, botando a mão ao redor de seu bíceps enquanto o *Lions* pedia um tempo no campo.

— Então, *Ben* — eu disse, alto o suficiente para Zach ouvir. — Conte-me mais sobre você.

Ben sorriu.

— Bem, eu te disse que faço CrossFit?

— Que fascinante — Zach murmurou, e eu sutilmente o chutei, sem tirar os olhos de Ben.

— Você não disse! Isso explica todos esses músculos — eu disse, apertando seu braço. — Me conta, eu nunca fiz isso.

— Bem, então, cada aula é diferente — Ben começou, mas então a multidão ao nosso redor ficou mais barulhenta, e alguém me deu um tapinha no ombro.

— Você está na câmera do beijo! — disse a mulher. — Olha!

Ela apontou para a tela, e, com certeza, lá estávamos Ben e eu — emoldurados por um coração com pequenos desenhos de beijo flutuando ao nosso redor.

Ben olhou para a tela, os olhos arregalados.

— Beija ela, cara! — alguém gritou, e Ben se virou para mim, com um sorriso aterrorizado no rosto.

Aproximei-me, fechando os olhos...

Mas nada veio.

A multidão gemeu em uníssono, e quando abri os olhos, Ben ainda estava olhando para mim, mas não havia se movido um centímetro. Olhei para a tela, que havia mudado para um casal diferente.

— Sinto muito — disse Ben rapidamente, tirando o boné e passando as mãos pelos cabelos loiros úmidos. — Eu só... eu fico tão tímido em situações como essa. Eu congelo. Sinto muito.

Engoli em seco, forçando um sorriso, mesmo tendo sido rejeitada na frente de dezenas de milhares de pessoas.

— Está tudo bem — eu assegurei a ele, estendendo a mão para apertar sua mão. — Não se estresse com isso.

As palavras nem tiveram tempo de sair da minha boca antes que aquela maldita câmera estivesse em nós novamente.

— Beija, cara! — um garoto gritou de longe.

Então, um canto irrompeu em nossa seção.

Beija ela, beija ela, beija ela.

O pobre Ben olhou para mim com os olhos arregalados, suor escorrendo na testa. Ele lambeu os lábios — não porque ele estava excitado, mas porque estava nervoso para diabo. E eu balancei a cabeça, encorajando-o, para avisar que estava tudo bem.

Mas antes que ele pudesse se inclinar, uma mão envolveu minha cintura por trás, me puxando na direção oposta.

Eu não tive tempo para processar tudo — a mão deslizando no meu cabelo, o outro braço me puxando contra seu corpo, a multidão enlouquecendo.

Não, eu não percebi isso acontecendo — não até que minhas mãos estivessem fechadas em sua camisa, minha boca se abrindo mais para deixar sua língua entrar, um gemido retumbando na minha garganta ao sentir um beijo tão apaixonado e possessivo.

Mas não eram os lábios de Ben nos meus.

Eram os de Zach.

A multidão aplaudiu ainda mais alto quando ele se afastou, e meus olhos se abriram, as mãos ainda segurando sua camisa enquanto ele me abraçava.

Zach afastou meu cabelo do rosto, erguendo meu queixo.

— É — ele soltou, baixo o suficiente para que só eu pudesse ouvir. — Tão incrível quanto eu me lembrava.

Meu coração deu um salto mortal, uma enxurrada de borboletas voando no meu estômago. Procurei em seus olhos escuros, meu corpo inclinando para mais por conta própria.

E então percebi o que estava fazendo.

Com minhas mãos ainda em sua camisa, eu joguei Zach para trás.

— Oh, meu Deus, Zach!

Ele apenas levantou as mãos, o sorriso torto com aquela maldita covinha aparecendo.

— Eu sinto muito, Ben — eu disse apressadamente, me virando para ele com meu rosto vermelho por um motivo completamente diferente.

A mandíbula de Ben estava apertada, seu olhar fixo em Zach.

— Desculpe, eu não sabia o que estava acontecendo. A câmera estava ligada e todos estavam torcendo e...

— Não foi legal, cara — Ben disse para Zach, me ignorando.

— O quê? — Zach disse, inclinando-se para trás. Ele esticou o braço sobre as costas das cadeiras, deixando uma delas ao meu redor. — Você hesitou. Eu estava apenas dando à multidão o que eles queriam.

— Zach! — eu sussurrei-gritei, batendo no peito dele.

— Vou pegar outra cerveja — disse Ben, levantando-se.

Eu também levantei.

— Eu vou com você.

— Não — ele disse rapidamente, olhando para Zach novamente antes de seus olhos azuis se fixarem nos meus. — Você deveria ficar.

Quando ele saiu, as fofocas ao nosso redor começaram em uma mistura de *oooohs* e risadas. Janet acenou para mim da sua fileira, apontando para Zach e erguendo os polegares.

— Eu gosto mais dele — ela murmurou.

Eu gemi, me jogando de volta no meu assento depois que tirei o braço de Zach do encosto da minha cadeira. Encostei no assento, cruzando os braços e observando o campo.

— Eu diria que sinto muito, mas...

— Cala a boca — eu cortei Zach.

A bola foi jogada, e eu assisti o jogo do que parecia ser outro universo enquanto o *Lions* interceptava nosso passe, ganhando dezessete jardas em uma corrida antes de serem derrubados. Eu mal registrei isso no entanto. Em vez disso, meus dedos flutuaram sobre meus lábios – lábios que Zach tinha acabado de beijar como se ele os possuísse, como se eles nem fossem meus.

Fechei os olhos, forçando uma respiração que deveria me acalmar, mas que apenas fazia meu coração bater mais rápido.

Você ainda está no controle, Gemma, tentei dizer a mim mesma. Foi só um beijinho.

Olhei para Zach com o canto do olho, e meu estômago revirou de novo, as mãos coçando para mergulhar seu cabelo estúpido e bagunçado — do jeito que elas fizeram uma semana atrás.

Totalmente no controle.

Desta vez, eu ri alto.



CAPÍTULO 8

Zach

OK, TALVEZ O BEIJO TENHA SIDO UM POUCO DEMAIS.

Eu era homem o suficiente para admitir quando estava errado e, embora no momento parecesse uma coisa romântica e heroica, percebi depois que foi um pouco além dos limites. Ela tinha vindo com outro cara, e eu envergonhei os dois.

Porém, eu realmente senti que era *ele* quem eu mais tinha envergonhado. Teria sido pior para Gemma se eu tivesse apenas ficado sentado e deixado ela ser rejeitada — pela *segunda* vez. A multidão enlouqueceu comigo roubando o beijo no lugar de Ben.

Mas Gemma, por outro lado...

Ela se sentou ao meu lado com os braços cruzados depois que Ben subiu para pegar mais cerveja, bufando feito um dragão enquanto observava o campo. Ela não reagiu às últimas jogadas, então eu não tinha certeza se estava mesmo assistindo. Ela estava apenas olhando.

E provavelmente pensando em todas as maneiras às quais poderia me matar.

Até certo ponto, meu plano estava funcionando. Eu a desequilibrei quando apareci, e mesmo com suas melhores tentativas de me ignorar e provar que estava aqui com Ben, eu sabia que a estava afetando.

Ela gostou de mim.

Podia não querer admitir isso, e ela claramente não queria se submeter a isso. Mas eu não estava sozinho quando sentia alguma coisa rolando.

Ainda assim, eu cruzei uma linha e não tinha mais certeza de onde estava. Eu ainda estava na área persistente e sedutora que eu pretendia? Jogando seu próprio jogo contra ela, tentando conseguir outro encontro?

Ou eu tinha atravessado para a Terra dos Stalkers, sem entender suas pistas para deixá-la em paz?

Suspirando, eu me ajeitei no assento e me inclinei para ela. Gemma se moveu para o lado oposto da sua cadeira, e eu soltei outro suspiro profundo.

— Olha, sinto muito

— Com certeza você sente.

— Não — eu disse, estendendo a mão para apertar seu joelho. Ela olhou para aquela mão como se pudesse incendiá-la com o olhar antes de finalmente olhar para mim. — Estou falando sério, Gemma. Eu realmente peço desculpas. Passei dos limites.

Ela me observou com desconfiança. Mas deve ter visto sinceridade no que eu falei, porque soltou um longo suspiro, os ombros curvando para frente.

— Sim. Você realmente passou.

— Olha, eu percebo agora que o que eu fiz, comprando esses ingressos... bem, pode ter sido um pouco louco.

— Você acha?

Eu dei a ela um olhar aguçado.

— Mas quando fiz isso, eu só queria outra chance com você.

Ela jogou as mãos para cima com um revirar de olhos dramático.

— É como se eu estivesse falando com uma parede de tijolos. Você não ouviu nada do que eu disse quando expliquei qual era o meu plano para a temporada ou você simplesmente optou por ignorar tudo?

— Eu ouvi cada palavra, ok? — Balancei a cabeça. — Eu só pensei que depois da semana passada, depois da noite que tivemos, que talvez você mudasse de ideia.

Gemma não respondeu a isso.

— Eu posso ir embora — eu ofereci. — Se você realmente quiser que eu faça isso. Eu vou agora mesmo.

— Não — disse Gemma com um suspiro, beliscando a ponte do nariz. — Não, você comprou os ingressos, deveria ficar e aproveitá-los. Só... — ela disse, levantando um dedo. — Não faça isso de novo. Ok?

Eu sorri, porque não importava que ela estivesse me dizendo para manter minhas mãos para mim. Ela queria que eu ficasse — e *isso* era uma vitória.

— Ok.

Ficamos em silêncio por um tempo, Gemma olhando para trás algumas vezes para ver se havia algum sinal de Ben. Cada vez que ela se virava sem vê-lo, suspirava, batendo com o pequeno tênis nas costas da cadeira à sua frente.

— Ele vai voltar — eu assegurei a ela.

— Duvido.

— Ele vai. Quero dizer, o cara pode ser tão interessante quanto uma pedra, mas ele não é estúpido. E acredite em mim quando digo que ele teria de ser um idiota para não voltar.

Gemma puxou seu longo cabelo por cima do ombro à minha frente, passando os dedos por ele enquanto olhava para mim através de seus cílios.

E enquanto ela me olhava desse jeito, eu torcia demais para que aquele cara nunca mais voltasse.

Eu a queria para mim.

— Senhoras e senhores — o locutor falou enquanto todas as telas se enchiam com a bandeira americana. — Por favor, levante-se enquanto homenageamos um soldado na saudação ao serviço.

Eu estava imediatamente de pé, batendo palmas ruidosamente enquanto todos lentamente se levantavam. O locutor falou sobre a mulher a ser homenageada em campo, e a cada palavra, sentia uma onda de orgulho. Seu nome era Hazel McCoy, e ela era uma oficial da Marinha dos Estados Unidos que acabara de voltar de sua quinta excursão.

Meu peito apertou um pouco ao vê-la aceitar uma homenagem de um dos líderes em campo, seu marido e dois meninos ao lado dela. Quando ela chorou, acenando para os fãs, eu não pude deixar de chorar um pouco também.

Senti os olhos de Gemma em mim quando a saudação acabou, todos tomando seus lugares novamente.

— Vá em frente — eu disse, arregalando os olhos para evitar que a água transbordando dentro deles vazasse. — Zoe o quanto quiser.

— Eu não ia dizer nada.

— Uh-hum.

Ela sorriu, mas então seu rosto suavizou, os olhos procurando os meus.

— Você é apenas um grande moleque sob todo esse sarcasmo, não é?

Eu ri.

— Sou apenas um moleque quando se trata de três coisas, e os militares são uma delas. — Peguei minha cerveja, algo que poderia me devolver um pouco da minha masculinidade, mas me lembrei que estava vazia. — Alguma chance de seu namorado trazer uma cerveja para mim também?

Gemma arqueou uma sobrancelha, franzindo os lábios.

— O que *você* acha?

— É, sem chance. — Suspirei, mas segurei a garrafa vazia de qualquer maneira. — Meu pai esteve no Exército por quase trinta anos — eu disse, evitando seu olhar. — Ele sacrificou muito pela nossa família, pelo nosso país. Não sei. Acho que sei um pouco mais do que a maioria sobre o tipo de coisas que você tem que abrir mão para servir, e eu respeito muito qualquer um que faça isso.

— Eu acho isso muito legal — disse Gemma, e eu não perdi como ela se endireitou, inclinando-se mais para mim do que para longe. — O que ele fez no Exército?

— Ele estava no antibombas.

Seus olhos se arregalaram.

— Uau.

— Sim. — Eu balancei a cabeça, compartilhando seu sentimento. — Imagine como minha mãe ficava.

— Ela deve ter ficado tão assustada.

— A cada implantação, ela congelava quando o telefone tocava. Acho que na cabeça dela, tinha de se preparar antes de atender. Só por via das dúvidas.

Gemma me observou por um longo momento.

— Meu avô era um veterano. Ele serviu no Vietnã e tinha muito orgulho disso. Ele costumava sempre usar seu chapéu de veterano, sua jaqueta, e ele

sempre ia ao VFW.

Gemma estava com um olhar distante, e eu sabia muito bem o que significava. Era o mesmo olhar que eu dava para o meu passado, para o que poderia ter sido.

— Você era próxima dele?

Ela sorriu com a minha pergunta.

— Muito. Meus pais viajavam muito a trabalho quando eu era mais jovem. Bem... — acrescentou ela. — Eles ainda viajam, na verdade. Ele meio que me criou, me ensinou tudo o que sei.

— Como ser um pé no saco gigante.

— Especialmente isso.

Eu sorri, e Gemma se inclinou um pouco mais para perto, me observando.

— Você também era militar? — ela perguntou depois de um momento.

— Não. Eu pensei em ser, mas o futebol americano tomou tanto do meu tempo, que se tornou a prioridade número um. — Dei de ombros. — Ser militar foi apenas uma reflexão tardia. O futebol americano era tudo.

— E o que aconteceu com o futebol americano?

Agora eu realmente preciso de uma cerveja.

Cociei meu queixo, e então o *Bears* completou um passe. Gemma ficou com o resto dos fãs, torcendo pelo jogador enquanto ele corria, sua pergunta temporariamente esquecida. Mas quando ela se sentou novamente, seus olhos estavam em mim. Esperando.

— Essa é uma longa história, para outra hora — eu ofereci. E eu não pude evitar. Inclinei-me, invadindo seu espaço.

E assim como antes, seu rosto ficou vermelho, seus olhos arregalados quando eu coloquei seu cabelo atrás de uma orelha.

— Talvez, se você me deixar levá-la para outro encontro...

— Boa tentativa — ela brincou, afastando minha mão. Mas Gemma estava sorrindo, e isso era melhor do que olhar para mim como se quisesse arrancar minha cabeça.

Eu aceitaria ambos.

— Quais são as outras duas coisas?

Inclinei a cabeça.

— O quê?

— As outras duas coisas sobre as quais você é mole.

— De jeito nenhum, você não ganha mais brindes. Você vai ter que me dar outro encontro para descobrir.

Gemma cruzou os braços.

— Você percebe que isso nunca vai funcionar a seu favor, certo? Você está jogando o jogo errado.

— Tudo bem — eu admiti, me inclinando sobre seu assento novamente. Desta vez, eu fixei meus olhos nos dela, sustentando seu olhar enquanto minha mão deslizava sobre seu joelho. — Desde que eu seja o vencedor certo.

Gemma piscou, a boca se abrindo como se estivesse pronta para fazer um comentário, mas ele morreu em algum lugar. Seus olhos foram para minha boca e voltaram para cima novamente, mas então alguém limpou a garganta atrás de mim.

— Ben! — Gemma se levantou, fazendo minha mão cair de seu joelho. Passei a mão pelo meu cabelo e me levantei também, para que Ben pudesse passar.

Ele me observou o tempo todo.

— Obrigada — disse Gemma quando ele lhe entregou uma cerveja. Ele tinha duas para si. — Ben, sinto muito pelo que aconteceu. Eu...

— Está tudo bem, querida — disse ele.

Querida? Quem esse cara pensava que era? Ele conhecia Gemma há duas horas.

Ben passou o braço possessivamente ao redor dela, seus olhos brilhantes encontrando os meus.

— Eu sei quem vai receber os beijos de *verdade mais tarde*.

Ele armou um sorriso para isso, e eu passei a língua no interior da minha bochecha, punhos apertados ao lado do meu corpo. Eu queria tirar aquele sorriso de menino bonito de seu rosto perfeitamente simétrico, mas isso não funcionaria a meu favor. Gemma ficou chateada comigo mais cedo, mas, de alguma forma, eu ganhei de volta um pouco da sua confiança. Ela estava rindo comigo. Ela queria saber mais sobre mim.

E o menino bonito *Ben* sabia jogar suas melhores cartas. Eu ainda sabia quem ganharia.

Gemma observou Ben como se ele estivesse coberto de uma substância verde viscosa que ela não sabia o que era – um slime ou vômito.

— Ah, tudo bem. Bem, obrigado pela cerveja.

— A qualquer hora, *querida*. — Ben a puxou ainda mais para perto, e eu vi o lábio superior de Gemma visivelmente curvado.

Eu ri, segurando minha garrafa vazia.

— Minha vez de ir comprar cerveja. Vocês dois pombinhos se comportem. — Eu dei a Gemma um olhar aguçado, e ela lutou contra um sorriso, balançando a cabeça em advertência.

Ela ainda poderia estar em um encontro com ele, mas eu sabia em quem ela estava pensando – independentemente do braço *dele* estar ao redor *dela*.

Não havia dúvida de quem receberia os “beijos de verdade” mais tarde.

E com certeza não seria Ben.



O *Bears* perdeu, e se eu já não fosse fã o suficiente de futebol americano, ficaria chateado só de olhar para Gemma quando o apito final soou.

Ela estava de coração partido.

Seus ombros estavam murchos, o cabelo um pouco oleoso pelo tanto que ela passou as mãos por ele no último quarto. Abrimos caminho pela multidão para sair do estádio. Ben segurou a mão dela, e eu fiquei para trás, deixando-os em paz.

Ela o puxou para que parassem na frente do mesmo totem em que nos encontramos na semana passada antes do jogo, e eu poderia ter ido embora, poderia ter começado a caminhar em direção ao estacionamento onde deixei meu carro, mas resolvi esperar. Eu disse a mim mesmo que era porque o trânsito estaria infernal e não havia sentido em se apressar.

Mas até um cego poderia ter visto que eu estava esperando para ver o que Gemma faria em seguida.

Ben tinha ficado um pouco solto na última parte do jogo, e enquanto Gemma falava com ele sob aquele totem, seus olhos saltavam ao redor, o

corpo balançando. Ele disse algo para ela, provavelmente algo engraçado, já que ela riu, e então eles se abraçaram, e ele começou a caminhar no meio da multidão em direção à fila do táxi.

Gemma suspirou, cruzando as mãos sobre a cabeça enquanto o observava partir. Então, ela se virou, e quando me viu, seus olhos se estreitaram.

Você teria pensado que *eu* era a razão pela qual o time perdeu, a julgar como ela veio em minha direção como um touro furioso. Eu sabia que seu olhar era para me assustar, mas teve o efeito oposto.

Eu só queria levá-la para casa, tirar essa camisa dela e me demorar fazendo-a gozar enquanto dizia meu nome.

Ela era muito adorável quando estava com raiva, e meu sorriso estava dividindo meu rosto quando ela me alcançou, espetando seu dedo indicador direto no meu peito.

— Isso não significa que você ganhou.

— Ai! — Eu ri, esfregando meu peito. — Droga, você precisa de uma permissão para carregar essas coisas. Vou começar a chamar de Arminhas.

— Eu não dormi com ele porque ele é um lixo — ela disse, me ignorando enquanto explicava suas ações. — E porque ele não conseguia parar de marcar território depois daquela pequena façanha sua. Só faltou urinar em mim.

— Que pesado.

— É uma metáfora.

— Seja lá o que você diga, sem julgamentos se seu lance for golden shower.

Ela me cutucou novamente.

— Ai.

— Você não ganhou. Eu poderia tê-lo levado para casa e transado com ele se quisesse.

— Ok — eu disse, levantando as duas mãos. Ela ainda estava apontando o dedo para mim, pronta para atacar. — Eu me rendo. Você pode guardar essa coisa agora?

Gemma olhou para seu dedo, rindo enquanto deixava a mão cair ao seu lado.

— Boa noite, Zach.

Ela se virou, mas antes que pudesse dar um passo, gritei:

— Me leva para o próximo jogo.

Gemma fez uma pausa, olhando para mim por cima do ombro com um sorriso antes de se virar. Ela enfiou as mãos nos bolsos traseiros, me observando por um longo momento antes de balançar a cabeça.

— Eu te disse, isso não faz parte do plano.

— Seu plano é de foder.

Sua pequena boca se abriu com isso.

— *Você é* de foder.

— Ah, então ela *se* lembra. — Lambi os lábios, dando um passo em direção a Gemma com um sorriso satisfeito enquanto observava cada tom de rosa e vermelho em suas bochechas. Estendi a mão, enfiando um dedo no passador de seu jeans. — Você sabe, nós nunca chegamos naquela coisa de ser *macetada* até o ano que vem.

Sua pele ardeu, a boca franzindo enquanto lutava contra a vontade de sorrir. Passei a mão em sua lateral, por seus braços, até emoldurar seu rosto. Eu queria seus lábios nos meus novamente, sua boquinha se abrindo para me deixar entrar para mais.

Mas antes que eu pudesse fazer esse movimento, ela me cutucou novamente.

— Ai-ai-ai — eu disse rindo, pronunciando bem as reclamações. Eu a olhei e esfreguei meu braço.

— *Boa noite, Zach* — ela disse novamente, uma sobrancelha levantada. Então, levantou o dedo com o qual acabara de me cutucar, o polegar emoldurando-o como se fosse uma arma, e soprou a ponta enquanto se afastava, enfiando-o no bolso como um caubói em um velho filme de faroeste.

Ela saiu com os ombros para trás, queixo erguido, quase saltitando, como se tivesse vencido. Mas ela não sabia – aquele pequeno movimento só tinha acrescentado combustível ao meu fogo.

Nada que valesse a pena vinha fácil, isso foi algo que aprendi cedo. Eu nunca esperei que Gemma cedesse rápido, cedesse a mim sem revidar. Na verdade, eu adorava que ela tivesse esses planos, metas ocupando um monte de listas.

Era parte do que a tornava única.

Eu assisti seus quadris balançarem até que ela estivesse fora de vista, passando a mão sobre a barba por fazer que revestia minha mandíbula enquanto cada osso do meu corpo pedia que eu fosse atrás dela.

Mas eu era um homem paciente, e joguei futebol americano por tempo suficiente para saber que você nunca gastava toda a sua energia no primeiro quarto.

Ainda havia muito jogo para ser jogado.

E quando a bola estivesse em minhas mãos novamente, eu estaria pronto.



CAPÍTULO 9

Gemma

SUA MÃO DESCANSOU EM SEU QUADRIL, DA MESMA forma que descansou na minha naquela manhã, quando ele me deu um beijo de despedida. Ele estava beijando uma garota também – mas não porque ele estava indo embora.

Ele entrou nela, puxando-a para mais perto, seus lábios procurando os dela. E quando eles se beijaram, eu senti aqueles lábios como se estivessem pressionados contra os meus. Eu conhecia aqueles lábios. Eu tinha memorizado a sensação deles quando tocavam a minha testa, minha bochecha, minha boca.

Ela conhecia seus beijos da mesma forma que eu?

Pisquei, e então ela estava lá, no fundo da igreja onde ele e eu nos casamos. Ela vestia preto, assim como eu, mas suas lágrimas vieram mais fáceis do que as minhas. Ela chorou por um amante levado cedo demais pela morte.

Chorei por um amante tomado cedo demais por ela.

E quando encarei o caixão, ele estava lá, olhando para mim com olhos cinzentos e cansados.

— Sinto muito — ele sussurrou, mas meu coração não sentiu alívio.

Ele não estava arrependido de ter traído. Ele estava arrependido de eu ter descoberto. Ele lamentou que eu tivesse de ficar ao seu lado enquanto

ele murchava, enterrando seu segredo junto com seu corpo.

Quando eles fecharam a tampa do caixão, eu gritei.

Eu me levantei do sofá, uma mão voando para minha cabeça quando ela doeu em protesto pelo meu movimento repentino. Fechei os olhos com força, caindo de volta nas almofadas e chutando o cobertor de cima de mim.

Eu estava quente, escorregadia de suor, meu peito arfando e o coração acelerado. Eu não sabia onde estava. Eu não sabia em que ano estava. Não sabia o que era real e o que era um sonho.

Ou melhor, um pesadelo.

Eu gemi, o suor esfriando meu peito agora que abandonei meu cobertor. Deixando minha mão cair no chão, procurei o celular, espiando a tela com um olho. Eu tinha três chamadas perdidas de Belle e uma mensagem de Zach.

Era pouco depois das seis horas.

Botei a mão no peito, sentindo a batida do meu coração desacelerar mais a cada nova respiração. Eu me deitei por volta das três da tarde para tirar uma soneca, querendo recarregar depois de um dia de trabalho. Mais tarde, iria levar Belle para assistir ao jogo desta noite comigo. Era segunda à noite, um jogo fora de casa para o *Bears*.

Estávamos jogando contra o *Packers* – nosso maior rival.

Eu estava animada, mas cansada, então me deitei para descansar.

E aqui estava, três horas depois, sentindo como se tivesse morrido e voltado à vida como um zumbi.

Os olhos do Carlo do meu sonho ainda estavam vívidos, como se ele estivesse lá comigo quando me sentei no sofá, olhando ao redor do meu apartamento vazio. Era difícil acreditar que era meu. Ainda me lembrava de o ter comprado, dos papéis assinados e de tudo em movimento antes mesmo de voltar para casa com a intenção de dizer a Carlo que sabia o que ele estava fazendo.

Eu tinha um plano. Tinha colocado tudo em movimento. Eu tinha provas para mostrar a ele, as palavras para dizer a ele, e um lugar para ir quando eu conseguisse tudo isso. Eu ia seguir em frente. Eu ia ficar bem.

Mas ele falou primeiro naquele dia, e meu plano pegou fogo.

Às vezes, não conseguia entender o fato de que eu morava aqui – ou em qualquer lugar – sozinha. Outras vezes, parecia impossível acreditar que eu tinha acordado em uma casinha com ele um ano atrás, pensando que tudo na minha vida estava bem.

Com meu celular ainda na mão, fui até a cozinha pegar água gelada na geladeira. Eu esvaziei metade da garrafa antes de desbloquear meu telefone, decidindo ler a mensagem de Zach primeiro.

Ei, Arminha, você está livre esta noite? Precisava de um pouco de apoio no Doc's Bar, já que é noite de segunda, futebol e tudo mais. Além disso, eu sei que você precisa de um lugar para gritar contra o Packers com pessoas que pensam como você.

Eu sorri, assim como eu fazia toda vez que ele me mandava uma mensagem. Eu odiava ter sorrido, porque havia cerca de um milhão de sinais de néon pendurados acima da cabeça de Zach me alertando para ficar longe. Ele era o tipo de cara que eu poderia me apaixonar, o tipo que eu poderia deixar entrar, chegar perto.

E ele era o tipo de cara que poderia fazer você desmaiar e suspirar enquanto contava mentiras, o tipo de cara que faz você acreditar que ele falou sério sobre tudo.

Ainda assim, não pude deixar de ser atraída pelo conforto que sentia quando estava com ele. Mesmo quando me enfureceu, aparecendo naquele jogo no assento ao lado do meu, ele ainda conseguiu de alguma forma fazer com que eu me sentisse segura por ele estar por perto.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que alguém fez com que eu me sentisse assim.

E a última *pessoa* que o fez provou por que eu nunca deveria confiar nesse sentimento.

Carlo era fácil de confiar. Ele tinha sido cuidadoso com meu coração. Ele provou várias vezes que eu não tinha motivos para me preocupar, que eu podia relaxar, que eu podia me sentir segura com ele.

E então ele me traiu.

É por *isso* que você nunca confia em seu coração, mesmo quando pensa que é seguro.

Desculpa, as armas estão fora de serviço esta noite. Aproveite o jogo. Vai, Bears!

Os pontinhos já estavam saltando na tela, indicando que Zach estava digitando de volta, mas eu fechei o app de mensagens e abri na chamada perdida de Belle. Quando apertei o botão verde para ligar de volta, ela atendeu antes mesmo do primeiro toque terminar.

— Que diabos, mulher? — Ela bufou. — Você me disse para estar pronta às cinco, e aqui estou eu, toda arrumada esperando por você.

— Desculpa, eu tirei uma soneca e... — Eu gemi quando outro rasgo de dor passou pela minha cabeça. — Vamos apenas dizer que eu morri um pouco no processo.

— Ui — ela disse de um jeito simpático. — Esse tipo de soneca, hein? Você esqueceu que dia era?

— Esqueci que ano era.

Vasculhei minha bolsa no balcão em busca de um pouco de ibuprofeno, derrubando duas pílulas antes de as tomar com um pouco de água.

— Desculpa, mas vou para a cama. Por mais louco que pareça, acho que poderia voltar a dormir se tentasse.

— Hum, você absolutamente *não vai* fazer isso — disse Belle. — Estou maquiada. E voltei a enrolar o cabelo. Estou até usando as cores do seu time estúpido, pelo amor de Deus.

— Você está de laranja? — eu perguntei. — Oh, meu Deus. Você realmente me ama.

— Calma, eu não sou tão louca — ela disse rapidamente. — Mas estou vestindo azul-marinho e branco, o que é bem parecido.

— Desculpe, eu te devo uma. Só não estou com vontade de sair agora.

Belle fez uma pausa.

— O que aconteceu? Você teve outro pesadelo?

Engoli em seco, e quando não respondi, ouvi um suspiro pesado do outro lado.

— Ah, querida...

— Eu estou bem — eu disse apressadamente. Eu lidava bem quando ela mostrava empatia com minha soneca dos mortos, mas não com isso. — Sério. Está tudo bem, eu me sinto um pouco estranha agora.

— O que aconteceu no sonho dessa vez?

Dei de ombros, enchendo meu copo de água.

— Revivi a primeira vez que o vi beijá-la, e depois ela na igreja no dia de seu funeral. Só que, desta vez, quando olhei para ele, ele estava vivo no caixão.

— Meu Deus, Gema.

— Ele disse que estava arrependido — eu sussurrei. — Mas não era o tipo de pedido de desculpas em que você sabia que a pessoa realmente estava arrependida. Era como... eu não sei, como se ele tivesse pena de mim.

Ela ficou em silêncio por um longo momento, e eu bebi minha água, a náusea se instalando no meu estômago para se juntar à dor de cabeça, ambas chutando minha bunda.

— De qualquer forma... — eu disse. — Foi apenas um sonho. Mas acordei com dor de cabeça e não estou me sentindo muito bem.

— Por que eu não desço? — ela ofereceu. — Vou levar sorvete, podemos assistir ao jogo no seu sofá.

— Eu meio que quero ficar sozinha agora, Belle.

Ela riu.

— Ah, não, você não quer. Você não vai ficar aí triste nesse apartamento vazio, pensando no seu ex-marido bosta e traidor. — Ela fez uma pausa. — Que ele descanse em paz.

— Mas...

— Não. Levanta sua bunda e vista algo apresentável. Vamos assistir ao jogo.

— Belle — eu gemia.

— Ei, me escuta. — Eu quase podia imaginá-la nivelando seus olhinhos azuis com os meus. — Eu sei que às vezes é uma merda e que dói. Honestamente, se fosse comigo, eu seria a mais caótica de todas as pessoas mergulhadas no caos. O que eu quero mesmo é descer aí, te abraçar, te embalar, acariciar seu cabelo e fazer você me contar tudo que dói e que você nunca falou sobre. Mas o que você acha disso?

Eu fiz uma careta.

— Que é torturante.

— Bem — Belle concordou. — Cerveja e evitar o assunto, então. Encontro você lá embaixo em trinta minutos.

Não havia como discutir com ela naquele momento, então eu desliguei suspirando e olhando para mim mesma no reflexo da tela do meu telefone agora preto.

Eu precisava de xampu a seco. E corretivo. Urgentemente.

Mudança de planos. Guarda um lugar para mim.

Mandeí a mensagem para Zach, que me enviou quatro emojis de boquinha em resposta à minha última mensagem. Ele respondeu à minha afirmativa com uma carinha sorridente de diabo roxo e depois um anjo.

Tentei encontrar conforto nas palavras de Belle, no fato de que ela estava usando minha própria linguagem do amor comigo. Ela sabia que eu não queria conversar sobre o passado. Eu não queria ficar sentada e deprimida. Não, minha principal forma de terapia se apoiava na evasão – e Belle estava disposta a apoiar isso.

Às vezes, eu jurava que minha melhor amiga me conhecia um pouco bem *demais*.

Eu não poderia dar nenhuma das minhas desculpas com ela, não sem que Belle percebesse. E por mais que eu quisesse ficar deitada sentindo pena de mim mesma, eu sabia que me divertiria no bar. Eu sabia que ia querer assistir ao jogo. E eu sabia que estar perto dela e de Zach me ajudaria a me sentir melhor.

Ainda assim, algo parecia estranho quando apliquei meu rímel e, em seguida, vesti meu moletom do Bears e um jeans rasgado antes de sair pela porta. Minha cabeça estava enevoada, meu coração ainda batia muito rápido ou parecia parar, dependendo do minuto. Eu só queria me enfiar no meu pijama, mas não queria ficar sozinha.

Foi o primeiro pequeno sinal de que eu não me sentia no controle.

Talvez fosse porque não importa quanto controle eu tivesse sobre a minha vida – o que eu fazia todos os dias, com quem eu passava meu tempo, como eu lidava com a morte de Carlo –, eu não conseguia controlar meu cérebro. Quando tentei, o que ele fez foi me mostrar uma memória, ou o rosto dele, ou o rosto *dela*, e cada grama de controle que eu tinha se perdeu.

Aquele sonho tinha me derrubado, e agora eu estava girando no espaço, tentando encontrar a órbita novamente.

Eu esperava que uma cerveja e o jogo fossem o caminho para isso.
Acho que eu sabia antes mesmo de sair de casa que não seriam.

Zach

Oito dias se passaram desde o jogo, e eu não tinha visto Gemma.

Bem, *tecnicamente*.

Eu a tinha visto em meus sonhos, nas minhas memórias, em minhas fantasias enquanto limpava o bar ou passava pelo meu apartamento. Eu tinha visto o olhar em seu rosto quando ela me viu naquele assento ao seu lado, e eu revivi o momento em que roubei aquele beijo dela — de novo, e de novo, de novo, e de novo.

Mas eu não a tinha visto *pessoalmente* desde a noite em que ela se afastou de mim depois da derrota do *Bears*.

Não era como se eu não estivesse *tentando* vê-la novamente desde o último jogo. Eu tentei convencê-la a sair comigo para um café, uma noite de cinema, e até mesmo apenas um passeio pelo rio que não era muito longe da sua casa.

Ela recusou todas as vezes.

Eu não estava surpreso, já que ela ainda estava decidida a seguir seu *plano*. Mas Gemma estava me mandando mensagens todos os dias, respondendo aos meus pedidos com as mesmas brincadeiras espirituosas que tínhamos desde o dia em que nos conhecemos.

Ela estava se fazendo de difícil, mas estaria mentindo se dissesse a alguém que não me queria também.

Pelo menos era isso que eu queria dizer a mim mesmo.

E eu? Bem, eu não conseguia tirar a garota da cabeça.

Não tive vergonha de admitir que, a princípio, a conexão era física. Ela é uma garota linda — deslumbrante, realmente. Com o cabelo escuro e olhos esmeralda, quase neon, um corpo enxuto que de alguma forma tinha curvas

em todos os lugares certos, era difícil não ser instantaneamente atraído por ela.

Mas então ela me zoou tão facilmente quanto eu a zoei. Essa foi a primeira fase, me atrair, me fazer querer olhar mais de perto. E vê-la em um jogo de futebol?

Essa foi a segunda.

Tendo jogado futebol americano a vida inteira, conhecia bem as garotas que *diziam* gostar do esporte. Claro, para a maioria *dessas* garotas, isso significava que elas gostavam dos *jogadores de futebol americano*. Pergunte a elas sobre uma equipe ou uma posição ou qualquer regra básica? Elas não saberiam responder nada.

Mas não era o caso de Gemma.

Eu a tinha visto pulando e sorrindo como uma pateta naquele estádio ou prendendo a respiração e entrelaçando os dedos sobre a cabeça enquanto assistia a uma jogada difícil; era fácil ver que ela tinha um amor genuíno pelo jogo. Ela estava no clima, era uma verdadeira fã, e sabia do que estava falando.

Ainda assim, havia mais nela do que apenas o amor pelo futebol e seu adorável senso de humor. Por baixo daquele sorriso, daqueles olhos, havia uma história.

E eu queria conhecer.

Fazia muito tempo que uma mulher não me cativava após um primeiro encontro. Sendo honesto, na maioria das vezes, as mulheres eram fáceis de ler. Eu passava por cima das suas risadas falsas, seus elogios insinceros jogados para mim, com suas mãos apertadas em volta do meu bíceps. Quando eu era mais jovem, elas me queriam pelo meu potencial – pelo dinheiro que eu ganharia se me tornasse profissional. E depois disso, *especialmente* depois da minha última namorada de verdade, aprendi que não queria alguém que só me quisesse pelo que eu poderia fazer por *elas*.

Gemma não era esse tipo de garota.

Eu não sabia tanto quanto eu queria sobre ela, mas sabia que Gemma era diferente. Eu sabia que ela tinha se machucado, e talvez por causa disso, ou talvez apenas por causa de quem ela era como pessoa, Gemma não olhava para o mundo e perguntava o que ele poderia dar a ela.

Ela não queria nada de mim ou de qualquer outra pessoa.

E talvez tenha sido isso que me fez querer mais dela.

Pena que estava tão fechada, trancada a cadeado, como se fosse um livro da área restrita, nem mesmo tinha flertado com a ideia de me deixar dar uma olhada além da capa.

Mas era segunda-feira, uma noite sagrada durante a temporada regular, e nossa cidade estava enfrentando o *Packers*, em Wisconsin. Era nosso maior rival, e o bar ficava lotado de moradores de Chicago gritando para as telas da televisão.

Incluindo Gemma.

Eu sorri quando li a mensagem dela – não a que originalmente enviou, que dizia que não viria, mas a que enviou dez minutos depois avisando que havia mudado de ideia. Aquele sorriso estava colado no meu rosto enquanto Doc e eu preenchíamos os pedidos no bar, correndo de um lado para o outro enquanto cuidávamos de nossos clientes o mais rápido que podíamos. Estávamos muito ocupados, e Doc estava estressado e mal-humorado.

Mas eu não conseguia parar de sorrir.

Quando dois dos nossos frequentadores deixaram o bar quando a multidão começou a entrar, eu roubei suas banquetas e as escondi atrás do bar. Estávamos muito ocupados para eu fazer qualquer tipo de reserva de assento, mas eu estava muito empenhado em ter Gemma perto de mim.

E quando ela passou pela porta vinte minutos após o pontapé inicial, de cabelo preso em um rabo de cavalo alto e olhos delineados com um preto esfumado, eu tive de me esforçar para que meu queixo não batesse no chão.

Junto com o de todos os outros caras no bar.

Belle me viu antes de Gemma, e ela sorriu, saltitando até mim. Entreguei suas banquetas, passei por alguns de nossos clientes regulares, me desculpando e dizendo a eles que suas próximas cervejas seriam por minha conta, apenas para que eles se afastassem do bar. Coloquei os bancos, sorrindo, enquanto Belle se sentava no primeiro.

— Uau — ela disse, alisando a bancada assim que sentou. — Você guardou esses dois assentos só para nós, Sr. Bartender?

— Só para você. — Meus olhos se voltaram para Gemma, e eu fiquei do outro lado do bar para ver se talvez fosse rolar um abraço no futuro.

Não rolou.

Ela me deixou puxar o banco para ela, no entanto, e eu gentilmente toquei a base de suas costas. Havia um pequeno sorriso em seus lábios, mas seus olhos pareciam distantes, e ela fez pouco além disso. Sorrir para me cumprimentar.

Tentei não levar para o lado pessoal, me perguntando se talvez ela estivesse apenas jogando seu jogo, se fazendo de difícil, enquanto eu voltava para o outro lado do bar. Eu deslizei um porta-copo na frente de Belle primeiro, o próximo aterrissando na frente de Gemma assim que ela passou a mão pelo rabo de cavalo e o deixou balançar para trás sobre o ombro. Seus olhos encontraram os meus, e suas bochechas se tingiram de um rosa-claro, um sorriso maior ameaçando os cantos de sua boca.

Ela olhou para Belle, mas eu mantive meu olhar nela.

— É como conhecer o cara que pode nos levar aos bastidores de um show — disse Belle.

— Só que muito menos legal! — Doc gritou atrás de mim. Ele bateu no meu ombro, estendendo a outra mão para Belle. — Eu sou o Doc, o dono deste lugar. Então, se você quer ter qualquer tipo de conexão de verdade, é comigo que você deve flertar.

Belle riu, tombando a cabeça para trás.

— Sabe, eu pensei que gostava de você, Zach, mas acabei de encontrar minha nova pessoa favorita.

— Difícil competir com esse cara — eu disse. Meus olhos ainda estavam em Gemma.

Belle apertou a mão de Doc.

— Eu me chamo Belle.

— Prazer em conhecê-la. — Doc alcançou Gemma em seguida, e seus olhos deslizaram para os meus brevemente antes que ela sorrisse para ele e colocasse sua mão minúscula na dele. — Você deve ser a mulher a qual esse cara não consegue parar de falar.

Ela corou ainda mais, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha assim que terminaram o cumprimento.

— Se com isso você quer dizer a mulher que ele não para de importunar, então, sim, eu sou a sortuda.

Doc riu, apertando meu ombro.

— Parece que você está bem perto de outro encontro, filho. Continua assim.

Eu sorri, assentindo, enquanto Doc caminhava para o outro lado do bar para pegar outro pedido. Mas meus olhos ainda estavam em Gemma.

E eu sabia que ela estava mentindo.

— Eu sou tipo uma praga agora, hein?

Ela assentiu, apoiando um cotovelo no bar.

— Mas você é o tipo bonitinho de praga. Como uma família de ratos.

Belle riu, batendo o dedo no bar na frente do nosso concurso de olhares.

— Ok, antes de vocês dois brigarem, você pode me trazer um martíni, por favor? Caprichado. — Ela jogou o cabelo longo encaracolado e loiro-avermelhado sobre os ombros. — Já tenho que sofrer com um jogo de futebol americano. Se eu também tiver que sofrer com seu flerte de ensino médio, pelo menos preciso de lubrificação.

Gemma riu, e eu quebrei nosso contato visual por tempo suficiente para agitar a bebida de Belle e colocá-la na frente dela. Ela me agradeceu com uma piscadela, colocando uma azeitona entre os lábios após o primeiro gole.

— E para você? — perguntei a Gemma.

— Dose dupla da sua melhor tequila Añejo. Gelada.

Sibilei, fazendo o pedido dela e decorando com uma fatia de limão.

— Noite ruim, hein?

Eu estava apenas brincando, mas quando notei o jeito com que Belle estava olhando para Gemma, fiz uma careta. E só aí que notei.

Ela estava lá, no bar, maquiada e com o emblema do time no peito. Mas Gemma não estava *lá* — não realmente. Seus olhos estavam um pouco vidrados, distantes, e cada sorriso que ela me dava parecia distante, como se ela estivesse medicada ou vivendo em algum tipo de sonho.

Percebi que o que eu tinha visto antes, o que ela tinha me mostrado até este ponto — toda aquela dureza e aquela atitude blasé — era tudo a máscara dela.

E esta noite, ela deixou essa máscara cair.

Gemma apenas deu de ombros, tomando o primeiro gole e deixando seus olhos focarem na televisão acima de mim. Eu a observei por um longo

momento, ignorando o chamado de Doc me dizendo que ele precisava que eu anotasse mais pedidos naquela direção.

Eu não sabia o que a estava incomodando, o que estava em sua mente, mas eu tinha uma missão: tirar a garota daquela vibe.

— Sabe, eu acho que você está mentindo — eu disse, mantendo meus olhos fixos nela. — Sobre eu ser uma praga.

— Você acha?

Eu balancei a cabeça.

— Uh-hum. Afinal, você veio aqui. Para *o meu* bar. — Eu me afastei do bar, lançando-lhe um sorriso arrogante. — Você não estaria aqui se eu te incomodasse.

Ela me deu um olhar aguçado.

— Você *pediu* para eu vir aqui.

— E você veio — eu a lembrei. — Apenas admita: você gosta de mim. Você também queria me ver.

Gemma sorriu, mas revirou os olhos, tomando outro gole de tequila enquanto seu olhar se fixava na tela novamente.

— Eu vim aqui para assistir ao jogo; em um bar em que eu vim muitas vezes antes de saber que você trabalhava aqui, a propósito.

Eu apontei para ela.

— Isso é mentira.

— Não é.

— Hum, é. Porque trabalho aqui há quase doze anos e posso apostar que você nunca pôs os pés neste bar antes da noite em que nos conhecemos.

Seus olhos encontraram os meus então e se estreitaram em fendas.

— Você está *tão* confiante, que apostaria dinheiro nesse fato?

Eu balancei a cabeça.

— Por quê? Doc poderia ter anotado meu pedido — ela tentou. — Ou outro barman. Poderia ter sido uma noite em que você estava de folga.

— Não há outros bartenders, e eu não tiro noites de folga.

— Ah! *Agora* quem é o mentiroso? — Ela apontou o dedo de volta para mim. — Você também tira noites de folga. Você tirou quando foi ao primeiro jogo em casa comigo e novamente no último domingo.

— As primeiras duas noites em doze anos, inclusive quando gripei.

Tecnicamente, isso era uma mentira, já que eu tinha os sábados de folga e tínhamos dois outros garçons temporários na equipe, garotos que só gostavam de ganhar algum dinheiro extra enquanto estavam na faculdade. Eram eles que cobriam o bar aos sábados. Ainda assim, eu sabia que ela *também* estava mentindo. Ela não tinha vindo ao Doc antes da primeira noite em que a vi.

Os olhos de Gemma suavizaram, as perguntas os alinhando enquanto ela me observava. Mas ela controlou suas feições no segundo seguinte.

— Isso não é saudável. — Ela passou a mão pelo rabo de cavalo. — E não significa que eu nunca estive neste bar antes da noite em que nos conhecemos.

— Você não esteve — eu disse, desta vez me inclinando sobre o balcão com ambos os cotovelos. Eu nivelei meu olhar com o dela, meu foco deslizando brevemente para seus lábios pintados de rubi antes de nos olharmos novamente. — Eu sei, porque não há a menor possibilidade de eu não ter notado se você tivesse entrado por aquelas portas. — Eu balancei a cabeça, sorrindo. — Assim como eu não consigo te esquecer desde a noite em que você passou por elas.

Um sorriso puxou o canto de seus lábios carnudos, e Belle visivelmente amoleceu enquanto nos observava – nem olhava para o jogo – lá da sua banqueta. Mas Gemma apenas me observou, com aquela sugestão de sorriso, seus olhos suavizando um pouco antes de pigarrear.

Ela se afastou, quebrando nosso contato visual e tomando um gole da bebida.

— Você está errado sobre eu estar aqui por você — disse ela, sibilando por causa da tequila. Então olhou por cima do ombro antes de me encarar novamente com um sorriso selvagem. — E eu vou te mostrar quão errado você está.

No segundo seguinte, ela inclinou a tequila para trás e bebeu como se fosse suco de maçã em vez de uma bebida alcoólica de trinta dólares. Seus olhos lacrimejaram um pouco enquanto ela chupava o limão; ela não me ofereceu outro olhar antes de atravessar o bar na direção oposta a minha.

— Ai, cara — Belle murmurou, e nossos dois olhares seguiram Gemma até que ela parou.

Bem em uma mesa cheia de caras barulhentos e babando.



CAPÍTULO 10

Zach

— SABE, SE VOCÊ REALMENTE GOSTA DE SE TORTURAR, EU sempre posso te emprestar meu chicote.

Belle tomou um gole de seu martíni, enfiando outra azeitona na boca. Eu tinha acabado de dar a ela uma tigela cheia delas.

— É para prazer sexual — ela continuou, acenando com a pequena espada de madeira a qual ficava enfiando nas azeitonas enquanto falava. — Mas se você o usar com força suficiente, poderia causar algum dano.

Soltei um suspiro pelo nariz, enfiando uma pequena pá na caixa de gelo e jogando os cubos ruidosamente em um copo. Enchi-o com Jack Daniels primeiro, apertando o botão para servir Coca e enchendo antes de deslizar para um dos fãs do *Packers* no final do bar.

Quando olhei para Gemma novamente, bem a tempo de ver o cara que ela estava papeando nas últimas duas horas enfiar a mão em seu bolso traseiro, eu apertei a mandíbula.

— Ela está bêbada — eu disse, apoiando ambas as mãos no bar enquanto descaradamente olhava para ela. Ela estava indo ao Doc para pedir bebida depois que eu não tão sutilmente ignorei seus pedidos de mais bebidas do meu lado do bar.

Ela não estava tão bêbada para que a gente precisasse interceder por ela, mas estava bem no ponto em que onde poderia tomar algumas decisões

ruins.

E o cara com quem ela estava atualmente tinha *escolhas ruins* escrito por toda parte.

— Você não está errado — Belle disse, comendo outra azeitona com um gole de seu martíni. Seus olhos estavam em Gemma também, e ela se encolheu um pouco ao ver o bostão fazendo cócegas nela. — Ela teve um dia difícil.

Meu peito se apertou.

— O que aconteceu?

— Não cabe a mim dizer — Belle respondeu, balançando de volta em sua banqueta. — Mas se isso faz você se sentir melhor, acho que está certo sobre o que disse antes.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Sobre ela querer sair com você. — Belle deu de ombros, passando o dedo na borda do copo. — Faz muito tempo desde a última vez em que aquela garota teve algo que a fizesse sorrir, e sabe o que acontece toda vez que você manda uma mensagem para ela? Ela acende como fogos no 4 de julho.

Eu cocei a mandíbula, desviando meus olhos de Gemma por tempo suficiente para olhar para Belle quando perguntei:

— Qual é o problema dela com relacionamentos? Quem a machucou?

Belle sugou o ar por entre os dentes.

— Ah, de novo: não posso contar. Tudo o que posso dizer é que ela tem uma razão, e honestamente? Eu não a culpo. Quero dizer, eu já sou presidente do Clube das Solteiras Eternas, mas mesmo se não fosse, não a pressionaria a fazer algo até que estivesse pronta. — Belle olhou sua melhor amiga do outro lado do bar, uma sombra de algo passando seu rosto. — Não depois do que ela passou.

Suas palavras circularam na minha cabeça enquanto meu olhar voltava para Gemma. Ela estava com o braço em volta do cara em que estava sentada, e ele estava desenhando círculos em sua coxa com seus dedos grossos. Eu não gostava dele. Não importava que eu não o conhecesse. Ele estava olhando para Gemma como se ela fosse algo para se conquistar, como se fosse uma piada interna entre ele e todos os seus amigos naquela mesa.

E se ele não tirasse as mãos dela logo, eu ia enlouquecer.

— Você quer outra bebida? — perguntei a Belle, ainda olhando para Gemma.

— Não. Melhor parar aqui. — Ela fez uma pausa. — Eu *aceitaria* outra tigela de azeitonas, no entanto.

Eu a olhei com uma sobrancelha arqueada.

— Nós temos pizza, você sabe, né?

— Ei, não julgue, apenas encha. — Ela empurrou a tigela para mim, e eu sorri, balançando a cabeça enquanto a enchia até o topo com azeitonas.

Foi realmente uma automutilação o jeito como eu assisti Gemma pelo restante da noite. Eu não poderia nem responder se alguém me perguntasse qual era o placar ou o que tinha acontecido na jogada anterior. Ela era a única coisa em que eu conseguia me concentrar, além de atender aos pedidos de bebida — e eu fiz isso apenas para não pular por cima do bar, correr até lá e a tirar dos braços daquele idiota.

Quando o jogo estava quase no fim — o *Bears* vencendo por dois touchdowns e um ponto extra —, Gemma voltou para perto do bar. Senti o nó no meu peito ceder quando ela se afastou daquela mesa, e minha respiração ficou um pouco mais fácil.

Até que ela falou:

— Andy e eu vamos embora — disse ela para Belle, os olhos brilhantes e um sorriso preguiçoso e bêbado brincando em seus lábios. O batom que os coloria tão lindamente antes estava borrado agora, as bordas sujando sua pele.

— Hum, você tem certeza que é uma boa ideia? — Belle olhou para os caras na mesa.

— Mm-hmm — Gemma disse com uma risadinha. — Ele vai me mostrar sua maneira favorita de comemorar uma vitória do *Bears*.

Os olhos de Belle dispararam para mim quando um rugido de raiva e ciúme me rasgou como fogo.

— E o seu *plano*? — eu cuspi, pegando duas cervejas do balde de gelo e batendo-as no bar, na frente dos caras que tinham acabado de pedir. Eles trocaram olhares, olhos arregalados, mas eu os ignorei. — Pensei que você estava empenhada em se manter nele.

Gemma piscou, como se estivesse digerindo o que eu disse.

— Eu estou.

— Então, esse cara pode ter um tempo livre com você quando não é um jogo em casa, quando não está em seus termos, mas eu não posso?

As defesas de Gemma subiram como uma parede visível, e ela estreitou os olhos.

— Está nos *meus termos*. Você mudou as regras, então por que eu não posso?

Eu cerrei os dentes, plantando as mãos no balcão enquanto me inclinava em direção a ela.

— Gemma, por favor, não faça isso.

Seus olhos estavam em suas unhas bem cuidadas enquanto ela engolia em seco, balançando um pouco. Eu cobri sua mão com a minha, me inclinando mais, até que seus olhos se conectaram com os meus.

— Eu sei que você se machucou.

Seu lábio inferior tremeu, e eu apertei sua mão.

— Você esconde isso de todo mundo. De estranhos, de Belle, *dele* — eu acrescentei, acenando para o idiota esperando por ela na mesa no canto. — Provavelmente da sua família também. E eu não sei o que aconteceu; eu não sei quem te machucou. — Engoli em seco. — Mas eu posso ver. Eu posso ver você sofrendo e eu juro, por experiência própria, que fugir disso não vai fazer a dor ir embora.

Os olhos de Gemma focaram nos meus como se ela estivesse tentando me ver através de uma névoa.

— Esta não é a resposta. *Ele* não é a resposta — eu disse, apontando direto para o bostão. — Se você deixar alguém te levar para casa esta noite, que seja eu.

Gemma revirou os olhos com uma zombaria.

— Não para que eu possa tocá-la de outra forma além de ajudá-la a ir para a cama. Confie em mim quando digo que você vai se sentir melhor se você apenas dormir esta noite. E se você quiser ligar para ele de novo pela manhã, quando estiver *sóbria*... — acrescentei. — Então vá em frente. Droga, eu vou até discar o número para você.

Gemma cutucou a bochecha por dentro com a língua, arrancando a mão debaixo da minha e cruzando os braços sobre o peito.

— Você é inacreditável — disse ela, então plantou as mãos bem na frente das minhas, inclinando-se sobre o bar para me encontrar no meio. — Eu estou bem, obrigada, e eu não preciso de sua permissão ou sua *bênção* ou o que quer que você pense que precisa me conceder para eu levar um cara para minha casa. Sou uma mulher crescida e farei o que quiser. — Ela apontou de volta para Andy. — Ele é legal, ok? E ele não é complicado. Ele está perfeitamente bem com o que eu quero e o que eu *não* quero; ao contrário de algumas pessoas.

— Gemma — eu tentei.

— Gemma — Belle repetiu, puxando a mão de sua melhor amiga na dela. — Ei, você sabe que eu gosto de encontros de uma noite e sou a rainha deles, mas acho que concordo com Zach aqui.

A boquinha de Gemma se abriu, como se sua amiga tentando impedi-la de ir para casa com um neandertal bêbado fosse a coisa mais ofensiva que ela já tinha presenciado. Então ela estreitou os olhos.

— Você concorda com Zach — ela disse. — É claro. Bem, quer saber? Não preciso de permissão *de nenhum* de vocês. — Gemma apontou para Belle e então acenou para mim. — Estou cansada de ouvir os outros dizendo o que quero e o que não quero. Ninguém está me ouvindo.

— Eu estou — disse Belle. — E como Zach disse, se você quiser isso de manhã? Eu sou totalmente a favor. Mas eu sei o que aconteceu antes — ela disse, e eu observei Belle com curiosidade.

O que havia acontecido antes?

— E eu sei como você fica quando se sente fora de controle.

— Eu não me sinto fora de controle — Gemma argumentou, balançando a cabeça. — Estou *no* controle, e é exatamente por isso que estou saindo. Porque eu *quero*.

Ela arrancou a mão da de Belle, e com isso, vacilou um pouco em sua postura.

— E para constar — disse ela, os olhos me prendendo novamente. — Você não tem *ideia* do que eu estou “fugindo”. — Ela fez aspas no ar sarcasticamente em torno das duas últimas palavras. — Ou do que eu não estou. Então pare de presumir que você sabe o que é melhor para mim. —

Ela pegou sua bolsa, que tinha ficado pendurada de na banqueta de Belle a noite toda. — Pare de agir como se você me conhecesse.

Com isso, ela deu a volta e atravessou o bar, deslizando a mão na de Andy e puxando-o em direção à porta. O Bostão jogou um polegar para cima pelas costas ao som de uma mesa rindo e aplaudindo, e eu rosnei, lançando um copo meio vazio no fundo do bar. Ele se estilhaçou quando atingiu a lixeira, e Doc jogou as mãos para cima.

— Droga, Zach! — Ele balançou a cabeça, pegando a vassoura nos fundos e jogando-a para mim. — Limpe essa merda. E pare de agir como louco, ela é apenas uma garota.

Belle me observou com olhos tristes e solidários quando peguei a vassoura, os dedos envolvendo-a tão apertados, que ficaram brancos. Encontrei seu olhar, e parecia que ela queria me abraçar e também queria jogar um copo também.

— Sinto muito — disse ela, deslizando para fora de seu banco e jogando dinheiro no bar. — Eu vou salvá-la de si mesma.

— Me deixe ir com você.

Belle balançou a cabeça, levantando uma mão.

— Não, ok? Ela pode me afastar e ficar brava comigo esta noite, e ela vai superar isso amanhã. Mas...

— Não vai acontecer comigo, né?

Os olhos de Belle se suavizaram novamente.

— Desculpe, Zach.

Eu não respondi, apenas balancei a cabeça enquanto ela caminhava pela multidão até onde Gemma havia desaparecido. Precisei de cada grama de autocontrole que me restava para não ir atrás dela, não passar por todas as pessoas, até que eu estivesse do lado de fora, conectando meu punho ao rosto *de Andy*.

Mas qual seria o ponto?

Ela deixou claro esta noite o que sente por mim.

E não é do jeito que eu pensei que ela sentia.

— Desculpe, Doc — eu disse quando ele passou.

Ele deu um sorriso empático e de lábios apertados, me dando um tapinha no ombro.

— Está tudo bem. Apenas limpe.

Forcei uma respiração, odiando a forma como meu peito doía, e comecei a varrer.

Ela é apenas uma garota.

Eu não tentei encontrar Belle novamente, e eu não olhei para ver se Gemma já havia entrado em um táxi com Andy. Eu apenas varri o vidro quebrado, me perguntando como eu tinha ficado tão vidrado em uma mulher que não poderia se importar menos comigo; só conseguia pensar em como uma noite poderia fazer uma virada de cento e oitenta graus em tão pouco tempo.

Talvez Gemma não fosse diferente.

Talvez ela fosse como todo mundo.

E talvez, embora doesse no peito como um ferro em brasa, eu precisasse fazer exatamente o que ela queria que eu fizesse.

Eu precisava deixá-la ir.

Gemma

Eu cometi um erro.

Cometi um grande, um *imenso* erro.

Claro, essa percepção não me atingiu até que fosse tarde demais, dez minutos depois.

Não me ocorreu que eu estava fazendo escolhas ruins quando fui até aquela mesa cheia de caras, empenhada em provar meu ponto de vista para Zach. Naquele momento, era apenas um jogo — que eu descobri recentemente que eu aparentemente adorava jogar. Eu só queria provocá-lo, mostrar quem estava no controle quando se tratava do que quer que estivesse acontecendo entre a gente.

Eu ainda tinha um plano. Ainda não queria estar em um relacionamento. E ele ainda estava perdendo seu tempo.

Por mais verdadeiro que tudo isso possa ter sido, cometi um erro ao caminhar até aquela mesa. Mesmo que tivesse sido uma noite divertida, de comemoração pela vitória sobre o *Packers* e de bebedeira, tomando tequila como se fosse água, eu deveria ter percebido que estava brincando com fogo.

Tive um sonho com meu ex-marido menos de uma hora antes de entrar naquele bar, e não deveria ter bebido tanto. Eu não deveria ter bebido nada. Eu deveria ter ficado em casa, deveria ter deixado Belle subir, deveria ter enfrentado alguma coisa – *qualquer coisa* – em vez de apenas evitar.

Mas esse era o meu *modus operandi*. Embora eu tivesse evitado com sucesso a bagunça do meu passado, de alguma forma me encontrei em uma pilha ainda maior e mais fedorenta de bagunça no meu presente.

Andy agarrou minha bunda enquanto eu mexia em meu celular procurando um Uber, e meu coração batia forte no peito, abafando a tequila.

Eu não quero que ele me toque.

Não quero que ele venha para casa comigo.

Eu quero Zach.

Esse último pensamento me atingiu como um caminhão, e eu o afastei, culpando o álcool. Eu estava apenas emocionada depois de explodir com ele. Com Belle, eu poderia pedir desculpas, mas com ele seria uma história diferente.

Talvez eu devesse pedir desculpas a ele agora...

Esse pensamento me surpreendeu, e meu polegar pairou sobre onde eu precisava tocar para ordenar oficialmente nosso Uber.

— Mal posso esperar para chegar em casa — disse Andy, aninhando-se no meu pescoço.

Eu o empurrei, tropeçando de volta para o bar.

— Mudança de planos.

— Espere, aonde você está indo?

— Preciso falar com alguém.

Eu estava quase na porta quando Belle saltou para fora dela, colidindo comigo enquanto giramos em um tornado de cabelos e bolsas.

— Ei, ei — disse ela, me pegando pelos braços e me segurando na posição vertical.

Seus olhos se transformaram em fendas quando Andy tentou me roubar de suas mãos.

— Eu cuido dela — ela disse a ele.

— Nós estávamos indo.

— E agora *nós* estamos indo — disse Belle, apontando entre nós duas. — Tipo, eu e ela, e não você.

Andy bufou, olhando para mim como apoio.

— Ela está certa — eu disse, balançando a cabeça. — Eu não quero sair com você.

— Não foi o que você disse literalmente cinco minutos atrás — ele bufou como um dragão.

— Ela mudou de ideia. — Belle inchou o peito, me botando atrás dela. — Agora, vá embora.

Andy revirou os olhos, e eu juro que o ouvi murmurar algo sobre eu ser só garganta enquanto abria a porta do bar, voltando apressado lá para dentro. Fechei os olhos, mas eles se abriram novamente quando me lembrei da minha missão.

— Eu tenho que ir falar com Zach — eu disse arrastado.

— Oh, não, você não tem — Belle disse, me pegando pela cintura e me girando para longe da porta novamente. — Olha, eu pedi um Uber para a gente, vamos para casa, você vai para a cama, e então você pode pensar em tudo pela manhã. Ok?

— Mas...

— Você está bêbada, Gemma — Belle disse. — E teve uma noite de merda. Durma, e você pode ligar para ele de manhã e dizer seja lá o que precise dizer. Feito?

Eu mal podia registrar suas palavras, então apenas balancei a cabeça, e ela me puxou contra si, respirando fundo. Belle me abraçou até o momento em que o carro chegou, a volta para casa foi tão embaçada quanto a noite.

Belle me colocou para dentro e me deixou na minha cama, mas assim que ela se foi, eu tropecei no caminho do banheiro e caí de joelhos no azulejo. A local inteiro girou enquanto eu olhava para o vaso, a água apenas esperando que eu liberasse o que havia em mim, mas nada veio.

Fechei os olhos, enjoada, até que minhas costas estivessem contra o vaso sanitário e soltei um suspiro. Meus pés estavam moles, e eu passei as mãos pelo cabelo, que tinha soltado do rabo de cavalo.

Eu estava uma bagunça.

A tequila nadou na minha corrente sanguínea enquanto eu ficava sentada, e eu não sabia quanto tempo tinha passado até eu me arrastar para fora do banheiro, trancando a porta da frente antes de pegar meu telefone do balcão da cozinha. A tela ficou borrada enquanto eu digitava, dedos se movendo em câmera lenta como se estivessem debaixo d'água enquanto eu mandava uma mensagem para Zach.

Rá, acho que eu ganhei, hein? Disse que você estava errado sobre eu estar no bar para vê-lo.

Enviei o texto com um emoji, um piscando e mostrando a língua. Mas quando nada veio de Zach em resposta, eu suspirei, digitando outro.

Eu sinto muito.

Deixei passar onze minutos, olhando para minha tela como se eu pudesse fazer com que ele me mandasse uma mensagem se eu mantivesse meus olhos abertos por tempo suficiente. Eu não deveria ter mandado uma mensagem para ele. Se Belle estivesse comigo, ela não teria deixado. Ela estava certa. Eu precisava ficar sóbria, pedir desculpas a ele do jeito que ele merecia.

Mas a tequila estava girando no meu estômago e na minha cabeça, me fazendo querer mandar uma mensagem para ele de novo, e eu joguei meu telefone do outro lado da sala, no meu sofá, antes de ceder à tentação.

Eu precisava dormir.

Não conseguiria resolver nada esta noite e, sinceramente, eu não sabia como dar sentido a nada de qualquer maneira. Quando saí do bar, estava exultante, satisfeita em provar meu ponto de vista. Eu estava com raiva de Zach. Eu queria que ele me deixasse em paz.

Mas enquanto o carro me levava pela cidade, não consegui parar de pensar no que ele disse.

Não sei o que aconteceu, não sei quem te machucou. Mas eu posso ver. Eu posso ver você sofrendo, e eu juro, por experiência própria, que fugir disso não vai fazer a dor ir embora.

Parecia que quanto mais eu tentava afastá-lo, mais Zach tentava fazer com que eu o deixasse entrar. Eu simplesmente não conseguia descobrir o porquê.

Além do mais, eu não conseguia descobrir por que parte de mim queria ceder.

Eu sabia o que acontecia quando eu acreditava em um homem que me disse se importar comigo. Eu conhecia o tipo de desgosto que vinha de ser traída, de ser enganada. E, no entanto, eu ainda era uma escrava das minhas emoções.

Eu gostava dele.

Eu balancei a cabeça assim que o pensamento me atingiu, cravando as palmas das minhas mãos em meus olhos.

— Ugh, você está bêbada, Gemma. Vá para a cama.

Falar em voz alta parecia tornar verdadeiras as palavras, e eu segui meu próprio conselho, tirando minhas roupas e me enfiando debaixo dos lençóis novamente, com a cabeça ainda girando.

Eu não gostava de Zach. Eu não queria sair com ele nem com ninguém. Havia uma única razão para eu concordar com a ideia de Belle, com seu plano de usar meus ingressos para a temporada: era seguro. Seria futebol, diversão e fazer novos amigos sem a possibilidade de ter meu coração — o que restava dele, pelo menos — despedaçado novamente.

E o bônus era ter um pouco de contato humano, algo que eu estava sentindo falta, algo que eu poderia conseguir sem me apaixonar.

Por que ele tinha que ser o *único cara* que não estava ok com só transar comigo e me deixar em paz? Qualquer outro homem teria pulado de alegria com esse tipo de acordo. Mas não Zach Bowen.

Eu suspirei, estremecendo contra a dor de cabeça que já estava começando a bater. Talvez fosse residual do que eu tinha tomado antes, ou talvez fosse a tequila me punindo antes mesmo de eu ter a chance de dormir. Independentemente disso, me forcei a respirar com calma e rolei de bruços, me esticando e focando no que eu podia controlar.

Posso ligar para ele pela manhã.

Eu posso pedir desculpas.

Posso explicar que estava tendo um dia ruim e que não queria aborrecê-lo.

Eu estraguei tudo, mas eu poderia consertar isso.

Pela manhã.

Quando eu estivesse sóbria.



CAPÍTULO 11

Gemma

NÃO ME SENTI MELHOR PELA MANHÃ.

Na verdade, também não me senti melhor à tarde ou à noite. Era a primeira vez que eu saía do trabalho mais cedo em anos.

Por sorte, eu tinha uma chefe muito clemente e muito compreensiva – uma que havia testemunhado o acidente de trem que minha vida se tornou na noite anterior.

— Como você está se sentindo aí, gatinha?

Eu gemi, colocando Belle no viva-voz e largando meu telefone na cama antes de puxar as cobertas sobre meus ombros.

— Por que você está gritando comigo?

— Estou praticamente sussurrando. Você ainda está se sentindo mal?

— Como se eu tivesse sido espancada e jogada em uma lixeira.

Belle estalou a língua.

— Bem, tequila costuma fazer isso.

— Como está o trabalho? Lamento não ter ido.

— Bem, levando em conta que são sete da noite, o trabalho acabou.

Meus olhos se abriram, e eu rolei, apertando o cenho para olhar o relógio na extremidade oposta do meu quarto.

— Ai, meu Deus. São *sete horas*?

— Você ainda está na cama, não está?

Eu não respondi, e Belle riu.

— O trabalho foi bom. Você é a melhor assistente deste mundo e, embora eu esteja disposta a admitir que estou insanamente feliz por não ter que fazer isso sem você todos os dias, tenho orgulho de relatar que passei muito bem por conta própria.

Eu sorri. Belle era uma das designers de interiores mais requisitadas da cidade, oferecendo desde consultoria até mobiliário e decoração completos. Como eu nunca quis nada além de ter uma família, alegremente aceitei sua oferta para ser sua assistente assim que seu negócio começou a crescer.

Afinal, fazer planos, listas, manter as coisas organizadas? Era como ser paga para fazer o que eu amava fazer normalmente.

Além disso, Carlo era o provedor da nossa família. Ele não queria que eu tivesse de me preocupar em trabalhar, especialmente depois que começamos a falar sobre crianças.

Meu estômago revirou com esse pensamento. Eu chorei tantas noites durante o nosso casamento, me perguntando por que estava demorando tanto para engravidar. Agora, eu não sabia se estava mais devastada por não ter uma parte dele para manter aqui comigo, um filho dele para criar, ou se isso era uma bênção disfarçada.

— Estou muito orgulhosa de você — eu disse enquanto soltava um bocejo.

— Gostaria de poder dizer o mesmo agora, amiga. — Belle suspirou. — Fale comigo. Como você está se sentindo?

Eu me forcei a sentar na cama, gemendo quando meus músculos reclamaram.

— Como se estivesse no meio de um furacão. — Suspirei, mexendo no meu esmalte. — Eu estava realmente bem com esse plano, sabe? Eu tinha tudo planejado. E então minha *rodada de treino* acabou sendo uma grande dor de cabeça e tirou tudo do controle. Agora, eu não tenho controle de nada. Quero dizer, o próximo jogo em casa é domingo. Eu ainda não encontrei alguém para ir comigo.

— Você ainda quer fazer isso?

Eu mordi o interior do meu lábio, considerando sua pergunta.

— Eu quero. Quero dizer, olha... — Passei a mão pelo meu cabelo oleoso, parecido com um ninho de rato. — Não estou pronta para namorar, para estar em um relacionamento. — Eu meio que ri disso. — Claramente. E honestamente, eu não *quero* fazer isso de novo. Mas você estava certa... — Eu suspirei. — Sinto falta de ser tocada, ser olhada por um homem que me quer, passar tempo com o sexo oposto ou, honestamente, com *qualquer um*. E Zach me mostrou que *aquela* parte de mim que eu achava que estava morta ainda está *muito* viva. Então, sim. Eu quero continuar indo aos jogos e quero manter nosso plano original.

— Você acha... — Belle perguntou, parando um momento antes de continuar. — É possível que talvez seja *Zach* que você queira, não apenas um cara qualquer? Talvez por isso seja difícil para você escolher o próximo?

Eu balancei a cabeça com firmeza.

— Não. Quero dizer, sim, eu gosto de Zach. Ele é divertido, é gostoso. — Eu ri. — Ele me deixa doida. Mas realmente sinto que estou sendo fiel a mim mesma quando digo que não quero passar de uma noite com um cara. Quero dizer, espero que Zach e eu possamos ser amigos, mas... nada além disso.

Meu peito estava apertado quando eu disse essas palavras, provavelmente devido às minhas confissões bêbadas para mim mesma na noite passada. Mas isso era a tequila falando. Eu estava atraída por Zach, o que era normal, mas não queria mais dele do que já tínhamos.

Eu *não poderia* querer mais do que isso.

Minha mente sóbria estava muito ciente do que sua contraparte bêbada havia negligenciado na noite passada, que não importava o quanto Zach parecesse de confiança *neste* momento, ele não era.

Ninguém era.

Ouvi Belle se movendo em seu apartamento, mas nenhuma palavra veio. Depois de uma longa pausa, ela limpou a garganta.

— Bem, se for esse o caso, então minha teoria é que você sente que perdeu o controle porque agiu de forma diferente na noite passada. Se você quer pegar as rédeas de volta, acho que deveria ligar para Zach e pedir desculpas. Fale com ele. Estabeleça uma amizade, deixe claro que você não

quer mais nada, e então você se sentirá melhor e poderá passar para o próximo cara.

— Em teoria, tudo isso soa ótimo — eu disse. — Mas você acha que há alguma chance de ele querer falar comigo, ainda mais ser meu amigo, depois de ontem à noite?

Belle suspirou.

— Só há uma maneira de descobrir.

Nós terminamos a ligação não muito depois disso, e eu sentei na cama, olhando para o celular e debatendo se eu deveria ligar para Zach ou não.

Por um lado, eu meio que me senti validada em minhas ações. Afinal, eu disse a ele que ele estava perdendo seu tempo. Eu disse que não queria nada além do que aconteceu naquela noite, e ele simplesmente não aceitou um não como resposta. Então, ontem à noite, provei a ele que estava falando sério. Pode não ter sido a maneira *mais elegante* de transmitir meu ponto de vista, mas funcionou.

Ainda assim, a maior e mais barulhenta parte de mim parecia estar querendo me botar no banco de reservas. Não importava o que eu estava tentando me convencer, minhas ações na noite passada foram deploráveis — até meu próprio *corpo* estava me punindo por isso. Eu me senti uma merda porque deveria me sentir mesmo. Só porque eu não queria sair com Zach não significava que eu não gostava dele como ser humano.

E não fazia parte de todo o meu plano fazer amigos? Por que eu simplesmente não expliquei a ele que gostava dele, mas que não poderia ser mais do que amiga agora? Joguei o jogo porque parecia divertido, porque queria provar um ponto.

A única coisa que eu tinha provado era quão idiota eu poderia ser.

Eu poderia ter sentado e discutido comigo mesma o dia todo, culpando minhas ações pelo sonho que tive com Carlo, ou que tudo era culpa do meu passado, ou qualquer outra coisa que eu pudesse pensar. Mas, em vez disso, peguei o telefone e disquei o número de Zach.

— Olá?

Sua voz estava rouca, como se ele tivesse tido uma noite tão difícil quanto a minha.

— Ei — eu disse, e de repente qualquer ideia do que eu deveria dizer desapareceu. — Uh... Como você está?

— Radiante. Você precisa de alguma coisa?

Ele estava sendo curto e direto, e eu notei que estava com raiva. Ele deveria estar. *Eu* teria ficado com raiva.

Eu inspirei, soltando a respiração lentamente e chutando as cobertas do meu colo.

— Sinto muito por ontem à noite, Zach.

Meu coração estava na garganta, especialmente quando ele não respondeu. Mas uma vez que abri as comportas, tudo simplesmente saiu.

— Não é uma desculpa, mas você está certo, eu me machuquei. E ontem foi um dia ruim. Eu só... eu não estava com a mentalidade certa para sair e beber, e minha cabeça estava cheia.

Ainda havia silêncio do outro lado, e de repente vi que não poderia conversar sentada. Eu saí da cama, andando pelo meu quarto.

— No começo, eu estava apenas me divertindo. Eu estava jogando o seu jogo.

— Eu não estava jogando um jogo.

Engoli em seco.

— Não, não, eu só quero dizer, você sabe, eu estava brincando com você ou algo assim. Mas eu fui longe demais, e fiquei chateada depois de algumas coisas que você disse ontem à noite. Mais uma vez, eu simplesmente não estava com cabeça. Mas isso não significa que eu deveria ter feito o que fiz, ou dito aquelas coisas, e eu me sinto uma merda e... — Suspirei. — Desculpe, ok? De verdade.

Houve uma respiração longa e pesada do outro lado, e então a voz desanimada de Zach.

— Tudo bem.

— Não, sério. Eu realmente sinto muito. Olha, estou falando sério quando digo que não estou pronta para sair com você... mas não é só com você. É com qualquer um. E eu sei que isso soa estúpido e clichê, mas eu só... eu tentei esse lance de relacionamento e amor, e eu não quero mais fazer isso.

— Tá legal. Entendo.

— Mas só porque eu não posso sair com você ou estar em um relacionamento, isso não significa que não podemos ser amigos, certo? —

Parei de andar, a esperança brotando em meu peito. — Eu realmente me divirto muito com você, Zach. Acho que seria incrível sairmos mais, assistirmos aos jogos juntos, nos conhecermos mais. Belle e eu podemos ir em seus turnos no bar — eu acrescentei com uma risada. — O que você diz? Trégua?

Zach riu, mas não era o mesmo tipo de risada que a minha. Quase parecia misturado com sarcasmo, ou descrença.

— Claro, Gemma. Nós podemos ser amigos.

— Você fala sério ou está sendo sarcástico?

Ele suspirou, e meu coração pulou na garganta esperando por sua resposta. Quando não veio, continuei divagando.

— Este plano, tenho certeza que parece estúpido para você, mas é muito importante para mim. Acho que é por isso que me esforcei tanto para preservá-lo. É a primeira vez que boto a cabeça para fora desde... desde que me machuquei e...

— Está tudo bem, ok? Tá legal. Amigos. Entendi.

Suspirei, sorrindo.

— Ok. Obrigado, Zach, por ouvir. Por entender.

— Uh-hum.

— Você vai ao jogo domingo? Te vejo lá?

Houve outro suspiro.

— Sim, eu estarei no jogo. E não se preocupe. Recebi sua mensagem em alto e bom som. Eu não vou te causar nenhum problema.

Engoli uma bola grossa e pegajosa, me perguntando por que meu estômago estava apertando tanto quando Zach estava me dizendo exatamente o que eu me convenci de que queria ouvir.

— Obrigada. — Eu fiz uma pausa. — Sabe, você deveria levar alguém. Poderíamos ficar todos juntos, seria divertido.

— Certo.

— Ok — eu disse, andando novamente. Eu sempre me sentia esquisita ao pedir desculpas, principalmente porque odiava admitir que estava errada. E quanto mais eu ficava no telefone com Zach, mais o silêncio pesado entre nós se tornava demais. — Bem, eu preciso ir. Mas vejo você no domingo.

— Vejo você no domingo.

Assim que as palavras saíram de sua boca, a linha ficou muda.

Parte de mim estava enjoada, como se eu tivesse cometido um erro, mas eu estava disposta a reconhecer que essa era a parte de mim que ainda acreditava no amor. Ela era pequena, fraca, fora espancada e machucada, mas estava viva ainda. E *essa* parte de mim estava triste por eu ter dispensado um cara tão sexy, engraçado e incrível.

Mas, a maior parte de mim, a *nova* eu, estava feliz e aliviada. Agora que Zach e eu tínhamos estabelecido uma amizade, agora que eu sabia que ele não iria mais usar nenhum truque para tentar conseguir outro encontro comigo, eu poderia me concentrar no plano original.

Respirei com mais facilidade, o alívio de estar de volta ao controle já me atingindo como uma dose de heroína. Era minha droga – controle –, e eu precisava dela para sobreviver.

Abri o aplicativo de encontros, vasculhando minhas mensagens, até encontrar uma que parecia promissora. E uma vez que eu tinha um encontro marcado para o próximo jogo em casa, era como se minha ressaca tivesse desaparecido completamente.

Eu estava de volta, o plano estava de volta no lugar e tudo parecia certo novamente.

Tirei a calcinha e a camiseta, tomei um banho quente, afundando na água e deixando que ela acalmasse meus músculos doloridos. Eu sabia que Zach ainda estava chateado, e ele tinha todo o direito de estar. Mas esta noite foi um trampolim para nós dois. Nós seguiríamos em frente, sabendo em que pé estávamos um com o outro, e poderíamos finalmente parar de fazer todos esses jogos.

Na verdade, eu tinha certeza de que essa era a *melhor* coisa que poderia ter acontecido, quanto mais eu pensava sobre isso. Agora Zach e eu éramos amigos. Ele era um cara legal, e nos divertimos muito juntos. Talvez um dia nós poderíamos olhar para trás e rir disso tudo.

Sorri, fechando os olhos e afundando na água.

Tudo voltou ao normal.

Zach

— O que há de errado, querido? — mamãe perguntou no jantar de sábado à noite, seus olhos tristes enquanto me observava forçar uma colherada de comida. — Você ama lasanha. É o seu prato favorito.

— Ele provavelmente está triste por eu ter negado seu pedido para trabalhar esta noite — disse Doc.

Mamãe ofegou, como se eu a tivesse ofendido pessoalmente.

— Você não perderia o jantar em família. Por que queria trabalhar esta noite?

Suspirei, deixando cair o garfo no prato e afundando de volta na minha cadeira.

— Só estou com a cabeça cheia, mãe. Achei que trabalhar me impediria de ficar de mau humor.

— Não foi assim que criamos você — papai entrou na conversa, enxugando a boca com o guardanapo. Ele tomou um gole de vinho tinto, nivelando seu olhar com o meu do outro lado da mesa. — Suprimir o que quer que esteja te incomodando só vai tornar tudo mais bagunçado no fim.

Passei a mão pela cabeça, ajeitando o cabelo e reprimindo um gemido. Eu nunca seria desrespeitoso com meu pai, mas a última coisa que eu queria ouvir era aquela besteirada motivacional sobre como eu deveria abraçar meus sentimentos.

Foi isso que me colocou nessa confusão.

— O que está acontecendo, filho? — perguntou depois de um momento. — Fale conosco.

— Oh, oh — Micah disse, enfiando um grande pedaço de pão de alho na boca e levantando uma mão como se estivesse na escola. — Deixe-me adivinhar. A garota do futebol já partiu seu coração, não foi?

— Cala a boca, Micah.

Ele apenas riu.

— Ah, cara, eu acertei, não foi? O que, ela não se apaixonou pelas pétalas de rosa na cama e pelo seu gosto por Nicholas Sparks?

Eu cerrei os dentes, deixando meu punho cair com força na mesa.

— Droga, Micah, eu disse para parar.

A mesa inteira tremeu com a minha ação, e mamãe estendeu a mão para firmar sua taça de vinho antes que seus olhos se estreitassem sobre mim.

— Zachary Abel.

— Desculpe, mãe. Eu sinto muito. — Suspirei, dobrando meu guardanapo e colocando-o sobre a mesa. — Eu estou bem, eu prometo, ok, pessoal? Só não estou com vontade de ser zoadado esta noite.

— Ei, me desculpe, mano — Micah disse, sinceridade em seus olhos. — Eu só estava brincando.

— Está bem. — Limpei a garganta, ficando de pé. — Eu vou pegar um pouco de ar fresco. Desculpe.

Eu não olhei para nenhum deles enquanto saía da sala de jantar, só voltei a respirar quando estava na varanda dos fundos. Eu coloquei meus braços sobre a grade, observando o sol se pôr sobre as árvores ao longe, o horizonte de Chicago delineado atrás delas.

Eu era patético.

Fazia cinco dias inteiros que eu tinha visto Gemma, desde a noite em que ela deixou claro seu *ponto de vista* no bar do Doc, e ainda assim eu estava deprimido como um menino que perdeu o cachorro. Eu deveria ter sido capaz de deixá-la de lado, de aceitar que o que eu queria não ia rolar — mas parecia que minha forma de lidar com a questão só piorava com o passar do tempo.

No começo, eu só fiquei chateado. Lá estava eu, excitado para diabo para vê-la naquela noite, para conversar com ela, para saber mais sobre ela, e ela apareceu no meu bar e se atirou em outro cara na minha frente. O pior era que ela *sabia* o que estava fazendo comigo. Foi de propósito. Era um jogo. Ela até admitiu quando me ligou no dia seguinte.

Foi depois dessa ligação que minha raiva se transformou em um sentimento de desamparo.

Ela finalmente foi honesta comigo, me dizendo que tinha se machucado e me pedindo para respeitar o fato de que ela ainda não estava pronta para relacionamentos. Tinha sido tudo diversão e jogos antes, comprar os ingressos para a temporada ao lado dela só para provocá-la. Eu pensei que era sobre seguir seu plano, sobre sua personalidade com mania de organização que precisava riscar as merdas de sua lista.

Mas era mais do que isso.

Alguém a tinha fodido. Eu não sabia quem ou o que a pessoa fez, e provavelmente nunca saberia. Tudo o que eu sabia era que ela me pediu para ser minha amiga com desespero em sua voz, o que me mostrou sua seriedade quanto à única coisa que ela podia ser.

Amiga.

Eu ri alto de novo, balançando a cabeça enquanto a última lasca de sol mergulhava abaixo do horizonte. O pensamento de que eu poderia ser apenas amigo daquela mulher era ridículo, mas, ainda assim, de alguma forma eu sabia que sofreria a tortura. Eu sabia que iria para aquele jogo no dia seguinte, sentaria ao lado dela e tentaria estar perto dela em qualquer oportunidade que ela me ofertasse – simplesmente porque eu a queria muito.

Porra, que *patético*.

Meu telefone tocou no bolso, me tirando da minha sessão de lambeção de feridas. Eu não reconheci o número, então deixei ir para o correio de voz, contente em ficar de mau humor por mais algum tempo. Eu sabia que, eventualmente, eu teria de superar isso e seguir em frente. Doc estava certo — ela era apenas uma garota. Havia um milhão de outras no mundo.

O problema era que não havia uma única outra como *ela*.

Isso eu sabia.

Meu telefone tocou novamente, e eu bufei, franzindo a testa quando vi o mesmo número. Eu atendi desta vez, recorrendo a descontar minha frustração em qualquer pobre operador de telemarketing que estivesse do outro lado.

— O que quer que você esteja vendendo, eu não vou comprar. Foda-se.

— Uau — uma voz calma e familiar respondeu. — Que horror. E se eu fosse uma mãe tentando vender xampu para tapetes para sobreviver, seu idiota?

Eu fiz uma careta.

— Belle?

— Eu mesma. Você está livre para conversar por um segundo?

Eu inclinei um quadril contra a grade.

— Ah, sim. Como você conseguiu meu número?

— Bem, estou no bar agora, mas a bartender bonitinha que está aqui disse que você está de folga aos sábados. Ela me deu seu número.

Suspirei.

— Isso que eu chamo de proteção dos funcionários.

— Ah, cala a boca, eu teria roubado de Gemma se fosse preciso. O que me leva ao motivo pelo qual estou ligando.

— Olha, ela já falou comigo, ok? — Eu me afastei do parapeito, cruzando a varanda para sentar no balanço que papai construiu para mamãe alguns anos atrás. — Eu entendi. Apenas amigos.

— Sim, bem... sobre isso.

Belle fez uma pausa, e eu me sentei um pouco mais reto.

— O lance é o seguinte, DNB.

— DNB?

— Dor na bunda. É assim que Gemma se refere carinhosamente a você.

Eu ri.

— Por que isso não me surpreende?

— De qualquer forma, olhe, eu gosto de você, ok? E eu sei que Gemma também. Ela está muito fodida para admitir isso, e o que ela mais gosta de fazer é enfiar qualquer coisa que se assemelhe a uma emoção em um porão cheio de caixas para que ela possa continuar morando no andar de cima e ignorar tudo que espreita no escuro lá embaixo. — Ela suspirou. — Eu sei o que ela disse a você e sei que ela *acha* que é isso que quer. Mas tenho sorte de conhecê-la melhor do que ela mesma.

— O que você está dizendo? — perguntei, inclinando-me para frente no balanço e apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Estou dizendo que minha melhor amiga idiota gosta de você, e ela está com medo de você por causa disso. E acho que devemos nos unir para fazê-la abrir seus olhos grandes, lindos e idiotas.

Eu sorri, e embora a esperança flutuasse por mim como uma pena ao vento, a realidade a agarrou com força, esmagando-a quase instantaneamente.

— Você é um doce, Belle — eu disse, a voz baixa. — E eu agradeço que você tenha tentado fazer eu me sentir melhor. Mas Gemma deixou seu ponto de vista muito claro na noite de segunda-feira, e ela o selou com sua

ligação na terça-feira. Ela parecia saber muito bem o que quer... e o que não quer. Acho que nós dois devemos respeitar isso.

— Você tem razão. Provavelmente deveríamos. Ela me disse que quer continuar com um cara novo a cada jogo, e eu quero apoiá-la nisso, mas...

— Ela suspirou. — Bem, a questão é que, mesmo que isso me torne uma melhor amiga intrusiva, não acho que deva fazer isso.

Eu não sabia o que dizer, então apenas esperei que ela continuasse.

— Esta é a Gemma clássica. Ela entrou em espiral na segunda-feira à noite, e então se sentiu uma merda — disse Belle. — Em uma tentativa desesperada de recuperar o controle da situação, ela pegou tudo à sua frente e olhou para isso da maneira mais lógica possível. Ela pegou as emoções, guardou-as no porão e se concentrou em fazer listas e planos. Você não é algo que ela possa encaixar facilmente em qualquer categoria, portanto teve que empurrar tudo para uma zona que ela entendia: a friendzone. Lá, ela sabe como lidar com você. Lá, ela acha que está no controle. Mas eu a conheço e sei que ela gosta de você... mais do que ela está disposta a admitir.

— Como você sabe?

— Porque ela não consegue parar de falar de você — Belle respondeu facilmente. Eu não pude evitar a forma como meu estômago se revirou com isso, um sorriso subindo no canto dos meus lábios. — Mesmo que seja apenas para dizer o quanto você a enfurece.

Eu ri, e de repente a energia correndo por mim era demais. Eu me levantei, andando pela varanda. A esperança tentou voar de novo, mas eu não conseguia deixar de lado tudo o que Gemma tinha me dito ao telefone, e não conseguia apagar tudo o que tinha visto naquela noite no bar.

— Ela não me quer por perto, Belle — eu disse com um suspiro. — Ela deixou isso perfeitamente claro. Por que eu perderia meu tempo com alguém que não dá a mínima para mim?

— Porque você a quer tanto quanto ela quer você.

— Eu não estou dizendo que isso não seja verdade — eu admiti. — Mas em que ponto isso passa de eu ser persistente e romântico para eu ser patético e fraco? Ou pior: para alguém que não ouve o que ela está dizendo e não quer respeitar isso? — Eu balancei a cabeça, parando no parapeito novamente e olhando para longe. — Ela levou outro cara para casa, bem na

minha frente. E então ela me ligou e me pediu para ser *amigo*. Quero dizer, sério — eu disse, quase rindo. — Quantos sinais mais ela pode me dar?

— Ela não o levou para casa.

Eu fiz uma pausa.

— O quê?

— Andy. Quando saí, ela já estava voltando para o bar para falar com você. Eu disse a ela para esperar até que estivesse sóbria.

Meu coração parou na garganta, chutando de volta à vida em algum lugar do peito, onde deveria estar.

— Ela disse a Andy para dar o fora — Belle continuou. — E me certifiquei de que ele fizesse o que ela disse. Andy voltou para o bar, Gemma foi para casa comigo e foi para a cama sozinha.

Ela não o tinha levado para casa? Eu vasculhei minha memória daquela noite, me perguntando como eu não vi Andy voltando para o bar. Eu não conseguia me lembrar de vê-lo novamente. Mas eu não conseguia me lembrar de ter visto nada além do vermelho em chamas atrás das minhas pálpebras enquanto conseguia sobreviver às últimas horas do meu turno.

Belle ficou quieta enquanto eu processava.

— Mesmo assim, ela me ligou no dia seguinte e me disse que queria ser amiga... — eu disse depois de um momento, embora meu coração se apertasse em protesto sob minhas costelas, me dizendo para ir atrás dela, embora Gemma tivesse me dito para ir embora. Eu estava dividido entre ouvi-la, respeitar seus desejos, e querer acreditar em sua melhor amiga e na *minha* intuição, que dizia que ela estava interessada em mim.

Que porra de área cinzenta.

Belle ficou quieta por um longo tempo, sem me responder, e então houve uma longa bufada do outro lado.

— Certo. Você tem razão. Você deveria simplesmente desistir. Quero dizer, tenho certeza de que você não pensou nela uma vez desde aquela noite, de qualquer maneira, certo?

Minha mandíbula apertou, o estômago revirando.

— E tenho certeza que você não se importa que ela tenha outro encontro marcado para o jogo de amanhã, que ela possa levar *aquele* cara para casa com ela... mesmo que ela não tenha feito isso com Andy.

Eu cerrei mais os dentes.

— Sim, eu tenho certeza que você mudou completamente e a arquivou naquela caixa de garotas normais, chatas, horríveis. Desculpe por ter ligado, estou desperdiçando seu tempo.

Mas Belle não desligou, ela apenas fez uma pausa, esperando minha resposta, porque ela sabia que eu teria uma.

— Ok, entendi — eu consegui dizer entre os dentes cerrados, outra longa expiração deixando meu peito. Mas ainda não estava convencido. Não importava o quanto Gemma estivesse em minha mente: ela me pediu para vazar tão educadamente quanto podia.

Mas se ela quis dizer aquilo, por que sua melhor amiga estava me ligando?

Eu queria acreditar em Belle — mesmo que sem outra razão, porque o que ela estava dizendo era o que eu queria ouvir. Mas eu também gostava de Gemma, e não queria afastá-la. Eu já tinha decidido ser amigo dela — em qualquer nível que eu pudesse ser.

— Por que você se importa? — perguntei depois de um momento, pegando a tinta lascada na madeira da nossa varanda. — Você vê o jeito que ela age comigo, e você estava lá na segunda à noite. Tenho certeza de que você também falou com ela no dia seguinte, antes mesmo de ela me ligar.

— Exatamente — disse ela, como se a resposta fosse óbvia. — Eu estava lá. Eu vi tudo, mas eu a conheço melhor do que você... provavelmente melhor do que ninguém. Ela ficou doente na manhã seguinte quando acordou, Zach. O dia todo, na verdade. E quer ela queira admitir ou não, ela gosta de você. Gemma está apenas apavorada.

Eu balancei a cabeça, conhecia esse medo muito bem. Só houve apenas uma garota que namorei e que disse que a amava, e ela virou as costas para mim assim que minha promessa de me tornar profissional desapareceu. Eu sabia como era a traição, quanto tempo durou aquela dor. Foi o suficiente para nunca mais querer tentar novamente.

— Eu sei que parece que estou sendo uma melhor amiga idiota — ela continuou quando eu não disse nada. — Quero dizer, Gemma está nos dizendo o que ela quer. Eu deveria ouvir. Eu deveria apenas... recuar. Mas eu a amo — ela disse em um suspiro. — E é por *isso* que não consigo ouvir o que ela diz, não quando tudo o que ela *não* está dizendo está falando

muito mais alto. Ela me disse antes para salvá-la de si mesma, para fazer por ela o que ela faria por mim. E, bem... acredito que este seja um desses cenários.

— Eu entendo isso, eu realmente entendo — eu disse. — Mas... em vez de tentar interpretá-la, dizer que você sabe o que é melhor para ela, por que não apenas ouvir o que ela está lhe dizendo, o que ela está *me dizendo*?

— Porque... — ela respondeu com um bufo exasperado. Respirou fundo antes de continuar. — Eu só... estou cansada de ver minha melhor amiga machucada e não fazer nada. Ela fez tanto por mim, Zach... tanto.

Sua voz sumiu então, e por alguma razão, meu coração apertou novamente – por Belle desta vez, em vez de Gemma. Eu não sabia muito sobre ela, mas sabia que amava Gemma ferozmente.

Ela era o tipo de amiga que qualquer um teria a sorte de ter.

— Eu gosto de você — ela finalmente disse quando respirou fundo. — Você é um cara legal. Você é um lutador. Ninguém nunca lutou por Gemma em sua vida. — Ela fez uma pausa. — E ela é o tipo de garota que merece uma luta.

Eu apertei os lábios um no outro, engolindo um nó de emoção com suas palavras. Talvez fosse porque eu estava honrado por ela ver tanto em mim, ou talvez fosse porque eu estava triste por ela ver tanto em sua melhor amiga. Coisas que Gemma tentou desesperadamente esconder.

— Tudo bem — eu disse, assentindo. — Estou ouvindo.

— Você está? Porque eu não quero a versão meia-boca de Zach Bowen. Eu preciso do máximo no terceiro quarto, quatro pontos abaixo, vinte segundos para acertar um aro, Zach Bowen.

Eu fiz uma careta.

— Literalmente nada disso faz sentido.

— Que seja. Eu não sou dos esportes. O que estou perguntando é: você ainda quer?

Meu peito apertou, um flash de seu sorriso me agredindo com a resposta que eu já sabia que tinha.

— Eu quero. Eu quero lutar por ela.

Belle soltou um suspiro aliviado, baixando a voz como se estivesse me contando um segredo.

— Bom. Agora que tiramos tudo isso do caminho, prepare-se para a loucura.

— Só *agora* deveria me preparar para isso?

Ela riu.

— Bem, vamos apenas dizer que eu conheço minha melhor amiga, e embora eu saiba que ela tem sentimentos por você, isso não significa que será fácil. — Belle fez uma pausa. — Podemos ter que fazer algo um pouco... *drástico*... para acordá-la.

Algo me dizia que eu ia me arrepender da minha próxima pergunta, mas já estava muito envolvido para dar pra trás. Foi realmente como estar no último quarto, perdendo por sete, o técnico gritando com todo o time amontoado para darmos tudo o que tínhamos para conquistar a vitória.

Belle estava certa. Vale a pena lutar por *Gemma*.

E eu estava entrando com tudo.

— O que você tem em mente?



CAPÍTULO 12

Zach

EU NÃO CONSEGUIA PARAR DE BATER O PÉ ENQUANTO observávamos as equipes se aquecerem na tarde seguinte.

Era um jogo que estava começando às 13h, mas mesmo com o início mais cedo, não conseguimos escapar do frio de outubro em Illinois. Longe estavam os dias quentes de verão, o outono em pleno vigor agora, e o céu cinza combinava com meu humor e visão geral do dia.

Esta era uma ideia ruim.

Belle não estava brincando quando disse que queria fazer algo drástico para chamar a atenção de Gemma. Não só eu estava aqui no jogo, sabendo que Gemma estaria aqui em breve também, com seu acompanhante – mas *também* trouxe uma acompanhante.

Belle.

— Deus, só eu para escolher o primeiro jogo de toda a temporada que está frio — disse ela, tremendo um pouco enquanto enfiava as mãos no bolso da frente do moletom. Ele era apertado, abraçando seu corpo esguio, e seu jeans tinha buracos rasgados estrategicamente nas coxas. Ela não se vestia exatamente para ficar aquecida, mas tampouco estava lá para estar confortável.

Ela estava lá para provocar a melhor amiga.

— Tem certeza que isso é uma boa ideia? — perguntei, o pé ainda quicando enquanto eu observava o campo. — Eu sinto que isso poderia realmente irritá-la.

— Essa é a questão. — Belle apoiou os pés nas costas da cadeira na frente dela. — Olha, esta é a maneira perfeita de mostrar as coisas como são para ela. Se ela realmente só quer ser sua *amiga*, então não importa se você trazer outra garota.

— Mesmo que seja a melhor amiga dela?

— Bem, sim, ok, esse é um golpe um pouco forte mesmo — ela admitiu. — Mas ela vai ficar mais chateada comigo do que com você, e uma vez que ela perder o controle e vier pra cima de mim, eu posso dar um tapa com a luva da realidade.

— Isso soa como tudo o que ela nunca gostaria que fizéssemos. — Eu balancei a cabeça. — Eu não sei, acho que devemos abortar. Não me sinto bem com o plano.

— Zach Bowen, me escute — Belle disse, seus pequenos dentes batendo. — Eu sei que isso é meio louco. Percebo que estamos brincando com fogo. Também estou plenamente ciente de que Gemma nos disse o que ela queria e estamos desrespeitando isso descaradamente. — Ela fez uma pausa, sinceridade caindo sobre suas feições. — Mas... confie em mim quando digo que conheço minha melhor amiga. E se o que eu acho que está realmente acontecendo for verdade, isso vai ajudar. E ela finalmente vai falar comigo. E com você.

— E se você estiver errada?

— Bem, então, ela provavelmente vai dar um tapa em mim e em você e nos odiar para sempre e isso será o fim de tudo.

— Excelente.

— Mas eu não acho que vai ser assim.

Eu ri.

— Claro que não. Deixa eu te perguntar: e se ela não der a mínima para minha presença aqui ou para o fato de que você está comigo?

Belle sorriu com isso, arqueando uma sobrancelha.

— Mais uma vez, confie em mim. Ela vai se importar.

Eu não tinha tanta certeza quanto Belle, mas independentemente disso, tinha concordado com essa história. Então, estendi a mão para pegar minha cerveja, tomando um gole e tentando acalmar meus nervos. Na pior das hipóteses, ainda seria um dia divertido. Eu poderia ver a partida de futebol americano, sair com Belle e, se tudo desse errado, Gemma provaria que ela realmente só queria ser minha amiga, não se importando que eu estivesse lá com outra pessoa. Se fosse esse o caso, então talvez eu pudesse finalmente seguir em frente e colocá-la na categoria de “passado”.

Mas talvez Belle realmente a conhecesse tão bem quanto disse que conhecia, e talvez Gemma realmente me quisesse também.

Aquele pequeno fio de esperança foi o suficiente para me fazer sorrir. Eu senti isso quando Gemma olhava para mim, quando ela corava toda vez que eu a tocava, mas suas palavras e ações no bar na segunda à noite me fizeram questionar tudo.

Ela era como um cubo mágico na mão de um cego — impossível de resolver.

E, no entanto, eu era o cego determinado a tentar.

Belle se inclinou, enfiando seu braço no meu.

— Muito obrigada por me trazer — disse ela, afastando uma mecha de cabelo do meu rosto.

Eu fiz uma careta, olhando para ela como se ela fosse louca.

— Você me disse para fazer isso.

Belle arregalou os olhos, ainda sorrindo enquanto falava por entre os dentes.

— Estou tão animada por estar aqui.

Foi então que olhei para trás dela, bem a tempo de ver Gemma parar no meio do caminho para seus assentos.

Meu coração disparou a um galope trovejante ao vê-la, retumbando em meus ouvidos enquanto desviava meu olhar rapidamente e trazia minha atenção de volta para Belle. Eu sorri para ela, tocando seu nariz e fingindo que não vi Gemma.

— Claro, estou feliz que você tenha vindo — eu disse.

Belle sorriu.

— Hora do jogo — ela sussurrou. Então ela se virou em seu assento para encarar o campo, o sorriso crescendo quando fingiu que tinha acabado de notar Gemma. — Oh! Ei! Aí está você!

Belle se levantou, envolvendo Gemma em um abraço, embora ela estivesse rígida. Uma mão segurava uma cerveja, a outra, um cachorro-quente, e seus olhos estavam arregalados e focados em mim enquanto sua melhor amiga a abraçava. Eu me levantei, enfiando minhas mãos nos bolsos do meu jeans enquanto botava minha cara de jogo.

— Você deve ser o Jordan — Belle disse em seguida, soltando Gemma e estendendo a mão para o cara que estava atrás dela. Ele era alto, magro, com a compleição de um jogador de futebol ou de um golfista. Ele usava um suéter azul-marinho do *Bears*, uma camisa xadrez laranja e branca por baixo e calça cáqui.

— Ei — disse, sorrindo largamente. Ele tinha o sorriso de um âncora de jornal. — Sim, prazer em conhecê-la...

— Belle — ela respondeu por ele. — Eu sou a melhor amiga de Gemma. Este é Zach — ela disse, gesticulando para mim. — Minha companhia de hoje.

Jordan se inclinou sobre Gemma e Belle para apertar minha mão, e durante todo o tempo em que nos cumprimentamos, observei Gemma com o canto do olho.

Ela estava fumegando.

Suas bochechas estavam vermelhas, e embora eu pudesse ter assumido que era pelo frio, sabia que não era. Ela ainda não tinha dito uma palavra, os olhos arregalados e assassinos enquanto olhava para mim, para Belle e para trás.

E embora eu tenha treinado minhas feições, mantendo meu foco em Belle, não pude deixar de checar Gemma com a visão periférica. Seu jeans era de um tom escuro, abraçando seus quadris e coxas como se fossem pintados na pele. Ela usava um moletom com capuz, assim como Belle, porém um pouco mais largo, cobrindo suas curvas e dando a vibe casual que combinava tanto com Gemma. Sua maquiagem estava impecável, olhos esfumados de preto, e seu cabelo fluindo em cachos macios sobre os ombros.

Ela estava bonita. Como sempre.

— Aqui, senta — Belle disse, me puxando para sentar ao lado dela enquanto gesticulava para os assentos de Gemma. — Oh, hum, um cachorro-quente. Eu definitivamente quero um — ela adicionou, olhando para mim. — Podemos comprar um daqui a pouco?

— O que você quiser — eu respondi facilmente, apoiando meu braço nas costas da cadeira atrás dela.

Gemma observou aquele braço por um breve segundo, então desviou o olhar, sentando-se no assento ao lado de Belle, enquanto Jordan pegava o do outro lado dela.

Eu meio que queria me esconder, meio que queria trocar de lugar com Belle e me sentar ao lado de Gemma. Eu não queria jogar esse jogo. Eu só queria falar com ela.

Talvez seja exatamente isso que eu devesse fazer...

Como se pudesse ler minha mente, Belle pegou meu braço, me puxando de volta para seu plano.

— Isso é tão divertido — disse ela, saltando.

— Você odeia futebol.

Foi a primeira coisa que Gemma disse, e assim que as palavras saíram de seus lábios como se fossem dardos venenosos, ela limpou a garganta, forçando um sorriso.

— Quero dizer, não é realmente seu lance, estou surpresa que você tenha vindo.

— Bem, todo mundo pode mudar afinal — Belle disse em uma voz cantante. Ela se inclinou para mais perto de mim, me olhando. — Além disso, esses assentos têm uma ótima vista.

Sorri, mas antes que pudesse responder, houve uma comoção no assento de Gemma. Belle e eu olhamos a tempo de ver ketchup e queijo pingando da mão de Gemma no concreto entre suas pernas.

Ela segurou seu cachorro-quente espremido para longe de suas roupas, xingando baixinho.

— Toma — seu acompanhante disse, entregando uma pilha de guardanapos. — Você está bem?

— Eu estou — Gemma cortou. Ela empurrou seu cachorro-quente arruinado sob o assento sem dar uma única mordida, usando os

guardanapos que Jordan lhe deu para limpar o ketchup das mãos. — Houve um problema com o cachorro-quente.

— Oh — Jordan disse, franzindo a testa. — Quer que eu vá buscar outro cachorro-quente para você?

Ela entortou a cabeça.

— Não, não, está tudo bem.

Gemma forçou a respiração, enfiando os guardanapos bagunçados embaixo da cadeira com o cachorro-quente e se sentando com uma nova determinação. Ela olhou para mim com um sorriso tenso antes de se inclinar para Jordan.

— Gente, o Jordan é *médico*.

A maneira como ela olhou para mim me fez ver algo: o que Belle disse que estaria lá de fato tinha aparecido.

Ela estava jogando o jogo.

Nós a provocamos, e eu estava prestes a descobrir se isso era uma coisa boa ou ruim.

Belle ergueu as sobrancelhas.

— Ah, ele é? — Ela voltou sua atenção para Jordan. — Que tipo de médico?

— Ah, eu sou apenas um pediatra — disse ele, esfregando a nuca enquanto parecia ruborizar. — Eu amo crianças.

— Isso é tão doce — disse Belle. — Boa escolha, Gemma.

Gemma pareceu validada pelo comentário de Belle, e seu sorriso se afrouxou, assumindo uma aparência mais presunçosa.

— É, não é? *E* ele tem um cachorro.

Jordan pegou seu telefone, mostrando a todos nós uma foto de um golden retriever. Eu tive de admitir, ele tinha toda a vibe de um encontro perfeito. Ele não era feio, era educado, tinha um ótimo emprego e amava os animais. Se eu gostasse de homem, também estaria molinho.

Mas não pude deixar de notar que enquanto a mão de Gemma estava segurando a dele, seus olhos ainda estavam em mim.

Jordan continuou vasculhando as fotos, nos contando tudo sobre seu cachorro, enquanto Belle ria e Gemma erguia o queixo, como se Jordan

fosse seu pônei premiado em vez de seu acompanhante. Assim que Jordan guardou o telefone novamente, Belle apertou o joelho de Gemma.

— Sim, você escolheu um partidão, Gem.

Jordan sorriu, colocando Gemma debaixo do braço.

— Nós dois escolhemos.

Gemma sorriu para ele assim que uma brisa soprou, afastando algumas mechas de cabelo do rosto. Jordan as afastou, colocando-as atrás da orelha, e minha garganta se apertou.

Eu não sabia quanto tempo iria aguentar para descobrir se esse esquema cabeçudo funcionaria, ainda mais com essa interação a noite toda.

Mas Belle deve ter sentido isso, meu surto interior, porque ela deu o próximo passo como um gênio.

— Brrr — ela disse, tremendo e cruzando os braços sobre o peito. — Vou te falar, nós poderíamos ter escolhido um dia mais quente para vir.

Gemma sorriu.

— Não sei, eu gosto do frio. O outono é minha estação favorita.

Minha também.

Eu me esforcei ao máximo para não dizer essas palavras em voz alta, para não arrastar Gemma para o meu colo e pedir que ela me contasse tudo o que ela amava sobre essa estação.

Em vez disso, olhei para Belle, que estava olhando para mim com os olhos arregalados como se eu tivesse perdido uma deixa.

Eu arqueei uma sobrancelha, e ela franziu os lábios, olhando para o meu moletom.

Oh.

Limpando a garganta, eu me levantei, tirando meu moletom e entregando para Belle.

— Tome — eu disse. — Pegue meu casaco.

Belle se iluminou, pressionando a mão no peito enquanto olhava para mim.

— Oh, meu Deus. Que fofo. Obrigada, Zach.

Dei de ombros, sentando como se não fosse grande coisa, mas eu podia sentir o olhar de Gemma abrindo um buraco na lateral da minha cabeça.

Belle puxou o moletom sobre o dela, e ele a engoliu, cobrindo-a do pescoço até os joelhos. Ela se enterrou nele, respirando fundo.

— Mmm — disse ela. — Cheira tão bem. Eu amo seu perfume.

Eu ri, puxando o capuz sobre sua cabeça de brincadeira, enquanto ela me empurrava para longe e arrumava o cabelo.

— Fica bem em você.

Belle apenas sorriu, estendendo a mão para sua cerveja e voltando sua atenção para o campo. Ela começou a falar com Gemma, fingindo que nada tinha acontecido enquanto pedia para a amiga explicar o que tudo no placar significava. E mesmo que Gemma tenha respondido a todas as perguntas, seus olhos estavam fixos em mim, a mandíbula apertada enquanto falava.

Todos nós ficamos de pé para o hino e permanecemos de pé para o lançamento da moeda logo em seguida. Nossos meninos ganharam, e nós escolhemos receber primeiro. Estávamos jogando contra o *Patriots*, campeão há muitos anos, e o time precisava fazer seu melhor jogo se quisesse vencer hoje.

Não só o time.

Quando nos sentamos novamente, coloquei meu braço em volta de Belle e me acomodei. Eu não queria ter de fazer isso. Se dependesse de mim, eu teria apenas levado Gemma para um jantar, ou ao cinema, ou à droga do zoológico. Eu teria deixado claro que ela era a única garota que eu estava interessado, e que podia confiar em mim.

Mas quando a melhor amiga diz que conhece um jeito melhor? Bem, quem sou eu para dizer que ela está errada? Belle conhece Gemma há anos, e a julgar por sua reação nos últimos dez minutos, tive a sensação de que Belle não estava errada quando pensou nesse plano.

Não era minha maneira favorita de lidar com as coisas, mas era meu *último* esforço para conquistar Gemma Mancini, e isso significava que era tudo ou nada.

Hora do jogo.

Eu vou matá-la.

Eu vou literalmente passar minhas mãos ao redor desse pescoço delicado e sacudi-la até que ela pare de respirar.

Eu tentei me convencer a não matar minha amiga nos últimos dois quartos do jogo. Fiz tudo o que pude para me concentrar em Jordan – o médico insanamente atraente com o cachorro adorável que *deveria* ter toda a minha atenção. Mas foi inútil. Eu não conseguia ouvir uma palavra do que ele dizia ou mesmo me dar a chance de sentir borboletas no estômago quando ele segurava minha mão ou tirava o cabelo do meu rosto, porque todos os meus sentidos estavam sintonizados nos dois idiotas ao meu lado.

Belle era minha melhor amiga. Desde o ensino médio, quando nos unimos por causa do nosso ódio mútuo por álgebra. Ela estava comigo quando meu avô morreu, e eu estive com ela quando seu primeiro amor partiu seu coração. Ela me ajudou a me reerguer depois de Carlo, e eu a ajudei a construir um império no ramo de design de interiores.

Então *por que* ela estava aqui, em um jogo de futebol, que eu sabia que ela não dava a mínima, pendurada em cima de um cara que ela sabia que eu gostava?

Quer dizer, eu não *gostava* dele — não desse jeito. Mas ele era um amigo, e ele *tinha saído* comigo cerca de três semanas atrás. Não, eu não tinha colocado uma bandeira nele ou reivindicado direitos, e sim, eu disse a ela que não queria ter um relacionamento com ele, mas ainda assim... devia haver algum tipo de código feminino sendo violado aqui.

E não importa o quanto eu tentasse cortá-lo, não importa quão racional eu tentasse ser, a única coisa que eu conseguia pensar era que eu ia matar minha melhor amiga.

— Vamos, vamos — sussurrei baixinho, observando o campo enquanto nossos meninos se alinhavam para a próxima descida. Eu ainda estava muito ciente de Belle e Zach, mas isso não me impediu de prestar atenção no jogo. Era a terceira descida, e estávamos perdendo por três. Tínhamos menos de dois minutos antes do intervalo para empatar o jogo ou ir até a *endzone* para um *touchdown*.

A bola foi jogada, e nosso quarterback a entregou ao running back novato. Não parecia bom no começo, a linha de defesa do Patriots era robusta, mas um buraco se abriu, e nosso running back passou por ela, correndo doze jardas e garantindo o primeiro *down*.

O estádio rugiu assim que o *Patriots* pediu tempo, e eu dei um *high-five* em Jordan, soltando um grito antes de pegar minha cerveja do suporte. Eu a inclinei para trás, saltando de excitação.

— Ah, olha — Jordan disse, apontando para a tela. — Câmera do beijo.

Eu segui para onde ele estava apontando, e meu peito apertou, mal conseguindo respirar. Um casal mais velho corou e riu na tela antes de se inclinar para um beijo doce, o estádio inteiro fazendo um *awn* coletivo.

Meus olhos se voltaram para Zach, e como um ímã, puxei seu olhar da tela para mim. Ele engoliu em seco, e eu observei a forma como seu pomo-de-adão balançava em sua garganta, meus olhos saltando para sua boca em seguida.

Eu ainda podia sentir aquela boca na minha — naquela primeira noite na minha casa, e talvez ainda mais forte no jogo seguinte, quando ele roubou um beijo que deveria ter pertencido a Ben. Eu fiquei tão brava quando ele me beijou... mas fiquei *mesmo*?

Nós dois sabíamos a resposta para isso.

Eu queria que ele me beijasse — naquela primeira noite, no jogo seguinte, na segunda à noite.

Agora.

Eu queria que ele me beijasse. E eu odiava não poder esconder isso dele.

Belle deu um tapa no peito de Zach, tirando sua atenção de mim e voltando para ela. Ela sorriu, apontando para a tela, e Zach e eu olhamos para ela ao mesmo tempo.

Eram eles.

Os olhos de Zach estavam arregalados de choque, sua boca aberta um pouco enquanto Belle ria, virando-se para ele com um sorriso adorável e expectante. A multidão aplaudiu, e Zach olhou para fora da câmera, mas não para Belle.

Eu não conseguia tirar os olhos da tela.

Porque eu sabia que ele estava olhando para mim.

Em vez disso, observei como se estivesse em outro lugar, como se estivesse em um estado ou país completamente diferente enquanto Zach passava a ponta do polegar sobre a bochecha de Belle, e então se inclinou e beijou o local que sua pele havia acabado de tocar.

Houve outro coro de *awns*, mas ele ganhou algumas vaias também, já que foi apenas um beijo na bochecha. Ainda assim, Belle se iluminou como se nunca tivesse sido beijada antes, como se ela fosse uma garotinha apaixonada pela primeira vez. Em seguida, ela se inclinou para ele, com a câmera ainda sobre eles, passando os braços em volta da cintura dele enquanto ele a aconchegava.

E foi aí que o pensamento me atingiu.

Talvez Zach gostasse dela.

Eu nem tinha considerado essa ideia, mas ele a convidou, afinal, certo? Talvez, quando eu o tenha ignorado, ele tenha seguido em frente. Eles passaram a noite toda no bar na segunda-feira, quando eu estava com Andy e seus amigos. Talvez eles tenham se conhecido. Talvez eles tenham criado uma conexão.

Meu estômago revirou, e eu dobrei de dor, cobrindo a boca enquanto a possibilidade se desenrolava na minha cabeça. Jordan esfregou minhas costas, perguntando se eu estava bem, e eu balancei a cabeça, sentando-me direito enquanto os caras se alinhavam para a próxima jogada.

Eu mal respirei durante o fim daquele quarto de jogo.

Meus olhos estavam no campo. Eu me levantei e aplaudi quando era para aplaudir, gemi quando a jogada não saiu como deveria, e mesmo que eu não tivesse ideia de como isso aconteceu, de alguma forma conseguimos o *touchdown* no momento em que o apito soou para o intervalo.

Eu aplaudi quando nossos caras correram para o vestiário, cumprimentando Jordan e alguns outros ao nosso redor, o tempo todo usando cada célula do meu cérebro apenas para respirar.

— Uau, que jogo! — disse Belle. Estávamos todos de pé, e ela botou as mãos nos quadris, voltando sua atenção para Zach. — Estou com fome. Vamos comprar os cachorros-quentes.

— NÃO.

A palavra voou da minha boca na minha próxima expiração, que ainda vinha dolorosamente do meu peito. Cada respiração era uma luta, minha

vontade de manter a calma desaparecendo rapidamente.

Limpei a garganta.

— Quero dizer, deixa os caras ficarem aqui. Também estou com fome, e como estraguei meu primeiro cachorro-quente, vou com você.

— Ah, tudo bem — Belle disse, alheia a tudo. Ela sorriu, passando a mão pelo braço de Zach. — Quer alguma coisa?

— Vou aceitar outra cerveja.

— Eu trago para você. — Ela sorriu, dando uma piscadela enquanto se dirigia para o corredor. Eu a segui, sem perguntar a Jordan se ele queria alguma coisa e sem olhar para Zach quando passei por ele também.

Meus olhos estavam focados no pescoço e na linda cabecinha da minha melhor amiga enquanto imaginava como seria se eu a chutasse.

Belle saltou escada acima, chegando à fila que os outros torcedores já tinha formado nas barracas de comida. Quando chegamos ao topo, ela se afastou para o lado, sorrindo e jogando o cabelo por cima do ombro.

— Hmm, agora que estamos aqui, acho que quero pizza. Você quer pizza?

Agarrei o moletom de Zach e a puxei para um canto.

— Para com essa palhaçada, Belle.

— Ei! — Ela fez beicinho, afastando minha mão e alisando o tecido do moletom.

— O que você está fazendo?

Belle piscou.

— Estou assistindo ao jogo, assim como você.

— Não. Quero dizer o que você está fazendo *aqui, com ele*?

Ela sorriu, olhando para nossos assentos como se pudesse vê-lo de alguma forma no meio da multidão.

— Ele me convidou. Nós ficamos conversando naquela noite no bar, e eu não sei, ele é divertido. Achei que seria legal. Além disso, você está aqui. Eu posso sair com vocês dois.

Eu cerrei os dentes.

— Belle.

— O quê? — ela perguntou, puxando o cabelo sobre um ombro e passando os dedos por ele. — O que importa que eu tenha vindo com ele, afinal? Achei que você não queria sair com ele. Achei que você queria ser *amiga dele*.

— Eu quero — eu respondi bufando, piscando mais do que o necessário.
— Essa não é a questão.

— Qual é a questão?

— A questão é que você é minha melhor amiga — eu disse, me aproximando. — E você está saindo com um cara com quem *eu* tive um encontro há três semanas.

Belle sorriu, uma sobrancelha se erguendo enquanto cruzava os braços e apoiava seu peso em um quadril.

— Achei que não tinha sido um encontro.

Eu joguei minhas mãos para cima.

— Oh, meu Deus. Você sabe o que eu quero dizer. Pare de bancar a burra. Eu...

— Você veio primeiro — Belle disse, me cortando enquanto me cutucava com força no peito.

Seus olhos se estreitaram, os lábios se achatando em uma linha fina enquanto eu esfregava o local que ela tinha acabado de cutucar, dando um passo para trás.

Ela balançou a cabeça, como se eu fosse cega, ou louca, ou ambas.

— Gemma, não estou aqui porque quero me envolver com Zach. Embora, para ser completamente honesta, se ele tivesse mostrado interesse em mim antes de você, pode ter certeza, porra, eu teria pulado em cima dele.

Pisquei, digerindo suas palavras enquanto a multidão se movia ao nosso redor, mas ela não me deu muita chance de entender antes de continuar.

— Estou aqui porque você está sendo estúpida. Você está deixando esse cara de lado quando você *sabe* que gosta dele, você sabe que ele é incrível, e tudo por quê? Você tem medo de se machucar? — Belle riu. — Sim, relacionamentos são assustadores. Pra caralho. Mas veja como Zach te deixa feliz quando você *não está* saindo com ele. Você pode imaginar como seria se você estivesse?

Engoli em seco, apertando os lábios. Nada veio à mente para refutar seu ponto de vista.

— Você nunca vai conhecer a felicidade que pode ter com ele se não correr o risco de ser magoada, Gemma.

Meus ombros murcharam, a mente acelerada sobre o que ela disse, enquanto meu coração apertava dolorosamente meu peito. Mas então cruzei os braços, balançando a cabeça para a suja falando da mal-lavada.

— Disse a rainha da “solteirice” — retruquei. — Você nunca se evolve com ninguém. Como você pode vir com esse papo para mim quando é a porta-voz dessa merda?

— Sim, você está certa. Eu nunca me envolvo — ela disse, sua mandíbula apertada. — Eu nunca deixo ninguém entrar. E quer saber? Estou *infeliz*. Sozinha e isolada, e não tenho uma conexão real e genuína com ninguém além de você há anos. Então, sim, eu tenho algumas coisas para resolver e estou trabalhando nisso. — Seu lábio inferior tremeu um pouco, mas ela endireitou a postura. — Mas não se engane pensando que isso é algum tipo de vida glamorosa — ela continuou, gesticulando para si mesma. — Porque não é.

Eu suavizei a postura, estendendo a mão para apertar a dela. No começo, Belle se encolheu, mas não se afastou. Apertou minha mão de volta, um suspiro pesado deixando seu peito.

— Eu sei que Carlo te machucou, ok? Eu sei — ela disse suavemente. — E eu sei que aparecer aqui com Zach não foi a melhor coisa que eu poderia fazer como sua amiga. Eu sabia que estaria te provocando, e esse era o objetivo. Foi contra tudo o que você me disse que queria — ela admitiu. — Mas Zach é um cara legal. E ao contrário de Carlo, ele está aqui, *lutando* por você. Ele quer você. E eu sei que você o quer. Pare de lutar contra ele e apenas... tente. Confie nele. Veja o que acontece.

Em teoria, seu conselho parecia agradável. Parecia tudo o que eu queria, cair nos braços de Zach, deixá-lo entrar, tentar.

Mas as feridas causadas por Carlo ainda estavam frescas, nem mesmo cicatrizadas e curadas ainda. Elas pulsaram em protesto contra essa ideia.

— E se eu me machucar de novo? — perguntei a ela, sentindo meus olhos arderem. Eu sabia que não podiam ser lágrimas. Eu não tinha chorado desde o dia do funeral de Carlo, mesmo assim, aquelas lágrimas não

pareciam minhas. — Eu não posso... eu não sei se eu conseguiria sobreviver a isso novamente.

Belle passou o polegar sobre meus dedos.

— Se ele te machucar, então você faz exatamente o que fez da última vez. Você se levanta, sacode a poeira e continua andando. Você fica um pouco mais reta e aprende. — Ela fez uma pausa, olhando para a esquerda, como se estivesse pensando em outra coisa metafórica para dizer. Mas quando se virou para mim, deu de ombros. — E eu vou castrá-lo, só por precaução.

Uma risada me escapou, apenas uma no início, mas então ela riu, e eu ri de novo, e antes que eu percebesse, nós duas estávamos chorando de tanto rir.

— Ugh — eu disse, enxugando o canto dos olhos. — Droga, Belle, eu queria te matar. Você tem noção disso? Tipo, eu estava pesando o risco de ir para a prisão pelo resto da vida.

Belle sorriu, me envolvendo em um abraço.

— Eu sei. Eu sou uma ótima atriz, não sou? Talvez eu devesse mudar de carreira.

— Por favor, não.

Ela ainda estava sorrindo quando me soltou, segurando meus ombros.

— Tudo bem, eu não vou. E lamento ter de fazer isso, mas tive de dar um jeito de te fazer acordar, e este foi o mais próximo de um balde de água fria que encontrei.

Ela me observou por um momento, arrumando meu cabelo e alisando meu suéter antes de bater na minha bunda de brincadeira.

— Agora — ela disse, se afastando para me avaliar. — Vá buscar o seu homem.

— E a Jordan?

Ela sorriu.

— Ah, acho que posso lidar com ele.

Devolvi seu sorriso, envolvendo-a em mais um abraço e sussurrando um obrigada. Então desci os degraus de volta para nossos lugares, sem saber o que diabos eu ia dizer quando chegasse lá.

Belle estava bem atrás de mim, e quando me sentei no assento ao lado de Zach, ele franziu a testa, os olhos me questionando antes de olhar para Belle.

— Ei, Jordan — ela chamou por cima da minha cabeça, ignorando Zach.
— Você pode vir me ajudar com uma coisa?

Jordan olhou para mim, mas eu não retribuí seu olhar, mantendo meus olhos fixos em Zach.

— Ah, claro.

Ele se levantou, deixando Belle puxá-lo em direção às barracas de comida enquanto Zach olhava para mim.

— Oi — eu respirei.

Zach sorriu.

— Oi?

Engolindo em seco, estendi uma mão trêmula para ele.

— Me chamo Gemma Mancini. E eu sou muito, *muito* estúpida.

Ele riu, pegando na minha mão.

— Eu sou Zach Bowen. Eu também posso ser muito estúpido.

— Parece que já temos algo em comum.

Eu sorri, o coração batendo forte no peito enquanto eu procurava as palavras certas para dizer. Eu mantive a mão de Zach na minha, mas a deixei descer até descansar no meu colo. Eu o agarrei como se ele fosse a única coisa que me seguraria, tentando me lembrar de tudo que Belle tinha acabado de dizer enquanto meu coração gritava para eu reconsiderar o que eu estava prestes a fazer.

— Sinto muito, Zach. Por tudo. — Eu balancei a cabeça, encolhendo os ombros. — Eu tinha um plano, entende? Tipo, tinha esse lance que eu sentia que podia fazer. Levar um cara diferente para cada jogo, não me apegar, me divertir sem correr o risco de me machucar. — Eu fiz uma pausa. — *De novo*. — Engolindo em seco, apertei sua mão. — Senti que estava no controle. Mas então *você* surgiu.

Zach se encolheu, mas sorriu.

— Desculpa?

— Você deveria se desculpar mesmo — eu disse com uma risada, mas eu apertei sua mão. — Sair desse plano me assustou. *Você* me assustou — eu

admiti. — Você ainda me assusta. E é por isso que eu lutei contra isso que você me faz sentir. Não era para você que eu estava tentando provar alguma coisa na segunda-feira — eu sussurrei. — Era para mim.

Ele sorriu, tocando meu queixo com o polegar e o indicador de sua mão livre.

— Isso que eu te faço sentir, hein? — perguntou. — O que é?

Eu soltei um suspiro.

— Como se eu estivesse dançando nas nuvens e caindo em um abismo escuro ao mesmo tempo.

Zach riu.

— Eu não sei o que eu tenho para oferecer, ou quão louca eu vou ficar enquanto tento descobrir, mas... — Eu dei de ombros. — Eu gosto de você, Zach. E eu não quero que sejamos amigos. — Eu fiz uma pausa. — Eu não quero ser *apenas* sua amiga.

Sua mão apertou a minha, e ele balançou a cabeça, me olhando como se eu fosse a criatura mais irritante e adorável do mundo.

Pelo menos, era o que eu *esperava* que ele pensasse.

— Eu tenho uma proposta maluca — ele finalmente disse, ainda segurando minha mão.

— Qual?

— Eu sei que é só o intervalo, mas o que você acha de assistir o restante do jogo na sua casa?

Seus olhos brilharam, um sorriso diabólico curvando seus lábios enquanto ele me observava. Aquele calor se espalhou do meu pescoço até os dedos dos pés, acumulando-se entre as minhas pernas enquanto um tipo completamente diferente de pulsação tomava conta do meu corpo.

— Pelo menos ninguém vai gritar com a gente por ficar de pé, certo? — eu provoquei.

Ele soltou uma risada, e no segundo seguinte, eu estava em seus braços, seus lábios pressionados contra os meus enquanto meu corpo inteiro derretia. Era o tipo de alívio que se sentia depois de uma briga, ou depois de ouvir as boas notícias pelas quais se orava há semanas. Cada preocupação, cada grama de tensão fluiu para fora de mim de uma vez, liberando os nós em meus músculos em uma única respiração.

Eu ainda estava petrificada de estarmos ali, nos beijando no meio de uma multidão de torcedores, mas era um tipo diferente de medo. Era do tipo que vinha ao se arriscar em vez de evitá-lo, e do tipo que era tão excitante quanto aterrorizante.

Eu não sabia o que aconteceria a seguir. Eu não tinha garantia de que não me machucaria. E, honestamente, eu não tinha ideia do que poderia oferecer, do que poderia deixar de lado.

Mas eu sabia que queria tentar.

Zach se afastou, seus olhos procurando os meus, com a mão ainda no meu cabelo. Havia um milhão de palavras naqueles olhos cor de café dele, mil razões para sorrir – mas havia um pouco de medo também. E foi o medo dele que de alguma forma me trouxe conforto.

Ele também estava se arriscando.

— Vamos, então — ele disse depois de um momento, os olhos ainda fixos nos meus.

Eu o deixei me puxar pelas arquibancadas na direção oposta de todos os outros. Estavam todos voltando para seus assentos enquanto eu mandava uma mensagem para Belle dizendo que estávamos saindo mais cedo. Ela apenas respondeu com um emoji de rosto piscando, e eu sorri, guardando meu telefone e agradecendo mentalmente à minha melhor amiga que me conhecia melhor do que eu mesma.

Pegamos um táxi, Zach me puxou em seus braços e passou os dedos pelo meu cabelo. Nós dois nos acomodamos em um silêncio confortável a caminho do meu apartamento.

E pela primeira vez em toda a temporada, eu não dei a mínima para o resultado do jogo.



CAPÍTULO 13

Gemma

MINHAS MÃOS TREMIAM ENQUANTO EU DESTRANCAVA A porta, assim como na primeira noite com Zach. O nervosismo estava talvez um pouco mais forte esta noite, vindo menos da antecipação pelo que aconteceria e mais pela adrenalina de deixar as coisas rolarem.

Eu tinha me rendido aos meus sentimentos por ele, recuando em um plano que eu estava tão empenhada em seguir. E agora eu não estava mais no controle.

Isso me empolgou e me apavorou.

Larguei minhas chaves na mesinha perto da porta da frente assim que entramos, tirando tênis e meias e deixando-os na porta também. As luzes da cidade encheram meu apartamento com um brilho frio, e eu só acendi uma lâmpada, deixando-a bem fraca.

— Vinho? — perguntei, já a meio caminho da cozinha enquanto Zach fechava a porta da frente.

Ele me observou, tirando seus próprios sapatos e deixando-os ao lado dos meus.

— Vinho parece uma boa.

— Tinto, ok?

Ele concordou com a cabeça, e eu peguei uma garrafa que comprei naquela semana, abrindo-a e enchendo duas taças. Minhas mãos ainda

estavam tremendo, a respiração superficial.

Você está tremendo porque quer me tocar, porque quer que eu te toque.

Eu ouvi suas palavras em minha mente claramente como se Zach tivesse acabado de dizer e mordi meu lábio, bochechas corando enquanto cruzava minha sala para entregar a ele sua taça.

Eu queria que ele me tocasse.

Eu queria que ele me tocasse muito, *muito*.

— Obrigado — ele disse, brindando comigo.

Nós dois tomamos um gole, com nossos olhos dançando um sobre o outro, sorrisos brincando em nossos lábios.

— Eu liguei o jogo — disse ele, apontando para a minha TV. Eu nem tinha notado que estava ligada.

— Perfeito — eu disse, mas eu nem olhei para o placar. — Melhor do que a música que coloquei da última vez.

Zach riu disso, balançando a cabeça.

— Ei, Marvin deu o clima, não foi? Você sabia o que estava fazendo.

— Eu não sabia *mesmo* o que estava fazendo.

O sorriso de Zach suavizou, seus olhos observando os meus.

— Eu sei. Foi adorável.

— Se você diz.

Soltei uma respiração longa e lenta, atravessando a sala até onde as janelas do chão ao teto davam para o lado sul da cidade. O estádio estava brilhando ao longe, e eu olhei para lá enquanto a multidão rugia na minha televisão. Estava quieto, o volume, baixo, mas senti aquela multidão no fundo do meu peito como se estivessem torcendo por mim.

Beije-o! Beije-o!

Meu estômago revirou, e tomei um gole do meu vinho em vez de me virar para encarar Zach novamente. Eu não conseguia parar de tremer. Eu não conseguia parar de analisar o fato de que eu não tinha um plano agora.

A bola estava com ele. E minha defesa era fraca.

Apertei a taça um pouco, olhos arregalados.

Putá merda.

Era como se toda a adrenalina do jogo, da conversa estimulante de Belle, de ter os braços de Zach em volta de mim desaparecesse de uma vez em um dramático *whoosh*. De repente, a energia mudou de excitação para pânico.

Eu não estou no controle.

Eu não tenho um plano.

Ele estava no meu apartamento, novamente, depois de jurar que ele nunca mais estaria depois daquela primeira noite. Eu disse que gostava dele. Admiti que tinha sentimentos. Deixei o cara que *estava* no meu plano no jogo sem nem dizer a ele que estava saindo.

E agora estávamos de volta à minha casa.

E eu não tinha ideia do que fazer.

Tomei outro gole do meu vinho, forçando uma respiração, mas ficou presa em algum lugar no meu peito quando uma mão quente roçou meu quadril.

— É realmente uma vista e tanto que você tem aqui em cima — Zach disse, deslizando atrás de mim. Uma mão ainda segurava seu vinho, a outra gentilmente segurando meu quadril enquanto seus olhos passavam pelas luzes da cidade.

— Ainda é difícil acreditar que isso aqui é meu — eu soltei, o pulso acelerando com ele tão perto de mim. Sua respiração estava quente no meu pescoço, sua mão firme me segurava. Eu estava visivelmente tremendo, enquanto Zach parecia calmo e sereno. Zach chamou minha atenção simplesmente ficando atrás de mim, alto e confiante, e foi então que percebi.

Eu tinha dado o controle a ele.

E em algum lugar bem lá no fundo da minha ansiedade e medo, eu tinha gostado disso.

Zach desviou o olhar da cidade para mim, mas não consegui olhar para ele. Eu apenas olhei pela janela enquanto ele encostava os lábios no meu ombro, provocando um arrepio.

— Você ainda está nervosa.

— Ainda mais do que da última vez — eu soltei de uma vez.

Zach riu, seu calor me envolvendo por tempo suficiente para ele abandonar sua taça de vinho ainda cheia na mesa ao lado do meu sofá. Ele

deslizou atrás de mim novamente, desta vez ambas as mãos envolvendo minha cintura, me puxando contra si enquanto ele me inspirava.

— Lembra o que eu te disse da última vez? — perguntou, sua voz rouca me invadindo enquanto suas mãos deslizavam sob o tecido do meu moletom. Suas mãos contra o meu abdômen, lábios roçando a pele do meu pescoço novamente.

— Mm-hmm — eu consegui dizer, mas já tinha fechado os olhos, absorvendo a sensação das suas mãos em mim.

— Esta é a melhor parte. — disse ele, repetindo o sentimento daquela primeira noite. — Você está nervosa porque está animada, porque sou algo novo e te faço sentir alguma coisa.

Engoli em seco quando suas mãos deslizaram um pouco mais para cima, sob a camiseta que eu usava por baixo do moletom, seus dedos se espalhando sobre minhas costelas.

— Você quer me tocar — ele disse, se esfregando contra minha bunda. Eu ofeguei quando senti sua ereção.

— Sim.

Suas mãos subiram ainda mais, dedos deslizando sob meu sutiã. Ele roçou na parte inferior dos meus seios, gentilmente no início, e então seus dedos rolaram sobre cada um dos meus mamilos enquanto ele mordia o lóbulo da minha orelha.

— E você quer que eu te toque.

— *Deus*, sim. — Eu ofegava, arqueando as costas. Eu queria suas mãos em mim, *totalmente* em mim, queria pressionar cada centímetro do meu corpo contra cada centímetro do dele.

Quase me esqueci do vinho, a taça escorregando na minha mão; dei um passo em direção à mesa onde Zach havia abandonado a taça dele. Mas suas mãos apertaram minhas costelas, me segurando no lugar.

— Não — ele ordenou, e os dedos avançaram para meus mamilos. Eu gemi, a cabeça caindo para trás em seu ombro. — Segure a taça de vinho — disse ele, lambendo meu pescoço. — E não derrame uma porra de gota.

Ele apertou meus mamilos com mais força antes de soltá-los completamente, e eu choraminguei, o corpo tremendo.

Zach beijou meu pescoço, por cima do meu ombro, mordeu o músculo enquanto suas mãos deslizavam por baixo do meu moletom e mergulhavam

no meu jeans. Eu mal conseguia respirar antes do botão ser solto. O zíper foi puxado para baixo, e suas mãos enganchadas no cós puxaram o jeans para baixo. Zach então pressionou o corpo contra mim com mais força por trás.

— Desde a noite em que te toquei pela primeira vez, estive morrendo de vontade de te tocar de novo — soltou, tirando mais do meu jeans enquanto eu me mexia para ajudá-lo. — Para provar você de novo.

Eu gemi, esfregando a bunda contra seu pau rígido assim que meu jeans estava em volta dos meus joelhos. Ele parecia tão grande contra a minha pele nua, grosso, e duro, e pronto para me demolir. Mas ele não terminou com meu jeans, não me puxou ou tirou uma única peça da sua própria roupa.

Em vez disso, ele me deixou me despir enquanto segurava minha taça de vinho o mais firme que podia. Então segurou meu cabelo em uma mão, puxando um pouco enquanto o segurava sobre um ombro, e sussurrou em meu ouvido:

— Posso provar você, Gemma?

— Sim — eu soltei, a palavra reverberando através de mim. — Por favor, *por favor*.

Eu senti seus lábios se curvarem contra a minha pele, e Zach deu mais um beijo embaixo da minha orelha antes de suas mãos correrem pelas minhas costas, sobre meus quadris. Ele os segurou com força enquanto se abaixava atrás de mim.

Quando abaixou, seu rosto ficou diretamente alinhado com a minha bunda.

Eu respirei fundo, uma mão ainda segurando aquela maldita taça de vinho enquanto a outra pendia desajeitadamente na minha lateral. Eu não sabia o que fazer com aquela mão vazia, onde colocá-la, no que tocar. Eu queria que ela estivesse em seu cabelo, mas Zach estava atrás de mim. Eu queria encostar nele, mas ele estava fora de alcance.

Mas quando sua língua correu ao longo da minha nádega esquerda e um rosnado satisfeito rasgou sua garganta antes de seus dentes afundarem na minha carne, eu não tive de pensar no que fazer com aquela mão.

Ofeguei, e minha mão se chocou contra a janela quando uma mistura de dor e prazer esmagador tomou conta de mim.

Zach riu, ambas as mãos segurando firme a minha bunda.

— Você adora rebolar quando se afasta de mim — ele rosnou, as mãos massageando minha bunda. — Me deixa absolutamente louco.

Ele me deu um tapa, e eu gritei, quase me esquecendo da taça novamente, até que o líquido ameaçou derramar.

— Ah, ah — ele disse, esfregando a pele que tinha acabado de deixar vermelha. — Não derrame.

Eu gemi, tombando a cabeça para trás enquanto ele serpenteava uma mão entre as minhas coxas. A lateral do seu dedo indicador esfregou o meu clitóris, a renda da minha calcinha oferecendo a quantidade perfeita de fricção para trazer cada nervo à vida.

Nunca tinha sido assim com Carlo, com ninguém. Assim como em todos os outros aspectos da minha vida, sempre aperfeiçoei o controle no quarto. Era eu quem fazia sexo oral primeiro. Quem montava. Quem iniciava, quem estabelecia o ritmo, quem terminava primeiro.

Mas quando Zach me tocou, arrancou todo o controle de mim como um deus tomando minha alma. Quando suas mãos estavam em mim, eu era dele — e ele podia me possuir, fazer o que quisesse.

Eu nunca senti o tipo de prazer que poderia vir ao deixar as coisas seguirem.

— *Droga* — Zach soltou, um gemido gutural deixando sua garganta quando ele deslizou a ponta de um dedo sob minha calcinha. — Você está tão molhada, Gem.

Eu não tive tempo para gemer, ou rosnar, ou concordar com sua avaliação antes que ele deslizasse o dedo para dentro de mim, com dureza, até entrar profundamente. Ofeguei, procurando agarrar o vidro, mas não havia alívio. Então eu apertei a taça de vinho, me rendendo aos arrepios que cobriam minha pele.

— Se incline — Zach ordenou, e ele pressionou as minhas costas para baixo enquanto a outra mão enganchava no meu quadril, me mostrando como ele me queria.

Inclinei-me para frente, a bochecha batendo no vidro enquanto empinava a bunda, as pernas ainda retas, as costas arqueadas.

— Boa menina — disse ele, e enganchou os polegares nas tiras da minha calcinha, puxando-a pelas minhas coxas até os meus pés.

Tentei me livrar delas, mas ele apertou meus tornozelos.

— Não.

Zach não disse mais nada, mas, no segundo seguinte, senti aquele mesmo tecido rendado apertar onde suas mãos estavam. Ele amarrou as tiras em um nó, prendendo meus pés, e então suas mãos se prenderam à minha cintura, me dobrando ainda mais.

E então, sem aviso, sem me dar a chance de recuperar o fôlego, ele enterrou o rosto entre as minhas coxas.

Sua língua varreu meu clitóris, girando, antes de mergulhar entre meus lábios enquanto eu ofegava em busca de oxigênio. Minha respiração embaçou a janela, e a mão que segurava minha taça de vinho enfraqueceu a ponto de ser quase doloroso continuar segurando.

— Porra — Zach respirou, sua voz retumbando entre minhas pernas. — Tão doce.

— Zach, por favor — eu choraminguei, mas não tinha ideia do que eu estava implorando. Eu queria mais? Menos? Eu queria que ele parasse ou mergulhasse completamente?

Eu não sabia, não até o momento exato em que ele entregou o que eu nem tinha percebido que estava pedindo. Lentamente, ele correu a ponta de dois dedos pela minha vulva, e assim que eles deslizaram para dentro, sua língua correu pelo local entre a minha coxa e a minha bunda.

E então ele estava lambendo.

Meus olhos se arregalaram, como se meu cérebro estivesse no piloto automático para objetar imediatamente. Mas meu corpo impediu que minhas palavras saíssem antes que elas tivessem a chance de se formar.

Putá merda.

Seus dedos trabalhavam implacavelmente dentro de mim, enrolando e bombeando, enquanto sua língua girava no buraco apertado, enrugado e proibido. Ele não entrou, apenas aplicou a quantidade perfeita de pressão para desencadear uma onda de prazer avassaladora e que era quase um tabu através de mim. Eu gemi, tentando melhorar minha postura, para dar a ele mais, mas meus tornozelos estavam presos.

E no meio de todo aquele contorcionismo e respiração ofegante, eu derramei o vinho.

— *Merda* — eu xinguei, inclinando a taça para cima e olhando para a mancha vermelha no meu tapete.

Zach estalou a língua, retirando seus dedos e a boca de mim de uma vez. A perda foi instantânea, meu corpo convulsionou, e eu gritei em protesto.

— Você derramou o vinho — disse ele, passando as mãos pelas minhas coxas e batendo na minha bunda enquanto se levantava. — Agora é minha vez.

No segundo seguinte, minha taça de vinho estava na mão de Zach em vez da minha, e ele me girou, minha bunda nua pressionando a janela enquanto ele colava sua boca na minha com força. Eu gemi com o meu gosto em sua língua, sua ereção esfregando contra meu clitóris enquanto ele roçava seu corpo no meu. Então Zach se afastou completamente, me deixando sem fôlego com outro beijo antes de colocar a taça de vinho na mesa ao lado dele e se virar para me encarar com um sorriso malicioso.

— Cuidado ao tirar isso — disse ele, olhando para minha calcinha ainda amarrada em meus tornozelos. Seu sorriso desapareceu quando ele tirou sua camisa de manga comprida, e embora eu quisesse me mover, desamarrar minhas pernas, eu não podia fazer nada quando o vi seminu na minha frente.

Seu peito era largo e bronzeado, uma linha profunda cortando-o desde o meio do peitoral até o último pedaço do abdômen, que descansava logo acima da barra do jeans. Cada músculo se movia enquanto ele se mexia, rasgando sua camisa e deixando-a cair no chão a seus pés. Eu segui o movimento, examinando cada centímetro do seu peito nu e abdômen, a respiração superficial.

Meus olhos notaram um pequeno pedaço de pelos que começava logo abaixo de seu umbigo, mergulhando sob o jeans; as laterais marcadas por músculos que emolduravam sua virilha em um V perfeito.

Zach realmente *era* um deus.

Seus olhos correram sobre mim, mãos trabalhando no botão do zíper da calça jeans enquanto ele me observava. Ele mordeu com força o lábio inferior, puxando seu jeans para baixo e deixando-o cair no chão, e eu engoli em seco, mantendo meu olhar fixo em seu rosto.

Eu peguei sua deixa, tirando meu moletom e regata em um movimento fluido. Meu cabelo caiu sobre meus ombros uma vez que eu estava livre da

roupa; em seguida, soltei meu sutiã, deixando os seios livres.

Zach parou onde estava, pronto para puxar sua cueca para baixo, balançando a cabeça enquanto seus olhos percorriam meu corpo agora completamente nu.

— Jesus Cristo — ele exalou, sua mão esfregando a protuberância que forçava sua cueca. — Venha aqui.

Eu me inclinei, puxando cuidadosamente a renda da minha calcinha para que eu pudesse sair da engenhoca com a qual ele havia me amarrado. E quando me levantei novamente, não havia uma única peça de roupa no corpo de Zach.

Ele ficou lá como um rei, acariciando seu comprimento impressionante enquanto seus olhos me incendiavam do outro lado da sala. Cada movimento de seu punho sobre seu pau fazia seus quadris flexionarem, e minha boca salivar; meu coração começou a bater tão rápido, que eu estava com medo de desmaiar se eu não ficasse na segurança de seus braços para me manter de pé.

Eu dei o primeiro passo, mas então ele estava correndo em minha direção também. Nós nos encontramos no meio da sala, ao som de outro rugido da multidão na televisão; eu não sabia o que estava acontecendo no jogo, mas senti que todos estavam torcendo por nós.

Zach passou os braços em volta de mim, me puxando para ele como se não estivesse perto o suficiente, sua língua deslizando dentro da minha boca como se quisesse marcar cada parte minha. A maneira como ele me tocou não era tímida ou nervosa, não era hesitante ou insegura. Ele me tocou como se eu só tivesse sido dele, como se eu tivesse nascido para isso, para ele – e agora que ele me tinha, sabia exatamente o que fazer, depois de anos e anos de desejo. De espera.

— Bolsa — eu soltei, apontando para o balcão atrás dele. — Preservativo.

Zach arrancou sua boca da minha, atravessando a sala em três passos e despejando minha bolsa inteira no balcão.

Eu ri.

— Ah, não, tá legal. Eu arrumo mais tarde.

Zach não se desculpou, apenas sorriu, rasgando um preservativo e colocando-o em seu comprimento enquanto voltava para mim. Ele colocou

as mãos em volta dos meus pulsos, os colocando sobre a minha cabeça enquanto me apoiava na janela novamente.

— Você me ouviu pedir desculpas?

Sua boca capturou a minha antes que eu pudesse responder, e quando minha bunda bateu na janela, ele soltou meus pulsos, as mãos parando em volta da minha cintura. Eu plantei as mãos em seus ombros, e quando ele me levantou, eu subi, passando as pernas ao redor dele enquanto ele me inclinava contra o vidro.

Minha respiração ficou presa quando Zach se alinhou no meu centro com apenas um movimento de seus quadris, e nós dois paramos, testas juntas, oxigênio dançando entre nós.

— Porra — ele respirou, a dor gravada no vinco de suas sobrancelhas. — Eu não quero te machucar, mas, *Deus*, eu não sei como pegar leve agora.

A cabeça deslizou entre meus lábios, e apenas outra flexão de seus quadris o colocaria dentro de mim. Nós dois inalamos respirações duras, e eu engoli, correndo minhas mãos pelo cabelo dele.

— Me deixa — eu sussurrei, limpando a garganta quando as palavras mal saíram. Zach abriu os olhos, procurando os meus. — Sente-se. Me deixa...

Minha voz ainda estava baixa, calma, insegura, e Zach sorriu, passando a ponta do nariz sobre o meu antes de beijá-la.

— Deixar o quê?

Eu corei.

— Diga, Gemma — ele rosnou. — Deixar o *quê*?

Apertei os lábios, mãos em punhos em seu cabelo enquanto ele flexionava os quadris um pouco mais. A cabeça entrou, e meus olhos se fecharam, nós dois gemendo em sincronia.

— Me deixa montar em você.

Zach rosnou, o vidro frio já não estava mais nas minhas costas no instante seguinte enquanto ele me carregava pela sala. Ele se sentou no sofá, inclinando-se para trás e me puxando para ele, enquanto eu me situava, montando, as mãos pressionadas contra seu peito duro e liso.

Ele me beijou mais suavemente, por mais tempo, as mãos descansando em meus quadris, enquanto me deixava assumir o controle. E embora eu

estivesse tremendo, respirei fundo apenas uma vez antes de o posicionar na minha entrada e, lentamente, com cuidado, me abaixar.

Eu apertei a mão sobre minha boca, gemendo e fechando meus olhos ao senti-lo enquanto Zach soltava um gemido longo e acalorado. Só entrou um pouco, e quando eu parei novamente, apenas para sentar de volta, agora um pouco mais fundo, ele xingou.

— Você é... — Ele balançou a cabeça com esforço. — Incrível. Irreal.

Eu tremi, as unhas cravando nos seus ombros enquanto eu levantava novamente, desta vez sentado até que ele estivesse todo dentro de mim. Por um momento, ficamos sentados assim, respirando, sentindo, seu pau me abrindo.

Então, comecei a me mexer.

Minhas coxas ardiam enquanto eu balançava, para cima e para baixo, para frente e para trás, esfregando meu clitóris contra seu abdômen cada vez que eu o tocava. Uma onda de pânico ameaçou surgir quando percebi que era a primeira vez que tinha um homem dentro de mim desde Carlo, mas recuou assim que as mãos de Zach apertaram meus quadris, me trazendo de volta ao momento atual.

Eu estava bem. Eu estava segura. Eu estava no controle, e Zach também.

E por mais assustador que fosse, *naquele* momento, eu confiei nele.

Meus dedos dos pés formigaram quando o sangue começou a correr mais rápido em direção ao meu centro, e Zach puxou minha boca para a dele, as mãos apertadas no meu cabelo enquanto me beijava com força. Eu me movi mais rápido, mais selvagem, unhas cravadas, coxas batendo. E quando eu estava perto, interrompi nosso beijo, me inclinando para trás para equilibrar as mãos em seus joelhos.

Ele balançou a cabeça, os olhos absorvendo a nova visão de mim inclinada para trás. Ele passou as mãos sobre o meu abdômen, até segurar meus seios enquanto eles saltavam. E quando ele passou os dedos sobre meus mamilos, deixei minha cabeça tombar para trás, um gemido ofegante escapando dos meus lábios.

— Oh, Deus, Zach — eu respirei, montando-o com mais força.

— Sim — ele murmurou, puxando cada mamilo. — Faça isso. Goza pra mim.

Eu quiquei mais, e atrás de mim, o locutor falou mais alto enquanto a multidão gritava.

Ele recebeu o passe! E ele segue, vai, faltam trinta...

Ele fez uma pausa, a multidão ainda rugindo enquanto eu cavalgava mais rápido, mais rápido.

Vinte... Dez...

— Oh, porra — eu choraminguei, os olhos se fechando. O fogo queimou através de mim, lento e quente no início, antes de ser um inferno total, queimando cada centímetro do meu corpo quando meu orgasmo pegava e me levava para baixo.

Touchdown!

— Sim! — choraminguei, balançando mais meus quadris. Zach se abaixou para esfregar meu clitóris, alongando meu orgasmo enquanto eu tremia e pulsava ao redor dele. — Sim, sim, Deus, *sim*.

Zach gemeu, e a mão que estava no meu clitóris se moveu para o meu peito. Ele apertou com força, a outra mão no meu quadril, e então começou a se mover comigo, tomando o controle enquanto meu orgasmo diminuía. Seus quadris se moveram mais rápido, encontrando os meus por baixo, e então ele estremeceu, a boca se abrindo enquanto seu corpo inteiro enrijecia e tremia.

Algo entre um rosnado e um gemido escapou da sua garganta, o orgasmo pulsando, o membro quente e grosso dentro de mim. Mesmo através da camisinha eu senti cada ondulação, e gemi com a sensação dele alcançando o mesmo êxtase que eu tinha acabado de alcançar, com a ideia de que eu era a razão pela qual ele estava assim.

Ele entrou em mim mais uma vez, desta vez me segurando, seu pau latejando dentro de mim quando ele expeliu o último fio de seu prazer. E então, como se um apito tivesse acabado de soar, como se o jogo tivesse sido anunciado, nós dois desabamos um no outro, abraçados, mãos trêmulas, respirações fortes, pesadas e exaustas.

Suspiramos, sorrimos, e então Zach rolou para o lado até que ele estava deitado, comigo descansando em seu peito.

— *Droga, pequena* — ele disse, assobiando.

Eu apenas ri, enterrando meu rosto em seu peito liso enquanto ele me envolvia em um abraço mais apertado.

Ele riu um pouco também, balançando a cabeça enquanto sua respiração se acalmava. Sua mão foi para o meu cabelo, fazendo um carinho no couro cabeludo antes de correr suavemente pelos fios.

— Isso que eu chamo de estar nervosa — disse ele, olhando para mim.

Eu corei, enterrando mais meu rosto em seu peito e passando meus braços em volta da sua cintura.

— *Ainda* estou nervosa — argumentei. — E já acabou.

Zach riu.

— Bem, a *primeira* rodada acabou.

Engoli em seco, endurecendo em seus braços, o que me rendeu outra risada altiva.

— Posso ter pelo menos dez minutos? — eu perguntei. — E talvez beber água. E comer um sanduíche.

— Só se você fizer um para mim.

— Feito — eu disse, levantando a cabeça para beijar seus lábios.

Mas Zach me segurou, me abraçando com mais força e alongando o beijo até que eu estava derretendo nele. Ele beijou meu nariz antes de finalmente soltar seu aperto, batendo na minha bunda quando eu pulei do sofá.

— Eu tenho geleia de uva — eu disse, pegando sua camisa de manga comprida do chão e colocando-a. Eu ajeitei meu cabelo sobre o ombro quando terminei de vestir a camisa e apontei para ele. — Obviamente. E se você gostar de qualquer outro tipo de geleia em seu sanduíche, você está errado.

Ele bufou.

— Por favor, como se eu fosse algum tipo de monstro que fosse pedir geleia de morango.

Sorrindo, passei por ele em direção à cozinha, pegando dois pratos e os ingredientes necessários. Mas antes que eu pudesse abrir a tampa do pote de manteiga de amendoim, Zach estava atrás de mim, me envolvendo em seus braços.

Ele descansou o queixo no meu ombro, me abraçando com mais força, e eu cedi, deixando cair a manteiga de amendoim e entrelaçando minhas mãos sobre onde as dele descansavam, no meu abdômen.

— No que você está pensando? — eu perguntei a ele, inclinando-me para trás.

— Você realmente acha que eu consigo formular algum pensamento agora?

Eu sorri.

— Bem, você veio aqui e me abraçou — eu apontei. — Eu só não sabia se você estava ficando todo mole comigo de novo.

— Não, ainda não — ele disse, mas então se virou para mim, me movendo em seus braços para que pudesse olhar nos meus olhos. — Eu tenho uma pergunta séria, no entanto.

Engoli em seco, procurando seu olhar enquanto meu peito apertava. Eu não sabia o que ele queria perguntar, mas algo me dizia que independente dessa pergunta, eu não estaria pronta para responder ainda.

— Ok — eu disse, a voz quase um sussurro.

Os olhos de Zach se moveram entre os meus, seu polegar roçando a lateral da minha bochecha.

— Eu preciso saber... — Ele engoliu em seco, como se as palavras fossem difíceis de serem ditas, e eu senti meu peito apertar mais. — Você teve um orgasmo por minha causa ou por causa do *touchdown*?

Um sorriso dividiu seu rosto, e eu pisquei, rindo e empurrando-o para longe. Ele riu também, vindo me abraçar enquanto eu pegava a faca para passar a manteiga de amendoim.

— Vai — ele implorou. — Você tem que me dizer.

Eu apenas balancei a cabeça, passando um dedo pela manteiga de amendoim e colocando na boca em seguida. Então, sorri e bati em seu nariz com aquele dedo ainda molhado.

— Serei a única a saber, e você vai se perguntar isso para sempre.

— Ah — ele rosnou, pegando meu pulso em sua mão e me puxando para si. — Acho que sei uma maneira de descobrir, com certeza.

Zach

Conseguimos passar por dois sanduíches de manteiga de amendoim e geleia e o resto do jogo antes de eu a puxar de volta para seu quarto, para a segunda rodada. Afinal, o Bears tinha vencido. Não podíamos *deixar* de comemorar.

E embora eu jurasse que não era possível, Gemma estava de alguma forma ainda melhor na segunda vez, como se meu corpo não tivesse sido capaz de processar completamente quão gostosa ela era na primeira vez. Em sua cama, fui com calma, trabalhando lentamente entre suas coxas e saboreando cada toque, cada beijo, cada gemido.

Eu não podia acreditar que estava lá.

Eu não podia acreditar que Gemma estava em meus braços.

Eu não podia acreditar que o plano de Belle tinha funcionado.

Parecia tão absurdo, porque eu odiava me meter nesse tipo de jogo — mas Belle estava certa. Gemma nutria sentimentos por mim, mas era tão teimosa, que não queria admitir. Não até que me viu lá com Belle, até perceber que possivelmente tinha me perdido, aí ela acordou e admitiu para si mesma.

De certa forma, era infantil. Mas eu não me importava com *como* isso aconteceu, como ela compreendeu, como ela mudou de ideia e desceu as escadas e foi até o meu lugar com determinação gravada em seu rosto adorável.

Tudo o que importava era que em vez de me expulsar esta noite, ela me deixou ficar. Ela me levou para sua cama e se enroscou em meus braços, e embora eu soubesse que isso a assustava pra caralho, ela abandonou seu plano e me segurou, em vez disso.

Eu poderia lidar com isso.

Ela estava quieta enquanto ouvíamos a cidade ainda zumbindo do lado de fora de sua janela, as luzes brilhando através dos vidros. Eu brinquei com o cabelo dela, que estava espalhado pelo meu peito, sentindo as batidas instáveis do seu coração, que batia forte contra a minha cintura.

— Família — eu finalmente disse, minha voz um pouco rouca.

— Huh?

Limpei a garganta, ajustando meu abraço nela.

— Uma das outras coisas em que eu sou um meloso total — eu esclareci.
— Família.

Senti seus lábios se curvarem em um sorriso contra o meu peito, e ela se mexeu, rolando, até que suas mãos estavam no meu peito, o queixo descansando em cima enquanto me observava.

— Tipo, a *sua* família? Ou apenas famílias em geral?

Eu pensei sobre isso.

— Sabe, antes eu teria dito a minha. Mas acho que é em geral.

— Explique.

Suspirei, ainda brincando com o cabelo dela enquanto olhava para o teto, procurando as palavras certas.

— Quando eu era criança, minha família era tudo. Éramos apenas eu e meus pais nos primeiros quatorze anos, e eles eram tipo... — Eu ri, balançando a cabeça. — Eu não sei, eles não eram como pais tradicionais, eram mais como meus melhores amigos. Papai me ajudou com o futebol quando não estava aquartelado ou trabalhando nas diferentes bases em que estávamos quando eu era mais jovem. E ele realmente me desafiava. Mas ele também percebia quando eu estava passando por algo. Mamãe estava sempre atrás de mim quando o assunto era a escola, mas ela também era a primeira pessoa para quem eu queria correr quando tinha problemas com garotas.

— Problemas com garotas, hein? — Gemma provocou. — Aposto que você partiu uns corações no ensino médio.

— Na verdade, *eu* que tive o coração partido — argumentei. — Eu queria tanto uma namorada, mas aparentemente eu era demais para garotas dessa idade.

— Ah, você era o cara legal. Ninguém quer namorar o cara legal.

— Então eu aprendi — eu resmunguei. — Confie em mim, eu aprendi a não ser tão... ousado sobre meus sentimentos. E uma vez que eu fiz isso, não conseguia manter as meninas longe de mim. Foi assim que consegui minha primeira namorada de verdade, meu relacionamento mais longo. Foi como se, ao começar a ignorá-la em vez de persegui-la, ela passasse a me querer.

— As meninas são realmente criaturas complexas.

— Eu que o diga — eu disse, fazendo cócegas nela. Gemma deu um tapa na minha mão, sorrindo enquanto eu continuava. — Mas, sim, ela foi meu

primeiro relacionamento real. Namoramos durante o último ano da escola e no meu primeiro ano de faculdade.

Fazia mais de uma década que esse relacionamento tinha terminado, e, ainda assim, as cicatrizes daquela garota permaneceram. O amor era poderoso assim. Pode salvá-lo, pode ajudá-lo a viver pela primeira vez, a ver o mundo de uma nova maneira, mas também pode derrubá-lo no chão com tanta força, que você nunca esquece a sensação da queda.

O amor fracassado pode construir muros, mas é nossa escolha decidir se vamos nos esconder atrás deles ou sentar em cima, esperando que alguém apareça para derrubá-los.

Eu era esse último caso, mas algo me dizia que Gemma era o primeiro.

— De qualquer forma — eu disse depois de uma longa pausa. — Família sempre foi muito importante para mim. E quando meu irmão nasceu, quando eu tinha quatorze anos, foi ainda mais. Eu nunca soube o quanto eu queria ser um irmão mais velho até eu ser um.

Gemma sorriu, inclinando-se mais.

— Eu acho isso fofo. Ele é muito mais novo que você.

— Ele é. É um ótimo garoto — eu disse, apertando a garganta. — Ele teve uma vida difícil, mas é sempre muito positivo. Ele me inspira.

— É? — ela perguntou, seu dedo desenhando círculos no meu peito. — O que ele achou da sua namorada, aquela com quem você namorou por muito tempo?

— Boa estratégia — eu disse, sorrindo.

Ela corou.

— O quê? Você a trouxe para a conversa.

— Sim, e também virei o assunto de volta para a família.

— Bem, agora estou trazendo a conversa de volta para ela.

Eu ri, mas então dei de ombros, enrolando uma mecha do cabelo de Gemma em meus dedos.

— Não há muito a dizer. Estávamos comprometidos, pelo menos, eu pensei que estávamos. Eu queria me casar com ela. — Engoli em seco. — Mas quando minha carreira no futebol terminou, nosso relacionamento também. Acontece que ela estava mais interessada no dinheiro que eu estava prestes a ganhar quando me tornasse profissional do que de fato me

querendo. — Eu cocei meu pescoço. — Mas, em minha defesa, ela era uma ótima atriz. Achei que ela me amava.

Admitir isso em voz alta doeu, e eu fiz uma careta com a pontada que surgiu no meu peito. Mesmo tão jovem — um veterano no ensino médio e depois um calouro na faculdade — todos os meus treinadores viram o potencial para eu me tornar profissional. Foi só isso que Emily, minha ex, enxergou. Foi para onde ela me empurrou. E quando eu expliquei a ela que Micah era mais importante, que eu queria passar meu tempo com ele e não com futebol?

Ela se foi.

E minha família era tudo.

— Isso é horrível — Gemma sussurrou. — Eu sinto muito. Mas por que sua carreira no futebol acabou? — Ela passou a ponta dos dedos sobre o meu peito. — Você... você se machucou ou algo assim?

Agarrei seus dedos, levando-os aos meus lábios para dar um beijo nas pontas deles.

— Isso é conversa para outra hora — eu disse a ela, ainda não pronto para entrar nesse assunto. — É sua vez.

— Minha vez?

— Me conte algo.

— Espera — Gemma protestou. — Você não pode simplesmente me deixar assim no meio dessa história. Quero dizer, o que aconteceu depois? Você apenas... perdeu a garota e o futebol ao mesmo tempo?

Eu balancei a cabeça.

— Sim. Foi exatamente isso que aconteceu.

Gemma suavizou, seu corpo inteiro derretendo no meu.

— Isso deve ter sido tão difícil.

Dei de ombros novamente, de repente ciente de quão profundo eu tinha levado a conversa sem querer. Eu só queria me abrir um pouco, falar sobre minha família, mas, de repente, entrei em um reino que não sabia como explorar mais.

— Merdas acontecem — eu finalmente disse. — Aprendi minha lição, não namorei muito desde então. Nada de longo prazo e substancial.

Gemma assentiu, apoiando o queixo nas mãos novamente.

— Entendo.

— Eu sei que você entende — eu disse. — Mas ainda não sei *por quê*.

Ela soltou um longo suspiro.

— Eu não... Zach, eu não estou pronta para falar sobre isso. Ainda não.

Meu peito apertou, não porque eu estava ferido que ela não quisesse compartilhar comigo, mas porque eu conhecia esse olhar – aquele que vem apenas ao ser traído da pior maneira. Eu não sabia o que tinha acontecido, mas sabia, sem que ela dissesse outra palavra, que seja lá o que fosse, com *quem quer* que fosse, isso a tinha mudado. Permanentemente.

Eu sabia, porque minha ex tinha feito o mesmo comigo.

— Está tudo bem — eu assegurei a ela, esfregando a parte inferior das suas costas. — Que tal algo mais fácil?

Ela torceu o nariz e então estalou os dedos.

— Eu tenho medo de altura.

— Muito ruim.

— Ei, não brinque.

— Eu não estou brincando — eu disse. — Estou dizendo que isso é uma coisa chata de se compartilhar. Embora, é bom saber, teremos que superar isso eventualmente.

Gema riu.

— Nem tente. Confie em mim, eu quis vencer esse medo muitas vezes, mas toda vez que tento, eu me acovardo.

— Não significa que você *sempre* vai — eu apontei. — Se você quer enfrentá-lo, superá-lo, você pode. Com as circunstâncias certas. — Eu fiz uma pausa. — E as pessoas certas te apoiando.

Ela sorriu, apoiando a bochecha no meu peito enquanto me observava.

— Mas, por enquanto — eu continuei. — Quero algo mais. Vamos. — Eu cutuquei a sua lateral. — Me dê algo bom. Acabei de confessar minha primeira decepção para você.

Ela suspirou, rolando do meu peito para deitar ao meu lado, enquanto seus olhos encontravam o teto.

— Tudo bem — disse ela, desenhando a palavra. — Você sabe como você disse que gosta da família?

Eu balancei a cabeça.

— Bem, eu realmente não sei como uma família deve ser — disse ela. — Não verdadeiramente. Meus pais sempre viajaram, e eu sou filha única. Passei a maior parte do tempo com meu avô, que era incrível, mas... não sei. Ele era mais como um professor do que um membro da família às vezes.

Gemma fez uma pausa, e eu deixei o silêncio se estender entre nós. Meu coração doeu por ela, por como deve ter sido crescer sem a mesma atmosfera familiar que eu tinha. Eu sabia que muitas crianças não tiveram a mesma sorte que eu, mas ouvir isso em primeira mão era duro.

— Por que seus pais sempre estavam viajando?

Gemma mudou de posição.

— Então, minha mãe e meu pai são como Romeu e Julieta modernos. As famílias se odiavam, todas as probabilidades estavam contra eles, mas de alguma forma eles fizeram seu amor dar certo. Eles compraram uma casa, me tiveram, conquistaram todas as coisas dos sonhos americanos. E então eles escreveram um livro sobre isso. E foi um best-seller nas primeiras duas semanas.

— Uau.

— Eu sei. Eles escreveram outro cerca de um ano depois, e quanto mais escreviam, mais as pessoas queriam. Eles falavam de tudo em seus livros, colocavam o amor em primeiro lugar e falavam da importância de confiar um no outro, se comunicando. — Ela riu, balançando a cabeça. — Sobre ter filhos e estar presente, embora isso fosse uma piada para mim. Eles podiam ensinar essas coisas, mas não sabiam realmente como colocar seus conselhos em prática.

Engoli em seco.

— Mas você teve seu avô ao seu lado?

— Eu tive. E, como eu disse, ele era incrível... ele tinha um ótimo equilíbrio entre ser meu guardião, meu amigo e meu professor.

— Essa é a segunda vez que você se refere a ele dessa forma, como professor — eu disse. — O que te faz pensar nele dessa maneira?

Gemma sorriu então.

— Ah, ele estava sempre encontrando maneiras de fazer cada dia se tornar uma lição. Ele foi o responsável por me fazer gostar verdadeiramente

de futebol americano. E, honestamente, eu também posso dizer que ele é responsável pela minha necessidade incessante de planejar e definir metas e fazer listas.

— Homem motivado, eu presumo?

— Muito. E ele se certificou de que eu fosse da mesma maneira. — Gemma fechou os olhos. — Sinto falta dele. Todos os dias.

Eu a puxei para mim, passando minha mão sobre seu braço enquanto a segurava. Ela se aconchegou no meu peito, e suas pernas se entrelaçaram às minhas sob os lençóis.

— Posso te perguntar uma coisa? — eu perguntei.

— Oh, Deus, o que é agora?

Eu ri.

— Quão assustada você está por abandonar seu plano esta noite? Sobre eu estar aqui?

Ela soltou um suspiro com isso.

— Honestamente? Eu não sei se realmente caiu a ficha ainda.

— Nenhum arrependimento?

Gemma se inclinou, e seus olhos procuraram os meus antes que ela encostasse seus lábios nos meus. Nós dois respiramos com o toque, e mesmo que eu já tivéssemos passado da segunda rodada, meu corpo inteiro acordou novamente, vibrando com a necessidade de tocá-la mais.

— Ainda não — ela respondeu quando interrompeu o beijo. — Mas ainda estamos no início do jogo.

— Por favor, sem mais jogos — eu disse com uma risada, e ela riu também. — Mas falando sério, eu quero te deixar confortável. E ei, semana que vem é um jogo fora de casa, então *tecnicamente* não estamos quebrando suas regras, certo? — Eu apontei. — Você pode sair comigo nas próximas semanas, e se mudar de ideia, sempre há tempo para marcar um encontro para o próximo jogo em casa.

— Ah, é assim? — ela perguntou, sorrindo. — Você acabou de me deixar marcar outro encontro como esse?

Minha mandíbula apertou.

— Uh-hum.

— Besteira. — Gemma riu.

— Não, falo sério — eu disse. — Se você ainda quisesse levar outro cara para o próximo jogo em casa, eu respeitosamente me retiraria. Mas... — eu disse, tocando seu nariz. — Você tem que me dar essas próximas semanas para eu tentar impedir isso de acontecer.

— Feito — ela disse, e então rastejou em cima de mim, pernas espalhadas uma de cada lado. — Mas eu vou te dizer uma coisa... — Gemma se inclinou, pressionando seus lábios nos meus e deixando-os lá enquanto sussurrava: — Você já está fazendo um ótimo trabalho, porque não estou pensando em mais ninguém agora.

— Você não pensou em mais ninguém desde a noite em que me conheceu — eu desafiei, agarrando seus quadris e roçando os meus nos dela. — Só não queria admitir.

— Sei não — ela disse, rolando seu corpo e beliscando meu lábio inferior. — Tinha o Ben, sabe? Ele era *tão* interessante... você talvez tenha alguma competição com ele.

Eu rosnei, nos mudando de posição, até que ela estava debaixo de mim, pulsos presos nos travesseiros enquanto ria.

— Pare de falar sobre outros caras antes que eu perca a cabeça de novo.

— Me obrigue — ela desafiou, uma sobrancelha arqueada.

E assim eu fiz.



CAPÍTULO 14

Gemma

NÃO TINHA MAIS DO QUE QUINZE MINUTOS QUE EU HAVIA acordado na manhã seguinte quando Belle irrompeu pela minha porta da frente.

— Ok, vadia — ela anunciou, colocando sua chave reserva de volta na bolsa antes de jogá-la no meu balcão. Ela olhou para o conteúdo da *minha* bolsa, que ainda estava espalhado por todo o granito, antes de trazer sua atenção de volta para onde eu estava. — Antes de mais nada, você não tem permissão para ignorar minhas mensagens. Eu não me importo com o quanto você esteja se divertindo. Em segundo lugar — ela adicionou, fungando. — Ainda cheira a sexo aqui. O café não vai esconder isso, querida. Então desembucha. Eu quero todos os detalhes.

Eu ri, balançando a cabeça enquanto apoiava o quadril contra o balcão.

— Bom dia para você também.

— Sim, sim, bom dia — disse ela, acenando para mim. — Vamos pular as gentilezas e ir direto ao prazer. Me dê os detalhes. Como era o pau? Ele chupou sua boceta como se fosse um picolé de novo? — Ela apoiou os cotovelos no balcão, emoldurando o rosto nas mãos. — Oh, meu Deus, por favor me diga que você está andando torto hoje.

Eu cobri a boca para não rir, deixando-a continuar.

— Espero que ele não seja pequeno. Se tivermos passado por tudo aquilo ontem para ele ter um micropênis, acho que sou capaz de chorar.

Eu ainda estava lá com uma mão sobre a boca, sorrindo por baixo dela. Belle arqueou uma sobrancelha, deixando suas mãos dizerem em um gesto: *por que você não está falando?*

— E então? — ela perguntou. — Ele te fodeu em silêncio ou o quê? Me conta as coisas! — Mas então seus olhos se voltaram para a cafeteira ao meu lado, e ela franziu a testa. — Espera, por que há três canecas... — Seus olhos se arregalaram, e ela baixou a voz para um sussurro enquanto apontava para o balcão. — Ele ainda está aqui?

E como se tivesse sido avisado da hora de entrar no palco, Zach entrou na sala logo atrás de onde Belle estava sentada, ao balcão da minha cozinha. Ele limpou a garganta, e Belle ficou rígida, os olhos arregalados quando ele contornou a ilha e entrou na cozinha.

Vestindo suas roupas da noite anterior.

— Bom dia, Belle — disse ele com um sorriso, inclinando-se para beijar minha bochecha antes de pegar o bule de café.

— Bom dia — ela gritou e começou a murmurar algo para mim assim que ele virou as costas, mas eu não consegui entender nada.

— Obrigado pela dose tão necessária de cafeína — disse ele uma vez que sua caneca estava cheia. Então, ele passou o braço livre em volta da minha cintura, me puxando para si. Seus olhos passando por mim. — Sabe, não é justo que você fique tão incrível de manhã.

Eu corei, ficando na ponta dos pés para beijá-lo.

— Eu te ligo mais tarde? — perguntou.

— Com certeza

Ele sorriu, tocando no meu nariz antes de ir em direção à porta. Ele parou para pegar a carteira e as chaves na mesa.

— Ah, e a propósito — disse ele, virando-se para Belle enquanto tomava um gole de café. — Eu comi a boceta dela como se fosse um menu de quatro pratos desta vez.

Uma risada escapou de mim, e meu rosto aqueceu quando o afundei em minhas mãos. Pelas fendas em meus dedos, vi Belle corar um pouco também ao saber que Zach tinha ouvido tudo o que ela disse. Mas ela não deixou o constrangimento aparecer por muito tempo. Em vez disso, se

levantou, cruzando a sala e cumprimentando Zach antes de abrir a porta para ele.

— Isso aí, garoto. Agora vá, para que eu possa obter os detalhes indecentes.

Zach riu, levantando seu café para mim antes de desaparecer no corredor. Uma vez que a porta foi fechada novamente, Belle saltou de volta para a cozinha.

— ELE PASSOU A NOITE!

Eu balancei a cabeça, servindo para nós duas nossas primeiras xícaras de café. Eu adicionei um pouco de creme ao meu e um pouco de açúcar ao dela, deslizando uma caneca pelo balcão enquanto segurava a outra.

— Ele passou a noite.

— E você não está surtando.

Suspirei.

— Surpreendentemente, não... pelo menos, ainda não. — Eu fiz uma verificação de pulso. — Acho que a parte do surto está chegando, no entanto.

— Bem, vamos lidar com isso mais tarde. Mas, por enquanto, você está sorrindo! E corando. E, e... — Belle guinchou novamente, batendo palmas. — Ok. Eu quero todos os detalhes. Agora. Comece desde o início. Vai!

Belle me seguiu pelo apartamento enquanto eu me vestia para o trabalho, então contei a ela tudo sobre a noite anterior. Ela não me deixou pular um único detalhe, como era comum quando se tratava da minha melhor amiga. Quando estávamos trancando meu apartamento para começar a caminhada para o trabalho, ela ainda estava se abanando; eu estava pronta para pular nossa reunião matinal e ir até o Zach para uma brincadeira matinal.

— Uau — Belle respirou fundo, balançando a cabeça uma vez que estávamos no elevador no caminho para o hall do prédio. — Estou impressionada. Eu não posso acreditar que ele lambeu seu ânus.

— Belle! — eu sussurrei.

— O quê? Não tem ninguém por perto — ela disse, e uma mulher mais velha entrou no elevador conosco. Nós duas sorrimos para ela, mas Belle não demorou a voltar com o assunto. — Você gostou?

— Podemos não falar disso agora, por favor?

Belle sorriu.

— Ah, você gostou. — Ela balançou a cabeça. — Quem teria pensado. Minha melhor amiga, uma garota que gosta de um anal.

— Belle! — Eu bati nela quando a mulher mais velha olhou por cima do ombro para nós com um olhar preocupado.

— Estou feliz por você — ela disse enquanto dava uma risada, só nesse momento conseguindo controlar suas feições. — Não, sério. Eu realmente estou. Ele é um cara bom. Então, isso significa que vocês estão tipo... oficialmente juntos?

Dei de ombros.

— Não sei. Nós não conversamos sobre isso.

— Bem, está rolando exclusividade?

Eu pensei sobre isso, repassando as conversas que tivemos na noite anterior.

— Sim. Eu diria que sim.

— Então vocês são namorados.

— Nós realmente não chegamos tão longe.

Belle revirou os olhos quando saímos do elevador, empurrando as portas do saguão para chegarmos às ruas do centro de Chicago.

— Ugh, se relacionar hoje em dia é uma merda. Você nunca sabe o que você é e o que você não é. Mas devo dizer que você tem um homem de verdade, Gemma Mancini. E eu gosto dele.

Eu sorri.

— Eu gosto dele também.

E eu gostava. Eu gostava *muito dele*. Eu não conseguia lutar contra o sorriso que parecia estar fixado permanentemente no meu rosto desde o momento em que acordei. Foi uma noite perfeita, e deixar de lado o controle de tudo estava se provando não ser tão assustador, porém emocionante.

Zach fez com que eu me sentisse segura, me deixou confortável. Era como se conhecesse todos os meus maiores medos e soubesse como lidar com eles antes mesmo de eu contar a ele.

Eu deveria ter medo disso. Eu deveria ter me preocupado com o quanto eu queria confiar nele, deixá-lo entrar. Mas não consegui me importar, não

naquela manhã.

Ainda assim, Belle trouxe um bom ponto – nós não discutimos o que aconteceria a seguir. Eu não sabia o que éramos, o que não éramos, e meu lado briguento estava pronto para começar agir de forma estranha se eu não estabelecesse algumas regras e limites firmes. Eu fiz uma nota mental para falar com Zach sobre isso mais tarde.

— Mas, de verdade, não ignore minhas mensagens. — Belle apontou para mim. — E se eu realmente precisasse de você?

— Ah, sim, e se você precisasse ser *intrometida*? — eu disse, pegando o celular da minha bolsa. — Honestamente, eu nem olhei para isso aqui desde que saímos do jogo. Ficou na minha bolsa a noite toda. — Quando olhei pela tela, vi as mensagens perdidas de Belle e algumas do cara que eu tinha dispensado na noite anterior, mas não foram elas que chamaram minha atenção. — Uau.

— Eu sei. Eu fiquei um pouco carente — Belle disse, levantando uma mão. — Mas, em minha defesa, eu estava sendo meio intrometida e meio me perguntando se você ainda estava viva.

— Não, não é isso — eu disse, puxando a notificação que me fez parar. — A mãe de Carlo me ligou.

— Sofia?

Eu balancei a cabeça.

— Sim. À meia-noite.

— Isso é estranho.

— É — eu disse, com o estômago dando cambalhotas ao ver o nome dela no meu telefone. Não era especialmente fora do comum falar com Sofia, mas nossa relação havia esfriado consideravelmente após o funeral de Carlo. Parecia que uma vez que toda a papelada foi resolvida, o testamento executado, o corpo enterrado... não havia muito mais para falarmos.

Seu filho, meu marido, se foi.

Ele era o único elo que nos unia.

— Você vai retornar a ligação?

Eu balancei a cabeça, colocando o telefone de volta na bolsa.

— Eu vou, mais tarde. Tenho certeza que não é nada. Talvez ela estivesse apenas se sentindo triste ontem à noite.

— Talvez — Belle disse e estendeu a mão, apertando meu antebraço. — Ei, não deixe que isso roube sua alegria hoje, ok? Você tem permissão para ser feliz. — Ela sorriu, passando o braço pelo meu. — *Especialmente* depois de ter sua bunda chupada.

— Oh, meu Deus, Belle. — Eu bufei. — Sem gracinhas.

— Sem vergonha também. — Ela jogou o cabelo por cima do ombro.

— Por que você não me fala sobre o *Jordan* — eu disse, direcionando a conversa de volta para ela. — Ele foi para casa com você?

Belle sorriu.

— Você sabe como é. Uma dama nunca chega ao clímax duas vezes e sai contando.

— Eu sabia! — Eu ri. — Ei, pelo menos o médico gostoso com o cachorro adorável não foi desperdiçado.

— Ah, acredite em mim. Não houve desperdício. Quando ele foi embora ontem à noite, eu tinha usado cada gota de energia que ele tinha para oferecer.

Eu bufei, revirando os olhos. Mas não fiquei surpresa. Esta era a minha melhor amiga em sua versão mais original.

— Agora — ela disse, enlaçando seu braço no meu. — Conte-me sobre o pau de Zach novamente.

— Não era mais fácil desenhar?

Ela empalideceu.

— Você poderia?

Eu a afastei de mim, nós duas rindo quando ela admitiu que era demais e mudou a conversa para a nossa reunião matinal. Ela estava lançando um projeto de escritório para uma empresa de publicidade no centro da cidade, e eu peguei seus esboços enquanto dobramos a esquina em direção ao nosso prédio de escritórios. Mas mesmo enquanto conversávamos sobre mesas, molduras e iluminação natural, eu ainda não conseguia parar de sorrir — não conseguia parar de pensar *nele*.

Eu não sabia o que viria a seguir. Eu não sabia se estava indo rápido demais, se estava arrumando problemas para a minha vida ao abandonar meu plano seguro, confiando que Zach não iria me machucar. E mesmo que

a mãe de Carlo tenha me ligado, Belle estava certa – eu *merecia* ser feliz, mesmo que apenas por uma manhã.

Eu ligaria de volta para ela mais tarde. E talvez eu acordasse amanhã e percebesse que tudo que fiz foi estúpido. Talvez no próximo jogo em casa eu voltasse a estar no controle, como Zach disse, levando alguém novo para a partida. Talvez Zach e eu pudéssemos ter apenas algo temporário, nós nos divertiríamos por algumas semanas e depois seguiríamos caminhos separados.

Mas talvez não importasse o que aconteceria em seguida.

Talvez tudo o que fosse importante de fato era que agora, neste momento. Porque nesta manhã feliz, eu estava feliz.

E eu não ficava assim há muito, muito tempo.

Zach

Eu estava nas alturas.

Eu nunca tinha usado uma única droga em toda a minha vida além do álcool, mas ainda assim, eu sabia que devia estar em algum tipo de barato enquanto flutuava pelo bar do Doc, preenchendo pedidos e cantarolando junto com a música estridente nos alto-falantes. O jogo de futebol de segunda-feira à noite começaria em meia hora, e nós estávamos lotados novamente, mas não importava o quão ocupados estivéssemos ou quão mal-humorado Doc estava, porque ontem à noite? Eu tive Gemma Mancini em meus braços.

Essa era uma droga especial.

— Você pode parar de ficar tão... *feliz*? — Doc resmungou, franzindo a testa para mim enquanto deslizava duas cervejas na frente de alguns dos nossos clientes regulares. — Você está assustando os clientes.

— Pode provocar o quanto quiser, Doc, mas você não vai me derrubar hoje. — Passei por trás dele, tirando os copos vazios do bar e pegando um novo pedido de um grupo de garotas que tinha acabado de se sentar.

— Você pelo menos vai me dizer o que está fazendo você sorrir como o Gato de Cheshire?

Ao ouvir isso, meu sorriso dobrou, e eu me empenhei em completar o pedido que eu tinha acabado de pegar quando Doc parou ao meu lado. Dei de ombros.

— Meu plano funcionou.

— Seu plano?

Eu encontrei seus olhos.

— Eu dormi na casa de Gemma ontem à noite.

As sobranceiras de Doc se ergueram.

— Sério?

— Mm-hmm — eu disse, sorrindo.

— Então ela finalmente se cansou da sua bunda irritante sentada naqueles assentos ao lado dela e cedeu, hein?

Eu ri.

— Algo parecido.

— Bem, quem diria. — Doc cruzou os braços, inclinando-se contra o bar enquanto me observava fazer alguns martinis com sabor. — Para que conste, ainda acho que foi uma ideia ruim.

— Mas funcionou.

Doc balançou a cabeça.

— Verdade. — Ele me observou por um momento, seu sorriso se nivelando. — Você tem certeza que ela é o tipo de garota com quem você quer se envolver?

Deslizei os martinis para as meninas que pediram, pegando um cartão para iniciar uma comanda.

— Como assim?

— Bem, a última vez que vi essa garota, ela estava decidida a te deixar com ciúmes ou chateado ou ambos — disse ele.

— Ela estava com medo — expliquei. — Ela gosta de mim, mas não sabia como lidar.

Doc limpou a garganta.

— Ok, Romeu. Se você tiver certeza. Só tome cuidado, ok? — Ele apertou meu ombro. — Eu te vi na última vez que você teve seu coração partido, e eu não quero aquele garoto triste rondando meu bar novamente.

Alguém me chamou no final do bar, mas eu levantei um dedo, o peito apertando com as palavras de Doc.

— Ela não é a Emily.

— Eu sei — disse ele rapidamente. Ele me observou por um momento, preocupação gravada em suas feições, mas então balançou a cabeça. — Sabe de uma coisa, isso sou apenas eu sendo um homem velho e mal-humorado. Esqueça que eu disse qualquer coisa.

Eu sorri.

— Você realmente é um velho mal-humorado, mas eu aprecio seu cuidado.

— Meh — ele bufou. — A propósito, ainda precisamos conversar...

— Eu sei, eu sei — eu disse, passando por ele em direção ao outro lado do bar. — Mas você não pode me demitir hoje, Doc. Hoje é um bom dia. — Apontei de volta para ele, girando nos calcanhares e fazendo uma espécie de passinho do Michael Jackson em direção aos caras que queriam pedir.

— Não vou demitir você.

— Hoje não, você não vai.

Doc riu, acenando para mim.

— Deus, você está tão... *sorridente*. Eu odeio isso.

Abri as tampas de algumas garrafas de Bud Light, alinhando-as na frente dos caras antes de voltar para Doc.

— Estou brincando, Doc. Sobre o que você quer falar?

Ele pegou o trapo que havia abandonado no bar, dobrando-o sobre o ombro antes de voltar seu olhar para mim. Seus olhos saltaram entre os meus, e ele abriu a boca para dizer algo, mas então apenas balançou a cabeça, batendo no meu ombro novamente.

— Não, não se preocupe com isso esta noite. Estamos ocupados. Falaremos sobre isso na próxima semana, quando você voltar a ser mal-humorado como eu.

— Tem certeza disso? — eu perguntei, sentindo a mudança nele. — Podemos dar um pulo lá atrás bem rápido, ainda temos tempo antes do jogo.

— Tenho certeza — disse ele. Seus olhos velhos e cansados enrugaram um pouco quando ele sorriu. — E todas as piadas à parte, eu gosto de ver você assim. Eu não a conheço ainda, mas pelo menos ela está te fazendo feliz. Você merece isso.

Eu sorri.

— Obrigado, Doc. Seu moleque velho.

Ele me empurrou para longe.

— Não abuse da sorte. Vou voltar e mudar os alto-falantes da música para a TV. — Ele fez uma pausa, me observando por mais um momento antes de começar a caminhar em direção aos fundos. — Você deveria convidar a garota para um jantar em família. Quero conhecê-la melhor.

— Talvez eu faça isso — eu disse, tirando meu celular do bolso e passando para o contato de Gemma. — Mas, por enquanto, tenho outro encontro em mente. — Eu balancei a cabeça enquanto digitava a mensagem. — Vamos ver se ela ainda está falando comigo depois desta noite.

— Você não poderia simplesmente levá-la para jantar e ver um filme?

— Vamos lá, você sabe que esse não é meu estilo — eu disse com uma zombaria. Uma vez que Gemma respondeu confirmando que eu poderia vê-la depois do trabalho na quarta-feira, eu sorri. — Vá com tudo ou nem comece. Sempre.

Doc balançou a cabeça, desaparecendo no escritório dos fundos.

— Boa sorte, garoto.

Guardei meu telefone, flutuando de volta para a nuvem de felicidade em que estava desde que saí da casa de Gemma naquela manhã. Tínhamos trocado mensagens o dia todo, e agora que eu tinha outro encontro marcado, senti que estava flutuando ainda mais alto.

Eu não sabia por quanto tempo eu a teria, quanto tempo ela ficaria parada sem deixar seu passado manchar tudo o que estava sentindo. Mas eu sabia que queria descascar suas camadas, queria mais, queria saber quem a machucou e como fazer para essa dor ir embora. Mas, primeiro, eu tinha de ganhar a confiança dela, e o primeiro passo para fazer isso era ajudá-la a enfrentar seus medos.

A começar pelo medo de altura.



CAPÍTULO 15

Gemma

— EU NÃO POSSO FAZER ISSO.

Eu assisti com horror como a família que tinha esperado na fila à nossa frente para a experiência do Tilt riu e gritou de alegria enquanto estavam debruçados sobre a cidade de Chicago. O Tilt era uma atração relativamente nova no *360 Observation Deck*, e aproximadamente a número quatro na minha lista de coisas que absolutamente nunca faria, nunca — logo atrás de fazer uma tatuagem, comer ostras e caçar.

Era uma armadilha mortal.

Mas ali estava eu, neste edifício perfeitamente estável — embora muito alto para o meu gosto, se eu for honesta — que em vez de apreciar a bela vista da cidade da janela panorâmica normalmente segura, optei por ser inclinada não uma, não duas, mas *três* vezes até que estivesse em um ângulo de trinta graus olhando praticamente para baixo.

Não, obrigada.

— Você *pode* fazer isso — Zach argumentou, massageando meus ombros como se eu fosse o quarterback prestes a entrar na segunda metade de um jogo perdido. — Vai ser um total de dois minutos, e então vai acabar.

— Exatamente. Por que pagamos por isso? Se você quisesse me assustar, você poderia simplesmente ter saltado para cima de mim vindo de trás de uma parede... de graça.

Ele riu, apoiando meu corpo nele enquanto observava a família se inclinar ainda mais para frente. Eles gritaram felizes enquanto eu fazia uma oração baixinho.

Eu nem era católica.

— Eu não estou tentando te assustar. Estou tentando ajudá-la a enfrentar um medo. Você disse que queria, certo?

Eu balancei a cabeça.

— Não.

— Você vai se sentir tão foda depois disso — Zach prometeu ao dar outra risada leve.

— Ou — argumentei, levantando um dedo. — Vou sentir vontade de vomitar e chutar você bem na região da genitália.

Zach estremeceu.

— Por favor, não faça isso.

Por mais que eu estivesse apavorada com o que estava prestes a acontecer, era bom estar ali nos braços de Zach. Alguns dias passaram desde o jogo, mas, de certa forma, parecia nosso primeiro encontro de *verdade* — ele me pediu para vir, veio ao meu apartamento me buscar, caminhamos juntos, jantamos antes.

E eu não estava tentando fazê-lo pensar que eu não o queria. Essa foi uma boa mudança também.

Eu abri a boca para responder ao seu comentário, a facilidade das nossas brincadeiras me confortando um pouco, mas era tarde demais. A família à nossa frente já estava sendo inclinada de volta para ficar de pé, então qualquer comentário espertinho que eu tivesse morreu na minha garganta de maneira pegajosa ao perceber que éramos os próximos.

— Oh, Deus, Zach... — Entrei em pânico. — Eu realmente não acho que consigo fazer isso.

— Ei — ele disse, me virando para encará-lo enquanto a família saía da atração. — Olhe para mim. Estamos perfeitamente seguros. Nada vai acontecer além de você ter uma vista incrível da cidade que você ama, ok? E estarei ao seu lado o tempo todo.

Eu choraminguei.

— Você realmente quer ir embora? — perguntou, os olhos procurando os meus. — Se você realmente acha que não pode fazer isso, eu vou embora com você. Nós apenas temos que nos virar e voltar pela fila. Podemos desistir.

— Ok, vambora.

Zach suspirou, seus ombros murchando um pouco, mas sorriu em compreensão.

— Ok.

Mas quando ele agarrou minha mão na dele, virando-se para a família atrás de nós, para que eles soubessem que precisávamos passar, uma ponta de culpa e algo mais se acomodou no meu estômago. Talvez fosse determinação?

Maldito lado competitivo.

Ou talvez Zach tivesse planejado esse encontro, tivesse prestado atenção quando contei a ele um dos meus medos e agora estivesse tentando me ajudar a enfrentá-lo.

E eu estava sendo uma covarde.

— Espera — eu disse, pulando um pouco enquanto corria minhas mãos pelo meu cabelo. — Ah, tudo bem, eu consigo fazer isso. Eu consigo fazer isso.

Um sorriso dividiu seu rosto, e ele bateu na minha bunda.

— Isso aí, garota!

Não tenho certeza se desmaiei ou se realmente demorou apenas alguns segundos para nos posicionarmos na pequena plataforma, as mãos apoiadas em alças de metal em cada lado de nossas respectivas janelas enquanto observávamos a cidade. As janelas iam do chão ao teto, assim como as do meu apartamento, exceto que estávamos setenta e quatro andares acima e as janelas eram três vezes maiores.

Engoli em seco.

— Puta merda — eu respirei, examinando a cidade enquanto o sol se punha. Foi realmente uma visão de tirar o fôlego...

Principalmente se eu não estivesse sentindo que meu coração estava saindo pela minha bunda.

— Puta merda, puta merda, puta merda — eu disse de novo, de novo, e de novo, respirando tão forte, que pensei que meu peito fosse explodir.

Zach botou a mão na minha, me segurando mais apertado no corrimão. Alguém tentou me fazer virar para tirar uma foto, mas não consegui.

Eles tiraram uma foto minha surtando por trás.

— Respire, Gemma. Olhe para mim — disse Zach.

— Não posso.

— Olhe para mim.

Suspirando, eu fiz o que ele disse, e quando o fiz, meu coração disparou no peito.

Deus, como ele era bonito.

O brilho laranja e azul do pôr do sol da cidade destacou os traços fortes de seu rosto enquanto lançava o restante nas sombras, e ele sorriu, aquela pequena covinha aparecendo em sua bochecha enquanto apertava sua mão sobre a minha.

— Estou bem aqui — disse ele, levantando as sobrancelhas. — Ok? Respire fundo por mim, e então iremos em frente.

Eu balancei a cabeça e respirei, mas era minúsculo e difícil. Zach manteve os olhos nos meus, respirando fundo depois de ter respirado fundo, esperando até que a minha respiração ficasse no mesmo ritmo da dele. Uma vez que entramos em uma longa e sólida inspiração e expiração, ele sorriu novamente.

— Aqui vamos nós.

Virei-me para a janela bem a tempo da primeira inclinação.

E então eu gritei como se estivesse sendo assassinada.

Nenhuma das palavras que saíram da minha boca fez sentido, e elas foram pontuadas com palavrões em vez de pontos de exclamação. Zach apertou minha mão com mais força, rindo, e de alguma forma, quando estávamos inclinados novamente, eu estava rindo também.

Lágrimas brotaram nos cantos dos meus olhos, mas não de medo. Eu não conseguia respirar, mas não porque estava com medo. Não, toda a ansiedade se transformou em alegria, todos os gritos, em risos. E enquanto eu examinava os prédios, as luzes, o rio — tudo o que fazia de Chicago a

cidade que eu amava —, não encontrei um único arrependimento por ter pisado naquela borda.

Na verdade, eu queria ficar mais tempo lá.

— Isto é incrível! — eu gritei, rindo ainda mais quando eles nos inclinaram uma última vez.

— Eu te disse! — Zach apertou minha mão.

— Pare de tentar fazer este momento ser sobre você, Zach Bowen.

Ele riu disso, e antes que eu pudesse entender tudo, já estávamos sendo inclinados de volta para ficar de pé, a experiência tinha acabado.

Assim que estávamos de pé, pulei nos braços de Zach, e ele me pegou e me girou enquanto os atendentes nos conduziam para fora da fila, para que o próximo grupo pudesse avançar. Eles disseram algo sobre pegar fotos na loja de presentes, mas mal ouvimos por causa de nossa empolgação, nós dois falando sem parar um com o outro.

— Eu consegui! Zach, oh, meu Deus, você viu?

— Eu sabia que você conseguiria. — Ele riu, balançando a cabeça enquanto eu me afastava, minhas pernas ainda enroladas em sua cintura. — E como se sente agora?

— Como se eu pudesse correr uma maratona — eu soltei, os olhos arregalados. — Ou como se eu tivesse acabado de usar heroína.

Outra risada escapou de Zach quando ele colocou no chão; em seguida, ele inclinou meu queixo para cima com os dedos, abaixando seus lábios nos meus.

— Estou tão orgulhoso de você — disse ele, e quando seus lábios pressionaram os meus mais uma vez, eu o recebi por inteiro: seu cheiro, a sensação de suas mãos em mim, o som que ele fez enquanto aprofundava o beijo.

Eu queria colocar tudo isso em uma garrafa e manter um estoque na minha bolsa, apenas no caso de eu querer uma dose.

Eu ainda estava nervosa, as mãos tremendo como se eu tivesse tomado muito café, enquanto voltávamos para o meu apartamento. Era apenas meia hora de caminhada e, embora outubro tivesse espalhado o espírito do outono por Chicago, ainda estava quente o suficiente para caminhar sem ser desconfortável. Além disso, eu gostava bastante de caminhar com a brisa forte atravessando os prédios, gelando meu nariz e minhas mãos.

— Ainda não consigo acreditar que fizemos isso — eu disse, passando meu braço pelo de Zach. — Obrigada. E me desculpa, porque você pode ter transformado uma medrosa em uma viciada em adrenalina.

Zach riu.

— Contanto que você me leve para os passeios.

— Sem promessas.

— Eu não acredito que você nunca esteve lá antes — disse ele. — Quer dizer, eu sei que é um pouco turístico, mas você viveu em Chicago a vida toda. Como nunca foi?

Dei de ombros, respirando fundo enquanto parávamos para esperar um semáforo.

— Não sei. Quer dizer, como eu disse, meus pais sempre foram ausentes, e meu avô, ele era mais um cara do campo. Ele costumava me deixar ficar grudada nele em sua pequena casa de fazenda fora da cidade, em vez de vir para os subúrbios para me ver na casa dos meus pais. — Eu sorri, as memórias ressurgindo. — Mas se você quer falar sobre um homem que adorava me ajudar a superar os medos... Certa vez, ele me trancou no pequeno celeiro com todas as galinhas para provar que elas não me atacariam quando eu fosse alimentá-las.

— Parece o meu tipo de cara.

— Ah, você o teria amado — eu disse quando começamos a andar novamente, e meu estômago revirou. — Honestamente, eu acho que ele teria amado você também.

Zach tirou o braço de onde eu o segurava, colocando-o sobre meu ombro e me puxando para mais perto.

— Você acha?

— Eu acho.

— Por quê?

Eu me inclinei mais para ele.

— Porque você é persistente e não leva a vida muito a sério. Ele era do mesmo jeito.

— Estou honrado que você tenha nos colocado na mesma categoria — disse ele. — Parece que ele significava muito para você.

— Ele realmente significava.

Ficamos em silêncio, Zach com a mão no meu ombro enquanto caminhávamos, nós dois apreciando a cidade ao nosso redor. E talvez fosse essa energia, as luzes da cidade, de outra noite sendo vivida por todos ao nosso redor, ou talvez fosse a euforia por ter passado pelo *Tilt*. Independentemente disso, algo mudou naquele momento, comigo sob os braços de Zach, por isso minhas próximas palavras escaparam da minha boca antes que eu pudesse sequer pensar em contê-las.

— Eu era casada.

Zach não hesitou, mas seu braço enrijeceu onde me segurava, e eu olhei para sua garganta enquanto seu pomo-de-adão se mexia com dureza. Meus olhos voltaram para a calçada, observando meus tênis enquanto tentava descobrir o que dizer a seguir.

— Nós começamos a namorar na faculdade, nos casamos não muito tempo depois que me formei — eu disse, sem saber o que dizer sobre Carlo.

Se ele tivesse morrido antes que eu descobrisse a infidelidade, só teria coisas incríveis a dizer sobre ele. Teria me gabado do quanto ele era forte, bonito, engraçado. Teria comemorado suas conquistas em tecnologia e contado a Zach dos aplicativos que Carlo ajudou a fazer. Talvez eu tivesse dito a ele que Carlo gostava de coisas simples, como ler jornal no domingo mesmo trabalhando com tecnologia ou como gostava de manter as portas abertas para os outros.

Mas eu me perguntava agora o quanto eu realmente sabia sobre o homem com quem eu fui casada.

— Eu o amava — eu disse, porque pelo menos isso ainda era verdade.

Eu sabia que deveria dizer mais, mas de repente fiquei muito consciente da bomba que eu tinha acabado de lançar. O silêncio pesou sobre nós, o vento mais frio agora, mais intenso contra o rosto.

Zach limpou a garganta, e foi como se isso o trouxesse de volta ao momento, como se ele tivesse que sair de seu próprio corpo para processar o que eu disse.

— O que aconteceu? — perguntou.

Eu apertei os olhos com força antes de deixá-los se abrirem novamente, meu coração mergulhando no estômago.

— Ele morreu.

Desta vez, Zach parou, me parando com ele quando estávamos a apenas alguns quarteirões do meu apartamento. Sua boca estava aberta, os olhos praticamente protegidos sob as sobrancelhas unidas enquanto procuravam os meus.

— Gemma...

— Está tudo bem — eu disse rapidamente, desviando o olhar do dele. Enfieí meu cabelo atrás das orelhas e cruzei os braços sobre o peito. — Sério. Já faz quase um ano.

— Eu... — Zach fez uma pausa, balançando a cabeça enquanto outro gole grosso descia pela garganta. — Eu só, eu nem sei o que dizer. *Sinto muito* soa tão pequeno e... longe de ser preciso quanto a como me sinto agora.

— *Sinto muito* funciona bem, Zach. Essa é uma reação normal.

Ele balançou a cabeça mais vigorosamente, se aproximando de mim enquanto seus dedos enganchavam nas alças do meu jeans.

— Não é o suficiente. Eu gostaria de ter as palavras certas. — Uma longa expiração deixou seus lábios. — Gemma, odeio o fato de que você teve que suportar isso. Não consigo nem imaginar como foi e lamento muito que você tenha passado por isso.

— Está tudo bem, sério — eu disse novamente e o puxei para perto. — Podemos apenas... podemos continuar andando? Estou com frio, quero entrar.

— Claro — disse ele, me puxando para o seu lado.

Eu queria dizer mais, mas acho que nós dois sabíamos naquele momento que eu estava esgotada. Toda a adrenalina, aquela de antes, passou por mim como um fantasma ou um trem em alta velocidade, e agora eu estava fraca e cansada, e mais vulnerável do que nunca.

Eu não estava pronta para contar mais a ele. Por enquanto, isso era tudo que eu podia dar.

— Obrigado — ele sussurrou em meu cabelo enquanto caminhávamos, pressionando um beijo na minha cabeça. Seu braço estava apertado em volta do meu ombro, e parecia que sua respiração estava tão dolorida quanto a minha. — Por me dizer isso.

Eu balancei a cabeça.

— Obrigada por fazer com que eu sentisse que poderia.

Quando voltamos para minha casa, Zach subiu no elevador e me acompanhou até a minha porta, mas não pediu para entrar. De certa forma, eu queria que ele pedisse, queria me perder a ele fisicamente para que eu pudesse sair da minha cabeça. Mas eu também estava exausta, e mais do que tudo, só queria minha cama.

— Obrigada novamente por esta noite — eu disse, me livrando do peso do que eu disse a ele e forçando um sorriso. — Foi... aterrorizante. — Eu ri. — Mas incrível também.

Zach sorriu.

— Estou honrado por você ter passado a noite comigo.

— Sabe, eu adoraria ver você no seu habitat natural algum dia — eu disse. Zach apenas arqueou uma sobrancelha, então expliquei melhor. — Futebol americano. Eu adoraria ver você jogar.

— Ah — ele disse, uma mão alcançando a nuca. Notei a forma como seu sorriso murchou, suas bochechas corando. — Bem, meio difícil de me assistir já que não jogo mais, mas talvez possamos jogar bola ou algo assim. Antes do jogo fora de casa no próximo domingo?

— Eu vou gostar — eu disse. — Um pequeno presente de aniversário para mim.

Com isso, Zach franziu a testa.

— Hum, o quê?

— Domingo é meu aniversário.

— Domingo é seu aniversário, e você só está me dizendo *agora*?

Eu ri.

— Não é grande coisa.

— Você vai fazer trinta anos.

— Não dê muita importância a isso.

— Mas você vai fazer *trinta anos*.

— Zach — eu avisei e levantei meu dedo, ameaçando cutucá-lo. — Quero cachorros-quentes, futebol e cerveja. Não necessariamente nessa ordem, mas todos os três são necessários. Além disso, não quero mais nada. Sem bolo, sem frescuras, sem balões ou placas malucas. Só quero assistir aos jogos e curtir um domingo normal.

O rosto de Zach se enrugou como se ele discordasse de tudo que eu tivesse dito, e eu levantei uma sobrancelha, avançando meu dedo como se eu fosse cutucá-lo.

— Tudo bem — ele admitiu, soltando um grande suspiro. — Mas eu vou te dar um presente.

— Não.

— Não é negociável— disse ele, e antes que eu pudesse argumentar, suas mãos deslizaram para o meu cabelo, emoldurando meu rosto enquanto Zach me puxava para um beijo. Seus lábios se aqueceram contra os meus, um suspiro coletivo escapando enquanto derretíamos um no outro. Ele passou as mãos pelos meus ombros, meus braços, meus quadris, as palmas acariciando minhas costas antes de descerem e agarrar minha bunda com firmeza.

Eu não estava mais cansada.

Mas ele só me agarrou com força e deu outro suspiro de desejo antes de se afastar, bater na minha bunda e piscar. Então, começou a seguir em direção ao elevador com um sorriso diabólico.

— Vejo você em breve, aniversariante.

Fiquei ali, boquiaberta.

— Isso é *maldoso*, Zach Bowen.

— Revanche é uma merda, não é? Pelo menos você não tem que me ver sair com outra garota.

Eu cerrei os dentes, mas não pude lutar contra o sorriso.

— Ok, tudo bem. É justo. Mas isso não acabou aqui.

O elevador apitou, e Zach sorriu ainda mais enquanto colocava um pé para dentro. Mas ele fez uma pausa, meio dentro, meio fora enquanto seus olhos encontravam os meus.

— Graças a Deus.



CAPÍTULO 16

Zach

FAÇA UM DESEJO, ANIVERSARIANTE.

Observei Gemma rir por cima das duas velas, uma em forma de três e a outra, de zero. Claro, ela não pediu bolo, então, em vez disso, as velas ficaram esmagadas entre a salsicha e o pão. Era a coisa mais estranha que eu já tinha visto.

E foi absolutamente perfeito.

Quando ela disse que não queria nenhuma fanfarra para seu trigésimo aniversário, precisei de todas as minhas forças para obedecer. Eu queria dar uma grande festa ou levá-la para uma noite cara na cidade. Eu queria mimá-la.

Mas Gemma parecia mais feliz do que nunca, cercada por alguns amigos de seu escritório, Belle e os outros clientes habituais de domingo no bar do Doc. O *Bears* venceu o jogo de uma hora contra o *Minnesota Vikings*, e Gemma comemorou com uma rodada de doses para todo o bar.

Ela estava bêbada, sorridente e adorável.

Ainda assim, quando apagou as velas, rindo e imediatamente dando uma mordida no cachorro-quente assim que Belle puxou as velas apagadas, eu não pude deixar de olhar um pouco mais. Não pude deixar de pensar em tudo o que aprendi sobre ela na semana passada e tudo o que eu ainda não tinha ideia.

Gemma não era quem eu imaginava quando a conheci.

Achei que tinha entendido quem ela era. Pensei ser o clássico cenário de “garota que se machucou e tem medo do amor”. Eu tinha visto isso em uma centena de comédias românticas, e estava pronto para intervir e desempenhar meu papel como o herói, pronto para descascar suas camadas lentamente, para ganhar sua confiança e seu coração – se eu conseguisse chegar tão longe.

Mas ela jogou uma bomba em mim na quarta-feira à noite.

Eu literalmente ri alto de mim mesmo no caminho para casa naquela noite, pensando em como estava confiante demais. Eu deveria saber que Gemma não era uma menina padrão, bem diferente de qualquer outra mulher que eu já conheci antes, logo seu passado não seria usual.

Ela havia sido casada.

Essas palavras saíram de sua boca tão facilmente quanto alguém dizendo que estava com fome ou cansado ou que teve um longo dia de trabalho. E depois, ela não disse muito mais. Achei que não havia muito a dizer depois que ela me contou que seu marido havia falecido, mas agora eu a via sob uma nova luz.

Eu vi uma mulher completamente diferente.

Ela não era apenas forte, independente, impetuosa e divertida. Ela era uma sobrevivente. Ela tinha passado por algo que poucos poderiam emergir do outro lado.

Eu não tinha certeza se poderia, se fosse eu no *lugar dela*.

E, ainda assim, havia mais na história. Havia mais em seu falecido marido do que ela me disse. Eu não tinha uma explicação de como sabia disso além de observá-la enquanto ela falava, enquanto caminhávamos pelas ruas da cidade; e eu senti isso. Eu senti que ela estava se segurando, sendo cuidadosa com as palavras, revelando apenas o que ela queria naquele momento.

Não era muito, mas era mais do que ela compartilhou comigo antes. E eu descobri no final da semana que era mais do que ela havia compartilhado com qualquer um, exceto Belle, desde que ele faleceu.

Ela não falava dele com ninguém.

E talvez fosse por isso que eu sentisse que havia mais a dizer.

— Olá — disse Gemma, deslizando as mãos em volta da minha cintura. Ela se inclinou na ponta dos pés para me beijar, um sorriso preguiçoso no rosto quando se afastou. — Estou um pouco bêbada.

Eu ri.

— Como deveria ser, aniversariante. — Limpei um pouco de ketchup do canto de sua boca. — Ainda não consigo acreditar que você gosta de cachorro-quente com ketchup.

— E queijo.

— Que nojento.

— Ei — ela fez beicinho de uma forma que me fez querer abraçá-la e levá-la para o quarto de uma vez. — É bom, ok? Só porque eu não gosto de linguiças italianas estúpidas ou polonesas ou qualquer outra coisa.

— Tudo bem que você goste de cachorro-quente, mas poderia pelo menos gostar de cachorros-quentes ao estilo de *Chicago*. Ketchup não é permitido.

— Diz aquele que nem nasceu *ou* foi criado em Chicago — ela apontou.

— Exatamente. E até *eu* sei a maneira correta de comer um dogão de Chicago. Quer dizer, eu não estou julgando — eu disse, a voz sumindo. — Mas você está errada. Só para você saber.

Ela mostrou a língua.

— Sabe? — Gemma disse depois de um momento, apontando o dedo direto para o meu nariz. — Você me prometeu que jogaríamos futebol hoje, e o sol já quase pôs e você não cumpriu essa promessa.

Ela soluçou, e seus olhos se arregalaram, como se aquele soluço tivesse se infiltrado nela e ela não tivesse ideia do que diabos era.

Eu ri.

— Sim, bem, eu não tenho certeza se você conseguiria pegar uma bola de futebol mesmo se quisesse muito.

— Eu conseguiria, sim — ela argumentou. — Você trouxe uma?

— Eu sempre tenho uma no meu carro.

— Bem, vá buscá-la, então.

E isso foi tudo o que ela me disse antes de sair do bar. Eu me virei, encontrando Doc me observando por trás do bar, e ele balançou a cabeça com uma risada.

— Essa é sua, hein?

— Estou no início da fila, assento preferencial.

Doc riu.

— Eu seguro as pontas aqui. Vai lá, antes que ela vá embora sozinha.

Corri atrás dela, parando no meu carro nos fundos antes de encontrá-la no pequeno lote de grama entre o bar do Doc e uma boutique de roupas local. Ela ficou olhando para o grafite que cobria a parede de tijolo do Doc's, com as mãos enfiadas no bolso traseiro do jeans. E quando me aproximei, notei que ela tremia.

— Está congelante aqui — eu disse a ela. Ela se virou, sorrindo quando viu a bola de futebol. — Você precisa do casaco e do cachecol.

— Estou bem. Nós vamos esquentar. Aqui — ela disse, batendo palmas. — Jogue para mim. Estou desmarcada.

Eu me encolhi, preocupado com sua capacidade de pegar. Então pensei melhor, e tão gentilmente quanto pude, joguei a bola para ela.

Ela pegou facilmente, e imediatamente bufou.

— Que raio foi isso? — Ela balançou a cabeça, alinhando os dedos com os laços brancos. — Eu sei que você era um *receiver* e não um *quarterback*, mas isso foi terrível.

Ela puxou a bola e depois jogou com toda a força, a bola voando pelo pequeno campo em uma espiral perfeita. Eu levantei as mãos bem a tempo de pegá-la antes que me atingisse bem no peito, e lutei para evitar que meu queixo caísse.

— Agora — ela disse, levantando as mãos. — Jogue *mesmo* a bola. Eu prometo, você não vai me machucar.

Eu apenas fiquei ali, boquiaberto, piscando mais do que o necessário antes de finalmente soltar.

— Casa comigo.

Ela riu, soluçando novamente.

— Joga a droga da bola, Bowen.

Eu fiz, e desta vez eu joguei da mesma maneira que eu faria para meu irmão ou pai ou qualquer um dos meus amigos. Gemma a pegou facilmente, colocando-a na lateral do corpo e me atacando como se estivesse correndo pelo campo em direção à endzone.

Eu sorri, bloqueando seu avanço e pegando-a em meus braços para girá-la. Ela manteve a bola segura, no entanto, e quando eu a deixei de volta ao chão, ela correu pelo estacionamento, virando-se uma vez que estava mais longe do que antes.

Ela jogou de novo, e eu peguei facilmente, jogando de volta para ela com um pouco mais de entusiasmo do que antes. Por um tempo, nós apenas mergulhamos no ritmo de receber e passar, e quanto mais meu braço esquentava, mais cada centímetro meu coçava para jogar.

Este foi o máximo que eu peguei em uma bola de futebol em anos.

Não que eu não tivesse oportunidades de ir jogar. Fui requisitado em incontáveis ligas comunitárias, e meu treinador da faculdade me pediu para ajudar em seu campo de treinamento por três anos seguidos antes de desistir. Mas a verdade é que, tanto quanto me trouxe alegria, o futebol americano também partiu meu coração.

Porque eu queria muito jogar durante toda a faculdade, levar meu time para a final, ganhar um anel, ser profissional.

Mas eu queria que meu irmão tivesse tudo o que ele precisava, e mais.

E eu queria passar o máximo de tempo que pudesse com ele — especialmente porque eu não sabia quanto tempo nós realmente tínhamos.

— Tudo bem, vamos fazer um exercício ou algo assim — disse Gemma, jogando a bola para cima enquanto se afastava mais de mim. — Mostre-me seus movimentos.

— Não se machuque, aniversariante.

Gemma estreitou os olhos, pegando a bola e segurando-a com força em suas pequenas mãos.

— Se afasta.

Ela acabou dando alguns passos para trás enquanto eu corria preguiçosamente para longe. Mas quando ela jogou, percebi que não tinha ido longe o suficiente.

— Merda — eu murmurei, correndo para ficar embaixo da bola. Eu ainda estava baixo, então pulei, navegando no ar com uma mão estendida em direção à bola. O couro se chocou contra a mão, e eu o puxei rapidamente para o meu lado, rolando para o chão para completar a pegada.

— TOUCHDOWN!

Gemma gritou, pulando de um lado para o outro antes de correr até mim. Eu estava me levantando, mas ela me jogou de volta no chão, rindo enquanto rolávamos na grama quase morta, o chão frio abaixo de nós.

A bola ainda estava enfiada na minha lateral, mas eu a deixei cair, puxando Gemma para mim. Ela ainda estava rindo enquanto se apoiava em um cotovelo, a outra mão descansando no meu peito enquanto seu cabelo caía sobre o ombro. Havia pequenos pedaços de grama presos nele, e eu sorri, arrancando-os enquanto ela me observava.

— Você ainda ama isso, não é? — ela perguntou, recuperando o fôlego.
— Você sente falta.

Eu balancei a cabeça.

— Eu sinto.

— Por que você parou de jogar, Zach?

Eu exalei longa e fortemente, os olhos flutuando para o céu nublado acima. Era uma noite de outono perfeita, fria e cinzenta, exatamente o que eu adorava que outubro fosse.

— Acabei percebendo que havia outras coisas mais importantes na minha vida que precisavam de toda a minha atenção.

Gemma franziu a testa.

— Bem, isso é bem vago.

— É que é difícil de explicar — eu disse, puxando outro tufo de grama marrom de seu cabelo. — Eu vou, um dia. Eu vou te contar. Mas não hoje, ok? É seu aniversário. Vamos falar de coisas felizes.

— Como o quê?

— Ah, eu não sei — eu disse, os olhos rolando para o céu novamente antes de voltar a mirá-la. — Me conte sobre seu trabalho.

— Meu trabalho?

Eu balancei a cabeça.

— Sim. Eu sei que você trabalha para Belle, e nós meio que conversamos um pouco sobre o que você faz, mas eu quero saber mais. Você não fala muito sobre isso.

Gemma deitou sua bochecha no meu peito.

— Não há muito a dizer. Quando nos formamos na faculdade, ela começou sua empresa de design de interiores e foi uma bagunça. — Ela riu.

— Ela é incrivelmente talentosa quando se trata de deixar casas, escritórios ou espaços para eventos lindos, mas quando se trata de equilibrar as finanças ou organizar documentação? A menina é uma catástrofe.

— Então, entra você, a Rainha do Planejamento.

— Exatamente.

Eu sorri.

— Então esse era o seu sonho, trabalhar para a sua melhor amiga?

Ela deu de ombros.

— Honestamente, não sei qual era o meu sonho. Não sei se eu já tive um. Adoro trabalhar para a Belle, porque ela é minha melhor amiga e quero fazer parte da sua jornada. Além disso, sendo sua assistente, posso fazer tudo o que vem naturalmente ao meu cérebro com mania de organização. — Ela fez uma pausa, os olhos focados em algum lugar distante. — Mas eu não sei. Quando conheci Carlo, meio que fiquei à sombra dele.

Minha garganta fechou um pouco ao som de seu nome. Ela não havia mencionado isso antes, mas por alguma razão, dar um nome ao seu falecido marido o tornou mais real.

— Durante toda a faculdade, fiz o que ele queria, até me formei em administração porque ele me disse que seria o mais benéfico — continuou ela. — Ele era mais velho do que eu e já tinha um pé em tecnologia quando me formei. Ele estava criando aplicativos para startups e os vendia para quem pagasse mais, como se estivessem lançando casas. — Gemma deu de ombros. — E quando me formei, nos casamos, e assumi meu papel como esposa dele e ajudei Belle a construir seu negócio. Acho que sempre fui assistente, em mais de um sentido.

Passei a mão pelo cabelo dela, agora sem grama.

— Aposto que Belle adora ter você.

Gemma sorriu com isso.

— Ela gosta. Ela é muito grata e me trata muito bem. Me paga mais do que deveria. Mas... — Ela balançou a cabeça. — Isso vai soar estranho, mas desde que Carlo faleceu, estou começando a perceber que *fiz* todas essas coisas sem realmente me perguntar o que eu queria. Tipo, nós éramos um, fazíamos tudo juntos. Eu realmente não sei o que quero ou quem sou sem ele.

Eu fiz uma careta, sentando com Gemma no meu colo. Passei os braços ao redor dela, beijando seu cabelo.

— Eu realmente não sei o que eu quero — eu disse. — Não parei para me perguntar desde que desisti do futebol. Quer dizer, eu adoro trabalhar com o Doc. Ele é como Belle, de certa forma, me paga mais do que deveria, provavelmente mais do que ele pode pagar, e é como um pai para mim. Mas... não sei. É o que eu quero para o resto da minha vida?

— Exatamente — disse Gemma em um suspiro. — Essa é a pergunta certa, não é?

— Talvez possamos descobrir isso juntos — eu ofereci, me inclinando para trás para procurar seus olhos. — Mas não estou com pressa. A vida não se resume ao seu trabalho, de qualquer maneira.

— Não é? — Gemma jogou as mãos para cima. — Todo mundo sempre começa com isso, nas festas e outras coisas. Eles querem saber onde você trabalha, o que você faz para viver. Mas não é muito mais do que isso?

— É — eu disse. — É sobre o que você faz quando não está *trabalhando*, como você gasta seu tempo livre na vida. Onde você vai para recarregar, para encontrar a paz?

Gemma se inclinou para mim.

— E onde é esse lugar para você?

— Sua cama.

Ela deu um tapa no meu braço.

— Não sei, tem muitos lugares. A casa dos meus pais, a academia... — Minha voz sumiu, e eu corri meus dedos pelo cabelo dela, colocando as mechas atrás de uma orelha. — E, com toda a seriedade, lugares como este. Com pessoas como você.

Gemma sorriu, apoiando-se na minha mão, que ainda estava no seu rosto. Ela me observou por um longo tempo antes de diminuir a distância entre nós e selar seus lábios com os meus.

Eu envolvi a sua cintura, puxando-a para mim, e nós dois respiramos aquele beijo como se fosse uma lufada de ar fresco depois de ser submerso na água. Suas pequenas mãos se fecharam no meu suéter, e ela estremeceu, arrepios correndo por todo o pescoço.

— Vamos voltar lá para dentro — eu sussurrei contra seus lábios.

— Espera — ela disse, engolindo em seco. Seus olhos observaram meus lábios, subindo lentamente até encontrar meu olhar. — E se nós... fôssemos embora?

— Você quer abandonar sua própria festa de aniversário?

Gemma deu de ombros.

— Acabou o jogo, as velas foram apagadas. Eles vão sobreviver o resto da noite sem mim.

Um sorriso puxou meus lábios para um lado.

— E para onde você gostaria de ir?

Ela passou o dedo pelo meu braço, o olhar seguindo-o enquanto mordía o lábio. Quando seus olhos encontraram os meus novamente, Gemma me observou com um leve tom de rosa em suas bochechas.

— Me leva para a sua casa?

Ela lambeu o lábio que tinha acabado de ser preso entre os dentes, e o calor faiscou no meu estômago, crescendo em mim enquanto o desejo eclipsava todo o resto. Eu queria aqueles lábios molhados em mim. Eu queria Gemma na minha cama, na roupa que ela deveria usar (ou não) neste dia.

Então, eu me levantei e a coloquei de pé antes de puxá-la para um beijo longo, quente e intencional.

E dei à aniversariante o que ela desejou.



— Bem-vinda ao palácio — eu disse, segurando a porta do meu apartamento para Gemma. Ela revirou os olhos, entrando e ficando perto da porta enquanto eu trancava, pendurando minhas chaves no gancho perto da entrada.

Gemma enfiou a mão nos bolsos traseiros, olhando ao redor com um pequeno sorriso. Meu apartamento era modesto comparado ao dela — um pequeno estúdio no lado sul da cidade. A cozinha e a sala de estar eram basicamente um cômodo único, com o quarto e o banheiro separados apenas por uma parede fina. Tinha um toque moderno, com tijolo e concreto, e era limpo e minimalista. Eu não precisava de muito.

— Isso é tão legal — ela disse e começou a andar pelo local, olhando a pequena decoração que eu tinha: fotos antigas de futebol, fotos minhas e da família, algumas placas de bar antigas do Doc. — É... *legal*. Moderno.

— Você parece surpresa — eu disse, me fingindo ofendido enquanto colocava as duas caixas que eu carregava no balcão da cozinha. Eram seus presentes de aniversário, mas eu disse a Gemma que ela não poderia abri-los até que estivéssemos sozinhos. — O que, eu não pareço legal para você?

— Tão legal quanto o Carlton de *Um Maluco no Pedaco*.

Eu ri.

— Eu na verdade sei fazer essa dança.

— Isso não me surpreenderia nem um pouco.

— É muito divertido depois de algumas cervejas. É ainda melhor quando estou sem as calças.

— Eu vou acreditar na sua palavra — disse ela com uma risadinha. — Mas, falando sério, este lugar combina com você. — Seus olhos pairaram sobre uma foto minha com mamãe, papai, Micah e Doc que tínhamos tirado no Natal alguns anos atrás, antes que ela se virasse para mim. — Eu realmente gosto.

Esfreguei a barba.

— Obrigado. Você quer beber alguma coisa?

— Não — ela disse, balançando a cabeça imediatamente. — Já bebi bastante. Eu, no entanto, quero abri-los.

Ela apoiou a bunda em uma das minhas banquetas com um sorriso largo, batendo no topo de uma das caixas que eu embrulhei para ela.

— O que aconteceu com não querer que eu te desse um presente, hein?

— Bem — disse ela, arrastando a palavra com naturalidade. — Você não me deu ouvidos. E agora que sei que você comprou algo pra mim, quero saber o que é.

— Engraçado como essa história mudou rápido.

Ela cruzou os braços.

— Não aja como se você não estivesse morrendo de vontade que eu abra.

Eu não podia negar esse fato, então apenas sorri, empurrando o primeiro presente – o maior – em direção a ela.

— Bem, nos livre da curiosidade.

Ela se iluminou quando a caixa estava na sua frente, batendo palmas com um grito excitado antes de suas mãos voarem sobre o presente, rasgando o papel marrom que eu tinha embrulhado, o que fez o logotipo na caixa aparecer antes de levantar uma sobrancelha questionadora.

— Eu trabalho em um bar — eu a lembrei. — Não vou pagar por uma caixa quando tenho uma tonelada delas de graça.

— Quero dizer, eu não ficaria brava se fosse cerveja — ela disse, e quando abriu a caixa, suas sobrancelhas se ergueram. — Ok, agora eu *prefiro* a cerveja.

Eu cobri minha boca para esconder meu sorriso enquanto ela puxava o primeiro item, um pequeno pedaço de tecido laranja e azul que ela segurava entre os dedos como se fosse um inseto morto que ela tinha que descartar.

— Você está brincando — disse ela, o rosto sem expressão. — Um uniforme de líder de *torcida*.

— Você ama futebol — defendi.

— Sim, eu amo *futebol*. Em que mundo isso significa que eu também amo líderes de *torcida*?

— Você torce para o *Bears* e é uma garota. — Dei de ombros. — É como se você já fosse uma. Eu apenas pensei que você poderia interpretar o papel. — Eu fiz uma pausa. — Principalmente para mim.

Ela zombou, a boca se abrindo, mas não conseguiu lutar contra o sorriso enquanto jogava a pequena saia em mim.

— Machista.

— Eu até comprei nas cores do *Bears* para você!

— Eu não vou usar isso — disse ela, apontando para a saia que estava na ilha da cozinha, onde ela caiu depois de ricochetear em mim. Ela nem mesmo puxou a parte de cima da roupa da caixa.

Uma risada saiu de mim, e eu circulei a ilha, sentando ao lado de Gemma e puxando sua banqueta até que nossas pernas se entrelçassem.

— Eu não consigo acreditar que você não gostou do seu presente — eu fiz beicinho.

— Isso não foi um presente para mim — disse ela, cruzando os braços. — Isso foi um presente para *você*. E lamento dizer que, mesmo no *seu* aniversário, não vou usar isso.

Eu ri novamente, mas então peguei a caixa menor, embrulhada com o mesmo papel, e deslizei em direção a ela.

— Tudo bem. Vamos ver se eu me saí melhor com este.

Ela olhou para o presente como se fosse um “Pula pirata” e ela estivesse tirando a espada errada.

— Se isso for um vibrador em forma de bola de futebol ou algo assim, eu vou embora.

— Não é — eu disse em meio a outra risada. Então, eu levantei uma sobancelha. — Como exatamente um vibrador em forma de bola de futebol funcionaria?

— Seria necessário muito lubrificante.

Eu ri novamente, mas minha garganta se apertou quando ela agarrou a caixa, rasgando-a tão rápido quanto a primeira, embora desta vez com uma expressão um pouco menos animada e um pouco mais aterrorizada no rosto. Eu estava igualmente pirando, mas escondi isso com um sorriso apertado, meu coração batendo loucamente sem deixar que Gemma percebesse.

O primeiro presente tinha sido uma piada, uma brincadeira, mas este era real.

E eu queria desesperadamente que ela gostasse.

Quando o papel se foi, ela o tirou do caminho, os olhos se arregalando quando abriu a tampa da caixa para ver o que estava dentro.

— Zach — ela soltou, suas mãos desaparecendo na caixa antes que tirasse o primeiro item. Era uma caneta-tinteiro cromada feita sob medida, com um elegante G inscrito na cabeça. O cromo era azul-marinho, a inscrição, prateada, e ela rolou a caneta na mão como se fosse um colar de diamantes. — É linda.

— Tem mais.

Ela ainda segurava a caneta, mas enfiou a mão dentro da caixa novamente, desta vez tirando a pequena pilha de cadernos. Eram três, todos de tamanhos diferentes, com papel de alta qualidade e encadernação de couro. Eles também estavam gravados com letras maiúsculas.

LISTAS.

PLANOS.

MERDA ALEATÓRIA.

Ela riu quando leu o último, balançando a cabeça enquanto absorvia tudo.

— Você me deu planners especiais.

— Eu dei. — Deixei escapar um suspiro, esperando que a ideia não fosse estúpida em vez de romântica, que era o que eu estava buscando. — Um para suas listas, um para seus planos e outro para o que você quiser. E eu vi que você tinha algumas canetas desse tipo, então imaginei que fossem as suas favoritas.

— Elas são — disse ela, ainda olhando para o presente. — Eu odeio digitar. Adoro a sensação de caneta e papel, de ter um documento físico para segurar.

Engoli em seco.

— Bem, aí está. Eu só... eu senti que quando você me contou sobre essa parte sua, você estava envergonhada, tímida. Apenas saiba que você não deveria ficar assim. Porque é parte do que faz de você a mulher mais única e incrível que eu já conheci.

Ela olhou para mim com um sorriso.

— Não vem com esse papo sério logo agora.

Eu enganchei uma mão atrás do meu pescoço, acenando para o caderno rotulado *LISTAS*.

— Eu comecei esse para você, a propósito.

— Você começou, é? — ela perguntou e ainda estava sorrindo enquanto abria a capa de couro. Eu vi seus olhos dançarem sobre as letras daquela primeira página, e ela fechou os olhos, balançando a cabeça.

— O quê? — perguntei inocentemente.

— *Posições sexuais que quero experimentar com Zach Bowen?*

— Achei que era uma lista perfeita para começar.

Ela olhou de volta para a página.

— Número um: de quatro.

Eu balancei minhas sobrancelhas.

— Clássico.

— Você até ilustrou com bonecos de palito — ela observou. — Graças a Deus, porque eu não fazia ideia do que seria.

— Gosto de ser minucioso.

Gemma riu, fechando o caderno e levantando da sua banqueta. Ela se aproximou, envolvendo os seus em volta do meu pescoço.

— Obrigada. Sério, eu adorei. — Ela mudou o peso de um pé para o outro, os dedos brincando com a gola do meu suéter. — Honestamente, este é o presente mais atencioso que recebi em muito tempo.

Minha garganta estava apertada novamente, mas engoli o nó.

— Bom, fico feliz que tenha gostado.

Ficamos assim por um momento, seus olhos nos meus, minhas mãos descansando em seus quadris, e então ela limpou a garganta.

— Posso usar seu banheiro bem rápido?

— Claro, fica bem ali atrás — eu disse, apontando de volta para o meu quarto. — Vou colocar uma música.

Gemma pegou seus presentes enquanto eu digitava no meu telefone uma lista de reprodução.

— Sem Marvin — ela disse, beijando minha bochecha enquanto passava a caminho do banheiro. Eu nem olhei para cima, mas sorri, lembrando o quão adorável ela estava naquela primeira noite.

Eu escolhi uma playlist com rock acústico e ativei o bluetooth do auto-falante que ficava ao lado da TV. A primeira melodia lenta e constante encheu meu apartamento, e eu me sentei no sofá, colocando meus pés na mesa de centro.

Gemma estava demorando um pouco, e eu me perguntei se ela talvez tivesse ficado doente. Ela não parecia nada além de embriagada, mas tinha misturado licor com cerveja no bar. Peguei no meu celular, checando as redes sociais e os placares dos jogos, tentando dar espaço a ela. Mas depois de cerca de dez minutos, eu chamei seu nome.

— Você está bem aí? — eu perguntei, passando pelos destaques da ESPN no meu aplicativo.

— Eu não sei, por que você não me diz?

A voz dela não veio do banheiro, e eu levantei a cabeça, confuso. Eu não tinha ouvido a porta do banheiro abrir ou a descarga do vaso sanitário ou a água do chuveiro. Quando meus olhos se ajustaram, porém, percebi que não importava.

Nada mais na porra do mundo inteiro importava.

Porque Gemma Mancini estava na minha sala de estar com uma roupa pequena e apertada de líder de torcida.

Deixei cair meu telefone na mesa de centro, queixo raspando no chão enquanto eu descaradamente devorava cada centímetro de Gemma. O tecido laranja queimado e azul-marinho abraçava suas curvas, o espaço entre o top e a minissaia expondo sua barriga seca e bronzeada, e seus quilômetros de pernas sob o tecido ondulado. Ela prendeu o cabelo em tranças, e elas balançaram sobre os ombros quando ela fez uma pequena curva.

Sua bunda apareceu debaixo da saia quando ela o fez.

Ela não estava usando calcinha por baixo.

Eu gemi, mordendo meu punho enquanto me levantava.

— Como estou? — ela perguntou, batendo seus cílios com um sorriso sábio assim que me deu a visão completa.

— Como se eu não fosse durar muito esta noite.

Gemma riu, mas o sorriso murchou rapidamente enquanto ela se aproximava do sofá. Ela se inclinou para perto, seus lábios quase tocando os meus, mas parou com apenas um centímetro de espaço entre nós.

— Contanto que você me faça gozar primeiro — ela sussurrou, então pressionou uma mão no meu peito, me afastando do sofá.

Eu não podia fazer nada além de ficar boquiaberto enquanto ela girava, rebolando na saia com os olhos me observando por cima do ombro. Então, seus joelhos bateram nas almofadas do sofá, suas mãos se equilibrando nas costas, e ela arqueou as costas, a parte inferior de sua bunda suculenta espreitando por baixo da saia. Suas tranças balançaram quando ela olhou para mim novamente, e, desta vez, tinha o lábio preso entre os dentes.

— Hora de completar o primeiro item da lista.

Um gemido escapou dolorido, e eu tenho certeza que quebrei algum tipo de recorde de quão rápido tirei meu suéter, jeans e cueca. Gemma apenas sorriu, me observando o tempo todo com sua bunda perfeita apoiada no ar, esperando.

— Você sabe que isso foi apenas uma piada — eu disse, deslizando atrás dela. Minhas mãos automaticamente foram para sua bunda, e eu levantei a

saia de líder de torcida para ter uma visão melhor. — A lista e esta roupa. Eu nunca pensei que você realmente usaria.

— Bem, você sabe que eu adoro provar que você está errado.

— É o seu passatempo favorito — murmurei, mas parei de brincar uma vez que enganchei minhas mãos na curva de seus quadris, roçando as curvas suaves da sua bunda contra meu pau latejante.

Nós dois respiramos fundo, os olhos de Gemma rolando para trás com o toque.

— Nós não devemos começar com esta posição — eu avisei, correndo meu dedo indicador e médio entre a sua bunda. Eu gemi novamente quando senti quão molhada ela estava, e deslizei as pontas de ambos os dedos de uma vez, aquecendo-a. — Vire-se, me deixe descer em você, chegar mais perto.

— Você não sente? — ela falou, arqueando as costas e empurrando sua boceta para baixo em meus dedos, para que eu a penetrasse mais. — Eu quis você o dia todo, Zach. Já estou perto.

— Porra — eu rosnei enquanto ela abaixava mais, mexendo meus dedos dentro dela sem que eu me movesse um centímetro. Ela levantou os quadris e os trouxe para baixo novamente, fodendo meus dedos enquanto sua cabeça tombava para trás, tranças caindo sobre seus ombros.

— Por favor, Zach — ela implorou, sua voz entre um sussurro e uma súplica. — Me fode.

Seu corpo inteiro convulsionou quando eu puxei meus dedos; no segundo seguinte eu peguei meu jeans do chão, abri a carteira e tirei o preservativo que eu tinha escondido lá mais cedo. Eu rasguei a embalagem e vesti, e então estava atrás dela novamente, a ereção pressionada contra sua bunda.

— Não fica tão tímida com esse uniforme — eu observei, correndo a cabeça do meu pau entre a sua bunda.

Nós dois gememos quando minha cabeça se alinhou com sua entrada, e Gemma arqueou mais as costas, permitindo-me entrar. Apenas a ponta a penetrou primeiro, um suspiro escapando dos lábios ao sentir que eu a abria. Quando flexionei meus quadris, eu a preenchi lentamente, e cada centímetro parecia se estender por quilômetros, até que eu estava todo dentro dela, bolas encostando nela, atingindo-a de uma maneira que não consegui quando Gemma montou em mim na semana passada.

Minhas mãos agarraram seus quadris, e então, quando entrei e saí tão lentamente quanto era humanamente possível, Gemma soltou um grito alto e apaixonado.

— Que profundo — ela respirou, e eu fiz uma pausa, não querendo machucá-la. Mas ela voltou, agarrando minha coxa e me puxando para si.

Comecei devagar, aumentando o ritmo quanto mais molhada ela ficava, quanto mais ela se empinava. Cada impulso dos meus quadris fazia a parte de baixo daquela saia saltar, as abas batendo em minhas mãos, que se prenderam ao seu pequeno corpo sob a bainha. Era criminoso o jeito que sua bunda parecia espreitar por baixo daquele tecido, e eu tive que desviar o olhar para o teto para me impedir de gozar rápido demais.

— Você está deliciosa — eu murmurei, diminuindo meu ritmo. Com a altura do seu gemido, aquela roupa e a posição, eu ia gozar a qualquer segundo se não controlasse.

Mas Gemma estava empenhada em tornar a tarefa quase impossível para mim. Ela abriu mais as pernas, os joelhos se esticando quando uma mão escorregou de onde ela segurava o encosto do sofá para entre as coxas. Eu não podia ver o que estava acontecendo sob aquela saia, mas a julgar pela forma como sua boceta latejava, me agarrando como um aperto firme, eu tinha uma boa ideia.

— Você está brincando com sua boceta, baby?

— Sim — ela respirou, gemendo e arqueando mais as costas.

— Você vai gozar para mim?

— *Deus*, sim — ela gemeu novamente, e aumentou a velocidade, sua mão trabalhando rápida e impiedosa entre suas pernas.

Eu afundei mais para acompanhar seu ritmo, me inclinando para frente e deslizando uma mão sob o tecido de sua blusa de líder de torcida. Seus mamilos estavam duros e pontiagudos, e eu apertei o direito, puxando-o com força suficiente para fazê-la ofegar.

Só precisou disso.

Ela se apertou ao meu redor, o corpo tremendo enquanto gozava, sua mão ainda trabalhando em seu clitóris sob a saia. Eu desacelerei minhas estocadas, empurrando mais fundo para ajudá-la a prolongar o orgasmo. E só de ouvir o jeito como ela gemeu, meu nome saindo de seus lábios, foi o suficiente para me fazer ir com ela.

Eu sempre pensei que gozar juntos era um fenômeno ficcional, algo romantizado em filmes e livros. Sempre foi meu trabalho fazer a mulher chegar lá primeiro, e esse era meu único foco. Eu não conseguia nem *pensar* no meu próprio orgasmo até que ela já tivesse gozado.

Mas com Gemma, com a porra daquela saia, eu não podia esperar nem um segundo a mais.

Assim que eu percebi que ela estava chegando ao clímax, eu estendi a mão, agarrando suas duas tranças e puxando com um aperto firme. Seus gemidos ficaram mais altos quando seu cabelo estava enrolado em meus punhos, e eu estoquei com mais força, meu próprio orgasmo pulsando depois de apenas três batidas fortes.

— Porra — eu gemi, arrastando a palavra como se fosse uma música. Gemma gritou ainda mais alto, e eu a puxei para mim, segurando ainda dentro dela enquanto gozava, meu pau latejando, sua boceta ainda tão apertada, que quase doeu.

Foi rápido. Era tipo pornô brega, com a fantasia de todo colegial.

E foi a melhor porra de sexo que eu já tive.

Eu me afastei devagar e com cuidado, soltando o cabelo de Gemma das minhas mãos antes de me sentar no sofá ao lado dela, ofegante, a camisinha ainda no meu pênis.

— Puta merda — eu respirei, e Gemma riu, rastejando no meu colo e montando em mim. Ela beijou meu pescoço de cima a baixo, pequenos beijos rápidos antes de encontrar meus lábios, e eu a segurei lá, aprofundando o beijo até que nossas respirações estivessem sincronizadas.

— Eu tenho que rascar isso — disse ela, saindo para fora do meu abraço.

Eu estava muito fraco para segurá-la ali, embora desejasse tentar.

— Agora?

— Agora. — Ela abriu sua caixa de aniversário novamente, tirando o caderno rotulado *LISTAS* e rabiscando de forma lenta e teatral ao lado do que eu havia escrito com sua caneta nova.

Eu juro que sua expressão parecia iluminada de uma maneira que eu nunca tinha visto antes enquanto ela mexia naquela maldita lista como se fosse um propósito de vida.

E eu adorava ver sua bunda se mexer sob aquela saia enquanto ela fazia isso.

— Eu nunca gostei de líderes de torcida, mas acho que você acabou de me fazer mudar de ideia — eu disse, ainda recuperando o fôlego enquanto ela voltava para o meu colo.

— Certo — ela brincou. — Tenho certeza que você jogou futebol a vida inteira e nunca se importou com as líderes de torcida na lateral.

— Quer dizer, não estou dizendo que não as *vi* lá.

— Uh-hum. — Gemma sorriu, aconchegando-se em mim. — Isso foi divertido — disse ela depois de um momento. — *Hoje* foi divertido.

— Estou feliz que você me deixe fazer parte disso, aniversariante — eu disse, a voz baixa enquanto beijava sua testa.

Ficamos em silêncio por um momento, eu brincando com o cabelo dela enquanto Gemma desenhava círculos no meu ombro com a ponta dos dedos. Ela deitou a cabeça no meu peito, uma longa expiração a deixando.

— Eu realmente gosto de você, Zach Bowen — ela sussurrou.

Eu sorri, não muito orgulhoso para admitir que meu peito apertou com suas palavras.

— Você quer dizer que não quer voltar ao aplicativo e encontrar outro encontro para o próximo jogo?

— Absolutamente não.

Eu ri, descansando meu queixo em sua cabeça enquanto um pensamento passava por mim.

— E se eu te disser que tenho um cara em mente para você pegar?

Ela se afastou, sobancelhas unidas.

— O quê? Por que diabos você quer que eu vá ao jogo com outra pessoa?

— Eu estarei lá também — eu esclareci. — E não é um encontro. Mais tipo... uma terceira rodada.

— Estou confusa.

Eu sorri, estendendo a mão e puxando as faixas que prendiam seu cabelo até que tudo caísse sobre seus ombros.

— Confie em mim. Vai ser divertido.

— Por que eu sinto que estou sendo enganada nisso?

— Eu juro, não é um encontro. Só tem uma pessoa que eu realmente quero que você conheça.

Com isso, seus olhos suavizaram, e ela se inclinou para mim novamente.

— Ok — ela admitiu. — Quem é?

Engoli em seco, puxando-a para mais perto. Seria a primeira vez que eu apresentaria uma mulher a ele desde o colegial, desde antes do seu diagnóstico.

Desde *ela*.

E embora meus nervos já estivessem fervendo, eu os acalmei quanto mais eu a segurava, porque eu sabia que não iria me arrepender. Eu sabia, sem dúvida, que queria que ele a conhecesse.

Eu queria que todos que eu amava a conhecessem.

— Você vai ver.



CAPÍTULO 17

Gemma

A PRIMEIRA GOTA DE CHUVA GELADA ATINGIU MEU NARIZ enquanto eu corria para dentro do estádio no domingo seguinte, fluindo com os outros torcedores do *Bears* até os nossos assentos. Não que lá dentro a chuva fosse dar uma aliviada, já que era um estádio aberto, mas nos apressamos para dentro por causa da chuva, neve ou granizo — éramos torcedores do *Bears*.

E era domingo de futebol.

Meu telefone tocou assim que passei pela segurança, e eu o tirei do bolso da jaqueta, supondo que fosse Zach. Ele e quem quer que fosse seu convidado misterioso já estavam sentados em nossa seção, esperando por mim, e eu estava correndo para encontrá-los. O trânsito estava uma loucura, e eu tinha saído tarde de casa. Ele provavelmente estava me dizendo que eu perderia o pontapé inicial se não colocasse minha bunda no nosso lugar logo.

Mas não foi seu rosto bonito que encheu minha tela quando eu finalmente puxei meu telefone.

Era o da minha ex-sogra.

Engoli em seco ao ver velha foto nossa, tirada em um cruzeiro em família para as Bahamas alguns anos atrás. Sofia segurava seu grande chapéu com

uma mão, a outra apertando meu ombro de onde seu braço estava em volta de mim. Nós duas estávamos um pouco queimadas de sol, ambas rindo.

Carlo havia tirado a foto.

Meu polegar pairou sobre o botão verde que atenderia a chamada antes de eu deslizar para o vermelho, enviando-a para o correio de voz. Então, rapidamente digitei uma mensagem.

Entrando no Soldier Field para ver jogo, não posso falar agora. Te ligo mais tarde?

Eu não esperei para ver qual era a resposta dela antes de guardar meu telefone novamente, acelerando meu passo para nossos assentos.

Eu me senti um pouco mal, recusando a ligação, especialmente porque não houve tempo para retornar aquela ligação dela de duas semanas atrás. Em parte porque eu não tinha certeza do que dizer a ela depois de meses de silêncio. Até porque não havia mais nada e nem ninguém que nos unisse.

A outra metade foi porque eu estava muito ocupada me divertindo com Zach.

Eu puxei meu gorro do *Bears*, cobrindo minhas orelhas com a lã macia e enfiando minhas mãos nos bolsos da jaqueta. Não pude deixar de sorrir pensando nele, sabendo que o veria em apenas alguns minutos quando chegasse aos nossos lugares; que estaria em seus braços novamente. Eu ainda não o tinha visto neste fim de semana, não desde nossa noite preguiçosa de cinema na quinta à noite, e eu estava ansiosa para estar perto dele.

Eu também estava nervosa para conhecer seja lá quem que ele tivesse trazido.

Ele havia vendido seu outro ingresso, mas me pediu para guardar o meu para que pudesse trazer seu convidado misterioso. Eu o importunei sobre quem era a semana toda, chutando todos os nomes que imaginei, desde um melhor amigo da faculdade até um amante gay, mas Zach não contou. Quem quer que fosse, era importante para ele.

E, assim, passava a ser importante para mim.

Um calafrio me percorreu quando cheguei à seção onde estavam nossos assentos, o vento frio soprando e gelando meu nariz. Estava começando a choviscar agora, e eu olhei para o céu antes de manter minha cabeça baixa na corrida para nossos lugares. Eu tive que rir um pouco ao comparar este

jogo com o último jogo em casa – aquele em que eu apareci com Jordan e Zach com Belle.

Tanta coisa havia mudado.

Foi difícil entender tudo o que aconteceu desde então – enfrentar meu medo de altura com Zach, jantares e noites de cinema, meu aniversário. Eu tinha cruzado a linha dos trinta anos, deixando os primeiros dias para trás, e eu já sabia que o próximo seria bem diferente. Eu não esperava começar meu novo ano com outro homem, com alguém que não fosse Carlo, mas lá estava Zach.

Ele fez tudo ser perfeito.

Além de me dar exatamente o aniversário discreto que eu queria no bar do Doc, ele se abriu para mim e tornou mais fácil para mim fazer a mesma coisa. E o presente dele? Foi absolutamente perfeito. Era tudo o que eu queria e que eu nem saberia pedir. A caneta, os cadernos... eles foram feitos pessoalmente pensando em mim.

Foi o presente mais romântico que eu já recebi.

Menos o uniforme de líder de torcida.

Embora, no fim, acabei não odiando totalmente.

E por isso eu estava muito ocupada flutuando nas nuvens para pensar em ligar de volta para minha ex-sogra. Eu estava muito ocupada absorvendo a sensação de euforia que Zach me deu para conseguir pensar em voltar para o ar frio, em me enrolar no manto da realidade.

Eu só queria ficar submersa um pouco mais, até que minhas mãos e pés estivessem enrugados e eu estivesse cansada do calor.

Se é que algum dia esse momento de fato chegasse.

Por enquanto, eu afundaria mais na água, deixando que ela curasse meus músculos doloridos e acalmasse meu coração terno.

E aquele coração dobrou o ritmo das batidas assim que vi a nuca de Zach.

Eu sorri, pulando os degraus dois de cada vez no caminho até os nossos lugares. Eu passei pelos habituais portadores de ingressos em nossa fila, cumprimentando-os enquanto me espremia, e deslizei para perto de Zach assim que o locutor anunciou o hino nacional.

— Oi — eu disse, jogando meus braços ao redor de seu pescoço, assim que ele se virou para mim. Ele me pegou com um *umph* e um sorriso contra meus lábios, enquanto eu o beijava, suas mãos se encontrando na parte inferior das minhas costas.

Zach estava embrulhado em uma jaqueta grossa e à prova de chuva, um gorro cobrindo suas orelhas e jeans cobrindo suas pernas. Havia tantas camadas de roupas, que ele parecia mais grosso, e isso me fez querer largar o jogo completamente e me aconchegar perto de uma lareira, observando a chuva lá fora em vez de estar nela.

Claro, eu nunca diria isso em voz alta. Porque é futebol.

— Bem, feliz domingo de futebol para você também — disse ele quando me afastei, sua covinha aparecendo na bochecha enquanto seus olhos me absorviam.

— Feliz domingo de futebol. Que clima adorável estamos tendo, não é? — eu brinquei, espiando novamente o céu miseravelmente cinza. Ainda estava chuviscando, mas eu tinha a sensação de que a chuva cairia mais forte e mais fria a qualquer momento.

Eu estava sorrindo quando olhei para ele novamente, mas desviei o olhar quando notei o garoto parado ao lado dele; meu coração parou no meu peito antes de voltar com um chute forte.

Oh, meu Deus...

Foi como voltar no tempo, como se eu tivesse pegado um DeLorean com um mostrador de tempo ajustado para os anos do ensino médio de Zach, só para ver como ele era na época. Exceto que, em vez dos cabelos escuros, olhos escuros e mandíbula delineada, esse garoto tinha cabelos loiros cor de areia, olhos dourados e um rosto tão delicado quanto o meu. Mas a semelhança era inconfundível — o sorriso de menino, a mesma covinha na mesma bochecha, a mesma constituição larga e quase a mesma altura.

Eu tinha visto esse garoto em uma foto no apartamento de Zach.

Era seu irmão mais novo.

O hino começou a tocar antes que Zach tivesse a chance de nos apresentar, e um nó se formou no meu estômago por razões que não consegui identificar enquanto todos voltávamos nossa atenção para a bandeira. Era só um encontro para conhecer alguém da família dele — o que, de certa forma, eu já tinha feito com o Doc. E era apenas um jogo de

futebol, não era como se fôssemos sentar e conversar por horas durante um jantar.

Mas Zach tinha admitido para mim que a família era importante para ele, que seu irmão mais novo era uma grande parte do seu mundo. E agora ele estava aqui, para me encontrar.

Por alguma razão, fiquei instantaneamente nervosa com o que isso poderia significar para Zach.

No que isso poderia significar para nós.

— Gemma — Zach disse quando o hino terminou, inclinando-se um pouco para trás, para que seu irmão pudesse me ver. — Este é meu irmão mais novo, Micah.

O sorriso no rosto do mini-Zach dobrou quando sua mão alcançou a minha, e assim que a segurou, soltou um longo assobio, beijando minha mão gelada com um sorriso brincalhão.

— Droga — ele disse, balançando a cabeça enquanto me observava. — Meu irmão disse que você era muito gostosa, mas honestamente, eu não acreditei nele. Ele não tem exatamente o melhor gosto em... bem, qualquer coisa.

Zach revirou os olhos, cutucando seu irmãozinho com força nas costelas enquanto ele soltava minha mão. Mas eu ri.

Coloquei minhas mãos de volta nos bolsos do meu casaco.

— Obrigada... eu acho?

— Ah, é definitivamente um elogio. — Micah olhou para o irmão. — Estratégia ousada me trazendo aqui, mano. Talvez eu roube sua garota quando este jogo acabar.

— Em seus sonhos — Zach respondeu, jogando um braço em volta do pescoço de Micah. Ele esfregou a cabeça com o punho oposto, afofando o cabelo antes de Micah finalmente empurrá-lo.

Meu estômago revirou com o jeito que ele me chamou de garota de Zach.

Eu era a garota dele?

Quero dizer, estávamos claramente nos encontrando, e deixamos de lado os jogos do primeiro mês em que nos conhecemos. Mas eu era dele?

Ele era meu?

Por que meu cérebro escolheu esse exato momento para me lembrar que nunca conversamos sobre isso era algo que eu não poderia compreender. Mas era como estar atrás de uma cortina que havia caído e eu vi tudo lá fora. Tentei endireitar a cortina, mas não conseguia. Agora que eu pensava sobre isso, agora que meu cérebro tinha travado, eu não podia deixar para lá.

Eu não estava pensando nisso. Nunca estabelecemos diretrizes, nunca decidimos o que somos e o que não somos. Agora, estava lá conhecendo seu irmão mais novo – alguém importante para ele.

E aquela pequena parte idiota do meu cérebro que precisava de controle, que precisava de limites e direção explícita, assumiu tudo.

— Você está bem? — Zach perguntou, se aproximando e baixando a voz para que Micah não pudesse ouvir. O *Jets* ganhou o sorteio e tinham acabado de receber o primeiro chute, então sua atenção estava no campo. — Com isso, quero dizer. Comigo trazendo Micah?

Eu pisquei, sacudindo o torpor que a presença de Micah tinha de alguma forma produzido.

— Sim, claro. Estou animada para conhecê-lo. Estou honrada — eu disse, a voz mais baixa. — Eu sei o quanto ele é importante para você.

Zach sorriu com isso, sua mão deixando seu próprio bolso para mergulhar no meu. Ele entrelaçou nossos dedos, os olhos brilhando.

— Ele é. E você também.

Eu sorri, o coração inchando com suas palavras, ao mesmo tempo em que meu cérebro pegava em armas e vestia suas armaduras. Eles estavam em lados opostos, como já estavam desde que eu soube da infidelidade de Carlo.

— Espera — Micah disse ao lado de Zach, seus olhos se estreitando enquanto examinava o campo. — Onde estão as líderes de torcida? Eles estão lá dentro ou algo assim por causa da chuva?

— Não há líderes de torcida — respondeu Zach.

— QUÊ?!

Eu ri da indignação de Micah, me inclinando mais para Zach para me abrigar no calor de seu corpo. A chuva estava aumentando, e estava ficando mais frio a cada nova gota.

— Vamos — eu repreendi. — Todo fã do *Bears* sabe que não temos líderes de torcida. Em vez disso, temos a banda — eu disse, acenando para a seção onde nossa banda estava esperando para tocar a música “*Bear Down*” sempre que pontuávamos.

— Cara, fomos enganados — disse Micah, caindo em seu assento e cruzando os braços.

O resto da seção também estava sentado, a bola do outro lado do campo enquanto o *Jets* tentava marcar, então Zach e eu nos sentamos.

— Apenas espere até marcarmos — eu disse, tentando confortá-lo. — Este estádio rugindo a letra de “*Bear Down*” é muito mais divertido do que algumas saias no campo.

— Pfft — disse Micah, uma sobrancelha subindo. — Fale por você mesma. Eu tenho dezesseis anos. Não há nada mais divertido para mim agora do que algumas saias voando e mostrando um pouco de bunda.

— Quero dizer, eu tenho trinta anos e sinto o mesmo — Zach entrou na conversa, levantando a mão não entrelaçada com a minha.

Micah deu um high-five com aquela mão antes de ambos se sentarem, sorrisos satisfeitos em seus rostos. Eu apenas balancei a cabeça.

— É um jogo de *futebol* — argumentei. — É por isso que você deveria estar animado.

— Ah, e eu estou — disse Micah. Ele colocou os pés para cima, no assento em frente, e deu um encolher de ombros casual. — Estou empolgado para ver o *Bears* chutando a bunda do *Jets*. Mas *também* gostaria de dar uma olhada em uma ou outra bunda. De preferência a de uma loira gostosa.

Minha boca se abriu, mas Zach apenas riu alto, cutucando seu irmãozinho.

— O que, tem algo contra morenas agora, maninho?

— De jeito nenhum. Eu só sei que nenhuma outra morena poderia competir com a garota sentada ao meu lado agora, e você sabe que eu odeio perder. Tenho que manter meus olhos abertos para uma loira gostosa se eu quiser ter uma chance aqui.

Micah sorriu para mim então, e era um sorriso tão parecido com o de Zach, que minha boca se abriu ainda mais. Eles eram como professor e aluno, exceto que eu não tinha certeza de quem havia ensinado quem, e eu

senti como se estivesse de volta ao primeiro jogo com Zach e suas tiradas bregas.

E foi assim no restante do jogo.

Zach e Micah eram como duas ervilhas arrogantes em uma vagem modesta, e eu tinha ingressos na primeira fila para o show. Eles brincavam de um lado para o outro, rindo e zombando um do outro entre as jogadas, enquanto víamos o *Bears* assumir uma vantagem confortável sobre o *Jets*. No intervalo, todos os nervos que eu tinha se foram completamente, substituídos por tantas risadas, que minha barriga estava doendo de tensão.

— Vou pegar algumas cervejas e comida para a gente — Zach anunciou no intervalo, levantando-se de seu assento. — Cachorro-quente, ketchup e queijo? — perguntou.

— Eca — disse Micah, pressionando a mão no peito como se estivesse pessoalmente ofendido. — Que diabo é isso?

— Nem pergunte — Zach disse. — Confie em mim quando digo que você não quer saber.

— Ei, deixem minhas escolhas alimentares em paz — eu disse. — Até que você experimente, não pode criticar.

O lábio de Micah se curvou, seu nariz franzindo enquanto provavelmente me imaginava consumindo aquele cachorro-quente. Mas quando ele perguntou o que Micah queria, os olhos de Micah nivelaram com os meus, e ele assentiu.

— Quer saber, você está certa — disse ele. — Eu não posso criticá-la até que eu tenha tentado. Então vou querer a mesma coisa.

As sobrancelhas de Zach se ergueram, e eu sorri, cruzando os braços em vitória.

— Você quer um cachorro-quente com queijo — Zach brincou. — E *ketchup*.

Micah se encolheu um pouco, mas assentiu.

— Sim.

Zach balançou a cabeça, jogando as mãos para cima.

— Que seja. É você quem vai comer. Volto logo.

Ele se inclinou para beijar minha testa enquanto passava, e então ficamos apenas eu e Micah.

Um silêncio confortável caiu entre nós enquanto assistíamos ao entretenimento do intervalo, que por acaso eram dois *scrimmages* sendo jogados por jogadores da Pop Warner em cada metade do campo. A chuva havia parado, misericordiosamente, mas a temperatura havia descido mais sete graus. Eu estava grata por meu casaco pesado e meias compridas sob meu jeans, mesmo assim me encolhi mais, sentindo falta do calor de Zach.

Eu sempre amei os pequenos shows de intervalo, e Micah parecia estar gostando de ver os jovens jogadores no campo também. Era difícil não pensar em todas as suas possibilidades. Um dia, eles estariam grandes, talvez jogando neste mesmo campo novamente com um uniforme diferente.

Nós dois rimos quando um dos pequenos recebedores do nosso lado marcou e fez uma dança de comemoração que parecia a dança Floss, do YouTuber conhecido como The Backpack Kid, a multidão enlouqueceu como ele. Micah ainda estava rindo enquanto apoiava o braço nas costas da cadeira de Zach, os olhos permanecendo no campo enquanto ele finalmente falava.

— Então, você e meu irmão, hein?

Eu sorri, mas mantive os olhos no campo também.

— É agora que o interrogatório começa?

Com isso, Micah se inclinou um pouco na cadeira de Zach, cruzando a perna e equilibrando o queixo na mão.

— Quais são exatamente suas intenções com meu irmão? — perguntou em uma imitação de pai.

— Isso foi realmente muito bom. Eu ficaria com medo se fosse o par de Zach no baile.

— Se você tivesse visto o par do baile dele, você teria mais medo *dela* do que dele.

Eu ri.

— Ruim, é?

Micah balançou a cabeça, um arrepio percorrendo-o quando se lembrou dela.

— Não me entenda mal, ela era gostosa, mas, cara, era uma vadia.

— É um belo vocabulário esse seu.

Ele encolheu os ombros.

— Eu gosto de falar palavrão. Parei de me desculpar e comecei a abraçar isso aos quatorze anos. Algo que aprendi talvez bem antes do que deveria é que tentar ser o que as outras pessoas acham que você deveria ser é uma perda de tempo. A vida é muito curta para ser, fazer ou dizer qualquer coisa que não seja exatamente o que você quer. E, no final, o julgamento de ninguém importa, porque é a *sua* vida que você está vivendo. — Os ombros de Micah levantaram novamente. — Não é a deles.

Algo em suas palavras me atingiu direto no estômago, como um soco que eu não esperava. As palavras que ele disse eram algo que até *eu* ainda estava tentando acreditar — que eu deveria viver minha própria vida, parar de me desculpar, fazer o que me deixasse feliz. Para a maioria dos meus amigos, essa revelação veio próxima aos trinta ou talvez alguns anos depois.

Mas esse garoto tinha dezesseis anos e, de alguma forma, já entendia.

— Eu respeito isso — eu disse, virando-me para ele.

Eu ainda não conseguia entender o quanto ele era parecido com o irmão, o quanto suas feições favoreciam um ao outro. Talvez fosse porque eu não tinha um irmão ou irmã para comparar essas características. Era uma coisa tão fascinante para mim.

— Então, esse encontro do baile era a mesma garota que ele namorou na faculdade?

— Pelo breve tempo que ele esteve lá? Sim.

— Você se lembra dela? — eu perguntei. — Você não devia ter mais do que... cinco anos?

— Quatro — ele corrigiu, e algo passou por seus olhos, como uma sombra ou um fantasma. — E eu me lembro muito de quando eu era mais jovem.

— Ela era tão ruim assim, hein? — eu perguntei com uma risada.

— Algo parecido. — Micah me observou por um momento, todo o humor sumiu de seus olhos agora. — Mas, falando sério, quais são suas intenções com Zach?

Eu sorri de novo, mas vacilei quando a expressão de Micah permaneceu nivelada.

— Espera, você tá falando sério?

— Meio que sim. — Ele encolheu os ombros. — Olha, eu sei que nós brincamos muito, Zach e eu, está meio que no nosso sangue. Mas, para ser honesto, meu irmão é tão durão quanto um coelho. Ele é um romântico de coração, sempre foi, e eu apenas... eu não o vejo assim com ninguém há muito, muito tempo.

Engoli em seco, meus braços em volta da minha cintura enquanto colocava os pés em cima da minha cadeira.

— Sêrio?

Mica assentiu.

— Sêrio. Acho que ele sabia quando te conheceu que você era diferente. Você chamou a atenção dele como nenhuma garota antes. E agora que vocês dois estão namorando ou o que quer que estejam fazendo — ele disse com um aceno de sua mão. — Não sei, só estou preocupado. Não sei muito sobre você, mas sei tudo sobre meu irmão. E posso dizer com certeza que ele gosta de você. Muito.

Engoli em seco, a ansiedade rastejando novamente.

— Acabamos de começar a sair — aponte. — Não é tão sêrio.

— Eu sei — disse Micah, mas deu de ombros novamente. — Não significa que não poderia se tornar.

Meu coração se apertou, mais uma vez guerreando com meu cérebro. Parte de mim ainda estava flutuando, talvez ainda mais alto do que antes, sabendo que Zach não era assim com todas as mulheres. Mas a outra metade de mim estava deixando uma perna frouxa, tentando alcançar o chão novamente e voltar para terra firme. Queria sentir a terra fria e a grama, voltar ao centro, lembrar por que flutuar é perigoso.

Zach podia se sentir assim agora, mas isso não significava que ele sentiria assim para sempre.

Eu sabia disso, mas não era algo que eu pudesse dizer para seu irmãozinho. Ele era muito jovem, inexperiente para entender como o amor poderia mudar, como poderia desaparecer com o tempo. Eu não queria ser a primeira a dizer isso a ele, então apenas balancei a cabeça e sorri, deixando a conversa morrer.

— Só estou dizendo, eu sei que você é a garota, e é o trabalho dele proteger você e tudo mais — disse Micah. — Mas ele foi ferido também. Lembre-se disso.

Eu não tive a chance de responder antes de Zach reaparecer, se apertando entre meus joelhos e o assento para sentar entre mim e Micah. Micah me deu um último pequeno sorriso antes de pegar um dos cachorros-quentes de Zach, e eu peguei o outro.

Zach zombou de Micah enquanto comia o cachorro-quente com uma careta de dor no rosto, e eu comi o meu em silêncio, digerindo-o junto com tudo que Micah havia dito.

Todo esse tempo, eu estive tão focada em mim, em não ter *meu* coração partido novamente.

Eu nem tinha considerado que eu poderia fazer o mesmo com Zach.

As últimas duas semanas foram felizes, vivendo dentro de um mundo onde não fazíamos perguntas, não pensávamos nas consequências. O jogo que estávamos jogando acabou, e nós nos permitimos apenas nos divertir, apenas curtir estar juntos.

Mas quanto tempo isso poderia durar?

Se não falássemos sobre o que queríamos, sobre o que cada um de nós esperava, um dos dois certamente se machucaria. Isso era fácil de prever. Micah me perguntou quais eram minhas intenções com Zach como uma piada, mas a verdade é que ele levantou uma cortina que eu nem sabia que existia e revelou a verdade.

Eu não sabia o que eu queria.

Eu não sabia quais eram minhas intenções com Zach, não completamente. Eu sabia que gostava dele. Eu sabia que me importava com ele. Eu sabia que ele me fazia sentir segura e confortável, que me incentivava, dava espaço para me abrir de uma maneira que eu nunca pensei que poderia fazer com qualquer homem novamente.

Mas depois do último jogo em casa, tudo com que concordamos foi ver o que aconteceria. Estávamos apenas nos divertindo. Estávamos apenas *juntos*.

E não me ocorreu até aquele jogo como estávamos sendo estúpidos.

Precisávamos conversar. Precisávamos ter uma conversa sobre o que viria a seguir, sobre o que tudo isso significava. Ele estava me apresentando a pessoas importantes em sua vida, e eu o estava deixando entrar no meu passado – mostrando a ele meu coração machucado, que ainda sangrava; eu o estava deixando segurá-lo.

Não perguntei a Zach quais eram suas intenções depois do último jogo em casa, e também nunca me perguntei quais eram as minhas.

A questão agora era: quanto tempo eu poderia ficar na minha pequena nuvem antes de ter que voltar para terra firme e descobrir isso?



O dia seguinte no trabalho foi um show de horrores.

Minha ansiedade tinha sido despertada no jogo, e quando eu fiquei sozinha no meu apartamento, ela ganhou força, me mantendo acordada a noite toda. Eu perdi a hora, o que significava que eu não tinha café pronto para Belle *ou para* mim – não que Belle se importasse, mas *eu* me importava. Eu era sua assistente, e ela confiava em mim para ter as coisas prontas. O café poderia ser algo trivial e não um grande ponto para ela, mas importava para mim.

E foi assim o dia inteiro.

Não consegui encontrar pastas que sabia ter organizado e arquivado corretamente. Não consegui encontrar palavras para transmitir o que queria em nossa reunião matinal. Não consegui fazer com que nosso sistema de agendamento funcionasse para poder marcar reuniões com os clientes para a semana.

Eu não consegui fazer nada além de pensar em Zach, em nós, e em tudo que eu tinha feito com ele sem pensar.

— Você está com o arquivo da conta Marlow? — Belle perguntou, entrando no meu escritório depois do almoço. Seu cabelo estava preso em um grampo, e ela digitou em seu telefone da porta do meu escritório.

Eu não *precisava* de um escritório – uma mesa simples e uma área de arquivo teriam servido. Tentei dizer isso a Belle quando garantimos a localização privilegiada em um dos prédios mais badalados à beira do rio. Mas Belle era Belle, e ela conseguia o que queria. E ela queria que eu tivesse um escritório.

— Hum, sim. Eu estou. Eu estou... — eu repeti, girando na minha cadeira e olhando para os armários atrás de mim. A luz do sol entrava pelas janelas do escritório, enchendo a sala, e meus olhos saltaram para um casal de mãos dadas andando ao lado de um dos restaurantes à beira do rio.

Belle limpou a garganta.

— Então... posso pegar, então?

Eu balancei minha cabeça, saindo do meu torpor.

— Sim. Sim. Hum... Espera, eu sei que estou com ele.

Comecei a filtrar os arquivos, mas, por algum motivo, não conseguia nem imaginar onde o tinha colocado. Tudo estava no lugar — em ordem alfabética, por categoria — separado por residenciais, comerciais ou algo intermediário. Mas o arquivo Marlow não estava onde deveria estar, e eu entrei em pânico, o coração acelerando enquanto meus dedos folheavam os arquivos novamente.

— Está aqui — eu disse, mais para mim do que para Belle.

— Olha, está tudo bem. Temos os arquivos digitalizados. Vou procurar no sistema.

— Não vai dar — eu resmunguei, batendo a porta do armário. — Porque o sistema está inativo e eu fiquei no telefone a manhã toda com o pessoal do TI tentando fazer com que resolvessem, mas eles estão se mexendo como se faltasse só mais dez minutos para o fim do expediente.

Eu bufei, folheando mais arquivos enquanto Belle cruzava a sala e se sentava no canto da minha mesa. Ela guardou o telefone, cruzando os braços sobre o peito enquanto me observava.

— Ei. Fale comigo. O que está acontecendo?

— Nada — eu cuspi, com o peito apertado. — Eu só preciso encontrar esses arquivos, e tudo está dando errado hoje e... — Eu balancei a cabeça. — Tudo bem. Eu vou encontrar e levar para você.

— Gemma.

— Estou bem.

— Certo. E eu sou uma fã de futebol.

Eu gemi, caindo para trás na minha cadeira e me esgueirando até que minha bunda estava quase pendendo do estofado. Meu cabelo caiu no rosto, e Belle sorriu.

— O que está acontecendo?

Eu balancei meu caminho de volta para sentar, deixando escapar um longo suspiro.

— Você tá sabendo que eu fui ao jogo com Zach ontem e que ele levou o irmão?

— Sim. Você disse que se divertiu muito, que o irmãozinho dele foi revigorante e divertido.

— E tudo isso é verdade — eu disse. — Mas... é sério, certo? Conhecer sua família? E Micah contou algumas coisas sobre Zach, sobre como ele foi ferido e eu preciso ter cuidado. E acabei de perceber que nunca estabelecemos nenhum tipo de regra quando começamos toda essa... — Acenei com as mãos. — Coisa.

— E então você está pirando.

— Basicamente.

Belle sorriu, deslizando ao redor da mesa até que estivesse bem ao meu lado.

— Ok, olha. Vai ficar tudo bem. Honestamente, estou surpresa que você tenha demorado tanto para surtar.

— Nós estamos nos divertindo muito — eu disse, exasperada. — Eu não tive tempo para pensar sobre o que tudo isso significa.

— E agora você que sabe, lembra que é um clássico da Gemma, ok? Esta é a sua ansiedade e sua necessidade de controle acendendo e dizendo que você precisa pegar as rédeas novamente.

— Talvez eu devesse terminar com ele. Salvar ambos da dor que virá mais tarde.

Belle riu, pegando meu telefone das minhas mãos antes que eu pudesse deslizar para desbloqueá-lo.

— Ah, não, você não vai mesmo. É isso que eu quero te dizer. Quando você se sente fora de controle, recorre à loucura. Apenas... pare por um segundo. Respira.

Eu a encarei.

— Respira, sua vadia.

Com isso, eu ri, mas então fiz o que ela disse, e quando soltei a respiração, o aperto ao redor do meu peito afrouxou um pouco.

— Agora, ligue para Zach e diga a ele como você está se sentindo. Diga que já se passaram algumas semanas e você gostaria de estabelecer alguns limites e definir um pouco mais o que vocês são. Ele vai entender e

definitivamente vai conversar com você sobre isso. E então você se sentirá melhor e poderá recuperar um pouco do controle. — Ela olhou ao redor do escritório, estranhamente bagunçado para uma manhã casual. — E talvez um pouco de organização também, porque isso aqui não é você.

Eu ri, estendendo minha mão enquanto um longo suspiro deixava meus lábios. Belle colocou o telefone na palma da minha mão, batendo na minha bochecha com os dedos antes de se levantar.

— Ok, vou fazer algumas ligações antes da reunião das treze horas.

— Espera! — eu disse, me levantando e filtrando uma pilha de arquivos no canto da minha mesa. Entreguei a ela o Marlow, lembrando que estava inserindo informações dele em nosso sistema antes de travar. — O arquivo Marlow.

Belle segurou em uma mão e bateu contra a outra, sorrindo para mim com uma piscadela.

— Aí está minha garota.

— Obrigada, Belle.

— Disponha. Venha falar comigo depois da ligação.

Ela saiu do meu escritório, e eu me sentei com o coração batendo forte e rápido. Eu disquei o número de Zach antes que pudesse mudar de ideia, e quando ele atendeu, nem consegui iniciar uma conversa casual.

— Ei, linda — ele cumprimentou.

— Zach, precisamos conversar. Nós nunca *conversamos*. Nós nunca dissemos o que éramos, e o que não éramos, e o que nós dois esperamos disso... seja lá *o que* for. E agora conheci seu irmão, e você se machucou, e eu me machuquei, e adoro sair com você, mas, tipo, e quando começar a ficar difícil e confuso? E quando você começar a contar aos seus amigos como eu sou irritante e como você não sabe como me dizer que não quer mais fazer isso? E já que não somos oficiais, ou o que quer que seja, você ainda tem que me dizer? Você pode apenas me deixar no vácuo? E como decidimos quando as coisas acontecerem, como quando conhecemos certas pessoas ou nos abrimos sobre certas coisas? Tipo, estamos indo muito rápido, é muito cedo? Eu acabei de...

— Ei, ei, ei — disse Zach, e eu respirei pela primeira vez, me encolhendo e deixando meu rosto se apoiar em minha mão livre. — Ei, está tudo bem. Desacelera. Podemos descobrir isso tudo juntos.

— Estou uma bagunça hoje, Zach. Eu só... não sei o que aconteceu, mas minha ansiedade está fora de controle.

Houve barulho do outro lado da linha, e percebi que já era tarde o suficiente para que Zach estivesse no bar, se preparando para a multidão de futebol na segunda à noite.

— Está tudo bem — disse ele, a voz mais suave agora que o ruído de fundo foi silenciado. — Olha, você está certa. Nós nunca conversamos sobre nada disso. Então vamos conversar.

— Sério? — Eu me ajeitei na cadeira, o coração apertando.

Ele riu.

— Sim, vamos. Olha, aos meus olhos, você é minha namorada. Não estou saindo com mais ninguém, e não quero que você saia com mais ninguém. Eu gosto de você. Eu não estou apenas saindo com você para passar o tempo ou me divertir. Estou saindo com você porque potencialmente vejo um futuro com você.

Meu estômago estava em algum lugar na minha garganta em vez de onde deveria estar anatomicamente, e tentei engolir a saliva sem sucesso.

— Ok. Sim. Eu concordo com isso. — Suspirei. — Mas eu não quero ir muito rápido. Ok? Eu só... preciso de algumas diretrizes aqui. Algumas regras.

Zach riu.

— Você e suas regras. Ok. Me diga o que faria você se sentir confortável.

— Sem promessas que não possamos cumprir.

— Isso é justo. E o que mais?

Eu pensei sobre, percebendo que na verdade eu não tinha tido tempo para descobrir quais diretrizes eu precisava.

— Eu não sei — eu confessei, puxando meu cabelo sobre um ombro. — Acho que não preciso de diretrizes, mas...

— Você está assustada.

Suspirei.

— Ugh, é como uma repetição da primeira noite em que ficamos.

Zach riu novamente.

— Olha, não tem problema ter medo. Eu também tenho. Nós dois fomos feridos, e nós dois ainda estamos nos conhecendo. Estamos tentando

descobrir o que funciona e se a outra pessoa está segura. Mas... posso te dizer uma coisa?

Eu balancei a cabeça antes de perceber que ele não podia me ver.

— Sim.

— Eu gosto de você, Gemma. Muito. Eu me importo com você, quero que você tenha sucesso, quero sair com você o tempo todo. Eu quero te apresentar a todos que eu amo porque eu quero que *elas* saibam quão incrível você é também. Eu quero assistir aos jogos com você e levá-la para jantares chiques e construir memórias que nunca vou esquecer, mesmo que isso não dê certo no final.

Meu peito apertou com isso.

— Então, e se começarmos a partir disso? — Ele propôs. — E se começarmos com o fato de que estamos saindo com exclusividade e nenhum dos dois vai fazer promessas que não possamos cumprir? Ok? Vamos devagar, com calma, e apenas... vamos nos divertir.

Eu sorri.

— Eu gosto disso.

— É como quando você vai acampar — Zach continuou. — Você já acampou quando era mais nova?

— Algumas vezes, com meu avô.

— Bem, meu pai sempre dizia que precisávamos deixar o local do nosso acampamento na mesma ou melhor condição do que o encontramos. Acho que namorar é meio assim também. Não importa o que aconteça, quero que nós dois nos afastemos disso em melhores condições do que entramos... *se* tivermos que nos afastar. — Ele fez uma pausa. — Mas, para ser honesto... espero que não seja o caso.

Eu cobri meu sorriso com uma mão, balançando a cabeça enquanto respirava fundo. Era exatamente o que eu precisava ouvir. Era tudo o que eu não sabia que desejava saber.

— Você está dizendo que pode querer montar um acampamento permanente?

Zach riu, soltando um suspiro.

— Quero dizer, talvez. Vamos ver quanto tempo consigo me esgueirar sem ser pego.

Eu ri um pouco, e o alívio me inundou.

— Obrigada. Eu sei que foi um pouco do nada e um pouco louco, mas...

— Não é loucura — ele corrigiu. — E você não precisa me agradecer. Sempre que se sentir assim, é só me ligar, ok? A qualquer momento. Estou sempre aqui para conversar. Sempre.

Sempre.

Eu gostei do jeito que essa palavra soou.

Mesmo que eu ainda não confiasse nele.



CAPÍTULO 18

Zach

— VOCÊ PARECE AQUELE PERSONAGEM DE DESENHO animado — disse a sra. Rudder, girando o merlot em seu copo antes de tomar um gole na sexta à noite. Ela acenou com a outra mão no ar enquanto tentava se lembrar. — Ah, qual é o nome dele. O gambá bêbado de amor.

— Pepe Le Pew — Doc falou lá dos fundos.

A sra. Rudder estalou os dedos.

— É esse! — Ela balançou a cabeça, grandes brincos de pérola balançando com o movimento. — Parece até que tem corações saltando de seus globos oculares e que está flutuando em uma nuvem rosa produzida por alguma coisa que essa garota usou pra te embriagar.

Eu sorri, abrindo a caixa registradora com o apertar de um botão. Contei o troco para o grupo no final do bar e fechei a gaveta novamente.

— Você parece com ciúmes, sra. Rudder.

— Com ciúmes! — ela zombou, tomando um gole maior de seu vinho enquanto eu entregava o troco ao grupo, agradecendo a eles por terem vindo. — Estou é com nojo. Eu gostava mais de você quando era meio mal-humorado.

— Como o Doc?

Ele resmungou algo nos fundos, e a sra. Rudder e eu compartilhamos um sorriso.

— Bem, é parte do apelo deste lugar — disse ela.

— Não posso discordar disso.

Eu também não podia discutir seu ponto de vista sobre eu estar parecendo um desenho animado. Com toda aquela felicidade, eu me sentia como um — dançando, sorrindo para cada estranho que eu passava, distribuindo bebidas para os clientes.

Doc tinha odiado especialmente essa parte.

Mas eu não conseguia evitar. Gemma me enfeitiçou, um feitiço do qual eu não queria escapar.

O jogo de domingo foi ainda melhor do que eu esperava. Gemma se encaixava nas minhas brincadeiras com Micah como se sempre tivesse estado lá, e quando saímos, Micah não conseguia parar de falar sobre como Gemma era ótima. Ele era difícil de impressionar, embora gostasse de brincar que se sentia atraído por qualquer coisa que tivesse peitos. Eu sabia melhor do que ninguém que ele era difícil de se impressionar, e depois de apenas uma noite com ela, Gemma ganhou sua aprovação.

Foi um grande ponto a seu favor para mim.

E mesmo que eu não a tivesse visto muito desde então, além de um jantar esta semana, não conseguia parar de pensar nela. Gemma me ligou um tanto vulnerável no dia seguinte ao jogo, e finalmente conversamos sobre o elefante branco na sala.

Nós tornamos tudo oficial. Namorado e namorada. Namoro exclusivo.

Ela era *minha*, e eu era dela.

Nós trocamos mensagens todos os dias e ligávamos um para o outro todas as noites. Ela me contou sobre o grande cliente residencial que tinham acabado de fechar contrato, e eu a contei sobre as reflexões no bar. Começamos e terminamos todos os dias um com o outro, e tínhamos planos para estarmos juntos durante todo o fim de semana.

O mais importante é que, na noite seguinte, Gemma iria conhecer o restante da minha família.

Eu não tinha levado uma mulher para o jantar de família desde... bem, nunca. Elas não tinham realmente sido algo importante antes que eu deixasse o futebol, e minha ex me deixou logo em seguida. Minha mãe estava muito animada, provavelmente planejando uma refeição de quatro

pratos, que era muito exagerada, mas eu não pude deixar de sentir uma certa emoção também.

Eu estava me apaixonando por Gemma.

Cada vez mais, a cada dia que passávamos juntos, eu via como ela poderia se encaixar na minha vida. Eu sabia que Gemma era divertida desde a noite em que a conheci. Eu sabia que ela era espirituosa, bonita e que sabia se defender. Eu sabia que ela adorava futebol e arrasava com uma camisa do *Bears*.

Mas nas últimas semanas, eu também descobri que ela tinha medo de altura. Eu aprendi que aquelas pequenas listas e planos que ela adorava fazer não só a deixavam feliz, mas também ajudavam a tornar sua melhor amiga bem-sucedida. Eu aprendi que ela adorava cozinhar, que ela era realmente muito boa nisso, e que sua mania de organização suavizava quando ela dobrava suas roupas.

Eu tentei ajudá-la, e aprendi muito rapidamente que eu nunca entenderia corretamente sua maneira bastante específica de dobrar uma calcinha.

Ou de dobrar *qualquer* roupa íntima. Ponto.

Descobri como seus olhos brilhavam quando ela assistia a um filme emocionante, vi as curvas suaves de seu rosto quando a luz da manhã se estendia por suas janelas. Eu tinha ouvido as histórias sobre como ela nunca teve um animal de estimação quando criança, mas que queria um desesperadamente – quando estivesse pronta. Eu a tinha visto entregar notas de cinco dólares não apenas para um, mas para vários homens e mulheres sem-teto nas ruas de Chicago quando passávamos por eles, nunca dando a eles um olhar crítico ou se afastando como se a assustassem.

Eu estava longe de conhecer tudo o que queria saber sobre Gemma, mas conheci o suficiente para ter ciência de que queria mais, que estava apenas começando e que não dava a mínima se estava parecendo o gambá bêbado de amor dos meus desenhos de infância.

Porque pela primeira vez em muito tempo, eu estava feliz — *realmente* feliz — e Gemma era a razão disso.

— Tudo bem, sra. Rudder — disse Doc, emergindo dos fundos para fazer uma varredura pelo bar. — Termine essa taça e então acho que vamos encerrar a noite.

— Mas é tão cedo. — Ela fez beicinho.

— É quase uma — ele apontou. — E o movimento foi fraco a noite toda. Eu só mantive o lugar aberto para você.

Ele não estava errado. Geralmente estávamos cheios em uma noite de sexta-feira, não tão ocupados quanto nos sábados ou domingos, mas ainda com bastante trabalho. Esta noite, no entanto, tivemos a mesma chuva miserável e gelada que nos atingiu no jogo em casa no domingo. Todo mundo ficou em casa, passando a noite em frente à televisão vendo filmes ou lendo ou qualquer coisa que pudesse fazer para não ficar na chuva.

— Tudo bem, seu rabugento — disse a sra. Rudder, e então ela virou o restante de seu merlot como se fosse uma dose e não uma taça barata de vinho tinto.

Doc sorriu, pegando a taça vazia.

— Achei que você gostasse mais da gente mal-humorado.

Ela não respondeu, apenas acenou enquanto Doc e eu trocávamos um olhar. Saí para chamar um táxi do hotel próximo para ela, ajudando-a a vestir o casaco a caminho da porta.

— Vejo você em breve — eu disse quando ela entrou no carro.

— Sim. Não fique tão feliz da próxima vez.

Eu sorri.

— Sem promessas.

Uma vez que ela foi embora, caminhei para dentro, trancando a porta e desligando nossos letreiros de neon que iluminavam as janelas escuras voltadas para a rua. Eu cantarolei junto com a música que vinha do som ambiente, começando as últimas tarefas de fim de turno em nossa lista. Eu já tinha feito a maior parte do trabalho, porque o movimento era lento, mas levaria pelo menos mais meia hora antes que eu pudesse terminar tudo.

Doc tinha desaparecido no escritório, mas voltou não muito tempo depois que a sra. Rudder saiu; ele inclinou o quadril contra o balcão, me observando.

— Você realmente está como aquela porcaria de gambá.

Eu ri.

— Eu sei. Estou quase irritado comigo mesmo.

— Ela tem você na mão, hein?

Eu soltei um suspiro, contando meu caixa da noite.

— Mais do que eu vou admitir para você, velho.

Doc riu disso, mas ficou em silêncio, ainda me observando da beirada do bar.

— Ela vem para o jantar em família amanhã à noite — eu disse e fiz uma pausa no que eu estava trabalhando no caixa para ver sua reação.

Os olhos de Doc se arregalaram um pouco, e ele cruzou o braço, deslocando seu peso para o outro quadril.

— Uau. Conhecer mamãe e papai agora, hein?

Eu balancei a cabeça, e minha mão alcançou a nuca no piloto automático.

— Isso é muito cedo? Você acha que eu vou assustá-la?

— Com sua família? Talvez — ele disse com um sorriso. — Mas se ela sobreviveu a Micah, imagino que ficará bem.

— Contanto que você esteja no seu melhor comportamento — eu soltei. — Não pegue aqueles vídeos antigos do Ano-Novo no primeiro ano em que nos conhecemos. Ela não precisa saber com que facilidade você pode me deixar bêbado dançando em cima da mesa.

Doc sorriu, sua cabeça saltando um pouco para trás quando uma risada silenciosa tocou seus olhos. Mas ele apenas limpou a garganta, os olhos nas garrafas alinhadas na parte de trás do bar.

— Ah, na verdade, eu não estarei lá amanhã à noite.

Eu bufei, arrancando os bicos das garrafas que usamos naquela noite e jogando-os na pia de água quente e sabão.

— Claro que você não estará no jantar em família — eu brinquei, fechando as tampas das garrafas e guardando-as. — O que, você tem um encontro com sua princesinha da ilha? Vai se mandar em um voo de última hora?

— Eu queria — ele murmurou. — Mas tenho alguns negócios para resolver.

Eu ainda estava rindo, mas quando meus olhos encontraram os de Doc, ele não tinha nem uma pitada de humor no rosto.

Fiz uma pausa, segurando os gargalos de duas garrafas de uísque em cada mão.

— Espere, você realmente não vem?

Doc estava quieto, os olhos tristes enquanto me observava guardar as garrafas que eu estava segurando. E algo no ar mudou, como se eu estivesse andando em um beco escuro e percebesse que alguém estava andando atrás de mim.

— Doc — eu disse, arqueando uma sobrancelha para o seu silêncio. Eu não me movi para nenhuma das outras garrafas, apenas fiquei ali do outro lado do bar, observando meu velho amigo. — O que está acontecendo?

Ele soltou um longo suspiro, fechando os olhos por um momento antes de abri-los novamente, e seus olhos cinza encontraram os meus.

— Estou indo embora.

Meu peito apertou, mas eu inclinei o quadril contra o bar, apoiando uma mão na madeira.

— O que você quer dizer? — eu perguntei. — Tipo, você vai sair de férias? Você vai fazer uma viagem?

— Quero dizer que estou indo embora. Estou me mudando. — Ele engoliu em seco. — Para St. Croix.

Eu pisquei, o coração batendo três vezes alto no peito antes de jogar minha cabeça para trás em uma risada.

Doc ainda estava ali, em silêncio, comprometido com a piada.

— Ha-ha — eu disse, apontando para ele quando a risada diminuiu. — Muito engraçado. Tenho certeza que você está se *mudando para St. Croix* — eu brinquei, balançando a cabeça. — Deixe-me adivinhar, para ficar com Rita, certo? Vocês vão se casar e viver no paraíso.

— Droga, Zach — Doc disse, sua voz crescendo quando ele bateu no balcão e ficou em pé.

Esse movimento tirou todo e qualquer traço de riso de mim.

— Isso não é uma piada. Estou tentando falar com você sobre isso há meses, mas não sabia como. E então você estava feliz, com Gemma, e tudo estava ocupado por aqui, mas não posso esperar mais. — Ele engoliu em seco, seu peito arfando quando sua respiração ficou mais pesada. — Estou indo embora. Em breve. Antes do ano novo. — Seus olhos caíram dos meus para o chão. — Desculpa, eu não quis explodir. Mas... não faça piada do meu amor por Rita, ok? Eu sei que zombamos um do outro, mas eu a vejo da mesma maneira que você vê Gemma, e estamos apaixonados há anos, não meses.

Eu não sabia o que dizer. Eu apenas o observei, piscando.

— De qualquer forma, estamos cansados de viver separados um do outro. Sempre quis me aposentar em algum lugar tropical, e venho economizando há muito tempo, e... — Ele suspirou, passando a mão pela cabeça. — Isso realmente não importa. Mas o *que* importa, e o que eu queria discutir com você é que quando eu for... vou deixar o bar para você. — Ele fez uma pausa. — Se você quiser, claro.

A pressão no meu peito se transformou em um aperto completo, um punho gigante apertando com tanta força, que senti as bordas das minhas costelas pressionando meus pulmões.

Forcei uma respiração, piscando até minha visão clarear.

— Eu... eu não entendo.

— Você ama este bar — disse Doc. — Você ama tanto quanto eu, e eu sei que você cuidaria dele. Eu quero deixar para você. — Ele empurrou a borda do balcão e caminhou em minha direção, uma mão encontrando meu ombro. Ele esperou até que eu tivesse levantado meu olhar para ele. — Mas *só* se for isso que você quiser. Se este bar te faz feliz, se é onde se vê nesta vida, então eu o darei com prazer. Eu não preciso do dinheiro da venda. Eu tenho guardado para isso por toda a minha vida, e o bar nunca foi um fator na minha decisão.

Ele engoliu em seco, sua mão apertando meu ombro.

— Mas se houver uma chance no inferno de você querer fazer outra coisa, qualquer outra coisa, treinar um time, pilotar um avião, administrar um hotel, o que quer que seja, então eu quero vender este bar e ajudá-lo a começar esse sonho.

Eu balancei a cabeça, piscando de novo, e de novo, mas de alguma forma minha visão ainda estava embaçada.

— Não, não, você não pode fazer isso. Você não pode vender este bar. Você não pode me dar *esse* dinheiro da venda.

— Eu posso — disse ele, a voz firme. — E eu vou, se é isso que você quiser.

Eu ainda estava balançando a cabeça, e Doc suspirou, andando comigo pela beirada do balcão, até que eu me sentei em uma das banquetas. Ele se sentou comigo, e por um momento, nós apenas existimos em silêncio.

— Eu sei que é muita informação de uma vez — disse ele. — Mas eu quero isso. Ok? Estive em Chicago toda a minha vida e superei os invernos. — Ele riu, seus olhos ficando mais brilhantes. — Quero abrir um barzinho à beira-mar, um em que os turistas possam visitar ou que os moradores possam encontrar um lar. Quero dormir na praia e passar minhas tardes lendo em uma rede. Eu quero beijar a mulher que amei de longe a qualquer hora que eu queira. Eu quero pescar — ele disse, jogando as mãos para cima. — Peixes que eu possa realmente *comer*, ao contrário desses peixes contaminados que eu tenho pescado no Lago Michigan por toda a minha vida.

Eu ri, mas meu peito ainda estava apertado, a garganta arranhando.

— E eu quero dar este bar para você — disse ele, sua voz mais baixa, os olhos se conectando com os meus. — *Se* for o que você quer. E se não for, então eu quero vendê-lo e ajudá-lo a conseguir o que você quer.

— Mas...

— Não, isso não é negociável — disse ele, de sobrancelhas franzidas. — Estou falando sério. Você é como um filho para mim, Zach.

Sua voz falhou, os olhos se enchendo de lágrimas, e eu tive que olhar para o teto para segurar minhas próprias lágrimas.

— Você trouxe uma luz para a minha vida quando apareceu, mesmo sendo uma dor de cabeça gigante.

Eu ri, e Doc também, sua mão encontrando meu ombro novamente com um aperto.

— Você transformou esse bar. Você deu vida de novo, *me deu* vida novamente, me deu propósito. E você sacrificou tudo por mim, por sua família. — Ele acenou para mim como um pai orgulhoso, seus olhos ainda brilhantes. — É hora de retribuirmos a você. É hora de você começar a viver a *sua* vida, Zach.

Eu não sabia o que dizer depois disso, e Doc não queria que eu falasse, não esta noite. Ele me fez prometer ir para casa e pensar no assunto, considerar seriamente a proposta nas próximas semanas e depois dar a ele minha decisão. Então, ele me mandou para casa mais cedo, dizendo que cuidaria dos últimos itens da nossa lista de fechamento.

Voltei para o meu carro sem me proteger da chuva. Eu me sentia entorpecido, e talvez parte de mim esperasse que a chuva gelada de alguma

forma me acordasse, que de alguma forma me desse as respostas para todas as perguntas que eu tinha – algumas que eu nem tinha encontrado palavras para perguntar ainda.

Doc estava indo embora. O homem que era como um segundo pai para mim, que me acolheu quando não podia pagar pelo meu trabalho, que me deu um lugar para trabalhar, uma maneira de ajudar minha família; esse cara estava indo embora.

Meu melhor amigo estava indo embora.

E o bar ou seria meu ou desapareceria — vendido pelo maior lance.

A decisão era minha.

Fiquei sentado no carro com as mãos molhadas segurando o volante por dez minutos inteiros, tentando entender tudo isso. E então, com nada mais do que um piscar de olhos e uma fungada, tirei meu telefone do bolso e disquei o número dela, colocando meu carro em movimento.

— Zach? — ela perguntou, a voz baixa e rouca. Já eram quase duas da manhã. — Está tarde. Você está bem?

— Venha aqui.

Houve barulho do outro lado da linha quando dobrei a esquina, saindo do estacionamento e entrando na rua.

— Agora? — ela perguntou. — Zach, são quase duas. Eu estava dormindo. Eu... eu não estou vestida, não estou maquiada...

— Por favor.

A palavra saiu de mim mais alto do que eu esperava, com um desespero que eu não percebi que sentia até que estava lá entre nós.

Forcei uma respiração, fechando os olhos antes de piscar algumas vezes para afastar a névoa.

— Por favor, Gemma. Eu preciso de você. Por favor. *Por favor*, venha. Eu... eu posso ir te buscar. Estou dirigindo agora. Estou indo para minha casa, mas posso ir até seu apartamento e pegar você e...

— Ok — ela disse, sua voz mais suave quando me interrompeu, e eu já podia ouvi-la se mexendo. Eu a imaginei pulando da cama, vestindo sua calça de moletom. — Ok, estarei aí assim que puder. Só vou me arrumar. Apenas vá para casa. Te encontro lá.

— Depressa, Gemma. Por favor. Quero dizer, dirija com segurança, mas... — Eu podia ouvir o tremor na minha voz, mas não consegui segurar.

— Zach, você está bem? — perguntou Gema. Mas eu não podia responder. — Está tudo bem?

Engoli em seco, o silêncio se estendendo.

— Sim — eu finalmente disse, mas meus olhos embaçaram novamente. — Não. Na verdade. Não sei.

Houve uma pequena pausa.

— Ok — Gemma sussurrou. — Ok, já estarei aí.



Gemma mal havia passado pela minha porta da frente quando eu a puxei em meus braços e afundei a cabeça na curva de seu pescoço, inalando seu doce perfume enquanto a envolvia com força. Eu não poderia chegar perto o suficiente, não poderia ter o suficiente de sua pele na minha.

Ela largou a bolsa no chão na porta, cruzando os braços sobre mim e me abraçando com a mesma força. Ela não disse uma palavra, não perguntou o que estava errado, não exigiu uma explicação. Naquele momento, ela me entendeu — e não pressionou por mais do que eu poderia dar a ela.

Meu peito ainda estava apertado, o coração batendo tão alto, que eu tinha certeza que Gemma poderia ouvir. Mas agora que ela estava aqui, minha respiração ficou um pouco mais fácil. Eu me afastei, e quando ela ergueu os olhos para mim, aquelas íris esmeralda olhando para mim, eu fiz a única coisa que podia naquele momento.

Eu a beijei.

No momento em que nossos lábios se encontraram, eu inspirei como se fosse minha primeira injeção de oxigênio limpo desde que Doc me deu a notícia. Eu a beijei devagar, gentilmente no começo, e na minha próxima respiração, aquele oxigênio encontrou uma faísca, e então veio o mesmo fogo que eu sentia toda vez que tocava em Gemma.

Eu precisava dela. Eu precisava senti-la, ter sua pele contra a minha, ter minha língua na dela, ter seus olhos em mim. Não havia palavras que precisassem ser compartilhadas — ainda não, não naquele momento. Em

vez disso, eu a levei até a minha cama, cuidadosamente a abaixando nos lençóis ainda bagunçados daquela manhã.

Seu cabelo se espalhou no meu travesseiro, e ela me puxou para perto dela, as mãos deslizando em meu cabelo enquanto eu me aninhava entre suas pernas. Ela me beijou mais forte, puxando minha camisa, até que eu me inclinei para trás e a tirei. Gemma se inclinou sobre os cotovelos, me ajudando a tirar o moletom, e eu fiz o mesmo com o dela, tirando-o de uma perna e depois da outra.

Ela não estava com nada por baixo.

Não houve preliminares, brincadeiras lúdicas ou fantasias sensuais. Eu não parei para tirar o suéter dela. Ela não me pediu para contar o que tinha acontecido. Era animalesca a minha necessidade de Gemma naquele momento, e eu coloquei às pressas uma camisinha antes de estar dentro dela.

Ela gemeu ao me sentir, abrindo as pernas para permitir mais acesso enquanto eu enterrava meu rosto em seu pescoço novamente. Minhas mãos agarraram seus quadris, e eu me flexionei nela, preenchendo-a lentamente enquanto balançava para frente e para trás.

Minha respiração passou da ansiedade para a paixão, de um fogo dolorido para um que me queimava do jeito que eu adorava ser queimado – do jeito que só existia com Gemma. Ela envolveu suas pernas em volta da minha cintura, seus braços em volta do meu pescoço, me beijando e segurando meu olhar enquanto eu trabalhava entre suas pernas.

O tempo parecia não existir.

Não havia música, nem palavras, nem risos. Era apenas a sinfonia da cidade, ainda zumbindo do lado de fora da minha janela quando nos rolei para o lado. Foi apenas seu suspiro suave, meu gemido faminto, enquanto eu a abraçava por trás, os quadris se movendo, uma mão serpenteando entre suas pernas para esfregar seu clitóris enquanto a outra gentilmente puxava seu mamilo sob o suéter.

Cada gemido aliviava a dor. Cada suspiro tirava a incerteza. Toda vez que eu a preenchia, e ela se apertava ao meu redor, e eu respirava um pouco mais fácil, um pouco mais da preocupação diminuindo.

Parecia que horas se passaram enquanto rolávamos naqueles lençóis, ela subindo em cima de mim, para montar devagar antes de deitar de bruços,

deixando-me pegá-la por trás. Ela atingiu o clímax primeiro, silenciosamente, apenas com sua respiração acelerada e as mãos apertando os lençóis, me deixando saber que ela estava gozando.

E eu fui em seguida, da mesma forma silenciosa, mordendo o músculo macio na parte de trás de seu pescoço quando encontrei meu êxtase.

Eu não me movi para descartar o preservativo, apenas nos rolei novamente, até que eu estava de conchinha com ela, nossa pele suada e peitos arfando enquanto nos recuperávamos. Beijei seu pescoço, seus ombros, seu cabelo, segurando-a com mais força, desejando poder puxá-la de alguma forma para mais perto, eliminar todo o espaço entre nós.

Ela veio para cá.

Eu disse a ela que precisava dela, e às duas da manhã, Gemma atendeu. Ela veio. Ela estava lá para mim quando eu mais precisava, e nem perguntou por quê.

Meu coração apertou por um motivo completamente diferente do que tinha sentido a noite toda, e eu a segurei mais perto, balançando a cabeça. Eu não podia acreditar que ela era real.

Eu não podia acreditar que ela era minha.

— Doc está indo embora — eu sussurrei depois de um momento, as palavras saindo de mim como se fossem as primeiras que eu falava em anos.

Gemma endureceu em meus braços no início, mas então se aconchegou mais perto, balançando os quadris para nos encaixar mais.

— Ele está indo embora e quer deixar o bar para mim. Ou vendê-lo e me dar o dinheiro para fazer o que eu quiser, se eu não quiser o bar. — Eu suspirei, e Gemma ouviu, dedos desenhando círculos preguiçosos em meus braços. — Eu não sei o que fazer, Gemma. Não quero que ele vá embora.

— Eu sei — ela sussurrou. — Você não tem que resolver nada esta noite, ok?

Gemma rolou em meus braços, e seus olhos encontraram os meus na penumbra do meu apartamento. Ela passou a mão pelo meu rosto, colocando-a na minha nuca, seu polegar roçando meu queixo.

— Estou aqui — disse ela. — Eu estou bem aqui.

Eu balancei a cabeça, puxando-a para o meu peito, de alguma forma encontrando uma maneira de abraçá-la mais forte do que antes. Meu peito

doeu novamente, mas desta vez foi com gratidão, com uma gratidão que eu não sabia que podia sentir.

Eu não sabia o que iria fazer. Eu não sabia como iria sobreviver sem Doc na minha vida, muito menos sem ele naquele bar todas as noites. Eu não sabia se manteria o bar, se poderia administrá-lo sozinho, se poderia suportar a ideia de perdê-lo ou o que faria se ele o vendesse, para onde iria o dinheiro.

Eu não sabia o que queria.

Mas Gemma estava certa, eu não tinha que resolver isso esta noite.

Esta noite, eu abraçaria Gemma e ouviria sua respiração. Eu sentiria seu batimento cardíaco contra a minha pele e encontraria conforto no fato de que não importa o que eu escolhesse fazer, ela estava aqui.

Ela veio.

Ela escutou.

Ela entendeu.

Ela estava *aqui*, comigo, em uma das noites mais sombrias que eu vivi desde que descobri que Micah tinha câncer, quando eu tinha apenas dezoito anos.

Eu não tinha ninguém na época, mas agora tinha Gemma.

E foi nisso que eu me agarrei enquanto adormecia.



CAPÍTULO 19

Gemma

MINHA FAMÍLIA NUNCA JANTOU TODO MUNDO JUNTO.

Meus pais viajavam sempre, quando estavam em casa, estavam sempre trabalhando, fazendo planos para a próxima turnê. Como seus discursos inspiradores sobre seu relacionamento e como eles “chegaram lá” foram fortemente influenciados pela religião, eles também passaram mais noites com a Bíblia do que comigo.

Éramos uma família de fast-food ou comida fácil e comíamos na sala com a televisão ligada para mim e os computadores ao alcance de seus dedos.

Carlo estava sempre muito ocupado. Sendo o chefe de uma empresa de tecnologia que estava sempre buscando mais, ele não sabia deixar o trabalho no trabalho. Mas eu estava acostumada. Eu cresci com isso. Então, ele trabalhando na mesa de jantar nunca me incomodou. Eu só mandava uma mensagem para Belle ou trabalhava em minhas próprias listas e projetos — seja para os negócios de Belle ou apenas em casa — deixando-o em paz.

A única exceção ao meu estilo de vida de “jantar de trabalho” era quando eu ficava com meu avô, quando era mais jovem.

Sempre jantávamos juntos.

Na maioria das vezes, era algo que ele mesmo caçava. Quando a idade dele começou a afetar mais seu corpo, passamos a fazer coisas mais fáceis, como jantares de micro-ondas, mas sempre comíamos juntos.

Sentávamos em sua mesinha dobrável, jogando cartas e conversando enquanto comíamos.

Eu gostava mais desses jantares.

Mas, independentemente disso, meus jantares de família *nunca foram* como os de Zach.

Foi uma noite de risadas sem parar, com Micah e Zach brincando um com o outro e a sra. Bowen entrando na conversa com um aviso ocasional ou um tapa na cabeça deles. O sr. Bowen estava quase sempre quieto, mas seus olhos eram calorosos, e quando era sua vez de falar, eu aprendi rapidamente que ele adorava exagerar o que realmente acontecia — especialmente quando se tratava de uma história de pesca ou golfe.

A certa altura, eu me sentei e olhei para todos eles sorrindo, vendo quão forte era o vínculo deles e me sentindo um pouco como uma espectadora distante. Era algo que eu sempre quis, algo que eu imaginava ter um dia com Carlo e com nossos filhos.

Meu estômago murchou ao pensar nisso, e eu tirei meu ex-marido da cabeça. Em vez disso, me concentrei em Zach.

Ele me convidou para jantar na casa da sua família, algo que eu sabia que era importante para ele. Zach já havia me dito o quanto sua família significava para ele, e a forma como todos me abraçaram quando cheguei aqui esta noite, a forma como seu pai ficou olhando para mim do outro lado da mesa com um sorriso curioso, me deu a sensação de que fui a primeira mulher a receber o convite.

Eu me permiti pensar nisso tudo, as últimas semanas passando pela minha mente em pequenos flashes enquanto eu estava na varanda dos fundos de Zach e observava o sol mergulhar preguiçosamente no horizonte. Os raios dourados tomando a grama e as árvores, lançando sombras bonitas e assustadoras pelo quintal.

Era mais quieto aqui, do jeito que era na casa que eu dividia com Carlo.

Senti um pouco a falta dela.

— Nós vamos comer torta — disse a sra. Bowen, deslizando ao lado de onde eu estava, meus cotovelos apoiados no corrimão de metal branco. Eu

estava tão perdida em meus pensamentos que nem a tinha ouvido se aproximar. — Se é que você tem algum espaço nessa sua barriga minúscula.

Eu sorri, acariciando a referida barriga.

— Ah, se você soubesse quantos cachorros-quentes eu escondo aqui dentro.

A sra. Bowen soltou uma risada aguda.

— Sim, meu filho me disse que você gosta. Normalmente, eu não teria problema com isso. Exceto...

— Que ele disse que eu gosto de ketchup neles.

Ela fez uma careta, deixando a cabeça pender com um suspiro.

— Eu esperava que não fosse verdade.

Eu ri, e ela me ofereceu um pequeno sorriso enquanto apoiava os cotovelos no corrimão ao lado do meu. Nós duas vimos o sol se esconder um pouco mais, e eu não conseguia afastar a sensação que tive a noite toda. Não era ansiedade, nervosismo ou preocupação.

Era algo próximo a conforto.

Estar lá, naquela casa, com Zach e sua família — parecia que eu pertencia. Parecia que eu poderia estar lá novamente, algum dia no futuro, ou talvez até mesmo na próxima semana. Parecia que eu sempre teria um lugar lá se eu quisesse.

— Sabe, Zach me contou outra coisa sobre você — a sra. Bowen disse, seus olhos ainda espalhados pelo quintal. — Ele me disse que você ficou com ele ontem à noite. Quando ele descobriu sobre Doc.

Meu estômago se revirou em um nó apertado com a menção da noite passada.

Zach me ligou, frenético, eram quase duas da manhã. Ele não quis me dizer o que estava errado, mas me pediu para vir, e eu saí da cama mais rápido do que nunca. Corri para ele, a preocupação presa em cada osso do meu corpo, e quando ele abriu a porta, me esmagou em um abraço tão forte, que pensei que iria sufocar.

Mas eu não cedi. Eu apenas o abracei forte também.

Ele precisava de mim, e eu o deixei pegar o que eu poderia dar. Era uma paixão urgente, sem palavras ou qualquer traço de brincadeira. E quando

terminamos, ele me abraçou e me disse que Doc estava indo embora e que ele tinha de escolher entre manter o bar ou vendê-lo.

— Você sabia? — eu perguntei a ela. — Que Doc estava indo embora.

Ela soltou um longo suspiro e assentiu.

— Sim. Ele nos pediu para não contar ao Zach. Ele queria fazer isso. Eu acho... — Ela fez uma pausa. — Acho que ele sentiu um pouco como se o estivesse abandonando, mesmo que essa mudança seja algo que Doc queria há muito tempo. Aquele homem é tão parente de Zach quanto Daniel e eu somos.

Eu balancei a cabeça.

— Zach o ama. Ele está preocupado com o que fazer, qual é a decisão certa.

— Ele vai descobrir — disse a sra. Bowen, e eu não pude deixar de observar o mesmo sorriso que sempre encontrava no rosto de Zach se abrindo pelo dela naquele momento. Zach definitivamente parecia com o pai, mas ele tinha o sorriso dela também.

— Ele vai — eu concordei.

Seu sorriso murchou um pouco, e ela se virou para mim, mordendo o lábio como se não tivesse certeza do que dizer em seguida.

— Ele passou por muita coisa — ela disse suavemente. — Mais do que qualquer pessoa na idade dele deveria ter que passar. Eu sei que ele provavelmente não fala muito sobre isso, porque não é de seu feitio, mas Zach se sacrificou muito. Por Doc, pelo irmão, por toda esta família.

Eu fiz uma careta, voltando rapidamente para a expressão anterior.

— Ele me disse o quanto a família é importante para ele.

A sra. Bowen assentiu.

— Às vezes, acho que Zach esquece que ele também pode viver a vida por *si* mesmo. Ele é sempre tão rápido em colocar os outros em primeiro lugar. Mas... talvez esta seja a chance dele. Se ele for manter o bar ou o vender para fazer outra coisa, espero que faça a escolha que *ele* deseja.

Meu estômago revirou da mesma forma que quando Micah falou sobre Zach no jogo. Tanto ele quanto a mãe sabiam mais do que eu, sabiam como Zach era doce quando não estava fazendo piadas ou cuidando dos negócios.

E agora, depois de ontem, eu estava começando a ver esse lado dele também.

— Ei, vocês duas, parem de fofocar e venham aqui — Zach disse, espiando pela porta de vidro.

A sra. Bowen sorriu, apertando meu braço antes de se virar para a porta.

— Foi bom conversar com você, sra. Bowen — eu disse, seguindo atrás dela.

— Ah, por favor — disse ela. — É Pamela. E foi um prazer falar com você também, minha querida. — Com isso, ela se virou para o filho, beliscando sua bochecha com um sorriso antes de se voltar para mim. — Cuide do meu menino para mim, sim?

Zach sorriu primeiro para ela, e então seus olhos encontraram os meus, uma pitada de malícia nos olhos escuros.

Dei de ombros.

— Ei, veremos.

Ambos riram disso, e Pamela deu um tapinha no peito de Zach antes de entrar. Zach pressionou a porta e saiu para a varanda comigo, me aconchegando em seus braços e pressionando os lábios nos meus.

Senti o restante do sol sumir atrás de mim enquanto me derretia em seus braços, ouvindo as vozes altas de seu irmão e sua mãe na minha cabeça. Zach já estava se apaixonando, e eu sabia que não fazia sentido negar que eu também estava.

Eu o queria.

Mas eu estava absolutamente petrificada de ir mais longe do que já tinha ido.

Meu batimento cardíaco acelerou com essa percepção, e como se pudesse sentir, Zach me beijou mais forte, me puxando para si com um suspiro reverente. Quando ele se afastou, passou os dedos pelo meu cabelo e balançou a cabeça, os olhos procurando os meus.

— Eu amo quando você faz isso — ele sussurrou.

— Faço o quê?

— Existir.

Ele sorriu, balançando a cabeça novamente antes de me puxar para outro beijo. E, desta vez, eu senti o beijo em meus ossos, como se a marca que ele

deixou antes fosse apenas superficial, e agora ele estivesse me marcando para sempre.

E, naquele momento, naquele exato momento, decidi que não deixaria mais o medo me dominar.

Minha ansiedade vinha de não estar no controle, e era verdade – eu não podia controlar o que aconteceria a seguir. Eu queria uma apólice de seguro, mas não é assim que a vida funciona. Zach poderia acordar amanhã e decidir que não me queria mais. Ou pior, ele poderia decidir daqui a dois anos que deseja outra pessoa mais do que eu.

Mas quando ele pegou na minha mão e me levou para dentro da sua casa, a gente sentado lá com sua família, comendo torta, jogando cartas e rindo enquanto a tarde se transformava em noite, tive uma sensação avassaladora de que ele não faria isso.

Era algo que eu não sentia há muito tempo, algo que enchia meu corpo de pavor e advertências tanto quanto de esperança e alívio.

Era confiança.

Eu confiei em Zach. Eu confiei nele para cuidar de mim, para me deixar cuidar dele, para me deixar participar dos dias difíceis e estar lá para todos os meus.

Eu não deveria me apaixonar novamente. Eu nunca deveria deixar alguém entrar no meu coração danificado, carbonizado, frio e vazio.

Mas Zach de alguma forma encontrou uma maneira.

Eu fiz essa lista quando Carlo morreu, e o objetivo era me manter segura, mas lá estava eu, pouco mais de um ano, sentindo aquela regra tomar outra forma como massa de vidraceiro na minha mão. Talvez eu quisesse confiar em Zach porque sabia que podia. Talvez nem todo homem fosse como Carlo. Talvez, apenas talvez, não fosse estúpido deixar tudo acontecer, deixar o amor entrar um pouco.

Talvez Zach fosse um homem de palavra.

Olhando para sua família, para as pessoas que mais importavam para ele, sabendo que ele me convidou para fazer parte desse mundo, eu percebi que havia apenas uma maneira de descobrir.

Então, eu respirei, peguei a sua mão na minha e mentalmente destruí minha lista antiga.

Eu iria confiar em Zach.

Mesmo que fosse assustador pra cacete, mesmo que eu soubesse que poderia acabar no chão frio e duro novamente, eu ainda escolhi tentar novamente.

Continuamos rindo a noite toda com sua família e, no final, estávamos todos nos abraçando e fazendo planos, incluindo seus pais, que me convidaram para me juntar a eles no jantar de Ação de Graças no final daquele mês. E quando a noite terminou, enquanto subíamos no carro de Zach para voltar para a cidade, um trovão alto soou ao longe.

Eu deveria saber então que uma tempestade estava chegando.

Mas eu não imaginava.

Não até o momento em que ela apareceu na minha porta.



CAPÍTULO 20

Gemma

— VOCÊS SÃO TÃO FOFOS, ISSO ESTÁ ME DANDO NOJO —

Belle disse com a boca cheia de sorvete. Ela secou a colher e apontou para onde eu estava mandando uma mensagem para Zach com um sorriso apaixonado. — Arranque isso da sua cara. Pare com isso. Pare com esse sorriso estranho agora mesmo.

— Eu não posso evitar — eu disse, terminando minha mensagem e colocando meu celular ao meu lado no sofá. Soltei um suspiro. — Nós nos vemos todos os dias desde que jantamos com os pais dele no sábado. Esta noite é a primeira noite em que não saímos. Ele está sentindo minha falta.

O rosto de Belle estava inexpressivo.

— Você estava com ele esta manhã, quando ele foi embora da sua casa. E também o verá *novamente* amanhã à noite, no jogo de quinta à noite.

Eu mordi meu lábio com um encolher de ombros.

— Ok, talvez sejamos um pouco grudentos.

Belle bufou, mergulhando sua colher para uma nova porção. Tínhamos a televisão ligada, mas nenhuma das duas estava assistindo, já que passamos a noite nos atualizando da vida uma da outra. O trabalho tinha sido uma loucura, e eu vinha passando bastante tempo com Zach. Precisávamos de uma noite só de garotas.

— Então — eu disse, mudando de assunto. — Você falou com o Jordan depois daquele jogo?

Bela zombou.

— Você quis dizer o cara que *você* levou e depois abandonou. Aquele que eu educadamente ofereci um lugar para sair depois do terceiro período do jogo? — Ela piscou os cílios, pressionando uma mão no peito. — Eu estava simplesmente mostrando alguma hospitalidade.

— Tenho certeza que ele ficou *muito* agradecido por esse gesto.

— Ah, ele pode até ter se ajoelhado para me agradecer uma ou duas vezes.

Belle piscou, e eu joguei a cabeça para trás em uma risada. Mas antes que eu pudesse responder, houve uma batida tímida na porta.

Fiz uma pausa, Belle e eu olhando uma para a outra como se não tivéssemos certeza de que realmente ouvimos alguma coisa.

— Tem alguém na sua porta?

— Eles normalmente me ligavam para avisar que alguém estava subindo — eu disse, tentando entender.

A batida veio novamente, e eu pulei do sofá, indo em direção à porta.

— A menos que seja alguém que você tenha liberado a entrada — Belle apontou.

— Sim, mas as únicas pessoas que tenho lá são minha família e... — Eu espiei pelo olho mágico, o coração parando no peito quando vi a pequena figura do lado de fora. — *Merda*.

— Quem é? — Belle sussurrou do sofá.

Soltei um longo suspiro, fechando os olhos e segurando a maçaneta da porta enquanto tentava me preparar.

— Gemma, quem é? — Belle perguntou novamente, desta vez mais alto.

Mas eu não respondi. Terminei de abrir a porta, cumprimentando minha ex-sogra com um sorriso suave.

— Sofia... oi.

Sofia era uma mulher pequena. Tão pequena, na verdade, que muitas vezes me perguntei como ela tinha dado à luz a um bebê gigante que um dia se tornou meu marido gigante. Seu cabelo era curto e escuro e emoldurava seu queixo pontudo, chamando a atenção para seus lábios finos e tristes.

Embora fosse pequena, ela era feroz — uma mulher italiana com coragem e atitude. Mas hoje ela não tinha nenhum dos dois.

Hoje, ela só tinha uma caixa, uma que ela segurava nas mãos como uma bomba prestes a explodir a qualquer momento.

— Sinto muito apenas aparecer — disse ela, sua voz tímida. — Eu tentei ligar algumas vezes... eu sei que você deve estar ocupada.

A culpa deu um nó no meu estômago, então soltei um suspiro, passando uma mão pelo meu cabelo enquanto procurava o pedido de desculpas mais apropriado.

— Está tudo bem — ela disse antes que eu pudesse responder. — Realmente. Eu sei que as coisas ainda estão... bem, eu sei que estamos todos apenas nos ajustando da maneira que sabemos.

Sofia balançou a cabeça, como se quisesse dizer mais, mas percebeu que não havia sentido.

— Eu trouxe isso para você — disse ela, segurando a caixa para mim. — Eu sei que revisamos todas as coisas de Carlo em sua antiga casa, e eu entendo que você provavelmente quer acabar com isso e seguir em frente, mas... essa foi a última das coisas dele do hospital.

— Isso é o que eles tentaram me dar no hospital — eu disse, olhando para a caixa de papelão branco. — Eu disse a eles para doarem o que pudessem e jogarem fora o resto.

— Eu sei, eu sei que você disse isso — disse Sofia, seus olhos caindo para a caixa em suas mãos. — Mas as emoções estavam comandando tudo na época. E quando você saiu do quarto, a enfermeira me deu a caixa. Eu a segurei, e acho que não queria enfrentar o que estava dentro dela porque... bem, porque é o último pedaço dele.

Seu lábio tremeu, e ela sacudiu a emoção, limpando a garganta.

— Mas eu não fui em frente. Acabei de abri-la e vi um pouco do que está aí dentro, mas... há uma carta, Gemma. Uma com o seu nome. E eu não li ou mudei nada ou fui além do que eu apenas... eu pensei que talvez...

Sofia estava lutando, e ela fez uma pausa para respirar fundo, como se o que ela quisesse dizer realmente não importasse.

— Bem, acho que ele queria que você ficasse com aquela carta, e acho que talvez tenha passado tempo suficiente agora. — Seus olhos se abriram.

— Eu não li nada. Não posso mais esperar, estava esperando o momento certo, e eu apenas... não sei, sinto que agora é o certo.

Ela ainda estava segurando aquela caixa na minha direção, mas agora era *eu* quem olhava para ela como se fosse uma bomba.

Eu não quero. Por favor, apenas pegue. Jogue fora. Eu não quero.

— Obrigada — eu disse em vez disso, pegando a caixa de suas mãos. Era como uma caixa de sapatos, mas toda branca, sem logotipos ou indicação do que poderia estar dentro. Tudo o que eu sabia *agora*, graças a Sofia, era que havia uma carta dentro.

Uma carta para mim.

Eu não queria ler uma carta do meu falecido marido.

Mas isso não importava. Eu poderia jogar a caixa inteira fora sem sequer olhar dentro dela, se quisesse. Agora, eu só precisava pegar o que minha ex-sogra estava oferecendo e dar a ela a paz que ela precisava por me entregar isso.

Sofia assentiu, sorrindo um pouco agora que a caixa havia mudado de mãos.

— Se houver alguma coisa que você queira falar depois de abri-la... é só me ligar. Ok?

Eu balancei a cabeça.

— Ok. Espero... — Engoli em seco, as palavras morrendo na minha garganta. Eu não tinha sido boa em me fazer presente com ela — com qualquer pessoa relacionada a Carlo. Quando ele morreu, eu queria apagá-lo — tudo dele.

— Está tudo bem — disse Sofia, estendendo a mão para apertar meu braço. — Estamos todos bem. E você está bem. Está tudo bem. Nós te amamos.

Lágrimas brotaram em meus olhos, mas eu engoli, segurando-as.

— Eu também te amo.

Com isso, Sofia apertou meu braço mais uma vez antes de se virar e seguir em direção aos elevadores. Fechei a porta, pressionando minhas costas contra a madeira e olhando para a caixa em minhas mãos.

— Puta merda — Belle disse, e em segundos ela já estava de pé ao meu lado, olhando para a caixa também. — O que você vai fazer?

Engoli em seco.

— Abrir.

Belle assentiu, um estranho silêncio caindo entre nós, como se o próprio Carlo estivesse dentro dessa caixa, nos deixando sem qualquer ideia do que dizer com ele por perto.

— Você quer que eu fique com ela?

Eu balancei a cabeça.

— Não — eu sussurrei. — Eu acho que isso é algo que eu deveria fazer sozinha.

Eu ainda estava parada, com minhas mãos presas àquela caixa enquanto Belle me abraçava o melhor que podia, me dizendo que estava a apenas uma ligação de distância e poderia estar de volta ao meu apartamento em segundos. Ela me disse que me amava, que eu era forte, que o que quer que estivesse nessa caixa não me definia.

Ela disse todas as palavras certas que uma melhor amiga deveria dizer.

E então saiu, e eu fiquei sozinha com um fantasma que pensei ter deixado para trás.

Mesmo com a televisão ainda ligada, meu apartamento parecia estranhamente quieto nesse momento. Caminhei entorpecida até a ilha da cozinha, deslizando a caixa em cima do granito e olhando para ela pelo que pareceu uma hora inteira. Eu não abri de primeira. Em vez disso, servi uma taça de vinho e bebi enquanto olhava para o papelão branco.

Quando a última gota de vinho sumiu da minha taça, eu suspirei e disse isso em voz alta, embora eu fosse a única na sala.

— Acabe logo com isso, Gemma.

Com esse empurrão final, abri a tampa da caixa, jogando-a para o lado enquanto olhava para o conteúdo.

A primeira coisa que notei foi sua aliança de casamento.

Peguei-a na pilha de coisas, afastando o relógio e a carteira que a cercavam. Segurei aquela aliança de ouro na palma da mão, rolando-a e tocando o metal com a ponta dos dedos.

Eu nem tinha percebido que ele tinha tirado.

Eu sempre presumi que as enfermeiras ou o agente funerário a haviam removido antes do funeral. Eu sabia que existiam ladrões de túmulos, sabia

que ele não seria enterrado com ela. Mas eu nem tinha me perguntado sobre isso.

Eu não me importei.

Eu me perguntava agora quando ele a havia tirado ou se as enfermeiras tinham feito isso. Ele ficou tão fraco no final. Talvez tenha caído da sua mão.

Talvez ele a tenha tirado quando a outra mulher veio visitá-lo.

Coloquei ao lado.

Foi triste ver o que restava do que um dia um homem consolidado, tudo se resumindo a uma caixinha minúscula. Lá estava a carteira dele, com um pouco de dinheiro, cartões antigos que já haviam sido cancelados, algumas fotos – uma de nós, uma da sua família. Havia um relógio, um par de meias que trouxemos de casa porque seus pés estavam sempre frios no hospital, alguns livros que ele havia solicitado e uma pilha de papéis sobre algo da empresa de tecnologia. Nada disso fazia sentido para mim, exceto que não me surpreendeu que ele tenha trabalhado até morrer.

Ele era esse tipo de homem.

Eu mexi mais na caixa, encontrando pequenas coisas aqui e ali, nada de significativo. Eu não conseguia descobrir por que Sofia tinha pensado que eu precisaria passar por isso, precisava ver tudo isso. Talvez o anel de casamento?

Mas quando cheguei ao fundo da caixa, havia uma pilha de envelopes. E bem no topo aquele que Sofia mencionou. Tinha meu nome escrito em sua caligrafia trêmula e confusa.

Gem.

Eu o peguei, sentindo o papel duro e frio na minha mão enquanto corria meus dedos sobre a tinta. Sempre quis que Carlo escrevesse cartas para mim. Eu pedi a ele quando éramos mais jovens, na faculdade, pensando que seria romântico. Mas ele nunca quis. Então, novamente, para nossos aniversários, tentei dar dicas a ele escrevendo *longas* cartas todos os anos. Ainda assim, ele nunca escreveu uma em troca.

Até agora.

Parecia que eu estava olhando a cena de longe, como se estivesse fora do meu corpo enquanto abria o envelope e desdobrava o papel.

Então respirei fundo e li.

Minha linda Gem,

Não há palavras que eu possa dizer para confortá-lo neste momento. Se você está lendo esta carta, significa que eu morri, que deixei esta terra física e você para trás para viver nela. E, por isso, eu realmente sinto muito.

Mas o que eu quero que você saiba mais do que tudo é que eu te amo.

Eu te amei desde o primeiro momento em que te vi, e meu amor por você só cresceu com o tempo. Sinto muito ter que te deixar antes que pudéssemos construir nossa vida juntos, aquela que sempre imaginamos.

Não há palavras para tornar isso mais fácil, para tirar sua dor ou aliviar os pensamentos que têm me assombrado à noite enquanto estou deitado nesta cama, esperando para partir. Nunca fui bom com as palavras. Essa sempre foi sua especialidade. Mas eu queria escrever esta carta para você e dizer que você é o amor da minha vida, e eu vou esperar por você no céu.

Cuide-se e leve o seu tempo.

Eu te amo.

Carlo

Eu não percebi que estava chorando até que a primeira lágrima caiu do meu rosto molhado, espirrando no papel e manchando a tinta onde ele disse que me amava. E assim que a primeira lágrima caiu, eu me perdi. Meu rosto se contorceu, uma mão cobrindo meu estômago, que parecia ter dado um nó, puxou meu coração junto. Deixei cair a carta no balcão e cobri a boca com a outra mão, fechando os olhos e soluçando mais forte do que jamais havia chorado na vida.

Foi como segurar meu marido em minhas mãos ao ler aquela carta. *Meu* marido. Aquele que eu achava que conhecia. Aquele em quem eu acreditei.

Os soluços que me torturaram nos minutos seguintes foram brutais. Eles me rasgaram de dentro para fora, me deixando sem fôlego, e em um ponto, eu caí no chão, sentada no azulejo frio com os joelhos abraçados no peito.

Eu não conseguia entender por que eu estava chorando. Talvez fosse porque eu sentisse falta dele. Talvez fosse porque eu ainda o amava. Talvez fosse porque eu o odiava também.

Eu não podia ter certeza, nem mesmo quando finalmente me levantei de novo, ainda fungando, olhos inchados enquanto dobrava minha carta e a colocava de volta dentro do envelope. Puxei o restante dos envelopes em seguida, vendo que ele tinha escrito para a mãe, para o pai e até mesmo para os meus pais. Sofia deve ter realmente parado quando viu meu nome, porque a carta endereçada a ela ainda estava lacrada.

Coloquei todas de lado, sabendo que precisaria entregá-las em seguida.

Mas minha mão parou no último envelope da pilha.

Foi escrito para alguém que eu não conhecia. Para um nome que não era familiar.

Brielle.

Tudo ficou mais lento — meu coração, minha respiração, minhas mãos enquanto seguravam o envelope de baixo. Não foi endereçado a mim. Eu sabia que não deveria ler.

Mas eu abri, de qualquer maneira.

Minha linda Brielle,

Não há palavras que eu possa dizer para confortá-lo neste momento. Se você está lendo esta carta, significa que eu morri, que deixei esta terra física e você para trás para viver nela. E, por isso, eu realmente sinto muito.

Mas o que eu quero que você saiba mais do que tudo é que eu te amo.

Eu te amei desde o primeiro momento em que te vi, e meu amor por você só cresceu com o tempo. Sinto muito ter que te deixar antes que pudéssemos construir nossa vida juntos, aquela que sempre imaginamos.

Não há palavras para tornar isso mais fácil, para-

Eu gritei.

Eu não conseguia ler outra palavra. Então, novamente, eu não precisava, porque eram as mesmas palavras que eu tinha acabado de ler. Eram as mesmas palavras que ele havia escrito para mim.

Gritei de novo, mais alto, o som rasgando minha garganta como o último chamado de um animal moribundo. Peguei a carta em minhas mãos, pronta para rasgá-la em pedaços, mas parei, amassando-a e enfiando-a dentro da caixa junto com a minha e tudo mais que estava dentro dela.

Então, eu me virei e a joguei do outro lado da sala.

Ela atingiu minha mesa de café, o conteúdo voando e espalhando pelo chão, e eu gritei novamente.

Mas o grito se transformou em um lamento.

O gemido se transformou em choro.

E antes que eu percebesse, eu estava de volta ao chão. E desta vez, não consegui encontrar forças para me levantar.

Como eu pude esquecer essa dor?

Como pude ser tão estúpida em pensar que valia a pena arriscar isso de novo, deixar alguém entrar, confiar neles quando ninguém era confiável?

Carlo era meu tudo. Era a minha vida, meu melhor amigo. E ele me traiu.

Zach também faria.

Ele pode não querer. Ele pode me prometer que nunca o fará. Ele pode até acreditar em si mesmo quando diz isso. Mas a verdade é que não importa o que diga, não importa o que ele acredite, tudo pode mudar.

O amor é uma estrada escorregadia, cheia de curvas e perigosa, e ninguém está no controle. Não importa o que você dirige, com que cuidado você manobre, em quem você confia para sentar ao seu lado para assumir o volante quando estiver cansado.

A única maneira de se manter seguro é ficar completamente fora da estrada.

Eu não esqueceria isso novamente.

Zach

Foi um soco do caralho.

Eu não tinha ideia de que estava chegando, nem ideia de que eu precisava colocar luvas enquanto me preparava para o trabalho na quinta à noite.

Eu estava pulando, colocando música para tocar e pensando no quanto não podia esperar para ver Gemma. Não importava que eu a tivesse visto na quarta-feira de manhã, saindo da cama com o sol — eu já precisava de mais.

Foi assim desde o momento em que a conheci — sempre precisei de mais. Eu precisava de outro jogo, outra noite, outra chance. Uma vez que eu consegui, eu precisava saber mais sobre ela, precisava estar dentro do seu coração, precisava que ela encontrasse um lar dentro do meu.

As últimas semanas passaram como um borrão e uma dança lenta ao mesmo tempo. Minha família a amava, Doc a amava, e quando Gemma apareceu em uma das noites que eu mais precisava dela... eu pensei que talvez eu também a amasse.

Era muito cedo para isso, eu sabia antes mesmo de me deixar pensar nessas palavras. Mas só porque era muito cedo para dizê-las não significava que eu não podia sentir.

Eu mal podia esperar para vê-la novamente, e ela iria ao bar naquela noite. Para completar, se o *Bears* conseguisse outra vitória, nos colocaríamos em uma ótima posição para a corrida dos *playoffs*.

Ia ser uma boa noite.

Isso *era* o que eu pensava.

Eu não sabia que do outro lado da cidade, aquela mesma garota que eu mal podia esperar para ver não era a mesma garota que eu deixei na cama na quarta de manhã.

Doc e eu estávamos em um ritmo, o bar já lotado para o jogo fora de casa, enquanto fazíamos o nosso melhor para acompanhar os pedidos. Desde que ele me deu a notícia, não discutimos os próximos passos. Eu sabia que tinha uma escolha a fazer, mas não sabia quanto tempo eu teria para decidir. Então, embora estivéssemos trabalhando normalmente, havia um ar diferente ao nosso redor — uma vibração diferente.

Ele estava indo embora, e eu ainda não tinha aceitado.

— Você pode atender aquelas garotas no final do bar? — Doc gritou para mim enquanto passava, equilibrando os gargalos de várias cervejas em suas mãos.

— Deixa comigo — eu disse, os olhos contornando uma das telas de TV. Já se passavam cinco minutos do primeiro quarto, e Gemma ainda não tinha aparecido.

Eu tentei me livrar dessa sensação estranha, sabendo que ela chegaria eventualmente. Talvez ela tivesse pegado trânsito, ou talvez tenha ficado

presa no trabalho. Mas havia uma sensação de aperto no peito que me dizia que algo estava errado.

O caos continuou, Doc e eu correndo de um lado para o outro, parando apenas para tomar um gole de água ou torcer com a multidão quando o *Bears* fez uma boa jogada. Quando o primeiro quarto terminou e Gemma ainda não tinha chegado, peguei meu telefone para mandar uma mensagem para ela.

E foi nesse exato momento que ela entrou.

Ela parecia um inferno. O fato de eu poder pensar que isso significava alguma coisa também, porque eu a tinha visto no fim do dia e de manhã cedo sem um pinga de maquiagem no rosto, e ela estava sempre linda. Mas esta noite, mesmo com o rosto cheio de maquiagem, seus olhos estavam inchados e cansados, sua boca em uma linha reta, seus braços cruzados sobre a cintura como se ela estivesse se segurando com aquele aperto.

Algo estava errado.

Doc a viu ao mesmo tempo que eu, e ele me lançou um olhar preocupado ao vê-la. Eu apenas balancei a cabeça, deixando-o ciente de que eu precisava de um minuto; então entreguei duas cervejas para os caras que eu estava cuidando a noite toda no meu caminho ao redor do bar e me aproximei de Gemma.

Assim que a alcancei, puxei-a para mim.

— Aí está você — eu respirei em seu cabelo, beijando sua testa quando me afastei. — Eu estava preocupado. Você está... está tudo bem?

Ela não tinha amolecido em meu abraço, e agora que estávamos separados novamente, ela parecia apenas se enrolar mais em si mesma. Seus olhos não encontraram os meus. Ela estava a apenas alguns centímetros de distância, e ainda assim parecia que havia quilômetros e mais quilômetros entre nós.

— Nós precisamos conversar.

Engoli em seco.

— Podemos ir lá fora?

Tudo em mim queria dizer não. *Não, não podemos sair e não podemos conversar porque o que quer que você queira falar não pode ser bom – não com seus olhos mirando o chão ao invés de mim.*

— Ok — eu disse em vez disso.

Coloquei minha mão em suas costas, os olhos encontrando os de Doc brevemente antes de conduzi-la para fora. Estava ventando, o frio pinicando minhas bochechas assim que saímos. Meu suéter não ajudou em quase nada, e eu sabia que mesmo embrulhada em seu casaco e botas, Gemma devia estar congelando também.

— Está frio aqui fora — eu comentei, a voz apenas um sussurro. Estava mais quieto lá fora, o barulho do bar quase todo abafado.

Gemma continuou andando, me levando até a esquina, para o mesmo pequeno lote em que trocamos alguns passes em seu aniversário.

— Estou bem. Você quer ir pegar um casaco?

Eu balancei a cabeça, puxando-a para parar assim que estávamos no estacionamento. Os prédios do entorno bloqueavam o vento, e embora ainda estivesse frio, eu não conseguia pensar em nada além do que estava atormentando Gemma.

— O que está acontecendo? — eu perguntei a ela, emoldurando seus ombros em minhas mãos. — Você está bem?

Seus braços ainda estavam cruzados, os olhos brilhando enquanto olhava para a rua. Ela ainda não conseguia olhar para mim.

— Eu não posso mais fazer isso, Zach — ela respirou fundo, e eu senti meu coração quebrar com as palavras, estilhaçando como uma árvore atingida por um raio.

Estava difícil engolir a saliva.

— Não entendo.

— Eu tenho um encontro para o jogo da próxima semana — disse ela, fungando, seus cílios se movimentando rápido para tentar evitar que as lágrimas caíssem dos seus olhos. — Vou voltar ao meu plano original.

Pisquei uma vez, digerindo o que ela havia dito. Minhas mãos ainda a seguravam enquanto eu piscava, tentando descobrir o que era tudo aquilo, mas eu estava vazio.

Eu deixei minhas mãos caírem.

Dei um passo para longe dela.

E então ela finalmente olhou para mim.

— Isso é uma piada — eu disse, procurando seus olhos esmeralda. Eles estavam tão escuros nessa noite, tão cansados, ainda cobertos de lágrimas

que ela não deixava cair. — Você não está falando sério. Depois de tudo... por que diabos você levaria outra pessoa para o jogo. O que isso significa? — Dei um passo em direção a ela, preenchendo o espaço que tinha acabado de deixar entre nós. — E a gente?

Ela apertou os olhos, lágrimas finalmente caindo sobre as maçãs de seu rosto.

— Gemma — eu disse, estendendo a mão para ela. — O que quer que esteja acontecendo, o que quer que tenha feito você se sentir assim, podemos descobrir como lidar com isso. Juntos.

— Não — ela sussurrou, e quando minhas mãos a tocaram, ela se afastou. — Não!

Eu levantei as mãos, e ela me observou com olhos selvagens, como um cachorro maltratado encurralado em um canto.

— Você não entende? — ela disse. — O que estamos fazendo, fingindo que está tudo bem. Não está bem. *Não estou* bem, Zach. Tudo parece incrível agora. Estamos passando todo o nosso tempo juntos. Você está me deixando entrar, eu estou deixando você entrar. Estou confiando em você, você está confiando em mim. Mas você sabe o que vem depois? — Gemma se aproximou. — Tudo vai mudar. Tudo isso. Isso, o que sentimos... — ela disse, gesticulando entre nós. — É temporário. E vai embora. E não importa o que você diga agora, o que você acredita agora, um dia isso vai mudar e você vai mentir para mim e partir meu coração, e eu estarei no chão de novo e não posso...

Sua voz falhou, e ela cobriu a boca com uma mão, balançando a cabeça. E eu vi em seus olhos o fantasma do ex-marido ainda a assombrando.

Ela perdeu o marido, aquele com quem ela pensou que ficaria para sempre.

Claro, ela estava sofrendo. Claro, ela não estava bem.

Mas eu poderia ajudá-la. Eu poderia amá-la para que superasse isso – ou qualquer coisa.

— Gemma, eu não vou a lugar nenhum — eu disse.

— Você não pode prometer isso! — ela gritou. — Lembra? Nós dissemos. Fizemos disso uma regra. *Sem promessas*.

— Gemma...

— Eu já ouvi essas palavras antes — ela disse, me cortando. — Eu vi aqueles mesmos olhos, acreditei em um homem quando ele disse que eu era a única para ele.

Suas palavras saíram de sua garganta como as chamas fluindo da boca de um dragão, mas elas só me confundiram.

— Ele disse as mesmas coisas. Ele acreditou nelas também, e é por isso que *eu acreditei*. Quer dizer, você poderia ter contratado uma escolta para tentar pará-lo, Zach, e ele a teria empurrado para o lado e me procurado. Você poderia ter prometido a ele a mulher mais gostosa do planeta, e ele ainda teria dito que *me queria*. — Ela revirou os lábios, mais duas lágrimas escorrendo de seus olhos quando soltou algo próximo a uma risada. — Mas mudou. Sempre muda. E não vou fazer isso de novo. Eu *não posso* fazer isso de novo.

— Gemma, eu não entendo. — Estendi a mão para ela, mas ela se afastou novamente.

— Ele me traiu! — ela gritou.

As palavras ecoaram nas paredes de tijolos ao nosso redor, nos envolvendo de novo, e de novo, até que finalmente desapareceram, mas eu as ouviria para sempre.

Os olhos de Gemma lacrimejaram novamente, e ela não podia mais lutar contra as lágrimas, elas vieram muito rápido. Ela balançou a cabeça, passando as mãos pelos cabelos enquanto se afastava de mim.

— Ele estava tendo um caso. E no mesmo dia em que eu ia dizer a ele que sabia, no mesmo dia em que peguei o apartamento em que moro agora, no dia em que ia dizer a ele que estava tudo terminado e que estávamos nos divorciando? — Ela se virou então, prendendo-me com seu olhar. — Foi o mesmo dia em que ele me disse que estava morrendo de câncer.

Abri a boca, mas não sabia por quê. Eu não tinha uma única palavra a dizer.

Gemma assentiu, seus olhos lendo os meus.

— Sim. Então eu fiquei, e segurei minha língua, e segurei a mão do meu marido enquanto eu o via murchar em apenas quatro semanas. E quando ele morreu, *ela* estava lá, nos fundos, chorando mais do que eu, lamentando o homem que ela amava e que era casado com uma mulher que ela nunca

considerou estar sendo ferida no processo. — Ela fez uma pausa. — *Brielle*. Eu sei o nome dela agora. E, de alguma forma, isso a torna ainda mais real.

Seu rosto se contorceu com isso, e Gemma se inclinou contra a parede de tijolos novamente, os ombros caídos.

Seus olhos estavam distantes quando falou novamente.

— Sim, ela estava lá, no funeral — Gemma repetiu. — Mas fui eu quem o enterrou. E enterrei seu segredo junto com ele. Eu nunca disse a ele que sabia. Eu nunca contei a ninguém, além de Belle.

— Jesus, Gemma — eu respirei fundo. Minhas mãos queriam tanto segurá-la, para puxá-la para mim, mas eu as mantive em punhos ao meu lado. — Eu sinto muito. Eu não sabia.

— Exatamente — ela cuspiu de volta. — Você não sabia, porque eu não te contei. Porque eu não confio em você. Achei que sim, mas estava mentindo para mim mesma e para você. Não confio em *ninguém* — enfatizou ela, balançando a cabeça. — Não mais.

Meu coração se partiu nesse momento, mas não por mim. Por ela. Por esta mulher linda, incrível, inteligente, forte e resiliente que passou por algo que ninguém nesta vida deveria passar.

Ela pensou que estava me assustando. Ela pensou que eu ia correr.

Eu só queria abraçá-la mais forte.

— Venha aqui — eu disse. Eu segurei meus braços abertos enquanto ela balançava a cabeça. — Só por um minuto. Por favor, Gemma, venha aqui.

Ela ainda estava chorando, balançando a cabeça como se tudo fosse inútil enquanto diminuía a distância entre nós. Eu a peguei em meus braços, a envolvi no maior abraço que pude, e nós dois soltamos um longo e cansado suspiro.

Por um momento, eu apenas a segurei, imaginando o que dizer. Quando eu finalmente falei, foi suave, palavras sussurradas em seu cabelo.

— Você está com medo — eu disse. — Entendo. Confie em mim, eu sei. Quero dizer, namorar... amor... não é um jogo que você apenas faz sua parte e tudo dá certo. Infelizmente, você também precisa ter a pessoa certa do outro lado do tabuleiro. O que ele fez com você foi... horrível, Gemma. É absolutamente horrível, e eu sinto muito que você tenha passado por isso sozinha.

— Eu não quero sua pena.

— Não, eu sei que você não quer — eu disse, ainda segurando ela. — Só estou dizendo que... — *O que eu estava dizendo?* Parecia que eu não conseguia entender, não conseguia encontrar as palavras certas. — Só estou dizendo que, sim, o amor dói. Mas a vida sem isso? — Eu balancei a cabeça. — Não vale a pena viver.

Essas palavras pairaram entre nós, suspensas no espaço, e eu esperava que ela as entendesse. Tentei encontrar algo mais. O que eu tinha dito não era tudo o que eu queria dizer, não era tudo o que ela precisava ouvir. Mas eu precisaria de tempo. Eu precisaria que ela me deixasse abraçá-la. Eu precisava que ela apenas... *confiasse em mim*, para me dar tempo para provar que estava errada.

E então, eu a segurei, e esperei que ela usasse as pequenas palavras que eu tinha como algo a que se agarrar, algo em que acreditar.

Mas ela apenas riu e me empurrou para longe.

— Inacreditável — ela murmurou quando estava fora do meu alcance. Seus olhos encontraram os meus, fogo queimando ao redor das íris. — Ele me *traiu*, Zach. Antes de morrer, ele me traiu, e eu tive que enterrar esse segredo. Eu nunca vou saber por quê. Eu nunca vou saber por quanto tempo. Não que isso importe, porque tudo o que *importa* é que ele era o marido perfeito, ele disse todas as coisas certas e me tratou como qualquer mulher imploraria para ser tratada, e mesmo assim... ele me traiu.

Eu a queria de volta em meus braços, queria que ela sentisse meu batimento cardíaco quando eu dissesse a ela que nunca faria a mesma coisa. Mas ela continuou se afastando, cada vez mais longe, colocando mais distância entre nós.

— Você sente essas coisas agora, mas algum dia você vai acordar e simplesmente tudo não vai mais estar lá — ela disse. — E eu não posso fazer isso. Eu não posso ficar por aqui e esperar por esse momento.

Eu balancei a cabeça, seguindo-a enquanto ela tentava se afastar.

— Você acha que é a única que passou por merda, Gemma? — eu perguntei, o coração trovejando no peito. — Você acha que você é a única que foi ferida? Micah também foi diagnosticado com câncer. Você sabia disso?

Gemma parou, virando-se o suficiente para encontrar meus olhos.

Eu balancei a cabeça.

— Sim. Quando ele tinha *quatro anos*. E eu tinha dezoito. Eu estava no meu primeiro ano de faculdade, com uma bolsa paga para jogar futebol. Eu estava vivendo meu *sonho*. E, de repente, eu tinha uma escolha a fazer. Eu poderia ter ficado e jogado futebol, deixado meus pais descobrirem o que fazer com meu irmão. — Eu balancei a cabeça. — Claro que eu poderia. Isso é o que eles disseram que eu *deveria* ter feito. Mas você sabe o que eu realmente fiz? Eu desisti. Fiz a escolha de colocar minha família em primeiro lugar, acima dos meus sonhos, acima de qualquer outra coisa, porque *eles* são o que mais importa para mim. E, sim, eu perdi a garota que eu achava que era meu tudo na época, quando ela decidiu que futebol era o que ela realmente amava, não eu. Mas você quer saber? Eu ainda voltaria no tempo e faria a mesma escolha, de novo, e de novo. Porque eu amo minha família, e eles são tudo de mais importante para mim. Eles precisavam da minha ajuda, financeiramente, emocionalmente, e eu estava lá para eles. Então você pode dizer o que quiser sobre Carlo, mas não me conhece o suficiente para dizer que sabe como vou ou não agir no futuro. Minha família? — eu disse, batendo no peito. — Minha esposa? Ela será meu *tudo*. Sou um homem de palavra, Gemma. — Fiz uma pausa, falando mais alto. — Isso é uma coisa que você não pode tirar de mim.

Gemma piscou, me observando como se eu fosse uma pessoa completamente nova.

— Eu...

— Não sabia? — Eu balancei a cabeça. — Sim, bem, diferente de como você colocou tão delicadamente antes, eu *teria* dito a você. Um dia. Quando chegássemos a esse ponto. E acredito que você também teria me contado sobre Carlo. É assim que o amor funciona. Você aprende mais um sobre o outro, você confia, você dá e recebe em igual medida e, sim, você corre um risco do caralho — eu disse, exausto agora.

Gemma apenas me observou, e eu dei outro passo, me aproximando, segurando meus braços abertos.

— Ao meu irmão não foi prometido mais um ano, Gemma, e ele está aqui. Ele está vivendo a vida sem um único pinga de medo, mesmo que tenham dito que ele não chegaria aos cinco anos de idade. Se ele pode fazer isso, a gente então? Nós podemos fazer qualquer coisa. Mas não podemos assumir um *único* segundo como garantido. Nós vamos fazer um ao outro

feliz, Gemma. E claro, às vezes, a gente vai se machucar também. Nós vamos errar. É assim que funciona.

Ela não se moveu quando eu me aproximei dela, uma chicotada de vento nos acertando assim que eu a alcancei, segurando suas mãos nas minhas. Eu as levantei, pressionando meus lábios em seus dedos e segurando-os lá enquanto meus olhos encontravam os dela.

— Você tem que arriscar, sim. Eu não vou mentir para você. Você tem que enfrentar esse medo. — Eu sorri. — Mas assim como segurei sua mão no *Tilt*, vou segurar sua mão agora. Se você deixar.

Seus olhos lacrimejaram novamente, suas mãos apertando as minhas em troca. Eu senti isso, ela queria se inclinar para mim, se apoiar em mim.

Mas ela não o fez.

— Gemma — eu disse novamente, os olhos ainda nos dela. — Confie em mim.

Ela engoliu em seco, fechando os olhos enquanto mais lágrimas eram liberadas com o movimento, cada uma delas correndo para se juntar às outras que haviam caído.

Ela apertou minhas mãos, e então puxou as dela.

— Não posso.

As palavras saíram como um sussurro, uma verdade dita tão suavemente que eu queria acreditar que era uma mentira. Mas Gemma se virou, me deixando vê-la partir, impotente para mantê-la ou convencê-la de que o que tínhamos era suficiente, que poderia ser o que ela sempre quis, se ela apenas desse a chance.

Tudo o que eu podia fazer era ficar.

Tudo o que eu podia fazer era deixá-la ir.



CAPÍTULO 21

Gemma

ESTÁ TUDO BEM.

Foi o que eu disse a mim mesma enquanto machucava meus joelhos, curvada no chão da cozinha esfregando o fundo do meu forno. O vapor do desengordurante de alguma forma me trouxe conforto, e eu cantei junto com a música que soava no meu alto-falante. Era domingo, e eu passei o dia todo no Soldier Field. Conseguimos mais uma vitória. Estávamos a caminho dos *playoffs*.

Tudo estava bem.

A semana de alguma forma passou voando e se arrastou ao mesmo tempo, mas eu estava ocupada. Eu me joguei no trabalho e depois limpei a casa, fiz ioga e experimentei algumas receitas novas que eu queria tentar. Eu vasculhei algumas caixas de lembranças antigas, aquelas que eu tinha guardado no fundo do armário. Eu até peguei o velho ukulele que eu costumava tocar perto das fogueiras na faculdade. Eu não me lembrava muito, mas foi um desafio tentar.

Tudo estava *bem*.

Tinha sido um jogo mais cedo, ao meio-dia, então eu estava em casa com bastante tempo livre para terminar minha lista de tarefas para o fim de semana. O sol tinha acabado de afundar atrás dos prédios no centro da cidade quando, de repente, minha música foi desligada. Quando eu me

virei, encontrei Belle parada ao lado do alto-falante com os olhos arregalados enquanto observava meu apartamento.

Ela olhou para as janelas — as que eu limpei de cima a baixo. Então examinou as novas molduras e telas que eu havia pendurado acima do sofá. Seus olhos continuaram a ronda, observando a cozinha impecável, o chão lavado, o ukulele apoiado no canto da beira do sofá, as três assadeiras de brownies que eu preparei — eu estava planejando levá-los para o escritório.

E então seus olhos me encontraram, ainda de joelhos no chão da cozinha perto do meu forno. Limpei a testa com as costas da mão coberta pela luva de borracha amarela e sorri.

— Oi, Belle.

Seu rosto enrugou.

— Oh, querida. Isto é ruim. Isso é muito, *muito* ruim.

Suspirei, voltando para o forno, já de volta ao trabalho antes de responder.

— Estou bem.

— Claramente.

— Eu estou — eu defendi. — Olhe para este lugar. Está impecável. E eu tenho feito ioga e meditado, e assei algumas guloseimas para o escritório, e fui ao jogo hoje e vencemos, e provavelmente vamos para os *playoffs*, e tudo está apenas... — Não tinha ideia de por que meu peito de repente doeu, por que meus olhos estavam embaçados de lágrimas. — Bem. Tudo está bem.

Belle contornou a ilha da cozinha, se abaixando, até que ela estava no chão comigo. Ela me observou esfregar por um momento, e quanto mais olhava, mais eu me sentia como um inseto sob um microscópio.

E o maldito lugar que eu estava tentando alcançar não ficava limpo. O que *era* mesmo aquilo? Queijo de pizza? Algo do inquilino antes de mim?

Esfreguei cada vez mais forte, meus braços doendo, cabelo caindo no meu rosto. Mas não ia sair. Nada o faria ceder. Eu rosnei, jogando a esponja longe e caindo de bunda enquanto meu peito arfava; eu olhei para aquele local, meus olhos embaçados.

— Não vai sair — eu disse, a voz falhando enquanto gesticulava para a mancha escura e misteriosa no meu forno impecável. — Não consigo tirar.

Lágrimas turvaram minha visão, e tentei abrir bem os olhos para que não caíssem, mas elas se acumularam até descerem sobre minhas bochechas.

Belle suspirou, abrindo os braços de onde estava sentada ao lado do forno.

— Venha aqui.

Eu me arrastei até o seu abraço, e minha melhor amiga me abraçou como minha mãe nunca fez. Ela me embalou um pouco, me acalmando com um suave *shhh* enquanto eu chorava, e eu odiava estar chorando, odiava estar sendo fraca.

Eu odiava que *nada* estivesse bem.

— Fale comigo — Belle disse, ainda me balançando, seus dedos correndo pelo meu cabelo que tinha soltado do rabo de cavalo bagunçado. — E não me venha com aquela baboseira de *estou bem*, merda. Me fala a verdade.

Soltei um longo suspiro, me soltando do seu abraço. Tirei as luvas, e Belle segurou uma das minhas mãos; eu usei a outra para enxugar as lágrimas do meu rosto. Olhei para o azulejo brilhante e impecável em que Belle e eu nos sentamos, tentando encontrar as palavras certas.

— Ele não veio para o jogo — eu comecei, fungando, sem saber por que isso importava. — Eu fui, e fui sozinha, nem levei ninguém. E eu disse a ele para me deixar em paz, eu disse a ele que tinha acabado, mas eu não sei...

— Ainda havia uma parte de você que achava que ele poderia aparecer — Belle terminou para mim.

Eu balancei a cabeça.

— Você sentiu falta dele.

Eu balancei a cabeça novamente.

— Eu não sei por que me sinto assim — admiti. — Fui eu quem acabou com tudo. É o melhor, eu sei que é a decisão certa, mas não consigo comer, não consigo dormir, não consigo acordar um dia sem que não pareça que há um tijolo gigante no meu peito. Ele não me mandou uma mensagem, que é o que eu queria, certo? Mas então eu olho para o meu telefone toda vez que ele toca na esperança de ver o nome dele. — Eu balancei a cabeça. — É doentio. Eu estou doente.

Belle riu, alisando sua mão sobre a minha.

— Não, você só está mal.

— Com o quê? Gripe?

Ela franziu o nariz.

— É mais como se você tivesse sido mordida pelo inseto do amor.

Eu gemi, inclinando-me para ela.

— Isso é o que eu estava tentando *evitar*.

— Nós não temos nada a dizer sobre isso, amiga — disse ela, esfregando minhas costas. — Odeio ser a única a contar isso para você. O que exatamente você disse a ele, na noite que vocês estiveram juntos?

Suspirei.

— Eu basicamente disse a ele que não confiava nele, não confiava em ninguém, e mesmo que ele estivesse dizendo que queria estar comigo agora, mesmo que acreditasse nisso de verdade, um dia ele acordaria e se sentiria diferente, e eu não poderia fazer isso de novo.

— Ele não é o Carlo, Gemma... — Belle sussurrou.

Eu empurrei meu corpo para trás, olhando em seus suaves olhos azul-acinzentados.

— Ele não tem que ser. Carlo estava desesperadamente apaixonado por mim, Belle. Você nos viu juntos. Você viu o jeito que ele me tratava, o jeito que ele me amava, e então ele simplesmente... ele simplesmente...

— Ele mudou de ideia.

Eu não respondi. Eu não precisava.

— O que gerou tudo isso? Eu pensei que você tinha deixado isso de lado. Achei que você ia dar uma chance e tentar com Zach. — Belle balançou a cabeça. — Você o viu comigo no jogo e quase me deu um soco na garganta. Você gosta dele. As coisas estavam indo muito bem. O que mudou?

Eu funguei, me levantando sem dizer mais nada e atravessando minha sala de estar. Eu fui até onde a caixa de coisas de Carlo estava enfiada atrás do meu sofá. Peguei as cartas — a minha e a de Brielle — e as entreguei a Belle, afundando de volta no azulejo ao lado dela.

Ela olhou para os nomes por um momento, me lançando um olhar curioso antes de abrir a minha primeiro. Ela leu em silêncio enquanto eu cutucava meu esmalte, e assim que ela a dobrou e abriu a de Brielle, levou apenas três segundos para xingar e jogar o papel pela cozinha.

— Aquele filho da puta.

Ela olhou para as cartas do outro lado da sala como se pudesse incendiá-las apenas com o olhar. Então seus olhos me encontraram novamente, suas sobrancelhas se juntaram.

— Isso é o que estava na caixa que Sofia trouxe?

Eu balancei a cabeça.

— Deus, Gemma... eu sinto muito, muito. Isso é horrível. Lamento que você tenha que ver isso.

— Ele escreveu a mesma coisa para ela que escreveu para mim — eu sussurrei, os olhos se enchendo de lágrimas novamente. — Nenhuma das duas importava para ele. Foi tudo só um jogo, até o dia em que ele faleceu.

Belle ficou quieta por um momento, e eu jurei que podia sentir aquele silêncio como um cobertor frio e molhado em cima de nós duas.

— Você acha que ele apenas... ele escreveu antes de saber o quão ruim ele realmente estava? Ele pretendia me dar a minha em particular e dar a dela depois? Quero dizer... — Eu balancei a cabeça. — Eu nunca deveria ter visto aquela carta, aquela para Brielle. Mas eu vi. E agora...

Minha voz sumiu, e minha melhor amiga ficou sentada no chão comigo, ainda quieta, processando. Quando ela finalmente falou de novo, ela o fez com os olhos fixos em mim, mas eu apenas encarei o azulejo.

— Ok, eu sei que deve ter doído. Eu sei que deve ter desencadeado tudo o que você estava tentando esquecer, cada medo terrível que você estava tentando superar confiando em Zach. Mas, querida... Zach é diferente. Você sabe disso.

— Eu sei? — eu desafiei. — Pensei que conhecia Carlo, mas me enganei. Eu nunca suspeitei... — Eu balancei a cabeça. — Ver aquelas cartas trouxe de volta toda a dor. Isso me lembrou de tudo o que senti, e uma vez que me lembrei, não consegui descobrir como pude esquecer essa dor.

Belle franziu a testa.

— Eu não posso confiar em Zach — eu disse a ela. — Eu não posso confiar nele, ou amá-lo, ou *ser* amada, porque eu sinto que estou sendo estúpida. Eu me sinto como um dos cães no teste de Pavlov que nunca aprendeu a lição, que está apenas esperando para ser derrotado por ser burro demais para ser útil. — Eu balancei a cabeça, cutucando meu esmalte

novamente. — Carlo estragou tudo, ele *me arruinou*. Eu quero amar e não posso ao mesmo tempo.

— Você realmente acha que Zach iria trair você? Você acha que ele consegue enxergar alguém *além de você*?

— Não é sobre isso — eu disse, balançando a cabeça. — É só... tudo. O amor é perigoso. Apaixonar-se por alguém, confiar nessa pessoa para cuidar do seu coração, para continuar te amando mesmo quando os tempos ficarem difíceis... quero dizer, você sabe. — Fiz um gesto para a minha melhor amiga. — Você é do mesmo jeito. Você é esperta. Você não ama ninguém, e fica em segurança.

— Eu também fico sozinha. E deixa eu te dizer uma coisa — ela disse, certificando-se de que eu estava olhando para ela antes que terminasse seu pensamento. — O modo como vivo? Não é glorioso. Não está livre de mágoa ou dor ou qualquer merda que você passa com o amor. Pelo menos, quando você está apaixonada, tem outra pessoa com quem passar por tudo isso.

Meus ombros caíram.

— Só não quero me machucar.

— Certo — ela disse. — Porque você não está totalmente machucada agora.

Eu não respondi, suas palavras me atingindo sutilmente, suavemente, mas como um soco – como uma agulhada no coração.

— Olha, eu não estou dizendo a você o que fazer, Gemma— Belle disse. — Mas eu vou te dizer uma coisa. A maneira como Zach olha para você? A maneira como ele viu o melhor em você, antes mesmo de você mostrar a ele? A maneira como ele lutou por você, *ainda* luta por você, a maneira como ele se abre para você e permite que você veja as coisas que mais *o assustam*? — Ela balançou a cabeça. — Isso é raro. É tão, *tão* raro, querida. E não vou dizer qual é a decisão certa, mas vou dizer que, se eu fosse você, se fosse eu no seu lugar... — Belle sorriu, pegando minha mão na dela. — Garota, eu perseguiria aquele cara. E se eu o pegasse de novo, se ele me desse outra chance, eu nunca o deixaria ir.

— E se ele me deixar em um ano ou dois? Se ele me trair? Se ele...

— *Se-se-se* — ela imitou. — Se ele for embora, ou você for embora, se um de vocês mudar de ideia e tudo isso desmoronar? Bem, pelo menos você

tentou. E pelo menos você vai ter vivido o tipo de amor que a maioria das pessoas sonha. Pelo menos, mesmo que por alguns passos curtos desta vida, você tem que ter alguém andando ao seu lado, alguém segurando sua mão e se importando se você está bem ou não. — Belle inspirou e continuou: — Só isso já vale o risco.

Fechei os olhos, liberando uma nova onda de lágrimas quando a muralha o meu peito caiu, meus pulmões tremendo por falta de ar, o coração batendo mais rápido.

Eu o queria.

Eu sabia que Zach poderia me machucar. Eu sabia que poderia machucá-lo. Eu sabia que tudo poderia acabar em um incêndio catastrófico no final. Mas eu não podia deixar isso passar – ainda não.

Eu não queria existir em um mundo onde nós nem ao menos tentamos.

— Oh, Deus — eu disse, cobrindo meus lábios com a mão. — Isso é o que sempre acontece. Eu me senti fora de controle, então eu simplesmente... pirei. Eu deixo minhas emoções governarem tudo. Deveria ter falado com você primeiro. Deveria ter falado com *ele*. — Balancei a cabeça. — O que eu faço? Como eu... eu disse tantas coisas horríveis. Ele se abriu para mim e me pediu para ficar, e eu simplesmente...

— Ei — Belle disse, baixando seu olhar para o meu. — Ele não deve nada a você, ok? Ele pode não querer tentar novamente. Mas *você* não saberá disso até tentar. — Ela deu de ombros. — É isso. Você tem que fazer a sua jogada, e então terá que esperar e torcer para que ele faça uma de volta.

Fazer minha jogada.

Eu repassei suas palavras na cabeça, ainda sentada naquele chão frio enquanto imagens do sorriso de Zach, de seus olhos escuros e amorosos me cercavam.

Belle estava certa.

Era agora ou nunca, e não havia garantia de que qualquer coisa funcionaria. Ele não me devia uma segunda chance, mas eu imploraria por uma, de qualquer maneira.

Era hora de fazer a minha jogada.

Eu só esperava que eu fizesse a certa.

— Ugh, me mata — disse Micah no sábado à noite, cruzando os braços, sentado ao meu lado em sua cama.

— Shhh. — Eu acenei para ele, meus olhos na pequena tela de televisão apoiada na cômoda ao pé da sua cama. Estávamos perto do fim de *O Lado Bom da Vida*, e Bradley Cooper abraçou Robert De Niro, seguindo seu conselho sobre a garota que tinha acabado de sair da sala, a garota que o amava, a garota que ele amava de volta.

Jennifer Lawrence.

— Desculpa, mas isso é uma porcaria — Micah continuou. — O quê? Ele vai largar de repente essa obsessão que ele teve todo esse tempo pela esposa, ou ex-esposa, ou o que quer que ela seja, e ir atrás dessa outra garota em vez disso?

— Shhh! — eu disse novamente, desta vez batendo em seu braço. — Esta é a melhor parte. Cale-se.

Micah gemeu, mas eu o ignorei, observando Bradley perseguir Jennifer pelas ruas. Ela gritou para ele deixá-la em paz, e então uma das minhas declarações de amor favoritas de todos os tempos aconteceu, e eu recitei com Bradley, palavra por palavra.

Isso me rendeu outro revirar de olhos de Micah.

Quando as palavras saíram, Jennifer estava de volta nos braços de Bradley, beijando-o e selando a verdade em cada palavra que ele acabara de dizer. Deixei escapar um longo suspiro, o peito doendo, lágrimas ardendo nos cantos dos meus olhos, embora eu não as tenha deixado cair.

— Você é um perdedor.

Eu bati em Micah com um travesseiro.

— O que aconteceu com estar ao meu lado me dando apoio?

— Eu não sabia que seria um festival de garotas.

— Você está falando sério? — perguntei, pausando o filme. — Com toda a emoção, a verdadeira merda desse filme, você acha que é tudo *coisa de garota*? Isso é real. Esta é a vida. E seja homem ou mulher, você deve ser capaz de apreciar isso.

Micah deu de ombros.

— Quero dizer, as coisas do futebol eram legais. Eu gostava da família dele. Mas, vamos lá — ele disse, apontando para a tela onde eu havia pausado, Bradley e Jennifer estavam em uma cena de beijo giratório. — Ela é louca. *Ela é absolutamente louco*. Em que mundo isso funciona?

— Mas é só isso — eu disse, batendo em seu peito. — Ambos são um pouco loucos, ambos um pouco confusos. Mas eles estão escolhendo ser confusos juntos.

Micah piscou.

Houve uma risada atrás de mim, e papai entrou, sentando na beirada da cama. Ele olhou para a tela antes de seus olhos encontrarem os meus.

— Eu não acho que seu irmão tenha idade suficiente para apreciar esse filme ainda, filho.

— Ou eu tenho o órgão reprodutor errado entre as pernas — Micah disparou.

Papai estendeu a mão e deu um tapa na perna dele.

— Não há nada de errado em estar em contato com seus sentimentos, Micah — ele disse. — Seu comentário é machista. Homem ou mulher, você precisa saber ouvir suas emoções e lidar com elas.

Micah se encolheu, e eu reconheci a sombra que passou sobre ele. Papai já me defendeu intensamente muitas vezes. Quando lutava contra o resto do mundo, que me mandava ser homem e dizia que sentimentos são de alguma forma femininos, que ser feminino é de alguma forma inferior, papai era provavelmente o único que poderia quebrar esse paradigma, tanto para mim quanto para Micah.

E ele sempre agia nesse sentido.

— A maioria se fecharia em uma situação como essa — papai continuou. — Eles fingem que estão bem e continuam seguindo em frente. Seu irmão está tomando o tempo dele para resolver alguns pensamentos e sentimentos realmente difíceis, e ele será mais forte depois disso.

— Ou serei um defunto — argumentei. — O júri ainda está decidindo.

Os olhos de papai suavizaram, e eu sorri para aliviar sua preocupação, tentando o meu melhor para fingir que estava brincando. Fazia duas semanas que Gemma e eu tínhamos terminado, e, ainda assim, eu estava um desastre completo. Meu apetite era inexistente, meu sono era semelhante, e

o trabalho era o único lugar onde eu me sentia um pouco bem. Mesmo ali, eu tinha a decisão sobre o bar pairando sobre mim, e meu tempo estava se esgotando.

Doc queria ir depois do ano novo. E isso significava que eu tinha de decidir logo se ele venderia o bar antes de ir embora ou transferiria tudo para mim.

Era difícil pensar nisso — em qualquer coisa — porque Gemma ocupava cada centímetro da minha mente. Ela foi a primeira coisa em que pensei quando abri os olhos, me assombrando a cada segundo do dia até que finalmente caí em um sono irregular. E, mesmo assim, ela estava lá, em meus sonhos, esperando para me foder mais.

Eu estava uma bagunça.

Eu não podia culpar meu irmão por estar cansado de tentar me ajudar a passar por isso. Meus pais foram um pouco mais compreensivos, um pouco mais pacientes, mas se eu estava *me irritando* — não conseguia imaginar como meu irmão de dezesseis anos se sentia.

— O jantar está quase pronto — mamãe disse, apoiando seu quadril contra o batente da porta. Ela sorriu quando viu nós três na cama. — Ah, meus meninos. Me lembro de quando vocês eram mais jovens.

— Você só sente falta do meu cabelo — papai disse, passando a mão sobre o local onde estava ficando careca.

Mamãe sorriu, cruzando a sala e se curvando para beijar a pele nua.

— Você é ainda mais sexy sem o cabelo, meu amor.

— Eca — Micah gemeu, mas eu sorri.

Eu queria isso. Eu queria tanto. E pensei que poderia tê-lo.

Com Gemma.

Talvez eu tenha entendido errado, talvez tenha investido mais do que ela. Eu sabia que ela queria ir devagar, e nós fizemos isso, mas ela se abriu para mim também. Ela me deixou entrar, me queria perto dela todos os dias, queria compartilhar seu passado comigo e me pedir para compartilhar o meu também.

Claro, ela deixou de fora uma das partes mais importantes do seu passado.

Eu não podia culpá-la por não confiar em mim — não confiar em *ninguém* — depois do que seu ex-marido fez. Era um tipo de dor que eu só podia imaginar, uma que eu nunca poderia entender completamente.

Mas eu queria.

Eu queria segurar sua mão e amá-la por tudo isso. Eu queria fazer parte da sua cura, mostrar que ela não precisava fazer isso sozinha.

Mas eu não poderia escolher o caminho por ela.

Eu tinha de deixá-la ir.

Eu só não sabia como.

Papai bateu no meu joelho.

— Venham. Vamos comer, rapazes. — Mas antes que ele pudesse sair da cama, a campainha tocou.

Todos nós nos encaramos. Doc já havia dito que não poderia vir hoje à noite, ele ia encontrar um corretor de imóveis para discutir seus planos futuros no paraíso. Quem estaria à porta na hora do jantar?

— Deve ser um dos vizinhos — mamãe disse, já indo para a porta. — Deve estar precisando de alguém para cuidar das crianças.

Ela desapareceu, e Micah fez outra piada sobre o *beijo estúpido* acontecendo na tela ainda pausada. Discuti com ele sobre os tons pungentes do filme enquanto papai assistia e sorria de lado.

Todos nós paramos de falar quando mamãe voltou para o quarto.

Porque ela não estava sozinha.

Achei ruim a imagem de Gemma assombrando meus sonhos nas últimas duas semanas, mas vê-la na vida real, parada no quarto do meu irmãozinho com minha mãe ao lado? Era como se eu fosse um pássaro sendo derrubado no meio do voo, batendo no chão frio e duro e perdendo o fôlego no processo.

Ela estava bonita.

Mesmo com os olhos inchados e vermelhos, olheiras os emoldurando, os ombros caídos e o cabelo em um coque bagunçado. Tinha algo em sua mão, e o que quer que fosse, ela o agarrou como se fosse a única coisa que a segurava naquele quarto comigo.

Pelo que pareceu uma eternidade, nós apenas nos olhamos. Eu gostaria de poder ler sua mente. Eu queria que ela pudesse ler a minha.

Eu gostaria de entender o que senti naquele momento.

Eu queria pular, puxá-la para os meus braços, beijá-la. Mas eu também queria dizer a ela para dar o fora da minha casa. Era estranha a forma como esses pensamentos guerreavam entre si, porque eu não conseguia descobrir para qual deles eu me inclinava mais.

Gemma finalmente limpou a garganta, os olhos saltando ao redor do quarto quando ela percebeu que tinha a atenção de toda a minha família.

— Sinto muito incomodá-lo durante a hora do jantar — disse ela, sua voz rouca. — Eu só... eu vim aqui para te dar uma coisa.

Eu ainda estava preso debaixo das cobertas — Micah de um lado, papai do outro — e tudo que eu podia fazer era sentar e olhar enquanto Gemma cautelosamente atravessava o quarto. Ela me entregou o pedaço dobrado de papel em sua mão, imediatamente recuando uma vez que me entregou.

Era seu outro ingresso para o jogo de amanhã.

— Eu realmente não tenho todas as palavras que preciso dizer agora — disse ela, os olhos onde minhas mãos seguravam o ingresso. — Eu sei que te machuquei... que machuquei a nós dois. Eu sei que há coisas que eu disse que não posso retirar, e possivelmente coisas que você nunca será capaz de esquecer. — Gemma mirou meus olhos então, sobrancelhas dobradas. — E honestamente, não tenho certeza do que tenho a oferecer agora. Não tenho certeza de para onde iríamos a partir daqui. Mas... tudo o que estou pedindo agora é que você se sente ao meu lado no jogo de amanhã.

Eu a observei por mais um momento, tirando meus olhos dos dela para olhar para o ingresso novamente enquanto meu coração batia forte no peito.

— Por favor, não diga nada agora — ela continuou. — Não se apresse, tire a noite para pensar sobre isso. E se você não aparecer amanhã... Eu entendo completamente. Eu realmente entendo.

Todas as palavras estavam presas em algum lugar entre meu cérebro e minha boca. Eu não poderia formar uma única sílaba. Eu não poderia agradecê-la por ter vindo, ou encontrar forças para pular da cama e puxá-la contra mim. Eu apenas encarei aquele ingresso, processando o que ela disse, me perguntando o que diabos a fez vir aqui.

— Vou deixar que voltem ao seu jantar — ela disse baixinho, recuando até que estava perto de mamãe novamente. — Pamela, sinto muito por ter

vindo sem avisar. Obrigada por me deixar entrar.

— Você é sempre bem-vinda, minha querida — disse a ela, e eu senti os olhos da minha mãe em mim, embora os meus ainda estivessem no ingresso. Quando eu não me mexi, quando ninguém disse uma palavra, mamãe falou novamente. — Eu vou levá-la até a porta.

Eu não tinha certeza de quanto tempo elas conversaram, por quanto tempo eu olhei para “*seção 124*” impresso naquele ingresso antes de perceber que Gemma tinha saído do ambiente. Meus olhos se arregalaram, e eu olhei para Micah, então para papai, e então eu saí das cobertas.

— Ela já foi, filho — papai disse, colocando uma mão firme no meu braço antes que eu pudesse sair da cama. — Ela foi.

Meu peito arfava, olhos selvagens enquanto procurava na porta e depois olhava de volta para o ingresso. Eu ainda não conseguia falar. Não conseguia pensar. Não podia fazer nada além de olhar, piscar e olhar um pouco mais.

Mamãe voltou para o quarto alguns momentos depois, encostada no mesmo lugar na porta. Seus olhos solidários encontraram os meus, e ela tentou um pequeno sorriso, mas foi fraco.

— Ela trouxe uma torta também — mamãe disse. — Para a sobremesa. Coloquei na geladeira.

Eu balancei a cabeça, mas ainda não disse uma palavra.

Todos ficaram em silêncio por um tempo, e então papai pigarreou.

— Então... você vai?

O ingresso parecia uma bigorna na minha mão, e eu o retorci em meus dedos, sentindo as bordas perfuradas. Eu olhei para ele por tanto tempo, que as palavras ficaram confusas, o logotipo borrado e, finalmente, eu o deixei cair no edredom xadrez da cama de Micah.

— Não — eu respondi, empurrando o ingresso mais longe, como se fosse algo horrível.

— NÃO?! — papai e Micah disseram em uníssono.

Eu balancei a cabeça, a palavra reverberando dentro dela.

— Para que eu iria? — Meu coração se partiu com essa pergunta, sabendo que eu não poderia simplesmente fazer como Bradley Cooper, não poderia perseguir minha Jennifer Lawrence e ter fé em tudo. — Duas

semanas atrás, ela me disse que não confiava em mim. Isso não mudou nos dias em que estivemos separados. Então, se isso está faltando, se ela não confia em mim, o que há para construir? É tudo um jogo para ela.

Micah abriu a boca para falar, mas papai ergueu a mão e a fechou novamente. Esperei que ele falasse, mas ele não falou — ainda não. Ele apenas me deixou processar.

— Ela foi ferida — eu disse, a voz embargada. — E eu entendo, porque eu também. Não da mesma forma, mas todos nós já passamos por coisas. — Chutei as cobertas. — A diferença entre nós, porém, é que ela não tem coragem de se abrir novamente. E ela está certa — eu admiti. — Não posso fazer nenhuma promessa. O amor é assustador pra caralho. Um dia, eu poderia acordar e descobrir que estamos infelizes juntos. Ela poderia acordar com a mesma conclusão também.

Com isso, papai riu.

— Bem, sim, é disso que se trata o amor. É assustador pra caralho.

Fiquei boquiaberto com meu pai, que eu tinha certeza que nunca falou um palavrão em toda a minha vida.

— O quê? — Ele encolheu os ombros. — É uma ótima palavra para dar ênfase, e essa frase precisava dela. Olha, o amor é como... é como se pendurar num penhasco, certo? Numa borda. E a única coisa que impede você de cair e pintar o fundo do cânion com seus intestinos é a outra pessoa segurando sua mão. E a pessoa pode te derrubar — ele disse, levantando a mão como se quisesse demonstrar. — Ela sempre tem essa escolha. Mesmo você *confiando* nela não há garantia. Ela precisa confiar em você. E talvez ela não tenha toda essa confiança ainda... mas está tentando. Sua vinda aqui foi sua maneira de dizer que ela *quer* confiar em você.

— Discordo. — Micah se inclinou para frente até que pudesse encontrar meus olhos. — Todas as piadas à parte, mano... acho que isso, ela vindo aqui, deixando o orgulho de lado assim? — Ele balançou a cabeça. — Acho que essa foi a maneira dela de dizer que *confia* em você. Mas talvez ela esteja com medo de admitir isso. Quero dizer, é como papai disse, ela está disposta a se pendurar naquele penhasco se você estiver. — Ele franziu o rosto então. — Ou espere, ela estaria segurando você? Ou vice-versa?

Papai riu.

— É uma metáfora, filho.

— Eu sei, mas não entendo qual é qual e quem... ah, esquece. Vocês entenderam o que eu quero dizer. — Ele me deu um tapa no peito.

Olhei para o ingresso, agora meio coberto pelo edredom, e meu coração começou a acelerar.

— Sabe tudo o que é tão incrível quanto o amor? — papai disse, balançando a cabeça. — Vem com riscos, Zach. Então, sim, se você não está disposto a correr alguns riscos ao ficar com aquela garota, então não vá. Mas se você for, e se ela for, o que, a julgar por ela ser corajosa o suficiente para vir aqui e pedir para você se juntar a ela no jogo, é o caso, então, quem sabe? — Ele bateu no meu ombro e apertou com força. — Só pode ser algo incrível, algo pelo qual vale a pena lutar. Mas você não saberá se não confiar nela. Você não saberá se não tentar.

— Jesus — disse Micah, balançando a cabeça enquanto pegava o ingresso. — Agora até *eu* quero correr atrás da garota.

Papai e eu rimos disso, e mamãe enxugou uma lágrima que havia caído em seu rosto, seus olhos suaves e doces enquanto olhava para meu pai primeiro e depois para mim. Meu coração se apertou ao vê-la chorando.

— Mamãe? — perguntei. — Você está bem?

Ela assentiu, enxugando mais lágrimas com a minha pergunta.

— Eu sinto muito. É que... ela é uma mulher incrível, e você, meu filho, é o homem mais incrível do mundo. Você merece ser feliz, e ela também. — Ela deu de ombros. — Eu quero que vocês dois encontrem essa felicidade juntos. Mas não depende de mim. Ou do seu pai ou do seu irmão.

Ela fez uma pausa, respirando fundo enquanto se endireitava, o rímel manchando suas bochechas.

— A escolha é sua — ela disse, seus olhos encontrando meu pai novamente. — Segure-a ou deixe-a cair.

Com isso, mamãe cruzou o quarto e se inclinou sobre meu pai, para beijar minha testa. Ela disse a Micah para ir arrumar a louça do jantar, e ele me entregou o ingresso antes de sair da cama.

— Acho que é a sua vez de ser o cara louco perseguindo a garota louca — disse ele.

Mamãe riu, e com a mão do meu pai na dela, eles saíram do quarto.

Então, era só eu — eu e o ingresso estúpido.

E uma escolha que eu sabia que já tinha feito.



CAPÍTULO 22

Gemma

O ESTÁDIO ESTAVA LOTADO.

Foi nosso penúltimo jogo em casa antes do fim da temporada regular, e estávamos jogando contra nossos maiores rivais: o *Green Bay Packers*. Nós os derrotamos fora de casa no início da temporada — na mesma noite em que fui para casa com Andy pensando que estava provando algo para Zach.

Parecia um pouco irônico agora, considerando que estávamos jogando contra o mesmo time no dia em que pedi a Zach para me dar outra chance.

Mas aquele era um grande jogo. Se o Bears vencesse, garantiria uma vaga nos *playoffs*.

Eu estava agitada esperando o pontapé inicial, me esforçando para me manter aquecida. Estava um frio de doer os ossos, e a promessa de que haveria neve era quase o único assunto dos locutores de esportes. Eu estava embrulhada em uma jaqueta duas vezes meu tamanho, luvas, um gorro que cobria minhas orelhas e um protetor facial com o logotipo do *Bears*. Meus pés estavam embrulhados em dois pares de meias grossas e minhas melhores botas, e eu usava meia-calça por baixo do jeans.

Ainda assim, eu não conseguia parar de tremer.

Mas talvez parte disso fosse induzido pelo medo.

Belle tinha finalmente colocado um pouco de bom senso em mim na semana passada. Ela me conhecia melhor do que eu mesma, e uma vez que

ela abriu meus olhos para o que eu estava me afastando, eu quis dar na minha cara por ser tão estúpida.

Levei alguns dias para me recompor, para descobrir o que eu queria dizer e como. Eu debati se deveria ligar para ele ou mandar uma mensagem, mas cada pensamento continuava voltando para como nos conhecemos — como tudo começou.

Era para ser apenas um jogo.

Era para ser um momento para botar a cabeça para fora de casa e sair com uns caras, encontrando alguma conexão humana. Era para ele me ajudar a começar tudo, servindo como uma “rodada de treino”.

Agora, era difícil até lembrar de como tinha sido, quando eu o via como um incômodo, como alguém que eu precisava evitar, como meu teste. Eu estava com tanto medo dele... e parte de mim permanecia com medo. A diferença agora era que eu estava pronta para enfrentar esse medo com ele. Eu estava pronta para tentar, arriscar tudo – porque mesmo que dissesse que não, eu confiava nele.

Eu só esperava que Zach confiasse em mim também.

Quando bati em sua porta ontem à noite, não tinha certeza se ele me deixaria entrar. Felizmente, foi Pamela quem decidiu se eu poderia entrar ou não. Foi tudo que eu pude aguentar, vê-lo naquela cama com sua família, assistindo *O Lado Bom da Vida*, seus olhos marcados com as mesmas olheiras que os meus. Ele parecia tão infeliz quanto eu me sentia, e precisei de todas as minhas forças para não pedir à sua família para nos deixar a sós. Lutei para não rastejar para aquela cama com ele e o abraçar enquanto chorava e implorava para que me aceitasse de volta.

Mas não era isso que eu queria.

Eu não queria apenas aparecer e implorar por uma segunda chance. Eu queria que ele quisesse isso também. Eu queria que ele levasse o tempo dele, tirasse a noite para pensar nisso, para pensar em *nós*.

Se ele aparecesse, eu saberia.

E se não...

— E assim nos encontramos novamente — disse Janet, aproximando-se de mim enquanto esfregava as mãos. Roy se sentou ao lado dela, me dando um pequeno aceno.

Eu sorri, mas fiquei confusa.

— Vocês vão sentar aqui hoje?

— Seu amigo nos devolveu os ingressos, disse que não poderia vir a mais nenhum dos jogos nesta temporada — Janet respondeu, com as sobrancelhas franzidas. — Achei que ele tinha contado para você.

Um calafrio tomou conta de mim, mas não pelo vento. Claro que ele devolveria os ingressos. Ele não apareceu no último jogo. Por que ia querer vir a um jogo e se sentar ao meu lado?

Mas *quando* ele os devolveu? Ele ia usar o que eu dei... ou isso era o fim?

— Oh — eu disse, sorrindo novamente. — Sim, claro. Ele me disse. Só não sabia que tinha devolvido os ingressos para vocês. Isso é perfeito! Eu preciso de alguém para vaiar comigo quando o *Packers* marcar.

Janet riu.

— Bem, você sabe que eu vou torcer e vaiar junto com você. — Ela acenou de volta para Roy. — Não conte muito com este aqui, no entanto. Está no limite com os *playoffs*, você terá sorte se o vir piscar uma vez no jogo inteiro.

Eu ri, lançando um olhar para Roy antes que meus olhos encontrassem os de Janet novamente. Seu olhar era suave, e ela me deu um sorriso sábio, estendendo a mão para apertar meu braço enorme por causa da minha jaqueta com a mão coberta de luva.

— Ei — ela disse, a voz baixa. — Eu não sei o que está acontecendo, mas seja o que for, vai ficar tudo bem. Um passo de cada vez, é o que minha mãe sempre me dizia. — Ela deu de ombros. — Mesmo quando era difícil de ouvir, sempre parecia soar verdadeiro.

Engoli em seco, o ditado me lembrando do conselho que meu avô teria dado. Janet nem sabia sobre mim e Zach, ou sobre meu passado, mas soube naquele momento que eu precisava ouvir suas palavras.

E eu nunca poderia agradecer o suficiente.

O jogo começou, e Zach ainda não tinha aparecido. Continuei examinando casualmente a multidão atrás de nós entre as jogadas, esperando vê-lo correndo pelas escadas — mas não o encontrei. Quando o primeiro quarto terminou, o *Packers* estava ganhando de sete a zero, e meu estômago estava uma bagunça, tanto por causa do meu time quanto por tudo que estava acontecendo.

A energia no estádio era palpável quando o segundo tempo começou, nossa defesa levantando a torcida toda vez que tentávamos lutar contra outro ponto. Nosso ataque aumentou o ritmo e, quando chegou o intervalo, empatamos o jogo. Sete a sete.

Zach ainda não tinha aparecido.

— Você quer alguma coisa das arquibancadas? — perguntou Janet. — Vou comprar chocolate quente.

Balancei a cabeça.

— Não, eu estou bem. Obrigada mesmo assim.

Meu olhar estava fixo no campo, onde estava acontecendo o show do intervalo, embora eu não estivesse realmente assistindo a nada. Janet apenas me deu outro pequeno sorriso, apertando meu ombro antes de subir pelos bancos.

Ele ainda pode vir.

Eu me agarrei à pouca esperança que me restava enquanto o relógio do intervalo continuava avançando, mas não conseguia me mover do lugar onde estava sentada. Mesmo quando o próximo quarto começou, a multidão pulando de pé ao meu redor, eu ainda fiquei sentada olhando.

O terceiro quarto passou em um borrão, ambas as equipes lutando por sua chance nos *playoffs*. Quem ganhasse tinha lugar certo. Quem perdesse ainda tinha uma chance na repescagem.

Tudo estava em jogo para essas equipes, e eu sentia que a mesma coisa acontecia comigo.

Eu verifiquei meu celular, me perguntando se Zach tinha mandado uma mensagem. Mas não havia nada. Tentei torcer, tentei me concentrar no jogo, mas não conseguia parar de me perguntar se ele viria. Eu me perguntei o que ele estava pensando, e isso me fez ficar aérea. Ele não disse uma palavra o tempo todo que eu estive em sua casa. Ele apenas olhou para mim, e depois para o ingresso, e eu não tinha ideia do que estava passando pela cabeça dele.

Talvez Zach não tenha acreditado em mim.

Talvez, sim, mas não importava — porque agora *ele* não podia confiar em *mim*.

Talvez ele tenha rido e jogado aquele ingresso no lixo quando eu saí.

Eu tinha arruinado tudo?

Será que eu perdi minha chance?

Assim que o tempo começou a correr no último quarto do jogo, os primeiros flocos de neve caíram do céu cinza. O estádio rugiu, o telão mostrando torcedores pegando flocos em suas línguas e nas mãos enquanto a energia do jogo de alguma forma aumentava ainda mais.

Era isso. Mais um quarto. Uma última chance de ganhar o jogo.

Verifiquei meu telefone novamente, uma última vez, com o coração na garganta enquanto o fazia. Mas não havia nada além de uma mensagem de Belle.

E aí? Ele apareceu?

Meu coração rachou, e eu funguei, olhos lacrimejando de frio. Pelo menos, foi o que eu disse a mim mesma. Eu não podia mandar uma mensagem de volta, mesmo que a resposta fosse clara. Eu não estava pronta para aceitar isso ainda.

Ele não vem.

Meu peito apertou com tanta força, que pensei que ia desmaiar por falta de oxigênio, então me recostei na cadeira, incapaz de manter todo o peso em meus pés por mais tempo.

Restava um quarto. Estávamos tão perto de garantir nossa vaga nos *playoffs*.

Ninguém notou a garota triste e solitária que havia perdido um jogo que ela nunca pretendeu jogar.

Eu não conseguia sentir a excitação da multidão rugindo. Eu não conseguia sentir desejo de cumprimentar alguém enquanto nosso receptor pegava outro passe, ou pular de uma lado para o outro com todos os outros enquanto cantavam a letra de *Bear Down*. Eu não podia nem sentir a neve quando ela pousou em minhas bochechas.

Amanhã, eu poderia ficar bem. Mas hoje, eu estava longe disso.

Eu fiquei ali em transe, a multidão como um zumbido distante enquanto eu repassava todos os “*e se*”, “*poderia ter*” e “*deveria ter*” em minha mente. Eu deveria ter dito mais ontem à noite quando levei aquele ingresso para ele. Eu deveria ter me desculpado mais cedo, deveria ter explicado a Zach porque eu surtei daquele jeito. Eu deveria ter deixado Belle estar por

perto quando abri as cartas, talvez ela pudesse ter falado comigo *antes* que eu arruinasse tudo.

Era tarde demais agora, mas isso não me impediu de pensar em tudo de novo, e de novo, como um filme, em que o final é sempre o mesmo, não importando quantas vezes você assista.

Um floco de neve caiu em meus cílios, e eu pisquei, respirando fundo e olhando para o céu como se fosse encontrar respostas escritas nas nuvens cinzentas acima.

Está tudo bem, Gemma. Está tudo bem. Respire.

— Oh, meu Deus — Janet disse, sobrancelhas franzidas enquanto olhava para algo mais acima nas arquibancadas, atrás de mim. — O que é isso?

Apertei os olhos, tentando ver através da neve e do mar de pessoas. Imaginei que fosse alguém dançando ou talvez uma briga surgindo. Mas quanto mais eu me mexia, espiando pelo espaço aberto entre os fãs, mais eu percebia que ninguém estava vaiando ou aplaudindo.

Eles estavam rindo.

E quando a fonte da risada chegou perto o suficiente para eu ver o porquê, meu coração parou de bater completamente. Meus olhos se arregalaram, mãos cobertas de luvas voando sobre minha boca.

Eu só o vi por pouco tempo no começo — apenas quando a multidão se movia na direção certa, e eu podia ter um vislumbre de seus olhos escuros através das pessoas se movendo para a esquerda e para a direita. Ele não estava sorrindo, embora todos ao seu redor estivessem — apontando e cutucando uns aos outros enquanto ele passava. Algumas pessoas tentaram impedi-lo, tentaram tirar selfies com ele, mas ele apenas olhou ao redor, através delas, procurando por algo. Ou alguém.

Era Zach. Ele estava aqui.

E ele estava vestido como um cachorro-quente.

Eu quase sorri enquanto o observava, seus olhos procurando freneticamente enquanto enfrentava fãs barulhentos tentando dançar com ele ou cumprimentá-lo enquanto ele passava. Ele estava segurando um pedaço de papelão em suas mãos e estava tremendo, seus braços e pernas expostos sob a fantasia de cachorro-quente.

De alguma forma, ele conseguiu passar, e quando chegou à nossa fileira, todos tiveram que se levantar e abraçar as costas de suas cadeiras para

deixá-lo passar. Ele ainda esbarrou em todos eles no caminho, murmurando desculpas enquanto eu o observava e tentava não rir.

Quando havia apenas alguns assentos entre nós, nossos olhos se encontraram, e todo o resto desapareceu — a multidão, o jogo, o frio intenso.

Ele me observou, seus olhos suavizando, um pequeno sorriso encontrando seus lábios enquanto parecia recuperar o fôlego. Ele continuou vindo em minha direção, e eu o encontrei na frente do assento que deveria ser dele. Meu coração estava acelerado, batendo contra o peito, como se quisesse se libertar e correr em direção a Zach.

Zach estava aqui.

Zach estava *aqui*.

Eu não sabia o que isso significava. Eu não sabia se era seguro ter esperança, acreditar que ele estava aqui por mim, que isso de alguma forma significava que ficaríamos bem. Então, quando não havia mais ninguém entre nós, esperei, cruzando os braços sobre a cintura.

Os olhos de Zach procuraram os meus enquanto ele engolia a saliva, e então, ele balançou a cabeça, uma pequena risada escapando de seus lábios. Ele olhou para o papelão em suas mãos, e então fez uma careta, virando-o para que eu pudesse ler a tinta preta rabiscada do outro lado.

WIEN-ER-LOSE, VOCÊ É O QUE EU QUERO AO MEU LADO NO JOGO DA VIDA.

Janet e Roy deram gargalhadas, e as pessoas que conseguiam enxergar a placa também. Eu sorri, mas inclinei a cabeça para o lado, sem saber exatamente o que eu deveria pegar dessa placa. Mordi o lábio, olhando para onde Zach me observava antes de ler novamente.

Zach soltou algo que era uma mistura de risada e um suspiro, balançando a cabeça enquanto deixava a placa cair. Então, se aproximou, encurtando a distância entre nós.

— Filmes românticos.

Foi a primeira coisa que ele disse — a primeira coisa que ele me disse nas últimas duas semanas, desde que eu falei que não podia confiar nele, que não poderíamos ficar juntos.

Eu fiz uma careta, tentando entender.

— Hm...

— A terceira coisa é que eu sou um grande molenga — explicou ele. — Filmes românticos. E livros. E romance em geral. — Ele encolheu os ombros. — Micah tira sarro de mim por causa disso o tempo todo, e, honestamente, eu gostaria de poder mudar isso. Eu gostaria de não ser tão otário para grandes gestos e comédias românticas onde de alguma forma tudo dá certo no final. Mas, caramba, não consigo evitar. E agora, quando tive a chance de fazer meu próprio grande gesto, falhei miseravelmente.

Contive um sorriso, cobrindo a boca com uma mão enquanto o peito de Zach esvaziava.

— É o quarto tempo. Eu perdi o jogo inteiro e deixei você sentar aqui, tremendo na porra da neve, pelo amor de Deus, e tudo porque eu estava correndo pela cidade tentando encontrar uma droga de uma fantasia de cachorro-quente. Você sabe como é difícil encontrar uma agora que o Halloween passou? — Zach soltou um suspiro. — É impossível. E então peguei emprestado este pedaço de papelão e uma caneta de um dos sem-teto do lado de fora do estádio. Dei a ele cem dólares por isso, Gemma. Cem dólares! E quer saber, ele mereceu, mas eu não sei se eu mereço que você escute qualquer coisa que eu diga em seguida, porque eu realmente estraguei tudo.

Engoli em seco, aquele sorriso que eu estava segurando chegando à superfície enquanto ouvia Zach divagar, toda a multidão ao nosso redor investida no que ele estava dizendo.

— Quero dizer, sério — disse ele, apontando para sua fantasia. — Achei que poderia deixar os heróis do romance orgulhosos me vestindo *de cachorro-quente*? — Zach balançou a cabeça. — Matthew McConaughey está rolando no túmulo agora.

— Creio que ele ainda esteja vivo.

— Bem, ele está se enrolando em seus exuberantes lençóis de seda egípcia de 2.500 fios então.

Uma risada baixa escapou dos meus lábios, mas as lágrimas estavam se acumulando em meus olhos quando Zach deu outro passo na minha direção. Ainda havia pessoas no fundo tentando se inclinar e tirar fotos de Zach e sua fantasia, e algumas pessoas gritaram para nos sentarmos ou sairmos do caminho da próxima jogada. Mas ele ignorou todos eles.

Seu único foco estava em mim.

— Me desculpa, eu não consegui chegar mais cedo — disse ele, as sobrancelhas franzidas. — Sinto muito por você ter ficar aqui no frio, sozinha, e sinto muito que esta estúpida roupa de cachorro-quente seja a melhor coisa que eu consegui pensar. Mas a verdade? — Ele balançou a cabeça. — Não consegui pensar em nada além de você, Gemma. Desde a noite em que nos conhecemos.

Algumas pessoas amoleceram ao ouvir sua declaração, inclusive eu, e Zach respirou fundo quando a neve começou a se acumular em sua fantasia.

— E me desculpe por não ter dito nada quando você apareceu ontem à noite. Honestamente? Eu não sabia o que dizer. Eu não sabia como me sentia. Grande parte de mim queria dizer para você parar de falar para em seguida puxá-la para os meus braços. Essa parte queria beijá-la e simplesmente esquecer todo o resto. — Zach sorriu ao dizer isso. — Mas ainda havia uma parte que estava com medo, uma parte que sabia que nenhum de nós poderia esquecer nosso passado, uma parte que ouviu você me dizer que não confiava em mim poucas semanas atrás.

Senti um frio no estômago, o coração acelerando novamente.

— Mas eu...

— Espera — disse ele, levantando uma mão. — Só... me deixa terminar.

Ele se aproximou, pegando minhas mãos cobertas pelas luvas.

— Olha, eu não *quero* que você esqueça seu passado. Eu também não quero que você fuja dele. Eu sei que você foi ferida, e eu sei que você ainda não está completamente curada disso... e talvez nunca esteja. Nosso passado tem um jeito engraçado de se tornar parte de quem somos no futuro, e acho que é assim que deve ser. Sem as cicatrizes, sem a dor, não seríamos capazes de apreciar os momentos em que tudo é mágico, os dias em que a vida é uma felicidade absoluta. E acredite em mim quando digo que todos os dias que passei com você foram apenas isso, mágicos.

Eu apertei suas mãos.

— Não temos que resolver tudo da noite para o dia. Eu sei que nós dois vamos ter que enfrentar alguns medos, e nós vamos ter que confiar um no outro. E, *Deus*, isso não é a coisa mais aterrorizante do mundo?

Eu ri, fungando com as lágrimas.

— Muito assustador.

— Nível A Hora do Pesadelo de assustador.

— Quero dizer, acho que esses filmes são mais sangrentos do que qualquer outra coisa.

— Me ajuda aqui, Gemma.

Eu ri.

— Então, sim, vai ser assustador, confiar um no outro e não ser capaz de fazer promessas sobre o que acontecerá a seguir — ele continuou, um sorriso lento se espalhando em seu rosto. — Mas eu gosto de você, Gemma. Eu gosto que você goste de ketchup e queijo no seu cachorro-quente.

Eu ri, e Zach também, se aproximando enquanto puxava minhas mãos para descansar em seu peito. As dele encontraram minha cintura, e ele me segurou perto do seu corpo, seus olhos passando rapidamente entre os meus.

— Gosto que você fique tão irritada durante os jogos de futebol, a ponto de sermos quase expulsos do estádio. E eu gosto do jeito que você enruga o nariz quando discorda de mim, e do jeito que você faz a combinação de jeans e regata ser mais sexy do que qualquer vestido. — Ele fez uma pausa, examinando meu traje. — Droga, você consegue ficar incrível com uma jaqueta gigante e fofa.

As lágrimas que eu estava lutando para não deixar cair deslizaram silenciosamente, descendo pelas minhas bochechas, mas Zach as afastou, suas mãos vindo ao meu rosto.

— Eu gosto de brigar com você — disse ele, balançando a cabeça. — E eu gosto ainda mais quando fazemos as pazes depois. Honestamente, não sei aonde tudo isso vai dar, se vamos em direção ao para sempre ou apenas para o próximo mês, mas sei que quero tentar. Eu sei que essa coisa que é verdade para mim agora já era verdade depois daquele primeiro jogo.

— E o que é essa coisa?

Ele sorriu, pressionando sua testa na minha.

— Eu não posso me afastar de você. Ainda não. Talvez nunca.

Suspirei, respirando suas palavras como oxigênio e dando ao meu coração um motivo novo para bater.

— Quando você apareceu naquele segundo jogo — eu disse, a voz suave, apenas um sussurro entre nós. — Eu disse que você nunca ganharia. Eu disse que você estava jogando o jogo errado. — Balancei a cabeça. — Mas

era *eu* quem estava errada. Isso nunca foi um jogo. Sempre foi real. E é por isso que você não pode ir embora... é por isso que eu também não posso. Por que ainda não consigo.

Eu me afastei, travando meus olhos nos dele enquanto ficava na ponta dos pés.

— Wien-Er-Lose — eu disse, rindo, enquanto Zach ofegava com uma risada também. — Eu quero você também. Eu menti quando disse que não confiava em você. E eu menti quando disse a mim mesma que ficaria bem sem você.

Zach levantou as sobrancelhas, suas mãos entrando nos bolsos do meu casaco.

— Então... você está dizendo que está em outra rodada de treinos?

Eu ri, balançando a cabeça e passando meus braços ao redor de seus ombros.

— Não — eu respondi. — Desta vez, eu quero o lance real. Não há mais treino. Vamos jogar para valer.

Zach sorriu, aproximado os lábios dos meus.

— Eu sempre joguei assim.

E depois me beijou.

A multidão rugiu ao nosso redor, e eu não tinha certeza se era por causa de uma jogada no campo ou por nossa causa. Tudo o que eu sabia era que aquele beijo selou uma promessa que nenhum dos dois poderia falar em voz alta, porque nenhum de nós poderia jurar mantê-la. Sabíamos o risco que estávamos correndo, sabíamos o salto que estávamos dando, mas estávamos segurando as mãos um do outro e fazendo isso juntos.

Ele poderia ir embora. Eu poderia ir embora. Nós dois poderíamos acabar com o coração partido, sentados no chão, com nossas almas aos pedaços, tentando juntar os cacos novamente.

Mas também poderíamos encontrar o para sempre.

Poderíamos dar os próximos passos juntos – em direção a um ano, cinco ou, talvez, para sempre.

E *esse* era um jogo que valia a pena jogar.

Zach tentou me envolver em seu abraço, mas sua fantasia ficou no caminho, e eu ri, interrompendo nosso beijo e me afastando para olhar o

cachorro-quente que cercava seu corpo.

— Estou pegando na sua salsicha — eu disse, balançando minhas sobrancelhas.

Zach gemeu, passando a mão sob minha jaqueta para apertar minha bunda.

— Isso significa que eu posso pegar no seu pão mais tarde, só por questão de justiça?

— Hmmm... — Passei as mãos sobre seus ombros novamente, deixando meus pulsos pendurados atrás de seu pescoço. — Bem, acho que depende do que vai acontecer durante este jogo. Acho que temos coisas para comemorar.

Inclinei-me para beijá-lo novamente, quando um rosnado brincalhão deixou sua garganta, mas antes que eu pudesse aprofundar o beijo, Janet me deu um tapinha no ombro.

— Vocês dois estão no telão de novo! — ela disse.

Zach e eu olhamos para a tela, e lá estávamos nós — em toda a nossa glória com um cachorro-quente. Nós dois rimos quando a multidão começou a aplaudir, e Zach me puxou para ele, me inclinando de forma dramática enquanto todos aplaudiam mais alto. Quando a imagem voltou para os jogadores em campo, Zach levantou meu braço como se tivesse acabado de me ganhar em uma luta pelo campeonato, e toda a nossa seção rugiu mais uma vez.

— Tudo bem — disse ele, me puxando para baixo, até que estávamos sentados e fora do caminho de todos. — Agora que o cachorro-quente reconquistou sua garota, vamos ver se conseguimos garantir essa vitória.

Ergui as mãos..

— Vamos lá! — Então, com menos de cinco minutos de jogo restantes, eu me levantei novamente, começando a letra de *Bear Down*.

Zach se juntou primeiro, depois Janet e Roy, e em pouco tempo o estádio inteiro estava cantando junto.

A neve caiu mais forte, mas todos nós ficamos firmes e torcemos por nossos Bears, apesar do frio de bater queixo. Você podia ver a respiração do quarterback quando ele gritava a jogada, e toda vez que um jogador levava um golpe, o frio trabalhava contra ele em todos os sentidos.

Ainda assim, eles jogaram.

Ainda assim, eles lutaram.

Isso era o que eu amava no futebol — não apenas o esporte, mas os jogadores, o *fandom*. Nada nos impedia. Não importava qual fosse o placar, ou quão impossíveis fossem as probabilidades. Até que soasse o último apito, estaríamos lá, de pé, lutando pela vitória.

Agarrei a mão de Zach, apertando-a quando nossos olhos se encontraram. E foi aí que eu percebi que era o mesmo para nós. Estávamos nisso juntos. Não importava o que estivesse por vir, lutaríamos pela vitória. Por cada uma delas.

Até que soasse o último apito.



Nós ganhamos.

O *Bears* garantiu seu lugar nos *playoffs* com o *Packers* perdendo um *field goal* nos últimos segundos do jogo, selando nossa vitória e garantindo nossa vaga. Foi uma noite de recordes — tanto com a neve quanto com a pontuação —, e para mim, pessoalmente, foi uma noite que nunca esquecerei.

— Os *playoffs* estão garantidos — Zach murmurou em meu ouvido enquanto saíamos do *Soldier Field*. Seu braço estava ao meu redor, e ele me parava a cada poucos metros para tirar fotos com os fãs. Éramos como celebridades locais, Cachorro-Quente e Sua Garota.

— Como você sugere que comecemos as comemorações? — perguntou depois que completamos uma selfie gigante com uma família de sete pessoas.

— Oh, eu não sei... — eu disse, puxando-o para o lado. A multidão ainda ziguezagueava ao nosso redor, aplaudindo, a música explodindo de todas as direções enquanto as comemorações continuavam. Mas naquele momento, eu só via Zach; eu me inclinei para beijar seus lábios antes de completar: — Talvez devêssemos consultar aquela lista que você começou.

Zach passou a língua sobre a minha, me segurando o máximo que podia com a roupa de cachorro-quente gigante restringindo seus braços.

— Eu só adicionei uma coisa a essa lista, e já cumprimos esse item.

— *Você* só adicionou uma coisa...

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Você está dizendo... há mais itens na lista agora?

Eu balancei a cabeça, mordendo o lábio.

— Coisas que ainda não fizemos?

Eu balancei a cabeça novamente.

— Como...?

Eu o beijei novamente, desta vez diminuindo o ritmo e prendendo seu lábio inferior em uma mordida sensual que sentimos reverberar no corpo inteiro.

— Acho que você vai ter que me levar para casa para descobrir.

Zach rosnou, me beijando com força antes de me inclinar, as mãos encontrando minhas costas e a dobra dos meus joelhos. Ele me pegou no colo, me embalando em seus braços enquanto cambaleava pela multidão festiva. Eu dei *high-fives* enquanto passávamos por fãs a caminho da fila do táxi, a energia finalmente me encontrando – porque o *Bears* não foi o único vitorioso naquela noite.

O jogo finalmente acabou.

O placar foi finalmente definido.

No final, nós dois perdemos um pouco, mas saímos ostentando as cicatrizes com orgulho. Terminamos o jogo de cabeça erguida e com minha mão na dele enquanto o táxi nos levava pela cidade e de volta para minha casa.

— Eu disse que seria o vencedor certo no final — disse ele, pressionando um beijo no meu pescoço.

— Acho que nós dois ganhamos.

— Um empate? — Zach bufou. — Ugh, eu odeio empates. A pior maneira possível de terminar um jogo. — Seus olhos suavizaram quando me puxou para perto; ele sorriu, tocando meu nariz antes de beijar o mesmo local. — Mas, neste caso, acho que estou bem com isso.

Eu também, Zach Bowen.

Eu também.



EPÍLOGO

Gemma

DEZ MESES DEPOIS

— JOGA PARA MIM! ESTOU LIVRE! — MICAH GRITOU, correndo, com um braço estendido, pela parte do estacionamento que ocupamos.

Seu cabelo desgrenhado voou por conta da brisa fresca de setembro, e Zach lançou, jogando uma espiral perfeita que Micah pegou facilmente antes de passar pelo pai.

Eu sorri, vendo Zach correr pelo estacionamento e fingir que derrubava Micah na grama. Eles rolaram algumas vezes antes de Zach recuperar a bola que Micah havia perdido, correndo de volta com seu irmãozinho em seu encaço. O pai deles apenas assistiu com um sorriso próprio, balançando a cabeça.

Era um dia frio e cinzento de setembro, e foi um alívio bem-vindo depois do verão fumegante que tivemos. Não que eu me importasse em sair do condomínio e explorar a cidade com Zach durante todo o verão, mas o outono sempre foi minha estação favorita, e eu o recebi de braços abertos.

— Eu não consigo acreditar que eu deixei você me convencer a vir a outro jogo de futebol — disse Belle de onde ela estava sentada na sombra, sob nossa barraca. Ela mergulhou uma batata frita no guacamole,

colocando-a na boca com um barulho alto. — Achei que tinha escapado disso quando te enganei naquele esquema todo ano passado.

— Fala sério — eu disse, inclinando o quadril contra a mesa com toda a nossa comida. — É o jogo de abertura, Belle. E agora que Zach e eu temos ingressos juntos, queremos começar uma tradição. — Eu roubei uma batata e aponte para ela. — Você, senhorita, faz parte dessa tradição. Quer você queira ou não.

— Além disso, como você disse, foi sua ideia nos juntar — Zach entrou na conversa, ofegante e enxugando o suor da testa enquanto se inclinava e beijava minha bochecha. — Quem sabe você não encontra seu próprio amor aqui no *Soldier Field*.

Belle bufou, ficando de pé o suficiente para empilhar mais lanches em seu prato antes de se sentar novamente.

— Não há grande chance disso, senhor atleta. Eu tenho uma política rígida de três noites, e a maioria dos caras nem chega tão longe.

— E quanto ao doutor Jordan? — eu perguntei com um sorriso. — Parece que ele superou essa regra de três noites com bastante facilidade.

— Nós temos um acordo — Belle falou, evitando meus olhos. Quando eu continuei a observá-la, ela me afastou com um gesto. — Ok, para com isso. Não me dê esse olhar.

— Eu não estou te dando nenhum tipo de olhar — eu disse, com as mãos para cima em rendição.

— Mm-hum. — Belle se recostou na cadeira, mastigando uma batata frita enquanto Pamela vinha para baixo da barraca com outro prato cheio de cachorros-quentes.

— Ok, estão todos prontos — ela disse com um sorriso largo. — Agora vamos, rapazes — ela disse para Zach, Micah e Daniel. — E senhoras — ela disse para nós em seguida. — Mandem ver antes que tudo isso esfrie.

Ela não precisou pedir duas vezes. Levou menos de dez minutos para todo mundo ter seus pratos cheios com hambúrguer, cachorro-quente ou — no caso de Zach — ambos. Havia cerca de vinte acompanhamentos espalhados sobre a mesa, mas, de alguma forma, conseguimos distribuir cada recipiente entre nós seis. Comemos enquanto falávamos sobre a música que tocava no alto-falante de Micah e compartilhamos histórias com outros fãs do *Bears* que estavam indo para o estádio.

Belle e Pamela estavam presas em uma conversa sobre o quarto dos fundos que Pamela estava reformando na casa, e meu olhar foi parar em Zach, que estava sentado do outro lado da barraca ao lado de seu irmão mais novo. Sua boca estava cheia enquanto ele discutia sobre um dos times de beisebol lutando pelos *playoffs*, e eu apenas sorri, pensando em quão longe nós chegamos em um ano.

Era difícil acreditar que, nessa época, um ano atrás, tínhamos acabado de nos conhecer. Fazia quase um ano desde que tivemos nossa “*rodada de treino*”, um jogo que teria mais impacto na minha vida do que eu jamais poderia imaginar. Tudo começou como algo que nunca deveria passar de uma noite, um plano para que eu pudesse evitar ter meu coração partido novamente.

Eu ri alto pensando nisso.

Não foi um ano fácil, embora tenha sido cheio de belas lembranças. Passamos os feriados juntos, nos aproximando, compartilhando mais sobre nosso passado e criando nossas próprias tradições. O inverno foi duro, o aniversário do falecimento de Carlo me atingiu com mais força do que eu esperava. Mas Zach estava lá comigo e até foi ao túmulo de Carlo comigo, para que eu pudesse dizer algumas coisas em voz alta que eu nunca disse quando ele estava vivo.

Estar lá com Zach, com a sua mão na minha enquanto eu chorava e contava verdades que eu nem sabia que estava segurando, foi um dos momentos mais terapêuticos da minha vida.

E a partir daquele momento, tudo começou a se encaixar para a gente.

Zach tinha suas próprias decisões difíceis a tomar durante as festas de fim de ano, e eu segurei *sua* mão durante esse momento — embora, para ser honesta, eu estivesse tão feliz com a escolha que ele finalmente fez.

O Doc’s Bar ainda estava aberto e bem — e Zach era o novo proprietário.

Uma vez que a documentação ficou pronta, Doc foi para St. Croix e não voltou desde então. Ainda assim, ele ligava o tempo todo para ver como estávamos. Mantivemos seu espírito vivo no bar mantendo a decoração de antes, aquela que os clientes conheciam e adoravam. Mas, com a minha ajuda, Zach conseguiu fazer algumas melhorias com o dinheiro extra que economizamos durante a declaração de imposto de renda — dando ao bar um pouco do seu estilo também.

E estávamos mais ocupados do que nunca.

Eu até comecei a ajudar como bartender em algumas noites da semana – especialmente durante o verão, quando os *Cubs* estavam jogando com tudo. Mas tínhamos um pacto – todo sábado à noite, saíamos do trabalho para jantar em família. E, agora que o outono estava de volta, todo domingo era dedicado ao futebol americano.

O restante da equipe poderia lidar com os fins de semana.

— Ugh — Belle disse, batendo no meu braço e desviando minha atenção para longe de Zach. — Para de olhar para ele como se você estivesse tirando a roupa do homem sem que nenhum de nós soubesse. A mãe dele está bem aqui.

Eu ri.

— Não me diga para não cobiçar meu homem. — Zach olhou para mim e sorriu, me lançando uma piscadela antes de voltar para a conversa. — Quer dizer, olha para ele. Você sabe que também cobiçaria se fosse seu.

Belle fez um som de enjoo, mas sorriu, inclinando-se para mim com um suspiro.

— Vocês dois formam um time muito bom, sabia disso? — ela perguntou.

Encontrei seus olhos do outro lado da barraca novamente e suspirei.

— Formamos mesmo.

Uma hora antes do pontapé inicial, começamos a empacotar nossos suprimentos e a nos dirigir para o estádio. Zach e eu tínhamos os mesmos ingressos para a temporada do ano passado, mas compramos quatro extras na mesma fila para a estreia, querendo comemorar o primeiro jogo da temporada com nossa família e amigos mais próximos. Estávamos todos animados quando entramos, parando para pegar cervejas e refrigerantes antes de descer para nossa seção.

Quando chegamos à nossa fileira e começamos a passar pelas poucas pessoas no final, sorri para os rostos familiares nos assentos próximos aos nossos.

— Oh, nós esperávamos que vocês voltassem! — Janet disse, de pé, com os olhos brilhantes e me envolvendo em um abraço assim que eu me aproximei. — Não seria a mesma coisa sem o Cachorro-Quente e Sua Garota.

Zach e eu rimos do comentário; em seguida, Zach se inclinou para abraçar Janet.

— Nós nunca vamos superar isso — disse ele, acenando para Ron, uma vez que Janet tomou seu lugar novamente.

Ron apenas acenou com a cabeça em nossa direção, mas havia uma sugestão de sorriso no rosto daquele velho.

— Foi uma sensação na internet — disse Janet. — Minha irmã em Utah até viu na TV. Ela disse que foi a coisa mais fofa que ela tinha visto o ano todo.

— Deveria ter visto ele tentando sair da fantasia depois — eu disse. — *Aquela cena* foi a coisa mais fofa.

Janet corou, rindo enquanto me cutucava com uma piscadela.

— Ah, aposto que foi.

Todos nós ficamos conversando enquanto esperávamos o jogo começar, e pouco antes do início, o telefone de Zach se iluminou com o rosto de Doc na tela.

— Olha, se não é o homem da ilha? — Zach disse, segurando o telefone para que tanto o meu rosto quanto o dele pudessem caber na tela.

Doc sorriu do outro lado, um paraíso tropical espalhado ao fundo. Eu não podia ouvir o oceano com a multidão ao nosso redor, mas eu conhecia o som das nossas outras chamadas; Rita estava lá ao lado dele também, sua pele escura brilhando ao sol.

— Como está o tempo aí, campeão? — Doc brincou.

— Legal, alegre e com estilo de outono. Você não sente falta?

— Nem um pouco — Doc respondeu, colocando um braço em volta de Rita e aconchegando-a ao seu lado. Ela acenou para mim, aconchegada nele, e embora nunca falasse muito, não foi preciso mais do que um olhar para ver quão felizes eles estavam.

— Não é o mesmo sem você aqui nesta temporada, Doc — eu disse.

— Ah, talvez o *Bears* realmente ganhe tudo este ano. Chegamos tão perto na última temporada.

— Aff, por que você tem que trazer assuntos doloridos? — disse Zach. Eu fiz uma careta também, lembrando como perdemos na segunda fase na corrida dos *playoffs*, perdendo nossa chance no grande jogo.

— Ei, nós vamos pegá-los este ano — eu argumentei.

— Esse é o espírito, querida. — Doc ergueu os óculos escuros, os olhos brilhando um pouco. — Bem, eu sei que está quase começando, eu só... eu só queria ver vocês no grande dia.

— Grande dia? — eu perguntei.

Doc deu de ombros, colocando seus óculos de sol de volta no lugar.

— Você sabe, a abertura da temporada. Primeiro jogo em casa, primeira vez iniciando todas as suas tradições. — Ele fez uma pausa. — Primeira vez em um jogo juntos, um em que você não está causando dores de cabeça para si ou para aqueles que te amam.

— Um brinde — Belle falou ao meu lado, inclinando sua cerveja na direção da câmera.

Doc riu.

— De qualquer forma, eu vou deixar vocês irem. Estaremos assistindo do paraíso.

— Tem alguma TV aí? — Zach provocou, mas Doc apenas sorriu mais.

— Sem telas, sem sapatos, sem problemas.

Inclinei-me para o lado de Zach, acenando para Doc, antes de Zach encerrar a ligação. Ele enfiou o telefone no bolso traseiro antes de me envolver em seus braços o melhor que pôde. Seus lábios pressionaram minha testa, e ele suspirou.

— Difícil acreditar que estamos aqui de novo, não é? — ele disse.

— Muita coisa mudou.

— De fato. Mas algumas coisas ainda são as mesmas — argumentou. — Como você fica incrível com essa regata do Bears. Esse é a mesma que você usou no nosso primeiro encontro, sabia?

— Ah, é? — Fingi surpresa, olhando para o logotipo esticado no meu peito. — Eu não percebi.

— Claro que não. — Zach fez cócegas na minha lateral. — Sua provocadora, espere até eu te levar para casa.

Eu ri, empurrando-o para longe de mim quando o hino começou. Todos nos levantamos para prestar homenagem ao nosso país. Depois disso, o jogo começou, e nos acomodamos para o primeiro quarto.

Fiquei feliz por termos convidado nossa família para o primeiro jogo, especialmente quando marcamos. Foi mais divertido comemorar com um grupo de pessoas que você conhece do que com um bando de estranhos — não que eu deixasse de trocar cumprimentos com todos ao nosso redor. Mas estar lá com Zach, com a família que formamos? Era tudo o que eu sempre quis na minha temporada de futebol.

Ele era tudo que eu sempre quis na minha vida.

Era difícil acreditar o quanto Zach me mudou, me abriu, me mostrou como confiar e como enfrentar meus medos. Ele fez eu me sentir mais amada do que eu já me senti em toda a minha vida em apenas um curto ano, e eu esperava que houvesse muitos mais por vir.

— Ei, com licença, senhorita?

Janet me deu um tapinha no ombro, apontando para onde um dos estagiários do *Bears* estava tentando chamar minha atenção.

— Você e seu namorado gostariam de entrar em campo durante o intervalo para uma jogada?

Sorri, virando-me para Zach com os olhos arregalados.

— Oh! Querido, podemos? Você topa?

Ele parecia cético, franzindo o nariz enquanto olhava para o garoto e depois de volta para mim.

— Por favor — eu implorei, batendo meus cílios.

Ele suspirou.

— Bem, como se eu pudesse dizer não a isso.

— Oba!

Eu pulei, agarrando sua mão e puxando-o comigo enquanto passávamos por Janet, Roy e o resto da fila para chegar ao corredor. Seguimos o garoto com a prancheta e fone de ouvido até os níveis mais baixos da nossa seção, e os seguranças abriram os portões de campo inferiores para ele assim que o viram, nos deixando passar.

E então, estávamos em campo.

— Ai, meu Deus! — sussurrei, puxando a manga da camisa de Zach. — Estamos em campo. Isso é tão legal! Veja! Estamos tão perto dos jogadores!

Apontei para os diferentes jogadores que eu conhecia, e Zach conversou comigo o tempo todo, embora parecesse que sua alma estava prestes a

deixar o corpo. Era de se imaginar, depois de ele ter a atenção de todo o estádio no ano passado, quando estava vestido de cachorro-quente, que ele ficaria calmo em situações como essa. Mas Zach também ficava nervoso — e sempre parecia acontecer nos momentos mais estranhos.

Eu apertei sua mão.

— Vai ser divertido.

Ele engoliu em seco.

— Sim.

Sorrindo, segurei sua mão com mais força quando o apito soou no primeiro quarto e o estagiário nos direcionou para a jogada que iríamos fazer. A garota conhecida por administrar as redes sociais e os jogos de intervalo apareceu ao nosso lado com uma câmera pronta enquanto explicava que tentaríamos colocar três bolas em buracos de alvo que foram montados em distâncias variadas — o último sendo o mais distante.

— Então, qual de vocês vai jogar?

Zach imediatamente apontou para mim, e eu ri.

— Acho que sou eu.

— Você terá sessenta segundos para as jogadas. Pronta?

Eu balancei a cabeça enquanto ela me entregava a bola, e ao sinal dela, eu mandei ver.

Acertei o primeiro alvo facilmente, correndo para o segundo com a adrenalina subindo por mim. Errei os dois primeiros arremessos naquele, mas acertei o terceiro, e a multidão rugiu quando comecei a correr em direção ao terceiro e último alvo.

Era um lance longo, e eu estava tendo problemas para colocar a bola na trajetória certa para passar pelo pequeno buraco no alvo. Ela ricocheteou na direita, na esquerda, na direita novamente antes que a multidão começasse a contagem regressiva.

Dez... nove... oito...

Meu coração estava batendo descontroladamente, eu podia ouvir cada batida irregular em meus ouvidos enquanto mandava outra bola. Errei novamente, e com a multidão gritando *dois*, fiz mais uma tentativa.

E consegui.

— ISSO! — eu gritei, dando soquinhos no ar enquanto olhava para a multidão. Eles estavam todos aplaudindo, o locutor falando sobre como eu ganhei um vale-presente da Visa de quinhentos dólares. Mas eu não me importei com o prêmio. Eu joguei aquela bola como uma campeã, e era com *isso* que estava me deixando animada.

Eu me virei, pronta para pular nos braços de Zach, mas ele não estava atrás de mim.

Ele estava ajoelhado.

E, de repente, tudo desapareceu. O rugido da multidão pareceu monótono e abafado, a brisa, inexistente, a adrenalina correndo por mim parando completamente como se meu corpo inteiro tivesse esquecido como funcionar ao ver o homem que eu amava com um joelho no chão.

Ele olhou para mim com olhos reverentes, e todos o nervosismo sumiu. Eu me perguntei então se era mesmo real ou se ele estava fazendo um show para fazer o cenário acontecer exatamente como ele queria. Porque ali, ajoelhado na minha frente, ele parecia mais alto do que eu já tinha visto em minha vida.

— Gemma Mancini — disse ele, e alguém com uma camiseta do *Bears* desceu um microfone para que todos pudessem ouvir o que ele diria em seguida. — Eu sei que você já fez isso antes. Houve um tempo em que outro homem prometeu a você um para sempre, prometeu que seria fiel a você, e essa história de amor não acabou do jeito que você pensou que seria.

Meu coração apertou, e eu engoli em seco, o peito doendo.

— Eu não posso voltar no tempo e conhecê-la primeiro. Eu não posso tirar a dor que ele ou qualquer outra pessoa causou a você. E eu não quero. Porque tudo o que aconteceu com você, tudo o que você suportou e sobreviveu fez de você a mulher incrível que eu conheço e amo hoje.

Embora a multidão ainda estivesse distante de mim, ouvi o universal *awww* em suas palavras, e meus olhos embaçaram enquanto olhava para ele.

— Gemma, não quero seu passado, embora seja grato por ele. Mas eu quero o seu futuro.

Ele abriu uma caixa, uma que estava segurando em suas mãos, e a multidão disparou novamente. Mas eu não conseguia nem olhar para o anel

dentro dela. Eu não conseguia olhar para qualquer lugar, apenas nos olhos de Zach.

— Se você me deixar, eu prometo cuidar de você em cada dia que eu puder respirar nesta vida. Prometo segurar sua mão enquanto enfrentamos nossos medos juntos, e prometo cuidar do seu coração com o mesmo respeito e cuidado com que cuidaria do da minha própria mãe. — Ele engoliu em seco, seus olhos brilhando. — Ninguém jamais foi tão importante para mim como você é, Gemma. E eu não quero apenas este jogo, ou o próximo jogo, ou o jogo depois disso. Eu quero *todos* os jogos. E todas as estações. De agora até sempre, quer a gente vença ou perca. — Ele fez uma pausa. — Mas é *melhor* vencermos esta. Porque é o *Packers*, e vai ser um pecado se não o fizermos.

A multidão rugiu, a banda fazendo uma pequena brincadeira sonora que nos fez rir. E antes que Zach pudesse dizer outra palavra, eu caí de joelhos na frente dele, mãos deslizando para emoldurar seu rosto.

— Então o que você diz? — perguntou. — Vai passar o restante da sua vida com o famoso cara do cachorro-quente?

A multidão riu e aplaudiu, encorajando-me a dizer sim — como se houvesse outra resposta. Mas as palavras ficaram presas na minha garganta, porque tudo que eu podia fazer era acenar, e chorar, e o beijar para o rugido de mais de sessenta mil fãs. Zach se levantou, me puxando para si e me envolvendo em seus braços enquanto me girava. Eles nos levaram para fora do campo com nossos lábios ainda colados, e eu sabia que tínhamos adiado o jogo por mais tempo do que deveríamos, mas não me importei.

— Oh, meu Deus, Zach — eu finalmente falei quando estávamos do lado de fora, balançando a cabeça enquanto as lágrimas enchiam meus olhos. — Eu não posso acreditar nisso. Não acredito que você me pediu em casamento.

— E eu não posso acreditar que você disse sim — disse ele, me beijando novamente antes de se afastar e me oferecer o anel que estava dentro da caixa.

Eu estendi a mão esquerda, e ele deslizou o lindo diamante em forma de gota de uma aliança de ouro rosê no meu dedo anelar. Ver esse anel na minha mão me fez chorar ainda mais, e Zach me envolveu novamente, beijando as lágrimas.

— Você e eu — ele sussurrou para apenas eu ouvir. — Nós vamos conseguir.

— Nunca tive dúvidas.

— Mentirosa — ele brincou.

Eu ri, me afastando e balançando a cabeça.

— Não, quer dizer... Acho que, de alguma forma, eu sempre soube. Mesmo quando eu lutei contra. Talvez eu soubesse disso na época ainda mais.

— Bem, eu não me importo com quanto tempo levou — disse ele. — Eu teria esperado para sempre.

— Agora quem é o mentiroso aqui?

Ele sorriu.

— Ok, então talvez eu não seja o homem mais paciente do mundo. Mas eu teria esperado, se você precisasse de mais tempo.

— Eu não preciso de nem mais um segundo — eu disse, pulando no seu colo e passando os braços em volta de seu pescoço. — Eu me casaria com você agora.

Zach sorriu, beijando meu nariz.

— Bem, não estamos vestidos para a ocasião, então acho que é melhor a gente esperar um pouco mais. Mas, ei, você quer se casar em um campo de futebol? — Ele levantou as mãos como se não tivesse outra escolha. — Não vou dizer que *não gosto* disso.

Eu o beijei novamente, e desta vez segurei esse beijo como se fosse o selo final da minha promessa de dar a ele o meu para sempre.

Mesmo com todos os joguinhos, mesmo com toda a mágoa, acho que eu sempre soube, e ele também.

E como Zach havia dito, não importava se o *Bears* ganharia ou perderia este jogo, ou o próximo, ou o jogo seguinte. Enquanto Zach estivesse ao meu lado assistindo a cada um, este ano, no próximo ano e todos os anos vindouros, a pontuação não importava.

Porque se eu estivesse em seus braços, eu estava sempre ganhando.

E era a vitória mais doce de todas.



AGRADECIMENTOS

EU JURO, FICA CADA VEZ MAIS DIFÍCIL A CADA LIVRO escrever essa parte. Por mais difícil que seja fazer um brainstorming, traçar, sonhar, escrever e editar a história que você acabou de ler, agradecer a todos que eu quero é infinitamente mais difícil. Mas, acho que vou começar com você — o leitor. Se você ainda está lendo isso agora, mesmo nos agradecimentos, só quero ter certeza de agradecer primeiro antes de passar para sua próxima leitura. Existem milhões de livros por aí, e estou tão honrada que você escolheu pegar o meu para ler. Eu realmente espero que você tenha gostado da história de Gemma e Zach, e que você vasculhe minha lista para ver se mais alguma coisa lhe agrada. Obrigada por ler indie, e obrigado por ler romance, e obrigado por ler. Ponto. Eu não poderia fazer isso sem você!

Staci Hart — você também pode ter um lugar permanente na parte de trás de todos os meus livros, porque você se tornou uma parte tão importante do meu processo de escrita, não tenho certeza se poderia fazer isso sem você. Obrigada por sempre me pressionar nos dias difíceis, por segurar minha mão e acariciar meu cabelo quando eu precisava, e mais do que tudo, por seu *feedback* crítico no final que ajudou a levar isso de um livro nota 8 para uma nota 10. Você é uma inspiração para mim, sempre, e eu amo como você me incentiva a ser uma escritora melhor a cada dia. Eu te amo mais do que tacos, querida. Sempre.

Brittainy C. Cherry — obrigado por seus textos matinais e recados tarde da noite que sempre vieram com uma vibração positiva que eu precisava. Você é uma luz constante em minha vida e, com tudo o que aconteceu na minha vida pessoal enquanto escrevia este livro, eu precisava de você mais

do que nunca. Obrigada por me ajudar a equilibrar meu próprio coração e alma com os de meus personagens, e por sempre me lembrar que sou suficiente. Eu te amo.

Mamãe — Você sempre ganha destaque nos meus livros, porque foi você que me ajudou a me criar com coração de escritora e alma de sonhadora. Obrigada por sempre me empurrar para perseguir meus sonhos, mesmo quando eles pareciam impossíveis, e por sempre estar lá para me lembrar de dar um passo de cada vez na vida. Quando estou sofrendo e lutando mais, é sempre sua voz que ouço. Eu te amo.

Sasha Whittington — obrigada por me deixar falar com você o dia todo enquanto nós brincávamos por Austin e eu estava planejando a premissa deste livro. Obrigada por também ouvir sempre que eu atingi um obstáculo ou fiquei animada com uma cena. Você me ajudou a resolver muitos problemas neste, e também inspirou a melhor amiga feroz e incrível que é Belle. Sem o seu conselho e papel reais na minha vida, eu nunca poderia ter sonhado com ela. Eu te amo.

Karla Sorensen e Kathryn Andrews — vocês duas foram fundamentais no *feedback* sobre este livro, e me ajudaram a corrigir muitos erros. Vocês também sempre conversaram comigo quando eu estava lutando em meu coração e vocês sabiam que eu tinha que escrever, de qualquer maneira, e eu não posso dizer o quanto sua amizade significa para mim. Eu amo tanto vocês duas que nem tenho as palavras certas. Por favor, nunca me deixem. Nunca.

Tina Lynne — Eu nem tenho palavras para você, garotinha. Eu realmente não tenho. Dizer que você se tornou uma extensão de mim é um eufemismo. Sinceramente, sinto que toda a minha vida e carreira mudou desde que você concordou em se juntar à minha equipe e, sem você me ajudando e organizando minha vida, eu estaria total e completamente perdida. Obrigada por ler este também, e me fazer chorar com seu *feedback* brilhante. Você significa mais para mim do que eu jamais poderia dizer. Eu te amo.

Ok, isso deveria estar literalmente em negrito, então vou escrever dessa maneira: **eu não poderia ter feito isso sem minha incrível equipe de leitores beta**. Já mencionei três delas — Staci, Karla, Kathryn e Tina — que foram absolutamente fundamentais para fazer de *A Jogada Errada* o que se tornou no final. Mas, eu também tenho que dar um grande abraço

aos outros leitores beta incríveis que dedicaram seu tempo, esforço e pensamento a esses personagens e essa história para que pudéssemos torná-la melhor. Muito obrigada Kellee Fabre, Monique Boone, Sarah Green, Danielle Lagasse, Ashlei Davison, Trish QUEEN MINTNESS e Kristen Novo. Eu nunca poderei agradecer a todos o suficiente por estarem sempre lá para mim, em prazos apertados, e sempre dando seu *feedback* crítico com alguns tapas na bunda e animais de estimação também. Eu amo todos vocês.

Elaine York, você deveria ganhar uma maldita MEDALHA por isso. Quero dizer, sério. Não só eu perdi meu prazo uma vez... duas... três vezes... e então NOVAMENTE, mas eu também dei a você um tempo ridiculamente curto para colocar seus polimentos finais neste bad boy antes do lançamento. Mas, Deus te abençoe, você estava lá para mim. Você trabalhou comigo quando eu mais precisei de você para fazer essa mágica acontecer, e nunca poderei agradecer o suficiente. Minha equipe não estaria completa sem você.

Também gostaria de agradecer a Flavia Viotti, minha incrível agente, por ter a mesma energia que eu. Eu aprecio nosso relacionamento mais do que posso dizer, e sei que estamos apenas começando. O futuro é brilhante. ;)

À mágica Lauren Perry da Periwinkle Photography, obrigada por pegando minha visão para esses personagens e o cenário de Chicago e trazendo isso à vida tão perfeitamente. Esta é a minha capa favorita até hoje, e não teria acontecido sem você! Também tenho que agradecer aos seus lindos modelos, Jori e Thomas, por capturarem a essência de Gemma e Zach tão bem e serem tão fofos. Vocês são os melhores!

Angie McKeon – sua amizade e apoio é algo que eu aprecio muito, e não posso agradecer o suficiente por sempre embarcar em meus lançamentos para espalhar a palavra. Mais do que isso, você estava lá para mim este ano enquanto eu me aventurava em namoro e desgosto, de uma maneira que nunca fiz antes. Seu amor é algo que eu tenho muita sorte e gratidão por ter, e espero que você sinta o mesmo.

À minha incrível equipe da Social Butterfly PR: Nina Grinstead, Chanpreet Singh, Hilary Suppes e o resto da equipe nos bastidores — OBRIGADA. Seu trabalho duro na promoção nunca passa despercebido, e eu sei de fato que não poderia fazer nada disso sem sua ajuda.

Para Sam, meu amigo titular do ingresso de temporada do Chicago Bears, que teve a gentileza de responder a todas as minhas perguntas — obrigada! Você era tão doce e não me devia nada, já que nem me conhecia. Sua percepção foi absolutamente crucial e ajudou a tornar este livro o que é. Eu aprecio muito você. Vai Bears!

Eu sou muito social, mas há um lugar que realmente parece meu “lugar seguro” no mundo online, e esse é meu grupo de leitores do Facebook — Kandiland. A todas as gatas desse grupo, OBRIGADA. Obrigada por estar lá para os chats de vídeo ao vivo tarde da noite, para os teasers exclusivos, para a estranheza aleatória. Obrigada por se empolgarem, por me dizer que vocês mal podem esperar pelo que vem a seguir e por sempre me apoiar — mesmo quando não estou sorrindo e estou enfrentando um momento sombrio na minha vida. Vocês sempre me fazem sentir seguro e acolhida, e eu não poderia seguir em frente nos dias difíceis sem saber que tenho essa equipe incrível atrás de mim. Eu amo todos vocês.

Para Pocket, que provavelmente me mataria enquanto eu dormia se eu não lhe desse um grito. Obrigada por sentar no meu laptop para me forçar a parar de escrever quando já era tarde da noite e você sabia que meus olhos precisavam de uma pausa. Obrigada por miar agressivamente às quatro horas da manhã quando você sabia que eu tinha que acordar em algumas horas para editar. E obrigada por sempre estar lá para mim quando eu precisava de uma soneca entre as cenas. Você é o melhor bebê peludo que uma garota poderia ter.

E, por último, para #MysteryMan. Você provavelmente nem vai ler isso, mas obrigada por um ano incrível de amor. Embora nossa história tenha sido apenas por uma temporada e não por toda a vida, você me mostrou um amor que eu achava que só escrevia em meus livros, um amor que nunca pensei que encontraria em meus dias nesta Terra. Sou muito grata pelo tempo que passamos juntos, pelas risadas que compartilhamos, pelo amor que fizemos e pelas memórias que vou guardar para sempre. Eu sou uma mulher melhor por ser amada por você, e eu realmente nunca vou te esquecer. Cuide-se, Pepino. E se as noites ficarem escuras, saiba que há alguém neste mundo que sempre vai te amar.

LEIA TAMBÉM



Era um dia como outro qualquer no pronto-socorro, até que *ela* deu entrada.

Amanda Parks, a mãe do meu melhor amigo de infância, a quem beijei em segredo antes de ir para a faculdade.

Não a vejo há mais de dez anos e, pelo incrível que pareça, ela não mudou nada.

As mesmas curvas de matar.

O mesmo olhar hipnotizante.

A mesma reação do meu coração.

Mas algo mudou...

Ela não está usando aliança.

E sou muito mais homem do que eu era aos dezoito anos.



Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

- ✓ **TIKTOK:** <https://www.tiktok.com/@allbookeditora>
- ✓ **FACEBOOK:** <https://www.facebook.com/AllBookEditora>
- ✓ **INSTAGRAM:** <https://www.instagram.com/allbookeditora/>
- ✓ **TWITTER:** <https://twitter.com/AllBookEditora>
- ✓ **YOUTUBE:** <https://www.youtube.com/@allbookeditora>

Após a leitura, não deixe de avaliá-la.

E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.

<https://www.allbookeditora.com/newsletter>